

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

NORA
ROBERTS

Um Sonho
de *Amor*



best-seller

Wook



Um Sonho De Amor

Nora Roberts

Trilogia do Sonho

Volume I

Arteplural, Cascais, 2005, 1a edição.

ISBN 989-6130-02-7

Título original: Daring to Dream.

Digitalização: Dores Cunha.

Correcção: Fátima Tomás.

UM SONHO de Amor constitui o primeiro livro da Trilogia do Sonho - uma narrativa plena de intensidade emocional e reveladora de toda a essência do universo feminino.

Laura, Margo e Kate cresceram juntas no ambiente luxuoso de Templeton House e juraram amizade eterna, mas é chegada a altura de partirem em busca dos seus próprios sonhos e Margo é a primeira a fazê-lo.

Margo é deslumbrante e detentora de uma personalidade votada ao sucesso. Mas nada do que irá alcançar na sua carreira internacional fará apagar o estigma que interiormente carrega: conquistar o amor e aceitação da mãe. Talvez devesse ser mais doce como Laura, ou mais lógica como Kate. Mas ela é imprevisível, espontânea e nada a detém...

Autora número um da lista de best-sellers do New York Times, Nora Roberts chega finalmente a Portugal, pela mão da Arteplural Edições, com uma trilogia que promete conquistar leitores!

Arteplural edições

CAROS Leitores Já escrevi vários livros sobre a família, sobre o relacionamento entre irmãos e irmãs. Mas a família não é apenas o sangue e os antepassados partilhados. É também lembranças e afecto, lealdades e frustrações. Na melhor das hipóteses, a família é amizade.

Em *Um Sonho de Amor*, gostaria de apresentar-lhes três mulheres de origens diferentes que, através das circunstâncias, foram criadas na mesma família. Partilharam a infância, as lealdades e a amizade que passaram a significar família". Também partilham um sonho inspirado por uma trágica história. Porém, cada uma acalenta um sonho distinto e pessoal.

Para Margo, a filha da governanta, o sonho é ser alguém. E quando o seu mundo se desmorona, não tem para onde ir, a não ser voltar para casa. Que faz uma mulher quando perde tudo o que ela pensava ser importante? Como enfrenta a humilhação do escândalo público e da ruína financeira?

Margo começa do nada com um novo sonho, um sonho ousado. com as mulheres que são as irmãs do seu coração, ela trabalha para converter esse sonho em realidade, que todas poderão partilhar. A história de Margo é de descoberta pessoal, de risco e recompensa. E, como não podia deixar de ser, é também uma história de amor.

A atracção entre Joshua Templeton e Margo existia desde crianças. Aprofundar essa atracção quando adultos - e adultos obstinados e determinados -, aprendendo a aceitar-se um ao outro tal como são, é outro risco... e outro sonho. Espero que gostem de partilhá-lo.

Nora Roberts

PRÓLOGO

CALIFÓRNIA, 1846

ELE nunca mais voltaria. A guerra levava-o para sempre. Ela podia senti-lo, podia sentir a sua morte no vazio que lhe envolvia o coração. Felipe morrera. Os Americanos tinham-no assassinado... ou talvez ele tivesse morrido por causa da sua necessidade de provar do que era capaz. Mas Seraphina, parada no alto dos penhascos escarpados, por cima do Pacífico agitado, tinha a certeza de que o perdera.

A neblina turbilhonava ao seu redor, mas ela não se aconchegou no casaco. O frio que sentia era no sangue, nos ossos. Não podia ser aliviado.

O seu amor desaparecera, por mais que ela tivesse rezado, por mais que passasse horas incontáveis de joelhos, suplicando à Virgem Mãe para interceder, para proteger o seu Felipe, que partira a fim de combater os Americanos, que queriam por todos os meios conquistar a Califórnia.

Ele tombara em Santa Fé. A mensagem enviada ao pai dela informava que o seu jovem pupilo morrera em combate, enquanto lutava para impedir que os Americanos tomassem a cidade. Fora enterrado lá, tão longe. Seraphina jamais tornaria a ver o seu rosto, a ouvir a sua voz, a partilhar os seus sonhos.

Não fizera como Felipe pedira. Não voltara para Espanha, à espera que a Califórnia se tornasse de novo uma terra segura. Em vez disso, escondera o seu dote, o ouro que teria ajudado a construir a vida em comum dos dois... a vida com que tinham sonhado, em tantos dias de sol, naqueles mesmos penhascos. O pai entregá-la-ia a Felipe quando este voltasse para casa como um herói. Fora o que o próprio Felipe dissera, removendo as lágrimas do rosto de Seraphina com beijos.

Construiriam uma linda casa, teriam muitos filhos, plantariam um jardim. Ele prometera que voltaria e começariam tudo.

Agora, Felipe estava morto.

Talvez porque ela se mostrara egoísta. Preferira permanecer perto de Monterey, em vez de pôr um oceano entre os dois. Quando os Americanos apareceram, ela escondera o seu dote de noiva, com medo de que o levassem, pois já tinham roubado tantas outras coisas.

Agora, tinham levado tudo o que era importante. E ela lamentava,

sentindo que o seu pecado era responsável pelo que acontecera. Mentira ao pai, a fim de se apossar daquelas poucas horas com o seu amor. Entregara-se a Felipe antes que o casamento fosse consagrado por Deus e pela Igreja. Enquanto inclinava a cabeça contra a força impiedosa do vento, Seraphina pensou que o pior era não conseguir arrepender-se dos seus pecados. Nem queria arrepender-se.

Não lhe restavam sonhos. Nenhuma esperança. Nenhum amor. Deus tirara-lhe Felipe. E, por isso, desafiando dezasseis anos de educação religiosa, contra uma vida inteira de fé, ela ergueu a cabeça para blasfemar contra Deus.

E saltou lá do alto.

Cento e trinta anos depois, os penhascos estavam banhados pela luz dourada do Verão. Gaivotas voavam sobre o mar, com os peitos brancos virados para as águas azuis profundas mais abaixo, antes de fazerem uma curva, soltando gritos longos e estridentes. Flores, resistentes e fortes, apesar das pétalas frágeis, abriam caminho pelo solo duro, fazendo um tremendo esforço para passarem por frestas mínimas na rocha, transformando a paisagem agreste numa terra de fantasia. O vento era tão suave quanto uma carícia de mão apaixonada. Lá em cima, o céu exibia o azul perfeito dos sonhos.

Três jovens estavam sentadas no penhasco, reflectindo sobre a história e o mar. Era uma lenda que conheciam bem. Cada uma tinha a sua imagem pessoal de Seraphina, de como ela se comportara nos momentos finais de desespero.

Para Laura Templeton, Seraphina era uma figura trágica, com o rosto molhado por lágrimas, demasiado solitária naquela altitude varrida pelo vento, empunhando uma única flor silvestre, enquanto caía.

Laura chorou por ela naquele momento, contemplando o mar com os tristes olhos cinzentos, a especular sobre o que ela própria faria. Para Laura, o romance estava entrelaçado com a tragédia.

Para Kate Powell, era um desperdício lamentável. Ela franziu o rosto ao sol, enquanto puxava uma haste de relva com a mão estreita. A história atingia o seu coração, é verdade, mas era o impulso que a perturbava, o impulso equivocado. Porquê acabar com tudo quando a vida oferecia muito mais?

Fora a vez de Margo Sullivan contar a história, e ela fizera-o com um

intenso toque dramático. Como sempre, imaginara a noite dominada por uma tempestade, ventos furiosos, uma chuva forte, raios que riscavam o céu. O tremendo desafio do gesto emocionava-a tanto quanto a perturbava. Veria Seraphina para sempre com o rosto erguido, sussurrando uma maldição, enquanto dava o salto.

- Foi uma estupidez fazer aquilo por um homem - comentou Kate.

Os seus cabelos cor de ébano estavam presos atrás num impecável rabo-de-cavalo, fazendo sobressair o rosto anguloso, dominado pelos olhos castanhos amendoados.

- Ela amava-o. - A voz de Laura era baixa, o tom pensativo. O seu único amor verdadeiro.

- Não sei porque tem de haver apenas um amor verdadeiro. Margo esticou as pernas compridas. Ela e Laura tinham doze anos, Kate era um ano mais nova. Mas o corpo de Margo já começava a anunciar a mulher que despertava lá dentro.

- Não terei apenas um. - A sua voz vibrava de confiança. - Quero uma série deles.

Kate soltou uma risada. Era magra, o seu peito era liso, mas não se importava nada com isso. Tinha coisas melhores em que pensar do que em rapazes. Como a escola, o basebol, a música.

- Desde que o Billy Leary enfiou a língua pela tua garganta abaixo, andas tresloucada.

- Gosto de rapazes.

Segura da sua feminilidade, Margo sorriu, irónica, enquanto passava a mão pelos cabelos louros compridos. Caíam-lhe pelas costas, abundantes e ondulantes, da cor do trigo maduro. Sempre que escapava da atenção vigilante da mãe, apressava-se a tirar a fita que Ann Sullivan preferia que ela usasse para os prender atrás. Tal como o corpo e a voz meio rouca, aqueles cabelos pertenciam mais a uma mulher do que a uma adolescente.

- E eles gostam de mim. - O que era a melhor parte, na avaliação de Margo. - Mas juro por Deus que não me vou matar por um só que seja.

Numa reacção automática, Laura olhou em redor, para ter a certeza de que ninguém mais ouvira a invocação do nome do Senhor em vão. Mas estavam a sós, é claro, naquele deslumbrante dia de Verão. Era a época do ano que ela mais adorava. O seu olhar parou na casa no alto da colina, por detrás delas. Era o seu lar, a sua segurança, e sentia-se feliz só de contemplá-

la, com as suas torres pequenas e extravagantes, as janelas em arcadas, as telhas vermelhas que aqueciam sob o sol da Califórnia.

Às vezes, Laura pensava na casa como um castelo, sendo ela uma princesa. Só há pouco tempo é que começara a imaginar também um príncipe em algum lugar, alguém que um dia haveria de aparecer a cavalo e a arrebataria para o amor e o casamento, para uma vida de felicidade eterna.

- Quero apenas um - murmurou ela. - E, se alguma coisa lhe acontecesse, ficaria com o coração partido para sempre.

- Tu jamais saltarias de um penhasco. - A natureza prática de Kate não podia conceber essa possibilidade. Uma rapariga podia recriminar-se por errar uma jogada fácil no baseball. Ou por chumbar em alguma disciplina na escola. Mas por causa de um homem? Ora, era um absurdo! - Em vez disso, ficarias à espera para saber o que aconteceria em seguida.

Ela também contemplou a casa. Casa Templeton, actualmente o seu lar. Das três, Kate pensava que era a única a compreender o que era enfrentar o pior e esperar. Tinha oito anos quando perdera os pais. Vira o seu mundo desmoronar, quase submergira, mas os Templeton acolheram-na e amaram-na. Deram-lhe uma família, embora fosse apenas uma prima em segundo grau do instável ramo Powell da árvore genealógica. Era sempre mais sensato esperar.

- Sei o que faria - anunciou Margo. - Gritaria e amaldiçoaria Deus.

E assim fez, assumindo uma pose de abjecto sofrimento, com a facilidade de um camaleão.

- Depois, pegava no dote e ia viajar pelo mundo, havia de ver tudo, fazer de tudo e ser tudo!

Margo esticou os braços, desfrutando do sol a acariciar-lhe a pele. Adorava a Casa Templeton. Era o único lar de que se lembrava. Tinha apenas quatro anos quando a mãe deixara a Irlanda e viera trabalhar para aqui. Embora fosse sempre tratada como um membro da família, jamais esquecia que era a filha de uma criada. A sua ambição era ser mais. Muito mais.

Sabia o que a mãe queria para ela: uma boa educação, um bom emprego, um bom marido. Ou seja, o futuro mais entediante que se podia imaginar. Margo não tinha a menor intenção de ser como a mãe, seca e solitária antes dos trinta anos.

É verdade que a mãe ainda era jovem e bonita, reflectiu Margo. Mesmo quando menosprezados, os factos ainda eram factos. Mas ela nunca saía com

ninguém, nunca se divertia. E era rigorosa de mais. "Não faças isso, Margo, não faças aquilo", pensou ela, irritada. "És jovem de mais para usar batom e rímel." Preocupada, sempre preocupada que a filha fosse rebelde, voluntariosa, demasiado ansiosa por se elevar acima da sua posição. "Seja lá que posição for essa", pensou Margo.

Ela especulava se o pai também fora rebelde e voluntarioso. Fora um homem bonito? Margo já se interrogara se a mãe não teria sido obrigada a casar, como acontecia com algumas jovens. Não poderia ter casado por amor; se fosse esse o caso, porque não falaria ela nunca do marido? Porque não tinha fotografias, lembranças e histórias do homem com quem casara e que lhe fora arrebatado por uma tempestade no mar?

Margo tornou a olhar para o mar e pensou na mãe. "Ann Sullivan não é nenhuma Seraphina", reflectiu ela. Nada de dor e desespero; apenas alguém que vira a página e esquece.

Talvez não fosse tão errado assim, no final das contas. Se não permitisse que um homem fosse importante de mais na sua vida, não ficaria muito magoada quando o perdesse. E também não significaria ter de parar de viver. Mesmo que não saltasse de um penhasco, havia outros meios de acabar com a vida.

"Se a minha mãe ao menos compreendesse", pensou ela... e sacudiu a cabeça, furiosa. Não ia pensar nisso, não ia deter-se no facto de que nada do que fazia ou queria na vida parecia contar com a aprovação da mãe. Sentia-se agitada só de pensar no assunto. E por isso não pensaria.

Preferia pensar nos lugares que visitaria um dia. Nas pessoas que conheceria. Provara dessa grandeza ao viver na Casa Templeton, parte do mundo em que os Templeton circulavam com a maior naturalidade. Todos aqueles hotéis fabulosos que eles possuíam, em todas aquelas cidades sensacionais... Um dia ela ficaria como hóspede num deles e ocuparia a sua própria suíte... como aquela suíte que havia no Templeton Monterey: um dúplex com uma decoração elegante e flores por toda a parte. Tinha uma cama digna de uma rainha, com um dossel, travesseiros macios e fronhas de seda.

Quando comentara isso com o sr. T, ele rira, abraçara-a, e deixara-a saltar para cima da cama. Margo jamais esqueceria a sensação de se aconchegar naqueles travesseiros perfumados. A sr.a T. dissera-lhe que a cama viera de Espanha e tinha vinte anos.

Um dia ela teria coisas lindas e importantes, como aquela cama. Não só para cuidar delas, como a mãe fazia, mas para usá-las. Porque quando se usava, quando se possuía, passava-se a ser também linda e importante.

- Ficaremos ricas quando encontrarmos o dote da Seraphina comentou Margo.

Kate soltou outra risada e retorquiu, com uma lógica incontestável:

- A Laura já é rica. E, se o encontrássemos, teríamos de deixá-lo no banco até sermos mais velhas.

- Eu compraria tudo o que quisesse. - Margo sentou-se e abraçou os joelhos. - Roupas, jóias, as coisas mais bonitas. E um carro.

- Tu não tens idade para guiar - lembrou Kate. - Eu investiria a minha parte, porque o tio Tommy diz que é preciso dinheiro para fazer dinheiro.

- Isso seria uma seca, Kate. - Margo deu uma palmada afectuosa no ombro de Kate. - Além disso, tu és uma seca! Já sei o que faremos com o dote: uma viagem à volta do mundo. Nós as três. Iremos a Londres, Paris e Roma. E ficaremos apenas nos hotéis Templeton, porque são os melhores.

- Uma festa interminável - disse Laura, entrando no clima da fantasia. Já estivera em Londres, Paris e Roma, e achara as três cidades muito bonitas. Mas nada se comparava com a Casa Templeton. Ficaremos acordadas de noite e dançaremos apenas com os homens mais bonitos. Estaremos sempre juntas.

- Claro que estaremos sempre juntas. - Margo colocou um braço sobre os ombros de Laura e o outro sobre os de Kate. A amizade entre elas era, para Margo, simplesmente algo que não admitia dúvidas. - Não somos as melhores amigas? E sempre seremos.

Quando ouviu o barulho de um motor, levantou-se de um pulo e apressou-se a simular desprezo.

- Deve ser o Josh e um dos seus amigos nojentos.

- Não deixes que ele te veja. - Kate deu um puxão firme na mão de Margo. Josh podia ser o irmão de Laura por sangue, mas em termos emocionais era igual a Kate, o que tornava o seu desdém bastante genuíno. - Ele só viria até aqui para implicar connosco. Acha-se muito importante agora que pode conduzir.

- O Josh não nos vai incomodar.

Laura levantou-se também, curiosa para verificar quem estava a conduzir a toda a velocidade o descapotável pequeno e vistoso. Ao

reconhecer os cabelos escuros, esvoaçando ao vento, fez uma careta.

- É aquele arruaceiro do Michael Fury que está no carro. Não consigo compreender porque é que o Josh anda com ele.

- Porque ele é perigoso.

Margo podia ter apenas doze anos, mas algumas mulheres nascem com a capacidade de reconhecer e apreciar um homem perigoso. Só que os seus olhos fixaram-se em Josh. Disse a si mesma que isso acontecia porque ele a irritava... o herdeiro, o perfeito príncipe encantado, que sempre a tratava como uma irmã mais nova e parvinha, quando qualquer um com olhos na cara podia ver que ela era já quase uma mulher.

- Olá, pirralhas! - com a descontração deliberada dos seus dezasseis anos, Josh recostou-se no banco do condutor, com o carro em ponto-morto. O "Hotel Califórnia", dos Eagles, vinha do rádio do carro em altos berros. - Outra vez à procura do ouro da Seraphina?

- Estamos apenas a desfrutar do sol e da solidão.

Mas foi Margo quem encurtou a distância, andando devagar, com os ombros esticados para trás. Os olhos de Josh sorriam, por baixo dos cabelos clareados pelo sol e desgrenhados pelo vento. Os olhos de Michael Fury escondiam-se por detrás de óculos escuros espelhados. Não se conseguia perceber quem estaria ele a contemplar. Margo não estava muito interessada, mas encostou-se ao carro e esboçou o seu melhor sorriso.

- Olá, Michael. -Olá.

- Elas passam a vida a andar pelos penhascos - informou Josh o amigo. - Como se fossem tropeçar num monte de dobrões de ouro.

Ele sorriu com desdém para Margo. Era muito mais fácil exhibir um sorriso desdenhoso do que ficar a pensar, nem que fosse por um momento só, na beleza dela contida naqueles pequenos calções de adolescente. Afinal, Margo não passava de uma criança, era praticamente sua irmã. Ele estaria condenado a arder no fogo do Inferno se continuasse a acalentar aqueles estranhos pensamentos em relação a Margo.

- Um dia vamos encontrá-los.

Ela inclinou-se, e Josh pôde sentir o seu cheiro. Margo ergueu uma sobrancelha, atraindo a atenção para o pequeno sinal na extremidade inferior. Tinha as sobrancelhas bastante mais escuras do que todo aquele cabelo louro-claro. E os seios, que pareciam tornar-se mais cheios de cada vez que um homem piscava os olhos, estavam bem delineados por baixo da T-shirt justa.

Como sentia a boca seca de mais, a voz de Josh saiu aguda e sarcástica:

- Continua a sonhar, duquesa. Vocês, meninas, voltem às vossas brincadeiras. Nós temos coisas melhores para fazer.

Ele partiu, mantendo um olho no espelho retrovisor. O coração de mulher de Margo palpitou com um anseio confuso. Sacudiu os cabelos para trás e ficou a observar o carro a afastar-se. Era fácil rir da filha da governanta, pensou ela, com uma fúria intensa. Mas quando ela fosse rica e famosa...

- Um dia, ele vai arrepender-se de se ter rido de mim.

- Sabes que não fez por mal, Margo - interveio Laura, tentando acalmá-la.

- Afinal, ele não passa de um homem. - Kate encolheu os ombros. - Ou seja, a definição de um idiota.

Margo riu com gosto e as três atravessaram a estrada para subir a encosta até à Casa Templeton. "Um dia", pensou ela de novo. "Um dia."

CAPÍTULO 1

AOS dezoito anos, Margo sabia exactamente o que queria. O mesmo que aos doze anos. Tudo. Mas agora ela tomara a decisão de partir para a sua conquista. Trataria de tirar proveito da sua aparência, o melhor e talvez único talento que possuía, na sua opinião. Pensava que conseguiria representar ou, pelo menos, aprender a fazê-lo. Não poderia deixar de ser mais fácil do que a Álgebra, a Literatura Inglesa ou qualquer das outras disciplinas aborrecidas que estudara na escola. Mas seria uma estrela, de uma maneira ou de outra. E por conta própria.

A decisão fora tomada na noite anterior. A noite antes do casamento de Laura. Seria egoísmo da sua parte sentir-se tão infeliz porque a Laura estava prestes a casar?

Sentira-se quase tão infeliz quando o sr. e a sr.a T. tinham levado a Laura, o Josh e a Kate à Europa, no Verão anterior, para passarem um mês inteiro por lá. E ela permanecera em casa, porque a mãe recusara a oferta dos Templeton de levá-la também. Lembrava-se ainda de como quisera desesperadamente viajar. Mas nenhuma das suas súplicas, nem as de Laura e Kate, havia demovido Ann Sullivan da sua determinação.

- O teu lugar não é andar a passear pela Europa e hospedar-te em hotéis de luxo - dissera a mãe. - Os Templeton já foram demasiado generosos contigo. Não podes esperar mais.

Por isso, ela ficara em casa, a ganhar o seu sustento, como a mãe dizia, limpando o pó e polindo, aprendendo a tratar de uma casa como deve ser. E sentira-se angustiada. "Mas isso não faz de mim uma pessoa egoísta", disse Margo a si mesma. Não se tratava de ela não querer que a Kate e a Laura se divertissem ao máximo, ela só queria ardentemente estar com as amigas.

E também não se podia dizer que não torcia para que o casamento de Laura fosse absolutamente maravilhoso. Só não suportava perdê-la. Isso fazia dela uma pessoa egoísta? Esperava que não, porque não era apenas por si mesma que se sentia infeliz. Era também por Laura. Era a ideia de que Laura estava a amarrar-se a um homem e ao casamento antes de ter proporcionado a si própria uma oportunidade de viver.

E como Margo queria viver!

Por isso, já arrumara as malas. Assim que Laura partisse em lua-de-mel, Margo tencionava seguir para Hollywood.

Sentiria saudades da Casa Templeton, do sr. e da sr.a T., também de Kate e de Laura, até de Josh. Sentiria saudades da mãe, embora soubesse que haveria muita hostilidade entre as duas antes que a porta se fechasse. As discussões já eram constantes.

O motivo da discórdia entre elas era agora a universidade. Margo mantinha-se inflexível na sua decisão de não prosseguir os estudos. Sabia que morreria se tivesse de passar mais quatro anos em salas de aula, envolvida com livros. E para que precisava da universidade quando já decidira o que fazer da sua vida e como ganharia uma fortuna?

A mãe andava agora demasiado atarefada para discussões. Como governanta, Ann Sullivan tinha de se ocupar do copo-d'água. A cerimónia seria na igreja, e depois todas as limusinas seguiriam a estrada número um, e subiriam a colina até à Casa Templeton.

A casa já estava perfeita, mas ela imaginava a mãe algures, a discutir com o florista por causa dos arranjos. Tudo tinha de ser mais do que perfeito para o casamento de Laura. Sabia o quanto a mãe gostava de Laura, e não se ressentia por isso, mas sim porque a mãe queria que ela fosse como Laura. E nunca poderia sê-lo. Nem queria.

Laura era a ternura, a suavidade e a perfeição em pessoa. Margo sabia que não era nenhuma dessas coisas. Laura jamais discutia com a mãe da maneira como Margo e Ann se digladiavam. Mas também a vida de Laura já era estável e tranquila. Afinal, Laura não tivera de se preocupar com o seu lugar, ou para onde iria. Já conhecia a Europa, não é verdade? Poderia viver para sempre na Casa Templeton, se assim desejasse. Se quisesse trabalhar, os hotéis Templeton estariam à sua espera... bastava escolher o cargo.

Margo também não era como Kate, tão estudiosa e orientada para um objectivo. Não viajaria para Harvard dentro de poucas semanas, a fim de obter um diploma que lhe permitiria tratar da contabilidade de uma firma e conhecer o Direito Tributário. Que coisa mais aborrecida! Mas assim era Kate, que preferia ler o Wall Street Journal a admirar as fotos fascinantes na Vogue, que era capaz de conversar horas a fio, na maior felicidade, sobre taxas de juro e ganhos de capital com o sr. T.

Não, ela não queria de forma alguma ser como Kate ou como Laura, por mais que gostasse delas. Queria ser Margo Sullivan. E pretendia divertir-se

muito com o facto de ser Margo Sullivan. "Um dia, terei uma casa tão boa quanto esta", disse a si mesma, enquanto descia a escada principal, lentamente, deixando a mão deslizar pelo corrimão de mogno envernizado.

A escada fazia uma curva longa e graciosa. Lá de cima, como um Sol que de repente surge entre as nuvens, pendia um cintilante lustre de cristal. Quantas vezes aquele lustre projectara uma claridade deslumbrante sobre as placas de mármore brancas e azuis do saguão, aumentando a elegância dos convidados já elegantes que compareciam às festas maravilhosas pelas quais os Templeton eram famosos?

Margo recordou que a casa estava sempre a vibrar com riso e música nas festas, quer os convidados estivessem sentados à mesa comprida e perfeita da sala de jantar, sob os dois lustres iguais, quer andassem a circular pelas salas, a beber champanhe enquanto conversavam ou descansavam nos sofás.

Um dia, também daria festas maravilhosas. Esperava ser uma anfitriã tão elegante e divertida quanto a sr.a T. Será que essas habilidades sociais estavam no sangue ou será que podiam ser aprendidas? Se fosse possível aprendê-las, então ela aprenderia.

A mãe ensinara-lhe a compor os arranjos de flores da forma perfeita, tal como as rosas brancas que estavam numa jarra alta de cristal que ornamentava a mesinha do vestíbulo. "Vejam só a maneira como se reflectem no espelho", pensou Margo. "Altas e puras, com o verde por baixo."

"São estes retoques que convertem uma casa num lar", reflectiu Margo. Flores e lindos vasos, castiçais e soalhos encerados. As fragrâncias, a maneira como a luz se projectava inclinada pelas janelas, os sons dos velhos relógios de pêndulo. Era tudo o que ela recordaria quando estivesse longe. Não guardaria na memória apenas as arcadas que permitiam que uma sala se prolongasse noutra ou os padrões complexos e belos dos mosaicos em torno da porta da frente, alta e larga. Recordaria o cheiro da biblioteca assim que o sr. T. acendia um dos seus charutos, a maneira como a sala ressoava quando ele ria.

Lembrar-se-ia também das noites de Inverno em que ela, Laura e Kate se enroscavam no tapete, à frente da lareira acesa na sala de visitas... a maneira como o lápis-lazúli da consola cintilava, a sensação de calor no seu rosto, o riso de Kate após uma jogada quando estava a ganhar.

Imaginaria os aromas da salinha pessoal da sr.a T.: pó-de-arroz, perfume e vela de cera. E o modo como ela sorria quando Margo entrava para lhe

falar. Margo podia conversar com a sr.a T. sempre que queria.

O seu próprio quarto. Como os Templeton a tinham deixado escolher o novo papel de parede quando completara dezasseis anos! Até a sua mãe sorrira e aprovara a escolha do fundo verde-claro com bonitos lírios brancos. As horas que passara sozinha naquele quarto, a ler, ou com Laura e Kate... A conversar, a conversar, a conversar. A planear. A sonhar.

"Estarei a tomar a decisão acertada?" A dúvida surgiu como uma súbita pontada de pânico. Como seria capaz de abandonar tudo, deixar para trás todas as pessoas que conhecia e amava?

- A fazer poses novamente, duquesa?

Era Josh, que acabara de entrar no vestíbulo. Ainda não estava vestido para o casamento e trazia vestidas umas calças caqui e uma camisa de algodão. Aos vinte e dois anos, encorpora de uma maneira harmoniosa. Os anos em Harvard tinham-lhe feito bem.

Margo reflectiu, contrariada, que ele teria aquele aspecto maravilhoso mesmo que estivesse vestido com roupas de papel. Ainda era o perfeito representante da juventude dourada, embora o rosto tivesse perdido o ar de inocência adolescente. A expressão era de sagacidade, com os olhos cinzentos do pai e a boca adorável da mãe.

Os cabelos tinham escurecido e apresentavam agora um tom bronzeado, e o grande pulo que dera no último ano do secundário levava-o a quase um metro e noventa de altura.

Margo gostaria que ele fosse feio. Gostaria que a aparência não tivesse a menor importância. Gostaria que Josh olhasse para ela, nem que fosse uma única vez, sem a considerar um mero estorvo.

- Estava aqui a pensar...

Margo deteve-se na escada, ainda com a mão sobre o corrimão. Sabia que nunca se apresentara com uma aparência tão espectacular. O vestido de dama de honor era a criação mais gloriosa que já possuía. Fora por isso que o vestira antes da hora, para desfrutá-lo pelo máximo de tempo possível.

Laura escolhera aquele tom azul-celeste para combinar com os olhos de Margo. A seda era tão frágil e fluida quanto água. A longa curva do vestido realçava o seu corpo exuberante, e as mangas compridas e transparentes deixavam à mostra a pele cremosa, da cor do marfim.

- Para que é que estás com tanta pressa? -Josh falou aceleradamente, porque tinha a sensação, sempre que a fitava, que a pontada de desejo era

como uma garra de fogo a apertá-lo por dentro. E só podia ser desejo, porque o desejo era fácil. - Afinal, o casamento só vai começar daqui a duas horas.

- A Laura vai precisar de todo esse tempo para se arranjar. Deixei-a com a sr.a T. Pareceu-me que as duas... precisavam de alguns minutos a sós.

- A chorar outra vez?

- As mães choram no dia do casamento das filhas porque sabem no que elas se estão a meter.

Josh sorriu e estendeu a mão.

- Darias uma noiva muito interessante, duquesa.

Ela pegou na mão estendida. Os seus dedos tinham-se entrelaçado centenas de vezes ao longo dos anos juntos. Aquele momento não foi diferente.

- Isso é um elogio?

- Uma observação.

Josh levou-a para a sala de visitas, onde os castiçais de prata sustentavam velas brancas, compridas e finas. A sala estava toda ornamentada com sumptuosos arranjos de flores: jasmims, rosas, gardénias. Tudo branco sobre branco, a fragrância inebriante, a luz do Sol que entrava pelas janelas altas e arqueadas.

Havia molduras de prata na consola da lareira. Margo sabia que até ela ali estava, aceite como membro da família. A compoteira de cristal, na qual ela gastara todas as suas economias e que oferecera aos Templeton nas suas bodas de prata, destacava-se sobre o piano.

Ela fez um esforço para absorver tudo, cada pormenor, cada matiz. As cores suaves do tapete de Aubusson, os entalhes delicados nas pernas das cadeiras Queen Anne, os embutidos intrincados na estante de música.

- É linda... - murmurou ela.

- Como?

Josh estava ocupado a tirar a folha laminada de uma garrafa de champanhe que fora buscar à cozinha. -A casa. É linda.

- A Annie superou-se - comentou ele, referindo-se à mãe de Margo. - Vai ser um casamento sensacional.

Foi o tom de voz que atraiu a atenção de Margo outra vez para ele. Conhecia-o muito bem, percebia cada nuance da expressão, cada entoação subtil da voz.

- Não gostas do Peter.

Josh encolheu os ombros e tirou a rolha da garrafa, com uma hábil pressão do polegar.

- A Laura é que vai casar com o Ridgeway, não sou eu. Margo sorriu.

- Não consigo suportá-lo. É um chato pomposo, de nariz empinado.

Ele retribuiu o sorriso.

- Em geral, concordamos sobre as pessoas, embora não concordemos sobre quase mais nada.

Como sabia que Josh detestava esse gesto, Margo afagou-lhe o rosto.

- É bem provável que pudéssemos concordar em mais coisas se não gostasses tanto de implicar comigo.

-A minha obrigação é implicar contigo. Josh deu uma palmada suave no pulso de Margo, o que a irritou. - Podias sentir-te negligenciada se eu não fizesse isso.

- Ficaste ainda mais irritante desde que estás em Harvard. - Ela pegou numa taça. - Pelo menos, finge que és um cavalheiro. Serve-me champanhe.

Quando ele a fitou, Margo revirou os olhos.

- Ora, Josh, já tenho dezoito anos. Se a Laura tem idade suficiente para casar com aquele idiota, eu também tenho para beber champanhe.

- Só uma - concordou Josh, o zeloso irmão mais velho. - Não quero verte mais tarde a tropeçar nas próprias pernas.

Ele notou, com uma perplexa frustração, que Margo dava a impressão de ter nascido com uma taça de champanhe na mão. E com homens a seus pés.

- Acho que devíamos brindar aos noivos. - Ela franziu o rosto, enquanto observava as bolhas a subirem na taça. - Mas tenho medo de me engasgar e detestaria desperdiçar este champanhe.

Margo estremeceu e baixou a taça.

-Acho que estou a ser muito mesquinha. Detesto isso, mas não posso evitar.

- Não é mesquinhez, mas sim honestidade. -Josh empinou um ombro.

- Podemos muito bem ser honestos juntos. Um brinde só à Laura, portanto. Espero que ela saiba o que está a fazer.

- Ela ama-o. - Margo tomou um gole e decidiu que o champanhe passaria a ser a sua bebida predilecta. - Só Deus sabe porquê... ou porque pensa que tem de casar para ir para a cama com ele.

- Linda conversa...

- Ora, sejamos realistas. - Margo foi até à porta do jardim e suspirou.

- O sexo é uma razão estúpida para se casar. O facto é que não consigo pensar em nenhuma razão boa. É verdade que a Laura não se vai casar com o Peter apenas por sexo. - Impaciente, ela tamborilou no vidro, atenta ao som. - Ela é demasiado romântica. O Peter é mais velho, mais experiente, encantador, para quem gosta do tipo. E, como trabalha no ramo, tem a possibilidade de entrar no império Templeton e dar-se muito bem. Assim, a Laura pode continuar em casa ou morar nas redondezas. Deve ser a situação ideal para ela.

- Não comeces a chorar.

- Não vou chorar - garantiu, porém sentiu-se confortada ao perceber a mão de Josh no seu ombro e encostou-se a ele. - Mas vou sentir muitas saudades da Laura.

- Eles regressam dentro de um mês.

- Já não estarei cá. - Margo não tivera a intenção de o dizer, pelo menos não lhe queria dizer nada a ele. Virou-se nesse instante. Não digas nada a ninguém, porque tenho de ser eu mesma a contar a todos.

- Contar o quê? - Josh não gostou do súbito frio que sentiu no estômago.

- Para onde vais?

- Para Los Angeles. Esta noite.

Ele pensou por um instante e abanou a cabeça.

- Que loucura é essa, Margo?

- Não é nenhuma loucura. Pensei muito nisto. - Ela tomou outro gole de champanhe e afastou-se. Era mais fácil ser objectiva quando não estava encostada a ele. - Tenho de começar a minha vida. Não posso permanecer aqui para sempre.

- A universidade...

- Não é para mim. - Os olhos de Margo iluminaram-se, parecendo o fogo azul e frio no centro de uma chama. Ia fazer algo por si mesma. E, se era egoísmo, que assim fosse. - Isso é o que a minha mãe quer, não o que eu quero. E não posso continuar a morar aqui, não posso continuar a ser a filha da governanta.

- Não digas asneiras. - Josh podia remover essa objecção como se fosse um fiapo caído na sua camisa. - Tu és da família.

Margo não podia negar isso, mas...

- Quero começar a minha vida - insistiu ela, obstinada. - Já iniciaste a tua. Vais ser advogado, a Kate vai para Harvard um ano antes do tempo

graças ao seu cérebro tão activo. E a Laura vai casar-se.

Agora ele entendia e soltou uma risada de gozo.

- Estás a sentir pena de ti própria.

- É possível. Qual é o mal disso? - Margo despejou mais champanhe na sua taça, desafiando-o. - Porque seria pecado sentir um pouco de autocomiseração quando todos de quem gostamos estão a fazer alguma coisa que querem, e nós não? Pois eu vou fazer uma coisa que quero.

- Ir para Los Angeles e que mais?

- vou arranjar um emprego. - Ela tomou outro gole, contemplando o que faria, vendo-se a si mesma, com absoluta nitidez, apesar de toda a agitação. - vou ser modelo. O meu rosto vai aparecer na capa de todas as revistas importantes do país.

Josh admitiu para si mesmo que ela tinha o rosto ideal para conseguir isso. E o corpo também. Eram deslumbrantes.

- E essa é a tua ambição? - perguntou, com um sorriso débil nos lábios. - Deixares-te fotografar?

Margo empinou o queixo e fitou-o com profundo ressentimento.

- Serei rica, famosa e feliz. E conseguirei tudo por mim mesma. A minha mãe e o meu pai não terão de me auxiliar. Não tenho um fundo pecuniário para me sustentar.

Os olhos de Josh contraíram-se numa expressão perigosa.

- Não sejas impertinente comigo, Margo. Tu não sabes o que é trabalhar, assumir responsabilidades, ter de fazer coisas.

- E tu sabes? Nunca tiveste de te preocupar com coisa alguma, a não ser estalar os dedos para uma criada tirar a travessa de prata de que te serviste.

Magoado e insultado, Josh respondeu-lhe à letra.

- Comeste da mesma travessa durante a maior parte da tua vida. Ela ficou vermelha, envergonhada.

- Pode ser verdade, mas daqui por diante pagarei a minha própria comida.

- com o quê? -Josh envolveu o rosto de Margo com dedos tensos.

- com a tua aparência? Duquesa, há mulheres bonitas a entupir as ruas de Los Angeles. Serás mastigada e cuspidada antes mesmo de seres o que aconteceu.

- Nem pensar! - Ela desenvencilhou o rosto, com um gesto brusco.

- Eu é que vou mastigar os outros, Joshua Conway Templeton. E

ninguém me vai impedir.

- Porque não prestas um favor a todos nós e raciocinas como deve ser uma vez na vida, antes de te meteres numa situação da qual teremos de tirar-te mais tarde? E este é o pior momento para agires dessa maneira. - Josh largou a taça para poder enfiar as mãos nos bolsos. O dia do casamento da Laura, os meus pais meio loucos, preocupados por acharem que ela é jovem de mais. E a tua mãe a correr de um lado para o outro, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

- Não vou estragar o casamento da Laura. vou esperar até ela partir para a lua-de-mel antes de comunicar a minha decisão.

- Ah, é muita consideração da tua parte... - Furioso, Josh virou-se. - Por acaso, pensaste no que a Annie vai sentir?

Margo mordeu com força o lábio inferior.

- Não posso ser o que ela quer. Porque é que ninguém consegue entender isso?

- Como achas que os meus pais se vão sentir, pensando em ti sozinha em Los Angeles?

- Não vais conseguir com que me sinta culpada - murmurou Margo, sentindo-se exactamente assim. - Já tomei a minha decisão.

- Sinceramente, Margo!

Josh segurou-a pelos braços, deixando-a tão desequilibrada que ela tropeçou e esbarrou nele. Fitaram-se nos olhos. O coração de Margo batia descompassadamente contra as costelas. Ela pensou... sentiu... que alguma coisa ia acontecer. Ali mesmo. Naquele momento.

-Josh...

A voz saiu baixa, trémula e rouca. Os seus dedos comprimiram o ombro de Josh, sentindo o desejo a arder dentro de si. O súbito barulho na escada fez com que ambos dessem um pulo para trás. Quando Margo conseguiu respirar fundo, ele estava a olhar furiosamente para Kate, que acabara de entrar na sala.

- Não posso acreditar que tenha de usar uma coisa assim. Sinto-me uma idiota. Saias compridas não são práticas, só servem para atrapalhar.

Kate parou de repuxar o elegante vestido de seda, e franziu o rosto para Margo e Josh. Achou que pareciam dois gatos traiçoeiros prestes a engalfinharem-se.

- Vocês têm de discutir neste momento? Estou a enfrentar uma crise.

Margo, este vestido deve mesmo ter este aspecto? E se sim, então porquê? Isso é champanhe? Dão-me um bocadinho?

O olhar de Josh permaneceu fixo em Margo por mais um momento de ansiedade.

- vou levar isto para a Laura.

- Só quero tomar um gole antes de... Então?! - Contrariada, Kate ficou a observar Josh sair da sala. - O que é que lhe aconteceu?

- A mesma coisa de sempre. O Josh é muito arrogante, pensa que sabe tudo. Eu odeio-o.

Margo rangeu os dentes de raiva.

- Se isso é tudo, vamos falar de mim. Preciso que me ajudes. Kate abriu os braços.

- Ora, Kate... - Margo comprimiu os dedos contra as têmporas, depois suspirou. - Estás fabulosa. A não ser pelo cabelo tão mal cortado.

- Mas do que é que estás a falar? - Kate ajeitou os cabelos pretos, sob o chapeuzinho preto. - É a melhor coisa em mim. Quase não preciso de o escovar.

- Isso é óbvio. Mas os cabelos ficarão cobertos pelo chapéu.

- Era mesmo do chapéu que te queria falar...

- Estás a usá-lo. - Num gesto instintivo, Margo estendeu a taça de champanhe para a partilhar com ela. - E faz com que pareças muito elegante, ao melhor estilo de Audrey Hepburn.

- Faço tudo pela Laura. - Kate atirou-se sem qualquer graciosidade para cima de um cadeirão e passou as pernas envoltas pela seda sobre o apoio para os braços. - Tenho de te dizer uma coisa, Margo: o Peter Ridgeway repugna-me.

-Já somos duas.

Margo voltou a pensar em Josh. Será que ele estivera mesmo prestes a beijá-la? Não, isso era um absurdo. Era mais provável que a fosse sacudir como um menino frustrado cujo brinquedo não estava a funcionar a seu gosto.

- Não te sentes assim, Kate. Vais amarrotar o vestido.

- Bolas... - Ela levantou-se, relutante, uma jovem bonita e irrequieta, com olhos enormes. - Sei que o tio Tommy e a tia Susie não estão nada felizes. Tentam parecer que sim, porque a Laura se mostra feliz, radiante. Quero sentir-me feliz por ela, Margo.

- Pois então ficaremos. - Margo afastou as preocupações com Josh e com a ida para Los Angeles. Agora, pensaria apenas em Laura.

- Temos de apoiar as pessoas que amamos, não é verdade?

- Até quando fazem asneiras. - Kate suspirou e devolveu a taça de champanhe. - Acho que devíamos subir e fazer-lhe companhia.

E assim fizeram. Pararam à porta do quarto de Laura e deram as mãos.

- Não sei porque estou tão nervosa - murmurou Kate. - Sinto o estômago embrulhado.

- Porque estamos nisto juntas. - Margo apertou a mão da amiga.

- Como sempre estivemos.

Quando abriram a porta, viram Laura sentada em frente ao toucador, a dar os últimos retoques na maquilhagem. Vestida com um roupão branco comprido, ela já parecia a noiva perfeita. Os cabelos dourados estavam presos no alto, e os caracóis emolduravam-lhe o rosto. Susan estava de pé por detrás, já vestida para a cerimónia, num vestido cor-de-rosa rendado.

- As pérolas são antigas - disse ela, com a voz áspera. No espelho emoldurado por pau-rosa, os seus olhos encontraram os da filha. Da tua avó Templeton.

Susan entregou os lindos brincos a Laura e acrescentou:

- Ela deu-mos no dia do meu casamento. Agora os brincos são teus.

- Oh, mamã, acho que vou chorar outra vez...

- Não vais, não... agora não. - Ann Sullivan adiantou-se. Parecia adorável e contida no seu melhor vestido azul-marinho, com os cabelos louros curtos e ondulados. - A nossa noiva não vai aparecer com os olhos inchados. Já que precisa de alguma coisa emprestada, pensei... pensei que podia usar o meu medalhão por baixo do vestido.

- Oh, Annie! - Laura levantou-se de um pulo para abraçá-la. Obrigada... muito obrigada. Não imagina como fico feliz.

- Que continue pelo menos com metade dessa felicidade pelo resto da sua vida. - Ann aclarou a garganta e pôs-se a alisar a colcha florida já esticada sobre a cama de dossel de Laura. - É melhor eu descer agora para ver se a sr.a Williamson está a lidar como deve ser com os fornecedores.

- Não se preocupe com a sr.a Williamson. - Susan pegou na mão de Ann, sabendo que a antiga cozinheira da família era capaz de lidar com o mais exagerado fornecedor. - As damas de honor chegaram, mesmo a tempo de vestir a noiva. E veja como estão adoráveis!

- Tem razão. - Ann virou os olhos críticos para a filha e para Kate - A menina Kate podia pôr um pouco mais de batom... e tu, Margo um pouco menos. - Mas primeiro vamos tomar uma bebida. - Susan ergueu a garrafa. - Já que o Josh teve a amabilidade de nos trazer o champanhe.

- E nós trouxemos uma taça - anunciou Kate, omitindo com a devida habilidade o facto de que já tinham bebido um pouco. - Pelo sim, pelo não...

- É uma ocasião especial... mas apenas meio copo - advertiu Ann. - Elas vão beber durante o copo-d'água, se bem conheço estas meninas.

- Já me sinto um pouco zonzinha. - Laura observou as bolhas a subirem na sua taça. - Se me dão licença, gostaria de fazer um brinde. As mulheres da minha vida. À mamã, que me mostrou o amor que faz um casamento desabrochar. À minha amiga... - Laura fez uma pausa, virando-se para Ann - que sempre me escutou, mas sempre mesmo. E às minhas irmãs, que me deram o melhor que uma família pode ter. Eu adoro-vos a todas.

- Esta agora não... - Susan fungou, olhando para a taça. - O meu rímel borrou outra vez.

- Sr.a Templeton, minha senhora...

Uma criada parou junto à porta, com os olhos fixos em Laura. Mais tarde, diria aos empregados no andar de baixo que fora uma linda visão, todas aquelas mulheres maravilhosas de pé no quarto, o sol projectando padrões intrincados através das cortinas rendadas.

- O velho Joe, o jardineiro, está a discutir com o homem que veio arrumar as mesas e cadeiras no jardim.

- vou já descer - disse Ann.

- Vamos tratar disso as duas. - Susan encostou a mão ao rosto de Laura. - Tenho de manter-me ocupada para não chorar. A Margo e a Kate ajudam-te a vestir, querida. É assim que deve ser.

- E não amarrotem esses vestidos - arrematou Ann.

Ela passou o braço pelos ombros de Susan e murmurou alguma coisa, em voz baixa, enquanto saíam.

- Olhem, nem acredito! - O sorriso de Margo alargou-se. A mãe estava tão distraída, que deixou ficar a garrafa. Vamos beber.

- Talvez só mais um bocadinho - murmurou Kate. - Sinto o estômago tão agitado que tenho medo de vomitar.

- Se fizeres isso, eu mato-te.

Afoita, Margo bebeu o champanhe. Gostava da sensação exótica das

cócegas na garganta, o que lhe dava a impressão que o cérebro estava a borbulhar. Queria sentir-se assim pelo resto da vida.

- Muito bem, Laura, vamos meter-te naquele vestido incrível.

- Está realmente a acontecer... - murmurou Laura.

- É verdade. Mas se quiseres mudar de ideias...

- Mudar de ideias? - Ela riu para Kate, enquanto Margo, reverente, tirava o vestido de seda cor de marfim de dentro do saco protector.

- Estás louca? Isto é tudo o que sempre sonhei. O dia do meu casamento, o início da vida em comum com o homem que amo.

com os olhos marejados de lágrimas, ela deu uma volta, enquanto tirava o roupão.

- Ele é tão doce, bonito, gentil e paciente...

- Ela está a querer dizer que o Peter não a pressionou para ir até ao fim - comentou Margo.

- Ele respeitou o facto de eu querer esperar até à noite de núpcias. - A expressão solene de Laura transformou-se numa exultação incontrolável. - E mal consigo esperar!

- Já te disse que não é assim tão bom.

- Será quando estiveres apaixonada. - Laura entrou com extremo cuidado no vestido que Margo lhe estava a segurar. - E tu não estavas apaixonada pelo Bill.

- Não, mas sentia um desejo intenso, o que já conta alguma coisa. Não vou dizer que não gostei, porque seria mentira. Mas acho que é preciso ter prática.

- Terei muita prática. - O coração de noiva de Laura palpitou só de pensar nessa ideia. - Como uma mulher casada. Bem, olhem só para mim!

Aturdida, contemplou-se no espelho facetado. Metros e metros de seda marfim faiscavam, com as suas pequenas pérolas. Margo e Kate terminaram de prender a cauda. Kate arranjou-a num extravasar de seda bordada.

-O véu...

Margo piscou os olhos para conter as lágrimas. com a vantagem da altura, ela ajeitou o pequeno círculo de pérolas em torno do carrapito, e depois afofou os metros de tule. A sua amiga mais antiga, pensou ela, enquanto uma lágrima conseguia escapar do olho. A irmã do seu coração. Num momento decisivo da sua vida.

- Ah, Laura, pareces uma princesa num conto de fadas. Juro que é

verdade.

- Eu sinto-me bela... absolutamente bela.

- Sei que disse várias vezes que era um exagero. - Kate exibiu um sorriso emocionado. - Estava errada. Ficou perfeito. vou buscar a minha máquina fotográfica.

- Como se não fosse haver meio milhão de fotografias quando tudo acabar - comentou Margo, quando Kate saiu apressada do quarto. - vou chamar o sr. T. Depois acho que só voltarei a ver-te na igreja.

- Está bem. Margo, sei que um dia tu e a Kate serão tão felizes quanto me sinto agora. Mal posso esperar para tomar parte disso.

- Mas primeiro vamos terminar o teu momento.

Margo parou junto à porta e virou-se, só para contemplar a amiga. Tinha medo de que nada e ninguém jamais a fizessem sentir o mesmo que punha aquele brilho suave nos olhos de Laura. Por isso, reflectiu ela, enquanto fechava a porta, haveria de se contentar com a fama e a fortuna.

Laura foi encontrar o sr. T. no quarto, murmurando imprecensões e com dificuldades para fazer o nó da gravata. Estava muito elegante no fraque cinzento-claro, que combinava com os olhos dos Templeton. Margo observou que ele tinha os ombros largos em que uma mulher se pode apoiar e a espectacular altura masculina que Josh herdara. Naquele momento estava a franzir o rosto, enquanto resmungava para si mesmo, mas as feições continuavam irrepreensíveis: o nariz recto e o queixo firme, as rugas do riso nos cantos da boca.

Um rosto perfeito, pensou ela, enquanto entrava no quarto. O rosto de um pai.

- Sr. T., quando é que vai aprender a lidar com essas gravatas? O rosto franzido desfez-se num sorriso.

- Nunca, enquanto houver uma mulher bonita para fazer isso por mim.

Prestável, Margo adiantou-se para endireitar a confusão que ele fizera com a gravata.

- Está muito bonito.

- Ninguém vai lançar um segundo olhar para mim ou para qualquer outro homem com as minhas meninas por perto. Estás mais linda do que um desejo, Margo.

- Espere só até ver a Laura. - Ela percebeu a preocupação aflorar nos olhos dele e deu um beijo no seu rosto barbeado. - Não precisa afligir-se, sr.

T.

- A minha menina cresceu. É difícil deixar o Peter levá-la para longe de mim.

- Ele não conseguirá fazer isso. Ninguém vai conseguir tal coisa. Mas eu compreendo. É difícil para mim também. Tenho sentido pena de mim mesma durante o dia inteiro, quando devia estar feliz pela Laura.

Soaram passos apressados no corredor. "É a Kate com a sua máquina", pensou Margo, "ou um criado a correr para acertar algum pormenor de última hora." Havia sempre muitas pessoas a circular pela Casa Templeton, povoando-a com som, luz e movimento. Uma pessoa jamais se sentia ali sozinha.

O coração de Margo tornou a disparar, ao pensar que se ia embora, que ia ficar sozinha. Embora misturada com diversos medos, havia uma inebriante expectativa. Como um primeiro gole de champanhe, quando a efervescência explodia na língua. Um primeiro beijo, aquele suave e ardente encontro de lábios.

Havia muitos primeiros que ela ansiava experimentar.

- Tudo está a mudar, não é verdade, sr. T.?

- Nada permanece igual para sempre, por mais que queiramos. Dentro de poucas semanas, tu e a Kate irão para a universidade, e o Josh voltará à Faculdade de Direito. A Laura será uma esposa. A Susie e eu vamos andar por esta casa vazia como um monte de ossos velhos. - Esse era exactamente um dos motivos que o estavam a fazer considerar a ideia de mudar-se para a Europa. - A casa não será a mesma sem vocês.

- A casa será sempre a mesma. É isso que a torna tão maravilhosa. Como podia ela explicar-lhe que partiria naquela mesma noite?

Que ia correndo ao encontro de alguma coisa que podia ver tão claramente quanto o seu rosto no espelho.

- O velho Joe irá continuar a zelar pelas suas roseiras, a sr.a Williamson a mandar em todos na cozinha, a mamã a polir as pratas, porque acha que ninguém mais é capaz de fazê-lo correctamente. A sr.a T. vai levá-lo para o campo de ténis todas as manhãs e vencê-lo. E o senhor irá pôr-se ao telefone para marcar reuniões e berrar ordens.

- Eu nunca berro - protestou ele, com um brilho nos olhos.

- Berra sempre, o que faz parte do seu encanto.

Margo tinha vontade de chorar, pela infância que passara tão depressa,

embora tivesse pensado que nunca mais acabava. Pela parte da sua vida que agora ia ficar para trás, apesar de se empenhar tanto pelo afastamento. Pela cobardia que existia dentro de si, com medo de anunciar que se ia embora.

- Eu gosto muito de si, sr. T.

- Margo... - Interpretando mal as palavras da jovem, ele comprimiu os lábios contra a testa dela. - Não falta muito para eu te conduzir pela nave da igreja, a fim de te entregar a um belo rapaz, que provavelmente não será suficientemente bom para ti.

Ela fez um esforço para rir, pois chorar estragaria tudo.

- Não vou casar com ninguém, a menos que seja exactamente igual ao senhor. A Laura está à sua espera.

Margo recuou, recordando a si mesma que aquele era o pai de Laura. Não o seu. Aquele era o dia de Laura. Não o seu.

- vou ver se os carros já estão prontos.

Ela desceu apressada e deparou com Josh, lindo no seu fraque. Ele franziu o sobrolho quando Margo parou, ofegante.

- Não me digas nada agora. A Laura já vai descer.

- Não digo nada agora, mas vamos ter uma conversa mais tarde.

- Combinado.

Margo não tinha a menor intenção de conversar com ele. No instante em que o último grão de arroz fosse lançado, ela seria rápida e discreta a sair. Foi até ao espelho, ajeitou instintivamente o chapéu azul de aba larga que trouxera do quarto, procurando obter o máximo de efeito.

"Ora aqui está a minha fama", pensou Margo, estudando o seu rosto. "E a minha fortuna." Faria com que tudo desse certo. Erguendo o queixo, fitou os próprios olhos e desejou começar de imediato.

CAPÍTULO 2

DEZ ANOS DEPOIS

NOS penhascos áridos, por cima do irrequieto Pacífico, Margo observava a tempestade a formar-se. Nuvens pretas turbilhonavam num céu escuro, esmagando toda e qualquer insinuação de luz das estrelas com a sua força e fúria. O vento uivava como um lobo primitivo em busca de sangue. Raios de intensa claridade riscavam o céu, pondo em relevo os rochedos pontiagudos e as ondas espumosas. O cheiro fantasmagórico de ozono impregnava o ar antes de a trovoadá explodir.

Parecia que a recepção que teria no regresso a casa, até mesmo por parte da natureza, nada teria de gentil.

Um presságio? Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco, a fim de protegê-las do frio inclemente. Não podia esperar que alguém na Casa Templeton a recebesse de braços abertos e com um sorriso alegre. "O bezerro engordado", reflectiu ela, com um sorriso amargo, "não será servido a esta filha pródiga."

E não tinha o direito de esperar algo semelhante.

Cansada, ergueu as mãos para tirar os ganchos, deixando o cabelo louro-claro esvoaçar livremente. Era uma agradável sensação, aquela pequena libertação, e ela lançou os ganchos ao mar. Foi nesse instante que se lembrou subitamente do tempo em que era menina e lançava flores daquele mesmo penhasco, juntamente com as suas duas melhores amigas.

"Flores para Seraphina", pensou ela, quase sorrindo. Como parecera romântica, naquela altura, a lenda da pobre rapariga que se atirara do alto do penhasco em dor e desespero.

Recordava-se que Laura chorava sempre um pouco, enquanto Kate assumia uma expressão solene, observando as flores flutuarem pelo mar. Mas ela própria sempre sentira a emoção daquele voo final, o desafio do gesto, a ousadia da temeridade.

Margo sentia-se demasiado deprimida, demasiado cansada, para admitir que procurar emoções, lançar desafios e ser temerária eram os factores que a tinham levado àquele momento desesperado da sua vida.

Os seus olhos, de um azul brilhante, da cor da centáurea, tão adorados pelas câmaras, estavam obscurecidos. Ela retocara a maquilhagem com todo

o cuidado assim que o avião pousara em Monterey, e tornara a verificá-la no banco traseiro do táxi que a levava a Big Sur. Conseguia facilmente pintar qualquer imagem que fosse necessária. Sabia, contudo, que por baixo dos cosméticos dispendiosos o seu rosto estava demasiado pálido. Talvez estivesse também um pouco mais encovado do que deveria, mas aquelas maçãs do rosto salientes é que tinham projectado o seu rosto para a capa de tantas revistas.

"Um bom rosto depende de bons ossos", pensou Margo, estremeando quando o raio seguinte iluminou a escuridão. Era afortunada pela sua estrutura óssea, pela pele lisa e sem poros que tinha herdado dos seus antepassados irlandeses. Os seus olhos eram de um azul intenso e o cabelo louro-claro devia ser a herança de algum antigo conquistador viking.

Claro que ela tinha um rosto atraente. Não era uma questão de vaidade admiti-lo. Afinal, aquele rosto e um corpo feito para o pecado tinham sido as suas senhas de refeição, as suas passagens para a fama e para a fortuna. Lábios cheios e românticos, um nariz pequeno e recto, um queixo firme e arredondado, sobrancelhas expressivas, que necessitaram apenas de um mínimo de escurecimento e moldagem.

Ainda teria um bom rosto quando chegasse aos oitenta anos, se vivesse até lá. Independentemente de se sentir derrotada, esgotada, envolvida num escândalo, com uma amarga vergonha, ainda era uma mulher que fazia os homens ficarem a olhar para ela ao passar.

Era uma pena que já não se importasse com isso.

Margo virou-se na beira do penhasco e perscrutou a escuridão. No outro lado da estrada, no alto da colina, podia avistar as luzes da Casa Templeton, o lugar que conhecera tanto do seu riso, tantas das suas lágrimas. Só há um lugar para irmos quando estamos perdidos, um único lugar para onde nos podemos dirigir a correr quando já não vislumbramos qualquer luz ao fundo do túnel.

Margo pegou a sua mala de viagem e dirigiu-se para casa.

Ann Sullivan trabalhara na Casa Templeton durante vinte e quatro anos. Um ano a menos do que era viúva. Viera do condado de Cork, com a sua filha de quatro anos, para se empregar ali como criada. Naquele tempo, Thomas e Susan Templeton dirigiam a casa da mesma maneira como administravam os seus hotéis: em grande estilo. Mal se passava uma semana sem que as salas transbordassem de gente e música. Havia uma equipa de

dezoito empregados para garantir que cada pormenor da casa e do terreno estivesse em perfeitas condições.

A perfeição era uma marca registada dos Templeton, assim como o luxo e a sua simpatia. Ann aprendera que o melhor alojamento nada significava sem uma recepção calorosa.

As crianças, o menino Joshua e a menina Laura, tinham uma ama, que contava com os serviços de uma ajudante, mas eram criadas pelos pais. Ann sempre admirara a devoção, a disciplina e o zelo que os Templeton dispensavam à família. Embora ela soubesse que isso podia acontecer com a maior facilidade, a verdade era que a riqueza jamais sufocara o amor naquela casa.

Fora a sr.a Templeton quem sugerira que as meninas brincassem juntas. Afinal, eram da mesma idade, e Joshua, sendo um menino e quatro anos mais velho, não tinha muito tempo para elas.

Ann ficaria eternamente grata à sr.a Templeton, não só pelo emprego, pela bondade e pela simplicidade com que era tratada, mas também pelas vantagens oferecidas à sua filha. Margo nunca fora tratada como uma criada. Em vez disso, era considerada como a melhor amiga da filha dos donos da casa.

Em dez anos, Ann tornara-se a governanta. Era um posto que sabia que merecera e do qual se orgulhava. Não havia canto da casa que ela não tivesse limpo com as próprias mãos, não havia roupa de cama e mesa que não tivesse lavado. O seu amor pela Casa Templeton era profundo e fiel. Talvez mais profundo e mais fiel do que o amor por qualquer outra coisa na sua vida.

Permanecera na casa depois de os Templeton se mudarem para Cannes, a seguir ao casamento da menina Laura, de uma forma muito apressada e precipitada, na opinião de Ann. Permanecera depois que a sua própria filha fora para Hollywood, e para a Europa em seguida, em busca do esplendor e da glória.

Nunca tornara a casar, nem sequer pensara em tal. A Casa Templeton era a sua companhia. Mantinha-se inalterável ano após ano, sólida como a rocha sobre a qual fora construída. Jamais a desapontara, jamais a desafiara, jamais a contestara. Nunca a magoara, nem lhe pedira mais do que ela podia dar.

"Como uma filha pode fazer", reflectiu Ann.

Agora, enquanto a tempestade desabava lá fora e a chuva começava a

lançar-se contra as janelas largas, em arcada, ela entrou na cozinha. Os balcões de ardósia azul estavam impecáveis, o que valeu um aceno de cabeça em sinal de aprovação à jovem criada que acabara de contratar. A rapariga já fora para sua casa e não podia ver, mas Ann não se esqueceria de lhe dizer que fizera um bom trabalho.

"Era muito mais fácil", pensou Ann, "conquistar a afeição e o respeito dos empregados do que da sua própria filha." Costumava pensar que perdera Margo no dia do seu nascimento, porque a menina nascera muito bonita, muito irrequieta, muito ousada.

Por mais preocupada que estivesse com Margo, depois que a notícia se espalhara, ainda tinha de cumprir os seus deveres. Não havia nada que pudesse fazer pela menina. E tinha a amarga consciência de que jamais houvera qualquer coisa que pudesse fazer pela sua filha ou quanto à sua filha.

O amor não fora suficiente. Embora Ann tivesse a sensação de que podia ter dado mais amor do que fizera. Ficara com medo de dar demasiado, pois nesse caso a filha poderia querer mais do que parecia precisar.

Além disso, Ann sabia que não estava na sua natureza demonstrar abertamente o que sentia. Os criados não se podiam dar ao luxo de fazer isso, por mais gentis que fossem os patrões. Ela sabia qual era o seu lugar. Porque é que Margo nunca compreendera qual era o seu?

Por um momento, Ann encostou-se ao balcão, numa rara manifestação de auto-indulgência, com os olhos apertados para que as lágrimas não conseguissem aflorar. Não podia pensar em Margo agora. A jovem escapara ao seu controlo. Além disso, a casa exigia uma verificação final.

Ann empertigou-se, respirou fundo para recuperar o controlo. O chão fora lavado há pouco, a mesma ardósia azul do balcão faiscava à luz acesa. O fogão, já antigo, de seis bicos, não exibia qualquer sinal do jantar que cozinhará. E a jovem Jenny lembrara-se de regar os narcisos que estavam em cima da mesa.

Satisfeita por o seu instinto sobre a nova criada ter sido confirmado, Ann foi até aos vasos de ervas no peitoril da janela, por cima do lavatório. Uma pressão do polegar indicou que a terra estava seca. Regar aquelas ervas não era responsabilidade de Jenny, pensou ela, estalando a língua. A cozinheira é que tinha de tratar dos temperos que usava. Mas a sr.a Williamson também estava a envelhecer, estando a ficar cada vez mais distraída. Ann inventava muitas vezes desculpas para ficar na cozinha durante a preparação das

refeições, só para ter certeza de que a sr.a Williamson não se esqueceria de alguma coisa importante, nem provocaria um incêndio.

"Qualquer outra pessoa que não a menina Laura já teria aposentado a mulher por esta altura", reflectiu Ann. Mas a menina Laura compreendia que a necessidade de se sentir útil não diminuía com a idade. A menina Laura compreendia a Casa Templeton... e a tradição.

Passava das dez horas e reinava o silêncio na casa. Os seus deveres do dia estavam terminados. Depois de uma inspecção final na cozinha, ela pensou em ir para os seus aposentos. Faria um chá na sua pequena cozinha. Talvez esticasse as pernas e assistisse a algum programa tolo na TV.

Qualquer coisa que afastasse os pensamentos das suas preocupações.

O vento sacudiu as janelas e fê-la estremecer. Sentiu-se grata pelo calor e pela segurança da casa. E nesse instante a porta dos fundos abriu-se, deixando entrar a chuva, o vento e o ar frio. E muito mais. Ann sentiu o coração disparar, batendo descompassadamente dentro do peito.

- Olá, mãe.

O sorriso jovial esboçou-se naturalmente, quase alcançando os olhos, assim que Margo passou a mão pelos cabelos escorridos, descendo como ouro molhado até à sua cintura.

- Vi a luz! Literalmente... - anunciou Margo, fazendo uma pausa, finda a qual acrescentou, com uma risada nervosa: - e também figurativamente.

- Estás a deixar a chuva entrar. - Não foi a primeira coisa que ocorreu a Ann, mas era a única prática. - Fecha a porta, Margo, e pendura esse casaco molhado.

- Não consegui chegar antes da chuva. - Sempre com um ar jovial, Margo fechou a porta. - Já não me lembrava como o tempo é frio e húmido por aqui em Março.

Margo pousou a mala de viagem e pendurou o casaco no cabide ao lado da porta. Depois, esfregou as mãos geladas para mantê-las ocupadas.

- Está muito bem, mamã. Vejo que mudou o corte de cabelo. Ann não levantou a mão para os cabelos, um gesto que poderia ser natural em qualquer outra mulher. Não era vaidosa, perguntando-se muitas vezes onde Margo fora buscar a sua vaidade. Afinal, o pai de Margo fora um homem humilde.

- Acho que fica melhor assim, mamã.

Margo ensaiou outro sorriso. A sua mãe sempre fora uma mulher

atraente. Os cabelos claros pouco tinham mudado com a passagem dos anos, e não eram muitos os fios brancos a surgirem no corte curto e ondulado. O rosto tinha rugas, é verdade, mas não muito profundas. E, embora a boca solene e sisuda não tivesse qualquer batom, os lábios eram tão cheios e exuberantes quanto os da filha.

- Não estávamos à tua espera.

Ann arrependeu-se do tom ríspido da sua voz assim que proferiu aquelas palavras. Mas o seu coração estava demasiado repleto de alegria e preocupação para se permitir ir mais longe.

- Sei que não. Pensei em telefonar ou mandar um telegrama. Mas depois... achei melhor não o fazer. - Margo respirou fundo, perguntando-se porque nenhuma das duas percorria o curto espaço que as separava para se abraçarem. - Já deve saber.

- Ouvimos qualquer coisa. - Atordoada, Ann foi até ao fogão, pondo uma chaleira de água a ferver. - vou fazer um chá. Deves estar gelada.

- Vi algumas notícias nos jornais e na televisão. - Margo levantou a mão, mas as costas da mãe estavam tão rígidas, que ela tornou a baixá-la, sem lhe tocar. - Nem tudo é verdade, mãe.

Ann pegou no bule de chá habitual e aqueceu-o com a água da chaleira. Por dentro, tremia de mágoa, de choque. E de amor.

- Nem tudo?

"É só mais uma humilhação", disse Margo para si. No fim de contas, a sua mãe era assim mesmo. E ela precisava desesperadamente de alguém que a apoiasse.

- Não sabia o que o Alain fazia, mãe. Ele geriu a minha carreira durante os últimos quatro anos, mas não me passou pela cabeça que também fosse traficante de drogas. O Alain jamais usou drogas, pelo menos na minha presença. Quando fomos presos... quando tudo se soube...

Margo parou de falar por um instante e suspirou, enquanto a mãe continuava a medir o chá.

- Fui absolvida de todas as acusações. Não se pode impedir a imprensa de especular, mas pelo menos o Alain teve a decência de declarar às autoridades que eu era inocente.

Embora até isso fosse humilhante. A prova da inocência era a prova da estupidez.

- Foste para a cama com um homem casado.

Margo abriu a boca, mas tornou a fechá-la. Nenhuma desculpa ou explicação teria a menor importância, não para a sua mãe.

- É verdade.

- Um homem casado com filhos.

- Sou culpada - murmurou Margo, amargurada. - Provavelmente, irei para o Inferno por isso... e também estou a pagar com a minha vida. Ele roubou-me muito dinheiro, destruiu a minha carreira, converteu-me num alvo de compaixão e escárnio da imprensa sensacionalista.

O pesar aflorou dentro de Ann, mas conseguiu reprimi-lo. Margo fizera as suas opções.

- Então voltaste para te esconderes.

"Para me curar, pensou Margo, mas esconder-se não estava muito longe da verdade.

- Queria passar alguns dias num lugar onde não pudesse ser assediada. Se preferir que me vá embora, então...

Antes que ela pudesse terminar, a porta da cozinha abriu-se abruptamente.

- Que noite horrível, Annie! Devia...

Laura parou de falar. Os olhos de um cinzento-claro fixaram-se no rosto de Margo. Ela não hesitou, não se limitou a atravessar o curto espaço que as separava, fê-lo de um pulo.

- Margo! Oh, Margo, voltaste para casa!

E, nesse instante, naquele abraço de boas-vindas, Margo sentiu-se em casa.

- Ela não tinha a intenção de ser tão dura contigo, Margo - disse Laura, tranquilizadora.

Acalmar águas revoltas era instintivo para ela. Vira a mágoa nos rostos de mãe e filha, para a qual ambas pareciam cegas. Ao encolher de ombros de Margo, Laura serviu o chá que Ann preparara. A própria Ann levava o chá para a sua sala de estar particular.

- A tua mãe anda muito preocupada.

- A sério?

Fumando em tragos rápidos, Margo removeu a informação. Para lá da janela, ela sabia que se encontrava um jardim, caramanchões repletos de glicínias. E, para lá das flores, da relva e do muro de pedra, ficavam os penhascos. Enquanto ouvia a voz de Laura, tranquilizante, recordou como

costumavam esgueirar-se até àquela sala quando eram crianças, no tempo em que fora um domínio da sr.a Templeton. E como sonhavam tornar-se grandes senhoras.

Margo virou-se para estudar a amiga. "Suave e adorável", pensou ela. Um rosto feito para salas como aquela, recepções e festas da alta sociedade. E, ao que tudo indicava, era esse o destino de Laura.

Os cabelos eram de um louro-escuro, cortados e penteados de maneira a compensar o queixo frágil. Os olhos eram claros e sinceros; tudo o que Laura pensava reflectia-se neles. Agora transbordavam de preocupação. Também tinha um certo rubor no rosto. "De excitação", pensou Margo. "E preocupação." A emoção sempre acrescentava um tom rosado ao rosto de Laura ou então deixava-o pálido.

- Vem sentar-te aqui, Margo. Bebe o teu chá. Estás com o cabelo molhado.

Distraída, Margo empurrou o cabelo para trás, afastando-o dos ombros.

- Desci até aos penhascos.

Laura olhou para a janela, fustigada pela chuva.

- com este tempo?

- Precisava ganhar coragem.

Mas Margo aceitou o convite da amiga e sentou-se, pegando na chávena. Reconheceu a louça Doulton que a sua mãe usava no dia-a-dia. Quantas vezes importunara Ann para lhe dizer os nomes, para lhe mostrar os padrões, de toda a porcelana, cristais e pratos da Casa Templeton? E quantas vezes sonhara em ter também aquelas coisas lindas?

A chávena aqueceu-lhe as mãos geladas, o que foi suficiente.

- Estás maravilhosa - disse ela a Laura. - Quase nem acredito que já passou quase um ano desde que nos encontramos em Roma.

Tinham almoçado no terraço da suíte do proprietário no Templeton Roma, vendo a cidade espalhar-se aos seus pés, exuberante na Primavera. Margo pensou que, naquela altura, a sua vida estava repleta de promessas como o ar, e tão cintilante quanto o Sol.

- Tenho sentido saudades tuas. - Laura inclinou-se e apertou a mão de Margo. - Todos sentimos.

- Como estão as meninas?

- Maravilhosas. Crescidas. A Ali adorou o vestido que mandaste de Milão no seu aniversário.

- Recebi o teu bilhete de agradecimento e as fotos. São crianças lindas, Laura. Parecem-se muito contigo. A Ali tem o teu sorriso, e a Kayla os teus olhos. - Ela bebeu um gole de chá para dissolver o nó na garganta. - Sentada aqui, da maneira como costumávamos imaginar que faríamos, não posso acreditar que tudo não passe de um sonho.

Margo sacudiu a cabeça rapidamente, antes que Laura pudesse falar, e deitou a cinza do cigarro no cinzeiro.

- Como está o Peter?

- Muito bem. - Uma sombra passou pelos olhos de Laura, mas ela baixou as pestanas. - Tinha um trabalho para terminar. Por isso, ainda está no escritório. Creio que vai passar a noite na cidade, por causa da tempestade.

Ou porque preferia outra cama à que partilhava com a mulher.

- O Josh encontrou-se contigo em Atenas? - acrescentou Laura. Margo inclinou a cabeça.

- O Josh? Ele estava na Grécia?

- Não. Localizei-o em Itália assim que soubemos... quando as notícias saíram. Ele ficou de tentar alterar a agenda e ir ajudar-te.

Margo sorriu.

- A mandar o irmão mais velho em meu socorro, Laura?

- Ele é um excelente advogado. Quando quer. Estiveste com ele? - Não.

Exausta, Margo descansou a cabeça no encosto alto da poltrona. O estado de sonho persistia. Mal se passara uma semana desde que a sua vida se virara do avesso, dissipando todos os seus sonhos.

- Tudo aconteceu muito depressa. As autoridades gregas abordaram o iate do Alain e revistaram-no. - Ela estremeceu ao recordar o choque de ser arrancada do sono para deparar com uma dúzia de polícias gregos uniformizados no convés, receber ordem de se vestir e ser interrogada. - E encontraram toda aquela heroína no porão.

- Os jornais disseram que ele estava a ser vigiado há mais de um ano.

- Foi um dos factos que me salvaram, a idiota que eu fui. A vigilância, as provas recolhidas, tudo indicava que eu era inocente.

com os nervos ainda à flor da pele, ela tirou outro cigarro da cigarreira esmaltada e acendeu-o.

- Ele usou-me, Laura, inventava um compromisso para mim aqui, onde podia recolher a droga, e outro ali, onde tinha de entregá-la. Acabara de fazer uma sessão de fotos na Turquia. Cinco dias horríveis. Ele recompensou-me

com um pequeno cruzeiro pelas ilhas gregas. Uma pré-lua-de-mel, como lhe chamou. - Margo soprou uma baforada de fumo. - O Alain dizia que estava a acertar os últimos pormenores do seu divórcio amigável, e depois poderíamos revelar o nosso relacionamento.

Respirou fundo. Laura ficou à espera, paciente. Estudando o fumo que subia para o tecto, Margo continuou:

- Claro que não haveria divórcio. A mulher estava disposta a deixá-lo dormir comigo, enquanto eu fosse útil e o dinheiro entrasse.

- Sinto muito, Margo.

- O pior de tudo é que caí na armadilha. - Encolheu os ombros, aspirou o cigarro pela última vez e esmagou-o no cinzeiro. - Os mais ridículos clichés.

Ela não conseguia odiar Alain tanto quanto se odiava a si mesma.

- Tínhamos de manter o nosso amor e os nossos planos longe do olhar da imprensa, até que todos os pormenores do acordo de divórcio estivessem acertados. Aparentemente éramos apenas colegas, sócios, amigos. Ele geria a minha carreira, usava todos os seus contactos para aumentar os meus contratos e cachés. E porque não? Já me conseguira bons anúncios publicitários em França e em Itália. E conseguira aquele contrato com a Bella Donna, que me levou ao topo do mercado.

- Suponho que o teu talento ou a tua aparência nada tiveram a ver com o facto de te terem escolhido para seres a Mulher Bella Donna.

Margo sorriu.

- Eu podia ter conseguido sozinha. Mas nunca saberei. Queria demasiado aquele contrato. Não só pelo dinheiro, embora precisasse muito, mas também pela exposição. Não imaginas o que é ver o teu rosto em cartazes por toda a parte, Laura, as pessoas paravam-me na rua para pedirem autógrafos. Sabia que estava a fazer um bom trabalho, para um bom produto.

- A Mulher Bella Donna - murmurou Laura, querendo que Margo sorrisse. - Linda. Confiante. Perigosa. Fiquei emocionada quando vi o anúncio na Vogue. É a Margo, pensei, a minha Margo, estendida naquela página lustrosa, deslumbrante no cetim branco.

- A vender creme para o rosto.

- A vender beleza - corrigiu Laura, com firmeza. - E confiança.

- E perigo também?

- Sonhos. Devias orgulhar-te.

- E orgulhei-me. - Margo soltou um longo suspiro. - Fiquei fascinada... e

ainda mais encantada quando entrámos no mercado americano. E também encantada pelo Alain, por todas as suas promessas e planos.

- Acreditaste nele. -Não.

Pelo menos, podia agarrar-se a isso. Alain fora apenas mais um na sucessão de homens de que desfrutara. E usara.

- Eu queria acreditar em tudo o que ele me dizia. A tal ponto, que me deixei enganar pela velha história da esposa que não quer dar o divórcio. - Margo sorriu. - Claro que assim era melhor para mim. Ele era seguro enquanto fosse casado. Não me casaria com o Alain, Laura. Já começara a compreender que não estava apaixonada por ele, mas sim pela vida que imaginava. Pouco a pouco, ele tomou conta de tudo, porque era mais fácil para mim não ter de me preocupar com pormenores. Enquanto eu sonhava com o futuro glorioso, em que ambos circularíamos pela Europa como a realeza, o Alain roubava-me todo o dinheiro, usando-o para financiar o seu tráfico de drogas, usando a minha celebridade efémera para superar obstáculos, mentindo sobre a mulher.

Margo comprimiu os dedos contra os olhos.

- O resultado é que a minha reputação está perdida, a carreira arruinada. A Bella Donna cancelou o meu contrato e estou quase falida.

- Todo a gente que te conhece sabe que foste uma vítima, Margo.

- O que não melhora a minha situação, Laura. Ser vítima não é uma das imagens que me agrada exhibir. Só que não me resta energia suficiente para mudá-la.

- Vais superar tudo. Só precisas de algum tempo. E neste momento necessitas de um banho quente e de uma boa noite de sono. Vamos acomodar-te no quarto de hóspedes. - Laura levantou-se e estendeu a mão.

- Onde está a tua bagagem?

- Não trouxe. Não sabia se seria bem recebida.

Por alguns instantes, Laura não disse nada, limitou-se a fitar Margo até ela baixar os olhos.

- vou esquecer que disseste isso, porque estás cansada e sentes-te derrotada. - Enlaçando Margo pela cintura, conduziu-a para o corredor. - Não me perguntaste pela Kate.

Margo soltou um suspiro.

- Deve estar zangada comigo.

- Zangada com as circunstâncias - corrigiu Laura. - Por favor, dá algum

crédito à Kate. Deixaste a bagagem no aeroporto?

- Deixei.

Margo sentiu de repente um cansaço intenso, como se estivesse a andar dentro de água.

- vou mandar alguém buscá-la. E agora vai lá tomar um banho e dormir. Voltaremos a conversar amanhã, quando estiveres a sentir-te melhor.

- Obrigada, Laura. - Margo parou na porta do quarto de hóspedes, encostando-se à ombreira. - Por estares sempre disponível.

- É para isso que as amigas servem. - Laura beijou-a de leve no rosto.

- Sempre à disposição. E agora vai dormir.

Margo não perdeu tempo com a camisa de dormir. Deixou as roupas no chão, no local onde se despira. Nua, deitou-se na cama e puxou o edredão macio até ao queixo.

O vento uivava nas janelas e a chuva batia impaciente no vidro. À distância, o barulho das ondas foi aumentando, até que ela mergulhou num sono sem sonhos.

Nem se mexeu quando Ann entrou no quarto, ajeitou a coberta, passou a mão pelos seus cabelos. E murmurou uma prece.

CAPÍTULO 3

- **TÍPICO!** Na cama até ao meio-dia!

Margo ouviu uma voz ao longe, através do sono, reconheceu-a e soltou um grunhido.

- Oh, Kate, deixa-me em paz!

- Também tenho o maior prazer em tornar a ver-te.

com uma exultação ostensiva, Kate Powell deu um puxão vigoroso na cortina. A luz do Sol atingiu os olhos de Margo.

- Sempre te detestei. - Num gesto defensivo, Margo cobriu o rosto com a almofada. - Vai chatear outro!

- Tirei a tarde de folga só para implicar contigo.

À sua maneira eficiente, Kate sentou-se na beira da cama e arrancou a almofada das mãos de Margo. Havia preocupação por detrás do seu olhar avaliador.

- Não pareces assim tão mal.

- Para uma zombie... - Margo abriu um olho, viu o rosto frio e zombeteiro de Kate, e tornou a fechá-lo. - Vai-te embora!

- Se eu for, o café também vai. - Kate levantou-se para servir café do bule que deixara ao pé da cama. - E os croissants também.

- Croissants...

Depois de sentir o cheiro por um instante, Margo abriu os dois olhos com cautela, tendo sido saudada pela visão de Kate a partir um pão ao meio. O aroma do vapor irradiado era glorioso.

- Devo ter morrido enquanto dormia, se me estás a trazer o pequeno-almoço à cama.

- Almoço - corrigiu Kate, dando uma trincadela voraz no croissant. Quando se lembrava de o fazer, Kate comia bem. - A Laura obrigou-me. Ela teve de ir a uma reunião de alguma comissão que não pôde adiar.

Kate levantou a bandeja e acrescentou:

- Senta-te. Prometi-lhe que te faria comer alguma coisa. Margo puxou a coberta sobre os seios e estendeu a mão para a chávena de café, ansiosa. Tomou um gole longo, sentindo que um pouco do cansaço da viagem se desvanecia. Depois, bebendo mais devagar, estudou a mulher que estava a

barrar compota de morango num croissant.

O cabelo preto cortado rente emoldurava um rosto triangular da cor do mel. Margo sabia que o corte não fora escolhido para seguir a moda, mas pelo seu aspecto prático. Observou ainda que era uma sorte para Kate aquele corte de cabelo combinar tão bem com aqueles olhos castanhos enormes e exóticos e com o queixo pontiagudo e atrevido. Os homens, sem dúvida, consideravam que o facto de Kate ter os dentes um pouco salientes era sensual, e Margo tinha de admitir que aquele pormenor suavizava toda a aparência.

Mas Margo sabia que Kate não era do tipo delicado. O fato de saia e casaco azul-marinho às riscas era sóbrio. Os acessórios de ouro;?

eram pequenos e de bom gosto, e os sapatos italianos, confortáveis. Até o perfume, cujo aroma Margo podia sentir, indicava que aquela mulher era uma profissional objectiva. Margo concluiu, com um sorriso, que se tratava de uma fragrância que grita: "Não se armem em parvos comigo!" - Pareces mesmo uma contabilista. - E tu pareces uma hedonista. Sorriram uma para a outra. Nenhuma delas estava preparada para as lágrimas que surgiram nos olhos de Margo.

- Oh, meu Deus, não faças isso...; - Desculpa - fungando, Margo esfregou os olhos. - Anda tudo dentro de mim de um lado para o outro, a subir e a descer... Estou de rastos.

com os olhos também marejados de lágrimas, Kate pegou em dois lenços de papel. Chorava sempre por simpatia, sobretudo quando a sua família estava envolvida. E, embora não houvesse laços de sangue entre as duas, Margo era da família. Era da família desde que Kate, aos oito anos de idade e órfã, fora acolhida e acarinhada pelos Templeton.

- Toma, assoa o nariz - ordenou ela, incisiva. - Respira fundo. Bebe o café. E não chores. Já sabes que me fazes chorar também.

-A Laura abriu simplesmente a porta e deixou-me entrar. - Margo enxugou as lágrimas, fazendo um esforço para manter a voz sob controlo. - "Sê bem-vinda a casa", disse ela, "e agora vai dormir."

- O que é que estavas à espera que a Laura fizesse? Que te pusesse na rua?

Margo sacudiu a cabeça.

- Não, a Laura não. Toda esta confusão pode afectá-la. É inevitável que a imprensa descubra e comece a explorar a nossa ligação. "Amigas de

infância: celebridade caída em desgraça e membro do jet-set."

- Isso é um exagero - disse Kate, secamente. - Ninguém nos Estados Unidos te considera uma celebridade.

Dividida entre o insulto e a diversão, Margo recostou-se nos travesseiros.

- Sou um nome muito importante na Europa. Ou melhor, era.

- Mas estamos na América, amiga. Os média vão deitar fora um peixe miúdo como tu num instante.

Os lábios de Margo contraíram-se numa expressão contrariada.

- Muito obrigada - retorquiu, atirando as cobertas para o lado e levantando-se.

Kate examinou o corpo nu à sua frente, enquanto Margo pegava no robe que Laura pendurara na cama.

A parte central do corpo - seios opulentos, cintura fina, ancas harmoniosas, e pernas longas e bem torneadas - não fora negativamente afectada pelo escândalo. Se Kate não a conhecesse, diria que o corpo ostentado pela amiga era resultado da tecnologia moderna e não obra da fada-madrinha responsável pelos genes.

- Emagreceste um pouco. Como é possível que nunca percas nada no peito?

- O Diabo e eu temos um pacto. Eles costumavam fazer parte da minha descrição profissional.

- Costumavam?

Margo vestiu o robe. Era mesmo o seu, comprido, de seda marfim. O que significava que Laura mandara buscar a sua bagagem ao aeroporto.

- A maioria dos anunciantes não quer saber de traficantes de drogas adúlteras a promover os seus produtos.

Os olhos de Kate ficaram turvos. Não admitiria que ninguém falasse da sua amiga daquela maneira. Nem mesmo a própria Margo.

- Foste ilibada das acusações de tráfico de drogas.

- Não tinham qualquer prova para me acusar. O que é muito diferente. - Margo encolheu os ombros, foi até à janela e abriu-a para deixar entrar a brisa da tarde. - Sempre me disseste que eu me metia em sarilhos. Acho que estou a pagar por isso.

- Não digas tolices. - Irritada, Kate levantou-se de um pulo, e começou a andar de um lado para o outro, como uma gata furiosa. A mão tacteou os

bolsos, num gesto automático, à procura dos omnipresentes antiácidos. Já estava a sentir azia depois de comer. Não posso acreditar que a tua reacção seja esconderes-te. Afinal, não fizeste nada.

Comovida, Margo virou-se, fez menção de falar, mas Kate continuou a manifestar-se, enfiando um antiácido na boca, como se fosse um rebuçado, enquanto andava para cá e para lá.

- Claro que demonstraste um péssimo discernimento e uma incrível falta de bom senso. É evidente que tens um gosto questionável em matéria de homens e que as tuas opções de estilo de vida estão longe de ser admiráveis.

- Tenho a certeza de que posso contar contigo para dizeres isso em tribunal, caso seja necessário - murmurou Margo.

- Porém... - Kate ergueu a mão para enfatizar o argumento -, não fizeste nada de ilegal, nada que justifique o fim da tua carreira. Se quiseres passar a vida a posar para incitares as pessoas a comprar algum champô ou creme para a pele por um preço exorbitante, ou de uma forma que faça os homens perder vinte pontos de quociente de inteligência com o impacto, não podes deixar que isto te detenha.

- Eu sabia que havia algum apoio moral perdido nesse discurso comentou Margo, depois de pensar por um momento. - Só tenho de o separar do meu péssimo discernimento, gosto duvidoso e carreira ridícula. E também tenho de me lembrar que a tua perspicácia sempre foi irrepreensível, o gosto perfeito e a carreira brilhante.

- É verdade.

Havia agora um certo rubor no rosto de Margo e fogo nos seus olhos. Aliviada, Kate sorriu e acrescentou:

- Ficas linda quando te irritas.

- Ora, cala essa boca!

Margo dirigiu-se até às portas de vidro, abriu-as, saiu para a grande varanda de pedra, com o seu pequeno jardim de violetas.

Estava um dia claro, um daqueles dias de beleza indescritível, com a luz do Sol dourada, um céu muito azul, o ar perfumado pelas flores. A propriedade dos Templeton, Big Sur, estendia-se até perder de vista: jardins floridos, muros de pedra, arbustos ornamentais, árvores antigas e imponentes. O lindo estábulo de estuque, agora desactivado, parecia um pequeno chalé, a sul. Ela vislumbrou o brilho da piscina, tendo mais além o gracioso miradouro branco, ornamentado por flores conhecidas por "maravilhas".

Lembrava-se de que várias vezes se deixara levar pelos sonhos naquele miradouro florido, imaginando-se uma dama elegante, à espera de um amado atraente e dedicado.

- Porque é que quis sair daqui?

- Não sei.

Kate aproximou-se por detrás e colocou um braço sobre os ombros de Margo. Mesmo de saltos altos, ainda tinha sete ou oito centímetros a menos do que o metro e setenta e oito de altura de Margo. O que não a impediu de puxar a amiga e encostá-la a si.

- Queria ser alguém - continuou Margo. - Alguém deslumbrante. Queria conhecer pessoas deslumbrantes, fazer parte do seu mundo. Eu, a filha da governanta, a voar para Roma, a apanhar sol numa praia da Riviera, a descer uma encosta de neve em Saint Moritz.

- Fizeste todas essas coisas.

- E mais. Porque é que isso não foi suficiente para mim, Kate? Porque é que havia sempre uma parte de mim que queria mais alguma coisa? Só mais uma coisa que eu nunca conseguia alcançar. E nunca fui sequer capaz de imaginar o que era. Agora que posso ter perdido todas as outras coisas, ainda não descobri o que seria.

- Tens tempo - murmurou Kate. - Lembras-te da Seraphina? Os lábios de Margo contraíram-se um pouco, ao recordar o momento em que permanecera no penhasco de Seraphina na noite anterior, todos os dias de lazer em que ela, Kate e Laura conversaram sobre a jovem espanhola e as conclusões a que tinham chegado.

- Ela não quis esperar para ver. - Margo encostou a cabeça na de Kate. - Não pensou no que o resto da sua vida tinha para oferecer.

- Esta é a tua oportunidade de esperar para ver.

- bom... - Margo respirou fundo. - Por mais fascinante que possa parecer, talvez eu não esteja em condições de esperar. Creio que me encontro numa crise financeira.

Ela deu um passo para trás, tentando assumir um sorriso animado, antes de acrescentar:

- Agora fazia-me mesmo falta a tua ajuda profissional. Imagino que uma mulher com um diploma de Harvard seja capaz de entender as minhas contas desorganizadas. Queres tentar?

Kate encostou-se ao gradeamento e não se deixou enganar pelo sorriso

da amiga. Percebeu logo que, se Margo se estava a preocupar com uma coisa tão corriqueira quanto o dinheiro, então a situação devia ser mesmo desesperada.

- Tenho o resto do dia de folga. Vai-te vestir, e depois podemos começar.

Margo sabia que o cenário não era nada bom. Já estava à espera que fosse bastante mau. Mas pela maneira como Kate grunhia e assobiava, calculou que era muito pior do que imaginara.

Depois da primeira hora, manteve-se afastada de Kate. Não adiantava ficar a espreitar por cima do ombro da amiga, só para ouvir protestos ríspidos. Desfez as malas, pendurou com todo o cuidado os vestidos, dobrou as blusas e as camisolas e guardou-as nas gavetas perfumadas da cómoda que estava sob o espelho.

Foi respondendo às perguntas ocasionais de Kate e tolerando as críticas mais do que ocasionais. Quando Laura abriu a porta, Margo sentiu-se dominada por uma ansiosa gratidão.

- Desculpem ter demorado tanto. Não pude...

- Cala-te. Estou aqui a tentar fazer milagres. Margo sacudiu um polegar na direcção da varanda.

- A Kate está a trabalhar nas minhas contas - explicou ela, quando as duas saíram. - Não podes imaginar o que ela tirou daquela pasta de executiva: um pequeno computador portátil, uma calculadora que tenho a certeza de que seria capaz de efectuar todas as equações necessárias para programar um voo espacial, e até mesmo um faxe.

- Ela é brilhante! - com um suspiro, Laura sentou-se numa das cadeiras de ferro forjado e tirou os sapatos. - A Templeton contratava-a sem qualquer hesitação, mas ela continua a insistir em não trabalhar para a família. A Bittle & Associates tem sorte de a ter ao seu serviço.

- Que porcaria é esta com algas marinhas? - gritou Kate.

- É um tratamento termal - respondeu Margo. - Acho que é dedutível porque...

- Não aches nada, para pensar estou cá eu. Como podes dever quinze mil dólares ao Valentino? Quantos vestidos és capaz de usar?

Margo sentou-se.

- Provavelmente, não seria sensato da minha parte dizer-lhe que o dinheiro foi para um vestido de noite.

- Eu diria que não - concordou Laura. - As meninas voltam da escola dentro de uma hora e ela fica sempre de bom humor quando as vê. Além disso, vamos ter um jantar em família para comemorar o teu regresso.

- Disseste ao Peter que eu estava cá?

- Claro. E agora vou pedir para porem o champanhe no gelo. Antes que ela se pudesse levantar, Margo cobriu-lhe a mão com a sua.

- E ele não ficou satisfeito com a notícia.

- Não digas tolices. Claro que ficou. - Mas Laura começou a girar a aliança no dedo, um sinal seguro de agitação. - Ele gosta sempre de te ver.

- Laura, não é o facto de nos conhecermos há quase vinte e cinco anos que me faz perceber quando estás a mentir. É porque tu és uma péssima mentirosa. O Peter não me quer aqui.

As desculpas ainda lhe afloraram à língua, mas seriam inúteis. Laura admitiu que era verdade. Mentir era uma habilidade que ela nunca dominara.

- Esta é a tua casa. O Peter compreende isso, mesmo que não se sinta à vontade com a situação. Eu quero-te aqui, a Annie também quer, e as meninas estão encantadas com a tua presença. E agora vou tratar do champanhe... e aproveitar para trazer uma garrafa.

- Boa ideia. - Margo teria de se preocupar com a culpa mais tarde. - Talvez isso ajude a Kate a tirar-me do fundo do poço.

- Esta hipoteca já está quinze dias atrasada! - gritou Kate. E ultrapassaste o limite do cartão de crédito! É de mais, Margo!

- vou trazer duas garrafas - decidiu Laura, mantendo um sorriso até sair do quarto de Margo e dirigindo-se para o seu, a fim de ficar um momento sozinha.

Pensara que a esta altura já teria superado a sua raiva, mas tal não acontecera. Ainda persistia, amarga e sufocante na sua garganta. Pôs-se a andar de um lado para o outro na sua sala de estar privada, num esforço para desgastar-se. Aquela sala tornava-se cada vez mais um santuário. Podia vir para cá, isolar-se nas cores aconchegantes e fragrâncias agradáveis, dizer a si mesma que tinha correspondência para tratar, que tinha algum bordado para fazer.

com mais frequência, porém, refugiava-se ali para descarregar uma emoção que a sufocava.

Se calhar, ela já devia estar à espera da reacção de Peter, já devia estar preparada. Mas isso não acontecera. Ultimamente, parecia que não conseguia

estar preparada para as reacções de Peter. Como é que se explicava que, ao fim de dez anos de casamento, ela parecesse não conhecer o seu marido de todo?

Dirigira-se ao escritório dele depois da reunião da comissão do Baile de Verão, antes de voltar para casa. Estava a cantarolar baixinho quando entrou no elevador particular que a levaria à suite que ocupava a cobertura do Templeton Monterey. Peter preferia trabalhar lá em cima, em vez de usar o escritório no rés-do-chão. Alegava que era mais tranquilo, que conseguia concentrar-se mais facilmente.

Pelo que se lembrava dos tempos que passara a ajudar e aprender como tudo funcionava, no centro nevrálgico das vendas e reservas, Laura não podia deixar de concordar. Talvez o separasse do bulício, das pessoas, mas Peter sabia o que fazia.

A beleza do dia, somada ao prazer de ter a sua antiga amiga de volta, deixara Laura animada. com passos rápidos, ela atravessou o tapete prateado da arejada área de recepção.

- Ah... olá, sr.a Ridgeway. -A recepcionista ofereceu um sorriso rápido, mas continuou a trabalhar e não fitou Laura nos olhos. - Acho que o sr. Ridgeway está numa reunião, mas vou avisá-lo.

- Muito obrigada, Nina. Só lhe vou ocupar alguns minutos. Dirigiu-se, então, até à área de espera, que estava agora vazia e silenciosa. Os sofás e as poltronas de couro azul-marinho eram novos, tão caros quanto as mesas antigas e os abajures, quanto as aguarelas que Peter encomendara. Mas Laura pensou que ele estava certo. O escritório precisava de ter uma certa elegância. As aparências eram importantes no ramo da hotelaria. E eram importantes para Peter.

Mas, enquanto olhava pela janela ampla, Laura interrogou-se se haveria alguém capaz de se preocupar com sofás de couro azul-marinho quando tinha à sua frente aquela vista espectacular da costa.

O mar ondulava, estendendo-se a perder de vista. As chamadas "flores-de-gelo" formavam manchas amareladas na paisagem, as gaivotas aproximavam-se da praia na expectativa de que os turistas lhes oferecessem alguma iguaria. As embarcações na baía balançavam ao sol, como brinquedos caros e luxuosos para homens de blêizer azul-marinho e calças brancas.

Laura perdeu-se na contemplação e quase se esqueceu de retocar o batom e o pó-de-arroz antes de a recepcionista a chamar para entrar.

O escritório de Peter Ridgeway era apropriado ao director executivo dos Hotéis Templeton, da Califórnia. com os seus móveis Luís XIV escolhidos com o maior cuidado, gloriosas paisagens marinhas e esculturas, era tão exuberante e arrumado com tanta perfeição quanto o próprio homem. Quando ele se levantou de trás da mesa, o sorriso tornou-se efusivo, numa reacção automática.

Era um homem bonito, bronzeado e dourado, esguio, com a elegância britânica de Savile Row. Laura apaixonara-se por aquele rosto - os frios olhos azuis, a boca e o queixo firmes - como uma princesa por um príncipe encantado num conto de fadas. E, também como num conto de fadas, Peter conquistara-a quando ela mal completara dezoito anos. Era tudo com que Laura sonhara. Ela ergueu a boca para um beijo, mas recebeu um beijinho distraído na face.

- Não tenho muito tempo, Laura. Tenho reuniões sucessivas durante o dia inteiro. - Peter permaneceu de pé, com a cabeça inclinada e uma expressão contrariada. - Já disse que é mais conveniente telefonares primeiro para teres a certeza de que eu poderei receber-te. A minha agenda não é tão flexível quanto a tua. O sorriso de Laura desvaneceu-se.

- Desculpa. Não consegui falar contigo ontem à noite, e tinhas saído quando liguei esta manhã. Por isso...

- Fui ao clube para jogar um pouco de golfe e fazer uma sauna. Foi um dia cansativo.

- Posso imaginar.

"Como estás, Laura? E as meninas? Tive saudades vossas." Ela esperou por um momento, mas Peter não disse nenhuma dessas coisas.

- Vais jantar em casa hoje?

- Se eu puder voltar ao trabalho agora, devo terminar tudo por volta das sete horas.

- Ótimo. Gostava imenso que conseguisses chegar cedo a casa. Vamos ter um jantar em família. A Margo voltou.

Peter contraiu a boca por um instante, mas parou de olhar para o relógio.

- Voltou?

- Chegou ontem à noite. Está a sentir-se muito infeliz, Peter. E cansada.

- Infeliz? Cansada? - A risada foi rápida, sem qualquer humor. Não me surpreende, depois da última aventura que teve.

Ele reconheceu a expressão nos olhos da mulher e conseguiu reprimir a

sua fúria. Não era um homem que apreciasse as manifestações de raiva. Nem mesmo as suas.

- Pelo amor de Deus, Laura, espero que não a tenhas convidado para ficar.

- Não era uma questão de convite. A casa também é dela. Não era raiva agora, mas um extremo cansaço. Peter sentou-se, deixando escapar um longo suspiro.

- Laura, a Margo é a filha da nossa governanta. Isso não faz com que Templeton seja a sua casa. Levas as lealdades de infância longe de mais.

- Não, isso é impossível. Ela está em dificuldades, Peter, e não importa se a culpa é dela ou não. Precisa dos amigos e da família.

- O nome da Margo saiu em todos os jornais e ouviu-se nos noticiários da televisão. Os tablóides adoraram. Sexo, drogas e não sei mais o quê.

- Ela foi ilibada das acusações de tráfico de drogas, Peter, e com toda a certeza não é a primeira mulher a apaixonar-se por um homem casado.

A voz dele assumiu uma paciência entediada que sempre a deixava nervosa.

- Isso pode ser verdade, mas "discrição" não parece ser uma palavra que ela considere importante. Não posso deixar que associem o nome dela ao nosso. Não posso arriscar a nossa posição na comunidade. Não quero a Margo em minha casa.

Assim que ouviu as palavras de Peter, Laura ergueu a cabeça e apagou qualquer ideia de apaziguá-lo.

- É a casa dos meus pais - respondeu ela, sentindo a fúria a vibrar em cada palavra. - Estamos lá, Peter, porque eles queriam que a casa fosse habitada e amada. Sei que a minha mãe e o meu pai acolheriam a Margo com o maior prazer... e eu também.

- Entendo... - Ele cruzou as mãos sobre a mesa. - É um sarcasmo que não usavas há algum tempo. Moro na Casa Templeton, trabalho para o império Templeton, durmo com a herdeira Templeton.

"Quando te dás ao trabalho de voltar para casa", pensou Laura, sem nada dizer.

- Tudo o que tenho devo-o à generosidade Templeton.

- Não é verdade, Peter. Tens o teu valor próprio, és um hoteleiro experiente e de sucesso. E não há motivo para transformar uma conversa sobre a Margo numa discussão.

Peter avaliou-a por um instante, depois tentou uma tática diferente.

- Laura, não te incomoda ter uma mulher com essa reputação junto das nossas filhas? Claro que elas devem ter ouvido comentários, e a Allison pelo menos já tem idade suficiente para compreender alguma coisa.

O rubor espalhou-se pelo rosto de Laura, mas desapareceu imediatamente.

- A Margo é a madrinha da Ali e a minha amiga mais antiga. E será bem recebida na Casa Templeton enquanto eu lá viver, Peter.

- Ela empinou os ombros e fitou-o nos olhos. - Para usar palavras que compreendes, estes termos são inegociáveis. O jantar será servido às sete e meia, se puderes chega a tempo.

Laura saiu da sala, contendo o impulso de bater com a porta.

Agora, sozinha nos seus aposentos, Laura fez um esforço para reprimir a fúria que ameaçava voltar. De nada adiantava perder o controlo. Só servia para fazê-la sentir-se tola e culpada. Por isso, tinha de se acalmar, assumir a fachada falsa que cada vez mais se acostumava a exhibir.

Era importante lembrar-se de que Margo precisava dela. E cada vez era mais evidente que o seu marido não precisava.

- Posso experimentar o seu perfume, tia Margo? O que tem naquele frasquinho dourado? Posso?

Margo fitou o rosto esperançoso de Kayla. Se estivessem a escolher anjos, pensou ela, aquela menina, com os suaves olhos cinzentos e covinhas irresistíveis, ganharia o papel de certeza absoluta.

- Só duas gotas. - Margo tirou a tampa e colocou um pouco do perfume atrás das orelhas de Kayla. - Uma mulher não deve ser óbvia.

- Porquê?

- Porque o mistério é uma especiaria.

- Como a pimenta?

Ali, com três anos a mais que os seis de Kayla, soltou uma gargalhada desdenhosa. Mas Margo pôs Kayla no colo e abraçou-a.

- É uma maneira de falar. Também queres um bocadinho, Ali? Quase a babar-se sobre os frascos e boiões que estavam no toucador, Ali fez o melhor que pôde para parecer indiferente.

- Talvez, mas prefiro outro perfume.

- Muito bem, algo diferente. Vamos ver... - Margo girou a mão sobre um e outro frasco. - Algo ousado e atrevido.

- Mas que não seja óbvio - interveio Kayla.

- Assim é que se fala. É este mesmo!

Sem pensar duas vezes, Margo sacrificou um pouco de um perfume de setecentos dólares por cem mililitros. Era o novo Tigre da Bella Donna. Devia ter vinte daqueles frasquinhos adoráveis, de fabricação artesanal, no seu apartamento em Milão.

- Estás quase do meu tamanho - murmurou ela, desmanchando os caracóis dourados que caíam sobre os ombros de Ali.

- Já tenho idade suficiente para furar as orelhas, mas o papá não deixa.

- Os homens não compreendem essas coisas. - Como conseguia compreendê-la, e muito bem, Margo afagou o rosto de Ali, antes de ajeitar Kayla no joelho. - Enfeitar-nos é um privilégio das mulheres disse, oferecendo um sorriso encorajador a Ali através do espelho e voltando depois a maquilhar-se.

- A tua mãe vai conversar com ele.

- Ela não consegue falar com o papá sobre nada. Ele não a ouve.

- O papá está sempre muito ocupado - declarou Kayla, solene. Tem de trabalhar muito para termos uma posição.

- Para não perdermos o nosso estatuto social - esclareceu Ali, revirando os olhos, certa de que Kayla não compreendia nada de nada. As vezes, a mamã compreendia. A tia Kate ouvia sempre. Mas a sua esperança, a sua grande e nova esperança, era a de que aquela misteriosa e encantadora tia Margo compreendesse tudo.

- Tia Margo, vai ficar aqui agora que se passaram aquelas coisas horríveis consigo?

- Não sei.

Margo fechou o batom, com um pequeno estalido.

- Fico contente que tenha voltado para casa. Ali abraçou Margo.

- Eu também. - As emoções instáveis agitaram-se novamente. Margo levantou-se e pegou nas mãos das meninas. - Vamos descer para ver se há alguma coisa boa para comermos antes do jantar.

- Vamos ter acepipes na sala de estar - anunciou Ali, altiva, para depois soltar uma risadinha. - Quando há acepipes, ficamos quase sem apetite para o jantar.

- Venham comigo, meninas. - Margo parou no alto da curva da escada. - Vamos fazer uma entrada em grande estilo. Queixo erguido, olhos

penetrantes, barriga encolhida, os dedos a tocar ao de leve no corrimão.

Ela estava no meio da escada, por detrás das crianças, quando avistou a mãe lá em baixo. Ann estava parada, com as mãos cruzadas e uma expressão solene.

- Ah, menina Allison, menina Kayla, sentimo-nos honrados com a presença de ambas esta noite. Os acepipes serão servidos na sala da frente.

Ali inclinou a cabeça solenemente.

- Obrigada, menina Annie - conseguiu ela ainda dizer, antes de partir a correr atrás da irmã.

Só quando chegou ao último degrau é que Margo percebeu o brilho nos olhos da mãe. Pela primeira vez desde o seu regresso, estavam a sorrir descontraidamente uma para a outra.

- Tinha-me esquecido de como elas são maravilhosas.

- A menina Laura está a criar anjos.

- Foi o que eu pensei. Ela fez tudo certo... tudo o que eu não fiz. Mamã, sinto muito...

- Não vamos falar sobre isso agora. - Ann pôs a mão sobre a da filha, no corrimão. - Mais tarde... elas já estão à tua espera.

Ela começou a afastar-se, mas parou de repente.

- Margo, neste momento, a menina Laura precisa de uma amiga tanto quanto tu. Espero que sejas uma boa amiga.

- Diga-me qual é o problema. Ann sacudiu a cabeça.

- Não é da minha conta. Só peço que sejas uma boa amiga. Ela retirou-se, deixando Margo entrar sozinha na sala de estar. Ali atravessou a sala, com a língua presa entre os dentes e as duas mãos a segurar uma taça de champanhe borbulhante.

- Fui eu que o servi.

- Nesse caso, tenho mesmo de beber.

Margo pegou no copo e olhou ao seu redor. Laura tinha Kayla ao colo, enquanto Kate provava os acepipes que estavam na bandeja de prata georgiana. Havia um lume suave na lareira, emoldurado pelo brilho do lápis-lazúli. O espectacular espelho curvo por cima da lareira projectava reflexos de antiguidades polidas, porcelanas delicadas e a luz rosada dos globos de luz.

- Um brinde a estar em casa com as minhas amigas - murmurou Kate, tomando um gole do champanhe.

- Come uma destas tartes em miniatura - ordenou Kate, com a boca cheia. - Estão uma delícia.

"E porque não?", pensou Margo. O seu peso já deixara de ser uma questão fundamental. Ela deu uma trincadela e soltou um murmúrio de prazer.

- A sr.a Williamson ainda é uma maravilha. E já deve estar com oitenta anos.

- Fez setenta e três em Novembro. E ainda é capaz de preparar o mais incrível suflê de chocolate. - Laura piscou um olho a Kayla. Corre um rumor de que teremos isso esta noite.

- O papá diz que a sr.a Williamson se devia reformar, para contratarmos um chef francês, como os Barrymore, em Carmel.

Como Margo comera, Ali também provou uma tarte.

- Os chefs franceses são muito convencidos. - Como demonstração, Margo esticou um dedo por baixo do nariz e levantou-o pelo ar.

- E nunca fazem tartes de geleia para as meninas com as sobras de massa.

- Ela também vos fazia isso? - A imagem deixou Ali muito satisfeita. - E também vos deixava ajudar?

- Claro que sim. Mas tenho de admitir que a tua mãe era a melhor. Segundo a sr.a Williamson, eu era muito impaciente, enquanto a Kate se preocupava de mais em fazer tudo perfeito. A tua mãe tinha a noção exacta. Ela era a campeã das tartes de geleia.

- Um dos meus maiores feitos.

Margo percebeu o nervosismo na voz de Laura e ergueu uma sobrancelha. Laura encolheu os ombros e pôs Kayla no chão.

- O teu vestido é fabuloso, Margo. Milão ou Paris?

- Milão.

Se Laura queria mudar de assunto, ela far-lhe-ia a vontade. Assumiu uma pose, com a cabeça inclinada para o lado e uma das mãos na anca. A seda preta aderiu ao corpo, parando de forma ousada no meio das coxas. O decote quadrado permitia um vislumbre do vale entre os seios. As mangas transparentes estendiam-se da curva dos ombros aos pulsos, onde faiscavam pulseiras de diamantes.

- Um modelo novo de um novo e sensacional estilista.

- Vais congelar antes de a noite terminar - comentou Kate.

- Não quando tenho o coração tão quente. Vamos esperar pelo Peter?

- Não. - Laura tomou a decisão de repente, disfarçando a sua irritação quando percebeu o olhar preocupado de Ali. - Ele achava que as reuniões podiam demorar, não sabia quando conseguiria voltar para casa. Começaremos a jantar sem ele.

Laura pegou na mão de Kayla e virou o rosto quando Ann surgiu na porta.

- Desculpe, menina Laura, mas tem uma chamada para si.

- vou atender na biblioteca, Annie. Tomem outra taça de champanhe. Não vou demorar.

Margo e Kate trocaram um olhar que continha a promessa de uma conversa mais tarde. com uma animação deliberada, Margo encheu os copos e iniciou uma história sobre o jogo em Monte Carlo. Quando Laura voltou, as crianças tinham os olhos arregalados, e Kate balançava a cabeça.

- És incrível, Margo. Apostar vinte e cinco mil dólares para veres uma bolinha de prata a girar.

- Mas eu ganhei. - Margo suspirou à lembrança. - Ah, que tempo...

- Era o papá? - indagou Ali, adiantando-se para pegar na mão de Laura. - Ele vem?

- Não. - Distraída, ela passou os dedos pelos cabelos da filha. Não, querida, não era o papá.

Apesar de distraída, Laura percebeu imediatamente o desalento de Ali e, para tranquilizá-la, agachou-se a sorrir.

- Mas era uma boa notícia. Uma coisa muito especial.

- O que é? Uma festa?

- Melhor ainda. - Laura beijou o rosto de Ali. - O tio Josh vai voltar para casa.

Margo deixou-se cair no braço do sofá e descobriu que precisava de tomar um gole de champanhe.

- Maravilhoso... - murmurou ela.

CAPÍTULO 4

JOSHUA Conway Templeton era um homem que fazia as coisas no momento por si escolhido... e à sua maneira. Seguiu de carro para sul, tendo partido de San Francisco, porque decidira não voar directamente de Londres para Monterey. Podia ter inventado uma desculpa para o desvio, alegando que o Templeton San Francisco precisava de uma rápida inspecção. Mas esse hotel, um ponto de referência da família, funcionava com a precisão de um relógio suíço.

A verdade pura e simples é que, em determinado instante do voo, ele decidira comprar um carro.

E era um carro sensacional.

O pequeno Jaguar voava pela Auto-Estrada 1 como um fogoso puro-sangue ao ouvir o tiro de partida. Fez uma curva larga a mais de cem quilómetros por hora, o que proporcionou um sorriso a Josh.

Ali era o seu lar, naquela costa escarpada e solitária. Percorrera a espectacular estrada de Amalfi, em Itália, e atravessara os Alpes Suíços, mas essas paisagens deslumbrantes não eram nada quando comparadas com o cenário magnífico de Big Sur.

Big Sur tinha muito mais para oferecer: as praias brancas e as enseadas cintilantes, os penhascos que se projectavam num desafio do mar selvagem para o céu infinito, as florestas sombrias, a repentina surpresa de um regato que descia em cascatas de um desfiladeiro como prata líquida. E havia ainda quilómetros e mais quilómetros de tranquilidade, rompidos apenas pelo alarido das focas e pela fúria gelada das ondas.

O esplendor de todo aquele cenário deixava-o sempre com um aperto na garganta. Aonde quer que fosse, por mais tempo que se afastasse, aquele ponto singular do globo terrestre atraía-o sempre de volta.

Por isso estava agora a regressar a casa, no momento que escolhera e à sua maneira. Temerário, Josh testava o jaguar nas curvas fechadas, intermináveis, sucessivas, à beira das escarpas rochosas, por cima do mar implacável. Carregava no acelerador a fundo nas rectas, ria quando o vento o fustigava.

Não era a pressa que o impelia, mas o puro amor à velocidade e ao

acaso. Tinha tempo, pensou ele. Bastante tempo. E iria aproveitá-lo.

Estava preocupado com Laura. Havia alguma coisa na voz da irmã ao telefone que o deixara em alerta. Ela dissera tudo o que ele esperava ouvir, mas Laura era sempre assim. Teria de investigar a fundo quando chegasse.

Havia negócios para tratar. Ficara feliz por deixar a gestão dos Hotéis Templeton da Califórnia ao cuidado de Peter. Os balancetes não interessavam a Josh. Preferia tratar das vinhas, das fábricas e até mesmo gerir o dia-a-dia de um movimentado hotel de cinco estrelas, mas fazer contas era a área de Peter, não a sua.

Durante a maior parte dos últimos dez anos, ele desfrutara a liberdade de viajar pela Europa, efectuando as inspecções locais, supervisionando as mudanças necessárias, promovendo as reformas decididas nos empreendimentos da família: vinhas em França e em Itália, grandes olivais na Grécia, pomares em Espanha e, é claro, os hotéis, o começo de tudo.

Josh compreendia e apoiava a posição familiar antiga de que a diferença entre outro hotel e um Templeton era o facto de que este servia os seus próprios vinhos, usava o seu próprio azeite, os seus legumes e frutos e fabricava as suas roupas de cama e mesa. Os produtos Templeton eram sempre oferecidos nos hotéis Templeton. E parte do trabalho de Josh era certificar-se de que seriam bem aproveitados.

O seu título podia ser o de vice-presidente executivo, mas na essência ele era o homem que resolvia os problemas. De vez em quando, resolvia algumas questões legais ou supervisionava alguns processos. Um homem com um diploma da Faculdade de Direito de Harvard devia sempre usar os seus conhecimentos jurídicos de vez em quando. Mesmo assim, preferia pessoas a documentos, gostava de observar uma colheita, de beber ouzo com os empregados, ou de assinar um contrato entre copos de cristal e caviar no Robuchon em Paris.

O seu encanto era o trunfo mais valioso para o império Templeton... como a mãe dizia. Ele fazia tudo o que podia para não desapontá-la. Pois, apesar de um estilo de vida descuidado e até afoito, Josh levava a sério a família e os negócios. Eram uma única e mesma coisa para si.

Ao pensar na família, enquanto os pneus do Jaguar projectavam pedrínhas contra a limusina com quatro pessoas - que o observaram aturdidas - pela qual passou a toda velocidade, imaginou Margo.

Ela devia estar deprimida. Abalada, arrependida, angustiada. É claro que

tinha merecido. Os lábios de Josh contraíram-se numa expressão entre o sorriso e o desdém. Recorrera aos seus contactos, cobrara favores passados, fizera tudo o que podia para livrá-la depressa e por completo de toda e qualquer acusação criminal em Atenas.

Afinal, o Templeton Atenas era um hotel antigo e distinto. Juntamente com o Templeton Resort Atenas, atraía muitos turistas e dinheiro para o país.

Não pudera fazer muita coisa para abafar o escândalo, nem para reparar os danos à carreira que Margo desenvolvera na Europa. Se é que se podia chamar carreira aos olhares lânguidos para uma câmara.

"Margo terá de superar tudo", reflectiu ele, o sorriso agora mesclado de arrogância. E tencionava ajudá-la. À sua maneira.

Num hábito antigo que mal percebia, Josh desviou-se para a berma da estrada e parou o carro com um ranger de pneus. Ali, ainda mais alto, numa colina escarpada, cercada por árvores luxuriantes com a Primavera, por entre trepadeiras que ostentavam lindas flores, ficava o seu lar.

Pedra e madeira, dois dos recursos que os Templeton tinham aproveitado, projectavam-se do terreno acidentado. A estrutura original de dois andares fora construída por um antepassado como uma casa de campo. Resistira por mais de cento e vinte e cinco anos, sobrevivendo a tempestades, inundações, terramotos e à passagem do tempo.

Tinham sido acrescentadas alas por gerações posteriores, estendendo-se para um lado e outro, acomodando-se à encosta. Duas torres iguais erguiam-se para o céu em desafio... um acréscimo da fantasia do seu pai. Patamares largos de madeira e terraços de pedra sobressaíam por baixo das janelas altas e arqueadas, além das portas de vidro, para oferecer dezenas de panoramas.

Arbustos e árvores desabrochavam em flores cor-de-rosa, brancas e amarelas. "Os tons da Primavera", pensou Josh, "viçosos e convidativos". E os relvados exibiam um verde claro e suave. Ele adorava a forma como a vegetação subia da base rochosa, tornando-se cada vez mais exuberante e bem cuidada à medida que se aproximava da casa.

A terra e o mar eram parte integrante da casa, de uma forma intrincada e íntima, tanto quanto os remates em curvas graciosas das portas e janelas e as pedras cintilantes.

Josh adorava a casa pelo que era, pelo que fora, por tudo o que lhe proporcionara. E sentia-se feliz por saber que Laura velava por ela.

O prazer de contemplá-la levou-o a percorrer a estrada em alta

velocidade, acelerando pelo caminho sinuoso, para de repente pisar o travão, aturdido, ao deparar-se-lhe um alto portão de ferro.

Josh observou-o por um instante com cara de poucos amigos, até que o intercomunicador ao lado do carro soou.

- Casa Templeton. O que deseja?

- O que está a acontecer aqui? Quem pôs este portão?

- Eu... sr. Joshua?

Ao reconhecer a voz, ele fez um esforço para conter a irritação.

- Annie, quer abrir este portão ridículo? E, a menos que estejamos a ser atacados, deixe isto aberto.

- Claro, senhor. Seja bem-vindo.

"Em que é que Laura está a pensar?", especulou Josh, enquanto o portão se abria, silenciosamente. A Casa Templeton sempre fora um lugar acolhedor. Os seus amigos subiam por aquele caminho a toda a hora durante a sua juventude, a pé, de bicicleta, de carro. A ideia de ficar trancado, mesmo que por algo tão simples quanto um portão, estragou o prazer de passar da vegetação desordenada para os jardins e relvados bem tratados.

Mal-humorado, ele deu a volta na ilha central, com magníficas plantas de folhagem permanente e narcisos em flor, deixou as chaves e a bagagem no carro, enfiou as mãos nos bolsos e subiu os velhos e adoráveis degraus de granito para o terraço da frente.

A porta principal era recuada, com três metros de altura e em arco, emoldurada por mosaicos que formavam um padrão de buganvílias púrpuras e por resguardos com flores vivas nos lados. Josh sempre pensara que era como entrar por um jardim.

A porta abriu-se no instante em que ele estendia a mão para a maçaneta. Laura pulou literalmente para os seus braços.

- Ah, que bom que voltaste! - exclamou ela, cobrindo de beijos o rosto do irmão e fazendo-o sorrir de novo.

- Por um momento, pensei que me querias impedir de entrar. A perplexidade nos olhos de Laura levou-o a beliscar-lhe o queixo, um hábito antigo, e acrescentar:

- Para que é o portão?

- Ah... - Laura corou um pouco, enquanto recuava e ajeitava os cabelos.

- O Peter achou que precisávamos de alguma segurança.

- Segurança? Basta subir algumas rochas para dar a volta.

- É verdade, mas...

Ela dissera a mesma coisa e, como se tratava de Josh, desistiu de argumentar, limitando-se a murmurar:

- Parece seguro. E importante. - Ela pegou no rosto de Josh entre as mãos. - E tu também... pareces importante.

Na verdade, ela achou Josh irritado e descontrolado. Para acalmá-lo, entrelaçou o seu braço no dele e soltou um murmúrio de admiração ao ver o carro lá em baixo.

- Onde arranjaste o brinquedo novo?

- Em San Francisco. Voa como um bólido.

- O que explica porque chegaste uma hora antes. Sorte tua que a sr.a Williamson se fartou de trabalhar na cozinha durante toda a manhã, a preparar os pratos predilectos do seu Menino Josh.

- Diz-me que teremos torta de salmão ao almoço, e estará tudo perdoado.

- Torta de salmão - confirmou Laura. - Allumettes, foe gras, espargos e bolo Floresta Negra. Uma combinação e tanto. Mas vamos entrar. Quero que me contes tudo sobre Londres. Vieste de Londres, não foi?

-Apenas uma rápida viagem de negócios. Depois de passar alguns dias de folga em Portofino.

- Ah, é verdade. - Laura levou-o para a sala de estar, onde serviu a borbulhante água mineral que os Templeton engarrafavam. As cortinas estavam abertas, como ela gostava, formando molduras para os bancos nas janelas, ornamentados com almofadas coloridas. - Foi lá que te procurei quando soube da Margo.

- Hum, hum... - Ele já estava a trabalhar para ajudar Margo quando Laura telefonou, mas não lhe revelou essa informação agora, limitando-se a passar a mão por um ramo de frésias numa jarra Meissen. Como é que ela está?

- Consegui persuadi-la a sentar-se à beira da piscina para apanhar um pouco de sol. Tudo aquilo foi terrível para ela, Josh. A Margo parecia derrotada quando voltou para casa. A Bella Donna já não quer ser representada por ela. O contrato estava prestes a ser renovado, e é quase certo que já não vai ser.

- É terrível. - Josh sentou-se na poltrona junto à lareira e esticou as pernas. - Mas talvez ela possa anunciar um creme facial de outro fabricante

qualquer.

- Sabes muito bem que não é fácil, Josh. Ela foi o rosto da Bella Donna na Europa. Aquele contrato era a principal fonte de rendimento dela e agora foi cortada. Além disso, se prestaste alguma atenção à imprensa, sabes que as possibilidades de a Margo conseguir qualquer trabalho aqui nos Estados Unidos são quase nulas.

- Ou seja, ela terá de arranjar agora um trabalho a sério. A lealdade fez Laura empinar o queixo.

- Sempre foste duro de mais com ela.

- Alguém tem de ser.

Mas ele sabia que argumentar sobre Margo com a irmã era inútil. O amor sempre cegava Laura.

- Está bem, querida, lamento o que lhe aconteceu. O facto é que ela passou por momentos terríveis, mas a vida é assim mesmo. Seja como for, a Margo acumulou muitas liras e francos nos últimos anos. Tudo o que tem de fazer agora é usar o rendimento dos seus investimentos, lamber as feridas e pensar no que fará em seguida.

- Acho que ela perdeu tudo o que tinha.

Josh ficou tão surpreendido, que largou o copo.

- Como assim?

- A Margo pediu à Kate para verificar as contas. A Kate ainda não acabou, mas tenho a impressão de que a situação é crítica. E a Margo sabe disso.

Josh não podia acreditar. Examinara o contrato com a Bella Donna e sabia que o salário e os benefícios seriam suficientes para deixá-la numa situação confortável durante dez anos.

Mas soltou logo um grunhido irritado. Porque não podia acreditar? Afinal, dizia-se muita coisa sobre Margo.

- Mas o que é que ela andou a fazer? Lançava dinheiro ao Tibre?

- O estilo de vida dela... afinal, a Margo é uma celebridade na Europa e... - Laura especulou se não estaria já demasiado preocupada para ainda ter de explicar. - Não sei bem, Josh, mas era aquele canalha, que a meteu nesta embrulhada, quem administrava o dinheiro da Margo nos últimos anos.

- Mas que idiotice! E agora ela volta a rastejar para casa, lamuriando- se.

- Ela não se lamuriou. E eu já devia esperar que tu assumisses essa posição. Os homens são mesmo assim. Nenhum de vocês tem qualquer

lealdade ou compaixão. O Peter queria expulsá-la de casa como se...

- Ele que tente - murmurou Josh, com um brilho ameaçador nos olhos. - A casa não é dele.

Laura abriu a boca, mas tornou a fechá-la. Se aquela montanha-russa emocional em que se encontrava presa não parasse muito em breve, acabaria a saltar lá de cima.

- O Peter não foi criado com a Margo como nós. Não se afeiçãoou a ela como nós nos afeiçãoamos. Não consegue compreender.

- Nem precisa compreender - disse Josh, ríspido, enquanto se levantava. - Ela está na piscina?

- Deve estar. Josh, não vás até lá para te pões a censurá-la. A Margo já se sente demasiado infeliz.

- vou apenas esfregar um pouco de sal nas feridas dela. Depois, ao sair, pontapeio alguns cachorrinhos, antes de executar a minha quota habitual de viúvas e órfãos.

Os lábios de Laura contraíram-se.

- Tenta apenas apoiá-la. O almoço será servido no terraço sul dentro de meia hora.

Assim ela teria tempo de mandar levar a bagagem do irmão para o quarto e arrumar tudo.

Margo deu pela presença de Josh no instante em que ele atravessou o caminho para a beira da piscina. Não o viu nem ouviu. Mas o seu instinto, quando se tratava de Josh, era como um sexto sentido. Como ele não disse nada e limitou-se a sentar-se numa das cadeiras junto à piscina, Margo continuou a nadar.

É claro que estava muito frio para nadar, mas Margo tinha de se entreter. Além disso, a água era aquecida. O vapor elevava-se para o ar mais frio, e cada braçada punha o seu braço em contacto com a brisa revigorante.

Ela atravessou a piscina em braçadas longas e lentas, arriscou um rápido olhar para Josh. Estava a olhar para as roseiras. "Está preocupado", pensou Margo.

Josh tinha os olhos de Laura. Surpreendia-a sempre ver os adoráveis olhos cinzentos de Laura no rosto de Josh. Afinal, ele tinha um rosto mais duro, mais impaciente, mais disposto a divertir-se à custa dela.

Enquanto dava a volta para fazer mais uma piscina, Margo verificou que ele adquirira um bronzado algures. Era apenas uma ligeira insinuação de

cor, que acrescentava mais uma pitada de atracção a um rosto que já exibia uma beleza fascinante.

Como alguém que aceitara ter tido sorte na lotaria genética, Margo não dava muita importância à simples boa aparência. Afinal, era apenas uma questão de destino.

Mas o destino de Joshua Templeton era superior.

Tinha o cabelo um pouco mais escuro que o da irmã. "Fulvo, deve ser esse o termo certo", reflectiu Margo. Ele deixara-o crescer um pouco desde a última vez que se tinham encontrado. Quando fora mesmo... três meses antes, em Veneza? O cabelo cobria agora a gola da camisa de seda bege, que tinha as mangas enroladas até aos cotovelos.

Enquanto nadava, Margo recordou a boca generosa e expressiva de Josh. Podia sorrir de uma maneira encantadora, soltar uma gargalhada desdenhosa num estilo irritante e, pior ainda, contrair-se num sorriso tão frio que gelava o sangue da pessoa à sua frente. O queixo era firme. Felizmente, Josh Optara por rapar a barba que ostentara por algum tempo na casa dos vinte anos. O nariz era recto um pouco aristocrático. De um modo geral, ele irradiava uma aura de sucesso, confiança e arrogância, a que se somava uma insinuação de perigo latente.

Margo detestava admitir que houvera uma altura na adolescência em que se sentira ao mesmo tempo atraída e assustada por aquela aura.

Tinha certeza de uma coisa agora: Josh era a última pessoa no mundo que ela permitiria perceber o quão assustada estava a sentir-se com o presente e o futuro naquele momento. Devagar, ela levantou-se na parte rasa da piscina. A água escorria do corpo enquanto se encaminhava para a escada. Estava a sentir muito frio, mas ficaria toda roxa antes de admiti-lo.

Como se só então percebesse que já não estava sozinha, Margo ergueu o rosto e sorriu. A voz saiu baixa, um pouco rouca, quase insinuante.

- Ora, Josh, o mundo é mesmo pequeno...

Margo trazia vestido um biquini safira. As suas curvas eram sensuais, a pele tão lisa quanto mármore polido, com o brilho da seda delicada. Tinha consciência de que a maioria dos homens lançava um único olhar para o que Deus lhe dera e mergulhava no mundo da fantasia.

Josh limitou-se a baixar um pouco os seus óculos de sol e fitá-la por cima deles. Reparou que ela emagrecera e que a sua pele gloriosa estava arrepiada. com um sorriso fraternal, atirou-lhe uma toalha - Vais começar a

bater os dentes não tarda nada Irritada, ela colocou a toalha em torno do pescoço e cerrou os punhos.

- É revigorante. De onde vieste?

- Portofino, através de Londres.

- Portofino, um dos meus lugares preferidos, embora os Templeton não tenham qualquer hotel lá. Ficaste no Splendido?

- Onde mais poderia ser?

Se Margo queria armar-se em tonta e ficar ali parada a congelar, não seria ele quem a ia impedir. Portanto, cruzou os tornozelos e reclinou-se na cadeira.

- A suíte no canto - acrescentou ela, recordando. - De cujo terraço se pode contemplar a baía, as colinas e os jardins.

Fora essa a intenção de Josh. Dois ou três dias para relaxar um pouco, velejar na baía. Mas estivera ocupado de mais, em negociações com polícias e políticos na Grécia, através do telefone e do fax, para aproveitar a vista.

- Como estava Atenas?

Josh quase se arrependeu de ter feito a pergunta, ao perceber o tremor nos olhos de Margo. A recuperação do choque, no entanto, foi rápida.

- Não tão agradável como de costume. Um pequeno mal-entendido. Mas já está tudo resolvido. Foi irritante, no entanto, a interrupção do meu cruzeiro.

- Posso imaginar. Uma lamentável desconsideração das autoridades. Tanta inconveniência só por causa de uns quilos de heroína.

Margo sorriu, descontraída.

- Foi exactamente o que pensei. - com um ar negligente, ela pegou no roupão que pendurara no encosto de uma cadeira. Nem mesmo o orgulho a impediria por muito mais tempo de começar a tremer. - Pelo menos vou aproveitar a folga, esta pequena interrupção na rotina. Há muito que não consigo ter tempo suficiente para visitar a Laura, a Kate e as meninas.

Ela deu um nó no cinto do roupão e quase soltou um suspiro de alívio.

- E a ti também, é claro, Josh. - Por saber que isso o irritava, Margo inclinou-se para a frente e bateu de leve no seu rosto. - Quanto tempo vais ficar por aqui?

Ele segurou-a pelo pulso, sabendo também que isso a irritava.

- O tempo que ficar.

- Isso é ótimo. - Margo nunca se lembrava que ele era mais alto, até se

defrontar com aquele corpo comprido e esguio. - Será como nos velhos tempos, não é? Bem... acho que vou entrar e vestir roupas secas.

Ela beijou-o no rosto, gritou um ciao enquanto se afastava, descendo o caminho em direcção a casa.

Josh observou-a, odiando-se por se sentir aborrecido de não a ter encontrado abalada e em lágrimas. E odiou-se ainda mais pelo facto de que estava e sempre estivera apaixonado por ela.

Margo precisou de seis tentativas antes de decidir o traje apropriado para o almoço. A túnica de seda larga e as calças compridas de um rosa delicado pareciam bastante informais, ao mesmo tempo que mantinham uma certa elegância e classe. Ela completou a toilette com enormes brincos de ouro, pulseiras e uma corrente entrançada comprida. Os sapatos exigiram mais dez minutos, até que ela teve a súbita inspiração de ir descalça. O que lhe proporcionaria um ar de despreocupação.

Não podia explicar porque se sentia sempre compelida a impressionar Josh, a empenhar-se em superá-lo. A rivalidade entre irmãos parecia uma explicação demasiado fácil e insuficiente.

Era verdade que Josh a provocava de forma sistemática quando eram crianças, com a vantagem dos seus quatro anos a mais; atormentara-a na adolescência; e, quando os seus caminhos se cruzaram na vida adulta, fizera com que se sentisse alternadamente tola, superficial e irresponsável.

Um dos motivos pelos quais o contrato da Bella Donna significara tanto para ela fora o de ser uma medida concreta de sucesso que podia agitar diante do nariz desaprovador de Josh. Agora, ela não tinha mais nada. Só lhe restava a imagem... apoiada no guarda-roupa e nas jóias que acumulara arrebatadamente ao longo dos anos.

E tinha de agradecer a Deus por ter escapado da confusão em Atenas antes que Josh aparecesse no seu cavalo branco para a salvar. Seria uma humilhação que ele jamais a deixaria esquecer.

Foram as gargalhadas de Laura que Margo ouviu primeiro ao descer a escada e encaminhar-se para o terraço sul. Parou no mesmo instante e compreendeu que era isso o que faltara durante os dois últimos dias: o riso de Laura. Ficara tão absorvida na sua angústia que nada notara. Por mais que a presença de Josh a deixasse nervosa, ela tinha de estar grata... porque ele fizera Laura voltar a rir.

Quando saiu para o terraço para se juntar a eles, Margo estava também a

sorrir.

- Qual é a piada?

Josh inclinou-se simplesmente para trás, com um copo de água na mão, e estudou-a. Mas Laura pegou na mão de Margo.

- O Josh passa a vida a contar-me um horrível crime secreto qualquer que cometeu quando éramos pequenos. Acho que faz isso para me deixar aterrorizada antevendo o momento em que a Ali e a Kayla comecem a fazer essas coisas comigo.

- As meninas são uns anjos. - Margo sentou-se à mesa redonda de tampo de vidro, sob um caramanchão de glicínias em flor. O Josh era o Diabo em pessoa.

Ela barrou foi gras numa torrada, comeu um pouco e só depois perguntou:

- Qual foi o crime?

- Lembras-te daquela noite em que fomos as duas ao penhasco da Seraphina com Matt Bolton e Biff Milard? Era Verão, tínhamos acabado de fazer quinze anos. A Kate não estava connosco porque era um ano mais nova e ainda não podia sair à noite com um rapaz.

Margo transportou os pensamentos para o passado.

- Saímos muitas vezes com o Matt e o Biff naquele Verão. Até que o Biff tentou abrir o teu sutiã e deixaste-o com o nariz a deitar sangue.

- O quê? -Josh ficou alerta nesse mesmo instante. - Que queres dizer com... ele tentou abrir o teu sutiã?

- Tenho a certeza de que tu próprio já tentaste essa manobra diversas vezes - comentou Margo, secamente.

- Está calada, Margo. Nunca me disseste que ele tentou... - Os olhos de Josh exibiam um brilho de guerreiro. - Que mais tentou ele?

Laura suspirou e decidiu que estava a gostar da torta de salmão mais do que esperara.

- Nada que mereça a pena voares para Los Angeles, procurá-lo e abatê-lo a tiro como se fosse um cão raivoso. E, se eu quisesse que ele me abrisse o sutiã, não lhe teria dado um murro no nariz, não achas? Voltando à história, foi naquela noite que ouvimos o fantasma da Seraphina.

- Ah, estou a lembrar-me agora.

Margo serviu-se de mais patê. Reparou que estavam a usar o serviço de almoço de porcelana Tiffany. O padrão de Monet, com os seus alegres tons

de azul e amarelo. E, para realçá-lo, uma jarra de prata com jasmims de estufa. "O toque da minha mãe", pensou ela. Ann usara a mesma porcelana, as mesmas flores, quando permitira que Margo oferecesse o lanche às amigas por que tanto ansiava ao completar treze anos.

Seria a maneira discreta e silenciosa de a mãe lhe dar as boas-vindas? Sacudindo a cabeça, voltou a concentrar-se na conversa.

- Sentámo-nos no penhasco, bem agarradinhos.

- Define "bem agarradinhos" - exigiu Josh.

Margo limitou-se a sorrir e roubou uma batata do prato dele.

- Estava lua cheia, o luar banhava a água de prata. As estrelas eram imensas e brilhantes, o mar parecia estender-se até ao infinito. E de repente ouvimo-la. Ela estava a chorar.

- Como se o seu coração se fosse partir - acrescentou Laura. - Um choro intenso, mas suave, como se viesse de longe. Ficámos apavoradas e emocionadas.

- E os tipos assustaram-se tanto que esqueceram todas as tentativas e só queriam levar-nos para o carro. Mas continuámos ali. Ouvíamos os sussurros, os gemidos, os soluços. Depois ela falou. - Margo estremeceu com a recordação. - Em espanhol.

- Tive de traduzir, porque tu passavas as aulas da professora Lupez demasiado ocupada a pintar as unhas, e não lhe prestavas atenção. Ela disse: "Encontrem o meu tesouro. Ele espera por amor."

Margo suspirou, enquanto Josh desatou a rir.

- Demorei três dias para ensinar a Kate a dizer isso sem se engasgar. Ela nunca teve bom ouvido para línguas. Quase caímos no mar de tanto rir quando vocês as duas começaram a gritar.

Margo contraiu os olhos.

- Tu e a Kate?

- Planeámos aquilo durante uma semana. - Como ela não parecia interessada, Josh pôs a torta de salmão de Margo no seu prato. A Kate sentiu-se excluída quando vocês passaram a sair sem ela. Tive a ideia quando a encontrei sozinha e angustiada nos penhascos. Toda a gente sabia que vocês iam para lá com o Tolo e o Tolo Maior. Achei que serviria para animar a Kate.

Ele engoliu o salmão, sorriu e arrematou:

- Resultou.

- Se a mãe e o pai soubessem que andaste com a Kate pela beira do penhasco à noite, ter-te-iam morto.

- Valeria a pena. Vocês não falaram de outra coisa durante semanas. A Margo queria até chamar um médium.

Ela estremeceu.

- Foi apenas uma sugestão.

- Chegaste a procurar na lista telefónica - lembrou Josh. - E foste a Monterey para comprar cartas de tarot.

- Eu andava a fazer experiências... - Margo fez uma pausa, e depois soltou uma gargalhada. - Mas que droga, Josh! Gastei até ao meu último centavo naquele Verão em cristais e cartomantes, quando andava a poupar na maior ânsia para comprar uns brincos com safiras. Seria uma boa lição para ti se eu encontrasse o dote perdido da Seraphina.

- Isso nunca existiu.

Josh empurrou o prato para longe para não comer mais e arrepender-se. Também, como é que um homem conseguia continuar a comer depois daquela risada rouca e sensual de Margo que o levava a uma frustração de desejo?

- Claro que existe. Ela escondeu-o para evitar que caísse nas mãos dos invasores americanos, depois lançou-se ao mar, porque não queria viver sem o seu amor.

Josh lançou um olhar divertido e afectuoso a Margo.

- Ainda não ultrapassaste a etapa do conto de fadas, não é? É uma lenda bonita, não passa disso.

- E as lendas baseiam-se persistentemente em factos. Se não fosses tão obtuso...

- Tréguas! - Laura ergueu as mãos, enquanto se levantava. - Tentem não arrancar pedaços um do outro enquanto eu vou buscar a sobremesa.

- Não sou nada obtuso - protestou Josh, antes que a irmã passasse pela porta. - Sou apenas racional.

- Tu alguma vez tiveste alma? Era de esperar que alguém que passou tanto tempo na Europa como tu, exposto a Roma, Paris...

- Algumas pessoas trabalham na Europa - interrompeu Josh, experimentando a satisfação de ver os olhos de Margo tornarem-se sombrios e perigosos. - Era exactamente essa a expressão que exibias naquele anúncio do perfume. Como é que se chamava? Savage.

- A campanha aumentou as vendas da Bella Donna em dez por cento. É por isso que se considera trabalho o que eu faço.

- Tens razão. - Ele pôs mais água no copo de Margo. - O Matt alguma vez tentou abrir-te o sutiã?

"Calma", disse ela a si mesma. "Está tudo sob controlo." Pegou no copo e fitou Josh nos olhos.

- Nunca usei sutiã. - Margo observou-o a baixar os olhos e acrescentou: - Naquele tempo.

Rindo, ela levantou-se e esticou-se.

- Talvez me sinta contente por tu estares em casa, afinal. Preciso de alguém com quem discutir.

- O prazer é todo meu. O que se passa com a Laura? Margo baixou os olhos.

- És rápido a perceber as coisas, Josh. Sempre foste. Ela está preocupada comigo. Talvez seja tudo, mas não tenho a certeza.

"Tenho de descobrir", pensou Josh, levantando-se também.

- E tu? Também estás preocupada contigo? Surpreendeu-a a gentileza na voz de Josh, o roçar dos dedos no seu queixo. Podia apoiar-se nele, concluiu Margo, com um sobressalto. Podia encostar a cabeça naquele ombro, fechar os olhos, e tudo ficaria bem... pelo menos por um momento. Ela quase se adiantou para isso, antes de reflectir que seria uma insensatez.

- Não vais ser gentil comigo, pois não?

- Talvez. - Podia ser pela confusão nos olhos de Margo, ou a fragrância sensual que exalava da sua pele, mas ele precisava de lhe tocar. Pôs-lhe as mãos nos ombros, os olhos encontraram-se. - Precisas de ajuda?

- Eu... - Margo sentia algo nos seus lábios. Ficou aturdida ao descobrir que era a expectativa de um beijo de Josh. - Eu acho...

- com licença.

com o rosto impassível, Ann parou na entrada do terraço, com um telefone portátil na mão. Os seus olhos faiscaram no que poderia ser divertimento quando Josh baixou as mãos abruptamente, como se tivesse sido surpreendido a arrancar as roupas da sua filha.

- A menina Kate está ao telefone, quer falar contigo, Margo.

- Ah... - Margo olhou atordoada para o telefone que a mãe pôs na sua mão. - Obrigada... Olá, Kate.

- Algum problema? Pareces...

- Não, não, não há nada - interrompeu Margo, jovial. - Como estás?

- Estamos na altura da entrega do imposto sobre o rendimento. Como pensas que é a vida de uma contabilista neste momento? É por isso que não posso ir até aí. Mas precisamos muito de conversar, Margo. Podes vir ao meu escritório esta tarde? Posso ficar por tua conta entre as três e trinta e as três e cinquenta.

- Claro. Se tu...

- vou ficar à espera. Margo desligou.

- Ela foi sempre uma campeã da comunicação.

- Estamos perto do dia 15 de Abril. A hora do aperto.

Margo ergueu uma sobrancelha. Notou que Josh parecia inteiramente à vontade. Toda aquela tensão, toda aquela... expectativa devia ter sido imaginação sua.

- Foi o que me disse. Tenho de ir ao escritório dela. É melhor verificar se a Laura me pode emprestar um carro.

- Leva o meu. Está lá na frente. com as chaves na ignição. A expressão de dúvida diante da sugestão, ele ofereceu um sorriso encantador. - Ora, Margo, quem te ensinou a guiar?

- Foste tu. - Os olhos de Margo animaram-se. - E com uma paciência anormal.

- Porque me sentia apavorado. Aproveita o passeio. E, se arranhares o carro, podes ter a certeza de que te atiro pelo penhasco da Seraphina.

Assim que ela se retirou, Josh voltou a sentar-se, pensando que agora não iria ficar só com o pedaço de bolo de Margo, mas teria também a oportunidade de descobrir o que estava a perturbar a irmã.

CAPÍTULO 5

KATE Powell era coerente, objectiva e muitas vezes inflexível. Enquanto atravessava o corredor do segundo andar da Bittle & Associates, com a sua intensa actividade, o som dos telefones, o ruído dos teclados, Margo compreendeu que era exactamente aquilo que Kate desejara desde a infância. Sem qualquer desvio, ela encaminhara-se para aquela profissão durante toda a sua vida.

Como não podia deixar de ser, Kate destacara-se nos cursos de matemática avançada na escola secundária. Fora por três vezes a tesoureira da turma. Nos Verões e feriados prolongados trabalhava na contabilidade do Templeton Resort, a fim de adquirir experiência profissional. Ganhara uma bolsa de estudos em Harvard, tirara o seu MBA, recusara com firmeza a proposta de um cargo em qualquer dos escritórios da Templeton.

Nem podia aceitar, pensou Margo, observando o tapete e paredes discretas e sentindo a tensão nervosa do período de declaração de rendimentos. Kate preferira a Bittle, assumindo um cargo de início de carreira. O salário seria mais alto numa firma em Los Angeles ou Nova Iorque. Mas, por outro lado, não poderia ficar perto de casa.

Nesse ponto Kate também era coerente.

E empenhara-se em subir na empresa. Margo não sabia muito sobre contabilistas, excepto que passavam o tempo a falar de impostos, paraísos fiscais e projecção de lucros, mas tinha a noção de que Kate era agora responsável por vários clientes importantes na velha, respeitada e - na opinião de Margo - arcaica firma Bittle & Associates.

"Pelo menos todos estes anos valeram-lhe um bom escritório", reflectiu Margo, ao espreitar pela porta. No entanto, não conseguia compreender como é que alguém podia passar o dia inteiro entre quatro paredes, de costas para a janela. Kate, porém, parecia bastante contente.

A sua secretária estava impecável, como se podia esperar. Nada de bugigangas, pisa-papéis exóticos, engenhocas diversas a atravancar a superfície. Margo sabia que para Kate a desordem era um dos sete pecados capitais, como a impulsividade, a deslealdade e um livro de cheques desorganizado.

Havia algumas pastas numa pilha meticulosa na beira da secretária de apoio. Dezenas de lápis afiados com uma precisão letal sobressaíam de uma caixa de Ludte. Um pequeno computador zumbia, enquanto Kate carregava nas teclas.

Ela tirara o casaco azul-marinho e pendurara-o no encosto da cadeira giratória. As mangas da blusa branca engomada estavam enroladas, num estilo profissional. Kate franzia o rosto, com uma ruga de concentração entre as sobrancelhas, por cima dos óculos de leitura. Embora o telefone tocasse sem parar, não lhe despertava nenhuma reacção.

Até quando Margo entrou, Kate levantou um único dedo, continuando a trabalhar no teclado com a outra mão. Depois, com um grunhido, acenou com a cabeça e levantou os olhos.

- Chegaste a horas, para variar. Podes fechar a porta, por favor? Sabes quantas pessoas esperam até Abril para organizar as suas contas?

-Não.

- Toda a gente. Senta-te.

Enquanto Margo se sentava na cadeira castanha à frente da secretária, Kate levantou-se. Movimentou os ombros, girou a cabeça, murmurando o que parecia ser "relaxar". Tirou os óculos, enfiou a haste no bolso da blusa, e deixou-os pendurados assim, como uma medalha. Depois, virou-se, pegou em duas canecas brancas de uma prateleira, e estendeu a mão para a cafeteira eléctrica.

- A Annie disse-me que o Josh está em casa.

- Acabou de chegar, bronzeado e lindo.

- Digam-me lá, quando é que ele não teve esse aspecto?

Kate notou que se esquecera de abrir as persianas, mais uma vez. Foi o que fez agora, deixando a luz natural entrar na sala para guerrear com o brilho das lâmpadas fluorescentes.

- Espero que ele planeie ficar por algum tempo. Não terei qualquer tempo livre até ao dia quinze.

Ela tirou da gaveta uma garrafa de antiácido, desatarraxou a tampa e bebeu um gole, como uma alcoólica veterana com uma garrafa de uísque.

- Oh, Kate, como podes fazer isso? É horrível! Kate limitou-se a franzir o sobrolho.

- Quantos cigarros fumaste hoje, campeã?

- Não é essa a questão. - com uma careta, Margo observou Kate guardar

a garrafa na gaveta. - Pelo menos, sei que estou a matar-me lentamente. Mas tu tens de procurar um médico. Tens de aprender a relaxar. Podias tentar os exercícios de ioga de que te falei...

- Esquece.

Kate interrompeu a prelecção no meio da frase e olhou para o seu Timex. Não tinha tempo nem disposição para se preocupar com um estômago nervoso, pelo menos até terminar de calcular o resumo de perdas e ganhos de capital na tela do computador.

- Tenho um cliente que deve chegar dentro de vinte minutos. Não disponho de tempo para discutir os nossos diferentes vícios. Ela entregou uma caneca a Margo e ajeitou-se de lado na borda da secretária. - O Peter apareceu?

- Não o vi. - Margo hesitou por um instante, mas fazer um sermão a Kate sempre fora um caso de frustração. Era melhor, decidiu ela, concentrar-se nos problemas de uma só amiga de cada vez. A Laura não fala muito sobre o assunto. Kate, ele está a viver no hotel?

- Não oficialmente. - Kate começou a roer as unhas, mas logo parou, decidida. "É apenas uma questão de força de vontade", lembrou a si mesma. Em vez disso, bebeu um gole do café. - Mas pelos rumores que escuto, ele passa mais tempo lá do que em casa.

Ela encolheu os ombros. A cabeça latejava de uma maneira terrível. Entre o período da declaração de rendimentos e os problemas das suas maiores amigas, iniciava cada dia com uma dor de cabeça de tensão.

- É verdade que esta época do ano também é bastante movimentada para ele.

Margo sorriu.

- Nunca gostaste dele. Kate retribuiu o sorriso.

- Nem tu.

- Se há problemas no paraíso, talvez eu possa ajudar a Laura. Mas se ele se mantém à distância por causa da minha presença, tenho de me ir embora. Posso ficar no resorí.

- O Peter passou muitas noites fora de casa antes do teu regresso. Não sei o que fazer, Margo. - Ela esfregou os olhos, mostrando as unhas por pintar. - A Laura não quer falar sobre isto, e de qualquer maneira sou péssima a dar conselhos sobre relacionamentos.

- Ainda namoras com aquele outro contabilista da firma?

- Não. - Kate não quis prosseguir. "Livro fechado", disse a si mesma, embora ainda ardesse. - Não tenho tempo para essas coisas. Estou tão ocupada nos próximos dias, que fico satisfeita por estares em casa, com a Laura e as crianças.

- Continuarei lá, a menos que aches que posso complicar as coisas para ela. - Distraída, Margo tamborilou no braço da cadeira, as unhas pintadas de rosa contrastando com o castanho opaco. - A Laura demonstrou uma enorme felicidade pelo regresso do Josh. Acho que não tinha percebido de como ela se sentia infeliz até que a vi com o Josh hoje. O que me faz recordar de uma coisa...

Ela largou a caneca em cima da secretária. Kate fazia um café forte de mais.

- Não ficaste preocupada com o risco que correste ao fazer de fantasma da Seraphina?

O rosto de Kate permaneceu impassível.

- Como?

- Agachando-te à beira do penhasco e gemendo num péssimo espanhol sobre o dote. A Laura e eu não nos deixámos enganar.

- Mas o que tu... Então?!

Enquanto a recordação voltava, Kate riu à gargalhada. Não era a risada de uma mulher esguia e compenetrada; vinha lá do fundo, subia ruidosa pela garganta, e fez Margo sorrir novamente.

-Tinha-me esquecido. Fiquei com inveja, com uma grande raiva porque tu e a Laura tinham permissão para sair à noite, enquanto o tio Tommy e a tia Susan me obrigavam a esperar mais um ano. Nem sequer tinha alguém com quem sair, mas detestei por vocês me passarem à frente. - Enquanto falava, ela levantou-se para servir mais café. - O Josh sempre teve as ideias melhores e mais extravagantes.

- Tiveste sorte em não cair do penhasco e encontrar-te cara a cara com a Seraphina.

- Tínhamos cordas. - Kate riu, olhando para o café, empoleirada outra vez na beira da secretária. - Fiquei apavorada a princípio, mas não queria que o Josh pensasse que eu era medrosa. Sabes como ele é quando se trata de um desafio.

- Tens razão. - Margo sabia muito bem. Um Templeton nunca recusava um desafio. - Se fossem descobertos, os dois ficariam umas semanas de

castigo.

- Ah, os velhos tempos... - Kate sorriu, melancólica. - Acabei envolvida pela brincadeira. Fazer de Seraphina e ouvir vocês as duas a chamá-la foi um dos pontos altos da minha vida. Não posso acreditar que ele me tenha denunciado.

- O Josh provavelmente pensa que estou madura de mais agora para te puxar os cabelos. - Margo inclinou a cabeça para o lado e sorriu. - Não estou, mas também não há muito cabelo para puxar.

Ela fez uma pausa, cruzando as mãos em torno do joelho.

- Eu conheço-te muito bem, Kate, e sei que não me pediste para vir até este ambiente profissional apenas para recordar os velhos tempos. É melhor falares logo de uma vez.

- Tens razão. - Aquela vontade de adiar o momento era uma cobardia.

- Podemos dizer que há boas notícias e más notícias.

- Bem que estou a precisar das boas.

- Ainda estás de boa saúde.

À risada nervosa de Margo, Kate largou a sua caneca em cima da secretária. Gostaria de ter uma maneira melhor de fazer aquilo, de ser bastante esperta ou hábil a ponto de encontrar uma saída para Margo.

- Desculpa. É uma piada de contabilista... de mau gosto. Mas já tens uma noção de que não dispões de muito mais. Em termos financeiros, estás bastante mal.

Margo comprimiu os lábios e balançou a cabeça.

- Não precisas de amenizar a situação, Kate. Posso aguentar.

Apreciando-a por isso, Kate saiu da borda da secretária, foi sentar-se no braço da cadeira de Margo e rodeou-lhe os ombros com o seu braço.

- Pus tudo num programa de computador e imprimi uma cópia.

- "E dormi menos de três horas, por causa do trabalho extra", pensou.

- Mas achei que entenderias melhor a situação geral se eu a resumisse.

Tens algumas opções...

- Eu não... - Margo teve de fazer uma pausa para controlar a voz.

- Não quero entrar com um pedido de falência pessoal, Kate. A não ser como último recurso. Sei que é orgulho, mas...

Orgulho era algo que Kate compreendia... e muito bem.

- Creio que podemos evitar isso. Mas terás de ponderar a venda de várias coisas, inclusive arcar com a perda de uma parte do teu património.

- Tenho algum património? - indagou Margo, com a voz abafada.

- Tens o apartamento em Milão. Não representa muita coisa, pois compraste-o a prazo, há apenas cinco anos, e com uma entrada mínima. Mas podes recuperar o que investiste... e, com alguma sorte, um pouco mais. - Como era pessoal, Kate não precisava consultar anotações.

Lembrava-se de todos os pormenores. - Tens o Lamborghini, que já está quase todo pago. Temos de tratar da venda o mais depressa possível para poupar os custos exorbitantes da garagem e manutenção.

- Está bem. - Margo fez um esforço para não lamentar a perda do seu lindo apartamento, decorado com todo o amor. Ou do carro que adorava guiar pelas estradas do interior em alta velocidade. Havia agora muitas coisas a que não se podia dar ao luxo, pensou. Uma delas era sentir pena de si própria. - Porei tudo à venda. Terei de ir até lá para tirar as minhas coisas e...

Sem dizer nada, Kate levantou-se para abrir uma pasta. Não queria refrescar a memória, mas apenas ter algo que fazer com as mãos. Ajeitou os óculos no nariz.

- Há também a parte dos animais mortos. Mergulhada na depressão, Margo sacudiu a cabeça.

- Como?

- As tuas peles.

- É uma típica atitude americana - resmungou Margo. - De qualquer maneira, não matei aqueles estúpidos animais.

- Nem as zibelinas - disse Kate, secamente, espreitando por cima dos óculos. - Vende tudo, o que economiza o custo de manutenção. Agora, vamos às tuas jóias.

Era uma flecha directa no coração.

- Oh, Kate, as minhas jóias não!

- Não desespere. Afinal não passam de rochas e minerais. - com a mão livre, Kate tornou a pegar na caneca de café, ignorando o princípio de ardor no estômago. - Os prémios de seguro estão a dar cabo de ti. Não tens condições de pagar. E precisas do dinheiro para pagar as dívidas. Contas de costureiros, de salões de beleza... E impostos. Os impostos italianos são altos, e tu não poupaste para os dias de tempestade.

- Eu tinha algumas economias. O Alain tirou-me tudo. - Margo sentiu os dedos a doerem-lhe e fez um esforço para desentrelaçá-los.

- Eu nem sabia até à semana passada.

"Desgraçado!", pensou Kate. Mas aquilo fora antes, isto era agora.

- Podes processá-lo?

- De que adiantaria? Só serviria para alimentar a imprensa. "O orgulho outra vez", pensou Margo. Era inútil perguntar a Kate se podia pelo menos dispor de um pouco de orgulho. - Portanto, basicamente, tenho de abdicar de tudo. Tudo o que tenho, tudo por que trabalhei, tudo o que sempre desejei.

- Muito bem. - Angustiada, Kate fechou a pasta. - Não direi que são apenas coisas, Margo. Sei que não são. Mas é uma saída. Há outras. Podes vender a tua história a tablóides sensacionalistas e ganhar algum dinheiro.

- Já agora, porque não pôr-me na esquina da Hollywood com a Vine a vender o meu corpo? Seria menos humilhante.

- Podes recorrer aos Templeton.

Margo fechou os olhos. Envergonhou-a o facto de por um momento, apenas um momento, sentir-se tentada a fazer isso.

- Eles podiam ajudar-te-acrescentou Kate, gentilmente. - Amparar-te até recuperares.

- É verdade, mas não posso fazer isso, depois de tudo o que fizeram e foram para mim. Já para não falar de como a minha mãe se sentiria. Já a deixei bastante transtornada sem ter de pedir esmola.

- Posso emprestar-te dez mil dólares agora. É o que tenho disponível de imediato. Já ajudava um pouco e tenho a certeza de que o Josh e a Laura ajudariam a tapar os outros buracos. Não seria pedir esmola, não seria uma coisa de que te pudesses envergonhar. Apenas um empréstimo de uma amiga.

Margo não disse nada por algum tempo. Comovida e envergonhada, baixou os olhos para as safiras e diamantes que faiscavam nas suas mãos.

- Para que eu possa manter o meu orgulho, as minhas peles e os diamantes. - Ela sacudiu a cabeça, lentamente. - Acho que não seria capaz de ficar com essas coisas. Mas obrigada.

- Vais querer considerar tudo, avaliar as opções. A oferta permanece em aberto. - Kate pegou na pasta, estendeu-a, desejou que houvesse mais. - Todos os números estão aí. Calculei o valor de mercado das jóias pelas avaliações da seguradora. Fixei um valor vendável para o apartamento, os carros e o resto, calculei uma diferença de dez por cento, deduzi as comissões e os impostos previsíveis. Se decidires liquidar tudo, ganharás algum espaço para respirar. Não muito, mas o suficiente para manteres a cabeça à tona por algum tempo.

"E depois?", pensou Margo. Mas não teve coragem de perguntar.

- Já é alguma coisa. Obrigada por teres organizado toda a minha confusão.

- É aquilo que sei fazer melhor. - Só que naquele momento parecia muito pouco. - Margo, tira dois dias para pensares.

- Está bem. - Ela levantou-se e soltou uma risada débil quando os joelhos tremeram. - Ora esta! Estou a tremer!

- Senta-te um pouco. vou buscar água.

- Não! - Margo ergueu a mão. - Preciso respirar ar fresco.

- vou contigo.

- Não, obrigada. Só preciso de um instante.

Kate passou a mão ao de leve pelo cabelo de Margo.

- Queres matar a mensageira?

- Não, neste momento, não. - Em vez disso, ela deu um abraço apertado a Kate. - Voltaremos a falar - declarou e saiu apressadamente do escritório.

Margo queria ser corajosa. Durante toda a sua vida ansiara por aventura, sedução e romance. Queria ser uma daquelas mulheres ousadas e despreocupadas que não se limitam a seguir a moda, mas conseguem criá-la. Durante a maior parte da sua vida, explorara deliberadamente o seu sentido de estilo, aparência e sensualidade, a fim de alcançar os seus objectivos. Ao contrário de Laura ou Kate, apenas suportara o tempo nas salas de aula. O que faria com fórmulas matemáticas ou factos históricos na sua vida? Era muito mais importante o que estavam a usar naquela estação em Nova Iorque, ou quem eram os estilistas em alta e em queda em Milão.

"É tudo patético", pensou Margo, parada nos penhascos varridos pelo vento, por cima do mar. A sua vida era patética.

Apenas um mês antes, porém, julgava-a perfeita. Naquele tempo, é claro, tudo corria exactamente como ela queria. Tinha um apartamento na parte certa da cidade, era reconhecida e bem atendida nas butikues e restaurantes certos. Tinha um círculo de amizades que incluía os ricos, os famosos e os loucos. Comparecia às festas em voga, era perseguida pela imprensa e assediada pelos homens. E, como não podia deixar de ser, simulava cansaço e tédio com as reportagens que especulavam sobre a sua vida particular.

Tinha uma carreira que a levava ao lugar em que sempre quisera estar: na luz da ribalta.

E havia ainda o seu amante do momento. O gentil e magnífico homem mais velho, como ela preferia. Francês. Casado, é claro, mas isso era apenas um pormenor técnico. Um obstáculo, também em moda, que mais cedo ou mais tarde seria superado. A própria circunstância de serem obrigados a manter a ligação em segredo constituía uma emoção adicional. Uma emoção que ela tomara como paixão e que só agora compreendia.

Mas tudo terminara.

Nunca imaginara que pudesse sentir-se tão chocada e assustada quanto nas primeiras horas depois de ser levada a Atenas para o interrogatório. O terror de ficar tão sozinha, tão exposta, lançara-a de um mundo privilegiado para outro perigoso. E, quando ninguém desse selecto círculo de amizades aparecera em sua ajuda ou defesa, fora forçada a defender-se sozinha e a reavaliar Margo Sullivan.

Mas isso não parecia suficiente.

Sentou-se numa pedra, puxando distraidamente uma flor branca de haste comprida. "Laura saberia o nome desta flor silvestre", pensou Margo. Mas também Laura, apesar dos privilégios de nascimento, era um tipo de flor silvestre, enquanto Margo era uma flor de estufa.

Estava arruinada.

Por algum motivo, fora mais fácil suportar a possibilidade de estar falida antes de Kate pôr tudo preto no branco. As possibilidades eram abstractas e variáveis. Agora era a realidade. Ela estava, ou em breve estaria, sem casa, sem rendimentos. Sem uma vida.

Margo olhou para a flor na sua mão. Era simples, obstinada, fincava as raízes no solo raso e inclinava-se para o Sol. Uma flor era arrancada e outra cresceria.

Compreendia agora que jamais tivera de lutar por coisa alguma. E tinha medo, um medo profundo, de que agora, desenraizada, pudesse simplesmente definhar.

- À espera da Seraphina?

Margo continuou a contemplar a flor, girando-a na mão, enquanto Josh se sentava ao seu lado.

- Não. Apenas à espera.

- A Laura levou as meninas para a aula de balé. Por isso, resolvi dar uma volta.

Na verdade, ele pensara em treinar um pouco no campo de ténis para

melhorar o seu serviço. Mas depois vira Margo no penhasco, da janela do seu quarto.

- Como está a Kate?

- Ocupada e eficiente. Eu diria que ela encontrou o seu nirvana na Bittle & Associates.

Josh estremeceu.

- Isso é assustador.

A gargalhada rápida foi uma boa sensação. Atirando a cabeça para trás, Margo sorriu para Josh.

- Somos demasiado superficiais, Josh. Como é que nos suportamos?

- Nunca ficamos parados por tempo suficiente para dar uma olhadela mais atenta. Foi isso que te deixou deprimida, Margo? - Josh puxou o cabelo que ela afastara do rosto. - Estiveste a olhar para ti?

- É o que acontece quando te metem um espelho à frente da cara. Ele tirou os óculos escuros de Margo, semicerrando os olhos.

- É um rosto sensacional. - Josh tornou a pôr os óculos no lugar.

- Queres saber o que eu vejo?

Margo levantou-se e caminhou até à beira do penhasco.

- Não sei se poderia aguentar outro golpe hoje. Jamais te deste ao trabalho de adocicar o que pensavas a meu respeito.

- E porque devia fazê-lo? Quando uma mulher tem a tua aparência, recolhe as lisonjas e rejeita os comentários menos inventivos, como a moda do ano passado. Tu és a mulher mais linda que já conheci.

Josh observou-a a virar-se. Embora os olhos estivessem ocultos, ele pôde sentir a surpresa de Margo.

- Tens um rosto imoral de tão belo, um corpo imoral. Quase que punem um homem por desejá-los, por querer-te. Toda essa sensualidade abundante e ardente insinuada a cada gesto. E usas tudo sem pensar duas vezes. É um talento fenomenal, às vezes cruel, o que possuis. Mas já ouviste tudo isto antes.

- Não exactamente.

Margo não sabia se devia sentir-se lisonjeada ou insultada.

- Mas a maior parte disso é um acidente da natureza. - Josh levantou-se e colocou-se ao lado dela. - Nascestes para ser uma fantasia. Talvez só sejas capaz disso.

A mágoa foi tão intensa, tão repentina, que ela não pôde sequer ofegar.

- É muita frieza, Josh. Não se podia esperar outra coisa de ti, claro está.

Quando ela começou a virar-se para se ir embora, Josh segurou-a pelo braço, num aperto inesperadamente firme, com a voz irritante de tão suave.

- Ainda não acabei.

Uma fúria violenta aflorou em Margo. Se pudesse desenhencilhar-se e cravar as unhas em Josh, não hesitaria.

- Larga-me! Estou cansada de ti e de todos como tu. Podem interessar-se por mim enquanto me ajusto ao molde. A miúda das festas: telefone se pretende alguma diversão. Mas, no instante em que surge um problema, é fácil dizer que eu não valia nada para começar. Era apenas uma arrivista, ansiosa por ascender na escala social.

Ele baixou as mãos até aos pulsos de Margo, com a voz ainda paciente, de uma forma abominável:

- E eras?

- Não sou apenas uma foto numa revista. Tenho sentimentos, medos e necessidades. E não tenho de provar nada a ninguém, excepto a mim.

- Ainda bem para ti. Já era tempo de compreenderes isso.

com um puxão fácil, que a surpreendeu e enfureceu, Josh afastou-a da beira do penhasco e obrigou-a a sentar-se. Continuou a segurá-la pelos pulsos, agachando-se à sua frente.

- Eras tu quem jogava com a ilusão, Margo, quem a usava. E és tu quem tem de dissipá-la.

- Não me digas o que tenho de fazer. Se não tirares as mãos de cima de mim...

- Cala-te. Não digas nada. - Josh sacudiu-a, deixando-a de boca entreaberta com o choque. - Também terás de te acostumar a isso. Seres tratada como um ser humano, em vez de uma Barbie mimada. Finalmente, a vida foi-te atirada à cara, duquesa. Tens de enfrentá-la.

- O que é que tu sabes sobre a vida? - A amargura doía na garganta de Margo. - Nasceste com tudo. Nunca tiveste de lutar por uma única coisa que quisesses, jamais tiveste de te preocupar em ser aceite, amado ou correspondido.

Josh fitou-a nos olhos, agradecido por Margo não perceber que ele passara quase metade da sua vida preocupado com que ela, a coisa que mais queria, não o aceitasse, amasse e correspondesse.

- Mas não estamos a falar de mim, pois não? Margo olhou para o mar.

- Não me importo com o que pensas a meu respeito.

- Como queiras, mas vou dizê-lo na mesma. És uma mulher mimada, descuidada e imprudente, que durante muito tempo se limitou apenas a pensar em algo que não fosse o momento. Até agora, as tuas ambições fundiram-se muito bem com as fantasias. Agora, recebeste um golpe brusco. Será interessante verificar se és capaz de recorrer às tuas outras qualidades para te recuperares.

- Como? - disse ela, com a voz gelada. - Tenho outras qualidades? Josh perguntou-se que distorção na sua mente o levava a adorar aquele tom frio e desdenhoso de Margo.

- Tu vens de uma família forte e flexível, Margo, com um temperamento que não se resigna ao fracasso. - Distraído, Josh ergueu as mãos dela e beijou-as. - És leal, afectuosa e compadecida com as pessoas de quem gostas. O que te falta em bom senso compensas com humor e encanto.

As emoções que turbilhonavam dentro de Margo ameaçavam irromper em riso, lágrimas ou gritos. Ela fez um esforço para reprimi-las, manteve o rosto tão impassível e frio quanto a voz:

- É uma análise fascinante. Podes mandar-me a conta depois. Agora estou sem dinheiro.

- É de graça. - Josh tornou a puxá-la para ficar de pé e afastou os cabelos que esvoaçavam em torno do rosto dela. - Se precisares de alguma coisa para superar este momento difícil...

- Não te atrevas a oferecer-me dinheiro! Não sou uma criada indigente da família!

Foi a vez de Josh sentir-se insultado.

- Pensei que eras uma amiga.

- Guarda o teu dinheiro na conta numerada na Suíça, amigo. Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

- Como queiras. - Depois de encolher os ombros, ele estendeu a mão. - Queres uma boleia até casa?

Margo contraiu os lábios com desdém.

- Porque não vais tu mesmo sacudir o teu polegar bem cuidado lá na estrada?

Ela subiu pela encosta, com uma graça descuidada. Momentos depois, Josh ouviu o rugido do motor do seu próprio carro e os pneus a rangerem.

Ah!", pensou ele, com uma risada breve, como era louco por aquela

mulher!

Margo ainda fervilhava de raiva quando entrou em casa. A fúria levou-a pelo corredor central antes de captar os sons de vozes. Vozes calmas e contidas. "Calmas de mais", concluiu Margo, no mesmo instante. "Formais."

Ela estremeceu ao pensar que marido e mulher eram capazes de conversar naquele tom sem vida. Por mais angustiante que fosse, ela preferia o diálogo arrebatado que acabara de ter com Josh ao tipo de discussão deliberada que ocorria entre Laura e Peter na biblioteca.

As portas estavam abertas, o que lhe permitiu parar no limiar e observar toda a cena. Era uma sala civilizada, com o tecto alto, as paredes com a altura de dois andares cobertas por livros, as janelas em losangos. O velho tapete Bokhara e o cheiro de couro. Uma sala civilizada, pensou ela de novo, para uma discussão civilizada.

É absolutamente horrível.

- Lamento muito que te sintas assim, Peter, mas não posso concordar contigo.

- Os negócios, a administração dos hotéis Templeton, o nosso lugar na sociedade e os média não são o teu forte, Laura. Eu não estaria na posição em que me encontro, não teria as responsabilidades que tenho, se os teus pais e o conselho de administração não prezassem e respeitassem a minha opinião.

- Tens razão nesse ponto.

Margo deu um passo em frente, sem fazer barulho. Podia ver Laura de pé em frente a uma janela, com as mãos cruzadas. Havia tanta raiva e angústia nos seus olhos, que Margo não entendeu como é que Peter conseguia manter-se impassível. Ele colocara-se diante da antiga e bela lareira, em pose de senhor da mansão, com uma das mãos na consola e a outra segurando um copo de cristal, no qual se via um uísque claro.

- Neste caso, no entanto - continuou Laura, com aquela mesma voz quieta e vazia -, não creio que a família partilhasse a tua preocupação. O Josh com certeza não partilha.

Peter soltou uma risada dura e desdenhosa.

- O Josh não se preocupa com a reputação. Sente-se mais à vontade na convivência com o lixo da Europa.

- Toma cuidado. - Laura apenas murmurou a advertência, mas havia força por detrás dela. - Tu e o Josh olham para o mundo de maneira diferente, mas cada um é parte importante dos Templeton. Sei que o Josh apoia sem

reservas a permanência da Margo na Casa Templeton por tanto tempo quanto ela quisesse. E, prevendo esta nossa conversa, falei com os meus pais esta manhã. Eles estão muito satisfeitos com o regresso da Margo.

Os lábios de Peter tornaram-se brancos e finos quando ouviu as palavras da mulher. Margo teria ficado contente com a reacção se o ressentimento dele não se voltasse contra Laura.

- Andaste a agir nas minhas costas, não foi? É uma atitude típica tua: vais a correr para os teus pais sempre que discordamos.

- Não vou a correr para eles, Peter. - Havia cansaço agora. Como se cedesse, Laura afundou-se no banco estofado junto à janela. A luz entrava pela janela alta e arqueada por detrás dela, proporcionando-lhe uma beleza frágil, pálida e angustiada. - E não discuto os nossos problemas pessoais com eles. Neste caso, como tu disseste, era apenas uma questão de negócios.

- E cabe a mim cuidar dos negócios. - A voz de Peter era incisiva e objectiva, com uma insinuação controlada de impaciência. - Tu só tens de te preocupar em gerir a casa e tratar das crianças. E ambas ficaram em segundo lugar por causa de um juízo distorcido de lealdade.

- Ninguém e nada está à frente das minhas filhas.

-Ai, não? - Um pequeno sorriso contraiu os lábios de Peter, que bebeu um gole de uísque. - Suponho então que não encontraste tempo no teu dia movimentado com manicuras e almoços formais para veres televisão? Um dos programas sensacionalistas dedicou meia hora à tua velha amiga. Houve uma cena muito interessante de banhos de sol em topless num iate. Vários amigos dela foram entrevistados, relatando as suas inúmeras ligações amorosas e o seu estilo de vida dissoluto. Como era de esperar, o programa incluiu a ligação com os Templeton, a sua amizade antiga com Laura Templeton Ridgeway.

Satisfeito por ela não responder, Peter inclinou a cabeça.

- Mostrou até umas fotos de vocês as duas e das meninas. Além disso, um criado do clube de campo ficou encantado por relatar como vocês e mais uma mulher anónima tiveram um alegre almoço com champanhe à beira da piscina há dois anos.

Laura deixou passar um instante.

- A Kate vai ficar chateada por não terem mencionado o nome dela - comentou ela, gesticulando impacientemente.

Peter percebeu então que era irritação o que pensara ser vergonha.

- Ora, Peter, tudo isso são disparates. Tu irritaste-te comigo, na última vez que visitámos a Riviera, por eu ser tímida de mais para ir à praia sem a parte de cima do biquini, como as francesas. Agora, criticas a Margo por isso. E se fossem mesmo amigos de Margo, não se empenhariam em dar entrevistas, para as quais foram pagos. E quase metade das mulheres que conheço já bebeu de mais no clube. Se queríamos um almoço com champanhe para celebrar o reencontro, não é da conta de ninguém.

- Tu não és apenas cega e obstinada, mas também tola. E essa atitude que desenvolveste ultimamente já se prolongou por demasiado tempo.

- Que atitude?

Ele pôs o copo na consola da lareira, com um gesto brusco.

- Questionar-me, desafiar os meus desejos, negligenciar os teus deveres na comunidade. A presença da Margo aqui é apenas uma desculpa para o teu péssimo comportamento.

- Não preciso de uma desculpa.

-Aparentemente não. Falarei de outra maneira, Laura, mais clara: enquanto essa mulher aqui estiver, eu não virei para casa.

- Um ultimato, Peter? - Lentamente, Laura inclinou a cabeça. Acho que podes ter uma grande surpresa com a minha resposta.

Num súbito impulso, Margo entrou na sala.

- Olá, Peter. Não te preocupes, pois sinto-me tão encantada em ver-te quanto tu estás por me veres a mim.

com um sorriso contrafeito, ela dirigiu-se à garrafa de cristal pousada na mesa. Raramente bebia qualquer outra coisa que não fosse vinho, mas serviu-se agora de dois dedos de uísque. Queria ter alguma coisa para manter as mãos ocupadas.

- Sei que estou a interromper, mas estava à procura da minha mãe.

Margo bebeu um gole de uísque e estremeceu.

- Pareces estar a enfrentar o teu último desaire com absoluta indiferença
- comentou Peter.

- Ora, Peter, tu sabes como é que eu sou: temos de nos deixar ir na onda.
- Ela gesticulou, fazendo faiscar os anéis. - Lamento ter perdido o programa de que falaste à Laura. Espero que as cenas de banhos de sol tenham sido lisonjeiras. Essas teleobjectivas podem distorcer as imagens.

com um sorriso radiante, ela levantou o copo para ele e acrescentou:

- E nós dois compreendemos tudo sobre aparências, não é verdade,

Peter?

Ele não se deu ao trabalho de disfarçar o seu desdém. Margo era, como sempre fora para ele, apenas a inconveniente filha da governanta.

- Pessoas que ouvem conversas particulares raramente escutam alguma coisa lisonjeira.

- Tens toda a razão. - Decidida agora, Margo bebeu um último gole, antes de largar o copo. - Como tu saberias se algum dia ouvisses uma das minhas conversas particulares a teu respeito. Mas podes ficar tranquilo. Eu ia mesmo dizer à minha mãe que tenho de regressar a Milão.

A aflição fez Laura adiantar-se, interpondo-se entre os dois.

- Margo, não há necessidade de te ires embora. Ela pegou na mão de Laura e apertou-a.

- Deixei dezenas de coisas pendentes. Precisava desta pausa para respirar. Mas agora tenho de voltar e tratar dos pormenores.

Ignorando Peter, ela abraçou Laura.

- Eu adoro-te, Laura.

- Não fales assim. - Alarmada, Laura recuou, examinando o rosto de Margo. - Vais voltar.

Margo encolheu os ombros, com um ar de indiferença, enquanto o estômago se contraía.

- Veremos como o vento sopra. Mas vou manter-me em contacto. E agora tenho de conversar com a minha mãe antes de fazer as malas.

Ela deu um último abraço a Laura, antes de se encaminhar para a porta. Sem saber se teria outra oportunidade, virou-se num súbito impulso. Ofereceu a Peter o seu sorriso mais efusivo.

- Só mais uma coisa. Tu és um idiota pomposo, egocêntrico e armado em importante. Não eras suficientemente bom para a Laura quando casaram, ainda não és suficientemente bom para ela e nunca o serás. Deve ser horrível para ti teres consciência disso.

Em matéria de saídas, reflectiu Margo, enquanto deixava a sala, ela nunca fizera melhor.

- Não estou a fugir - insistiu Margo, enquanto fazia apressadamente as malas.

- Ai, não?

com as mãos cruzadas na cintura, Ann observava a filha. "Sempre com pressa, de um lugar para outro", pensou ela. "Jamais pára para pensar."

- Eu ficaria se pudesse. Preferia ficar, mas... - Ela arrumou uma camisola na mala. - Não posso.

Por hábito, Ann tirou a camisola, dobrou-a com cuidado e tornou a pô-la na mala.

- Devias ter mais cuidado com as tuas coisas. E com os teus amigos. Estás a abandonar a menina Laura num momento em que ela precisa da tua ajuda.

- Estou a ir embora para tornar a situação mais fácil para ela. Paciente, Margo sacudiu os cabelos em torno dos ombros. - Não pode pensar por um pouco que eu consiga fazer alguma coisa certa? Ela está a discutir com o Peter neste momento por minha causa. Ele ameaçou sair de casa se eu ficasse. Não me quer aqui.

- Esta é a Casa Templeton - declarou Ann.

- E ele mora aqui. A Laura é mulher dele. Eu sou apenas...

- A filha da governanta. É estranho, mas tu só te lembras disso quando te convém. Estou a pedir-te para ficares e fazeres o que puderes para ajudá-la.

"A culpa funciona muito bem", pensou Margo, enquanto tirava uma blusa do armário. Como uma campainha para o cão de Pavlov.

- Sou uma causa de tensão no casamento dela, um embaraço. Não quero ver a Laura dividida entre mim e o homem com quem está casada há dez anos. A mãe sabe o quanto gosto dela.

- Sei, sim. - Ann deixou escapar um pequeno suspiro. - A lealdade não é uma das tuas falhas, Margo. Mas estou a dizer-te que ela precisa de ti aqui. Os pais dela estão algures em África. Sabem pouco sobre o que se passa nesta casa... e também muito pouco, eu desconfio, sobre o que se passou contigo. Caso contrário, estariam aqui. Mas tu vieste e deves ficar. Se escutasses por uma única vez o que digo, farias o que peço.

- Não posso. - Margo sorriu para a mãe. - Algumas coisas não mudam. A Kate e o Josh estão aqui para ajudá-la. E a mãe também. Tenho de me afastar para que ela possa resolver os seus problemas com o Peter. Se é isso que ela quer. Embora só Deus saiba porquê...

Margo parou de falar, acenou com a mão para rejeitar o que acabara de dizer.

- Essa decisão é dela. A minha é voltar a Milão. Tenho de tratar dos meus problemas lá. Para retomar a minha vida.

- Tu mesma criaste a confusão, terás de resolver tudo agora. Mas vais

magoá-la ao partir.

"E a mim também", pensou Ann. "Será que não consegue perceber o quão angustiada fico ao vê-la partir novamente?"

- Também a magoo se ficar. De qualquer forma, nada posso fazer agora para ajudá-la. Pelo menos em Milão posso tentar reparar algumas coisas. Preciso de dinheiro. E preciso de trabalho.

- As tuas necessidades... - com os olhos frios, Ann estudou a filha. - É claro que isso está em primeiro lugar. vou chamar um táxi para levar-te ao aeroporto.

- Mãe... - Dominada pelo arrependimento, Margo deu um passo em frente. - Estou a tentar fazer o que é correcto. Se for um erro, então é um erro, mas procuro fazer o que considero melhor neste momento. Tente compreender isso.

- Só compreendo que estás de partida quando mal regressaste ao lar. Ann saiu e fechou a porta, aquela seria a única despedida que Margo teria.

CAPÍTULO 6

MARGO apaixonara-se por Milão à primeira vista. Ficara deslumbrada com Paris, impressionada com Roma, divertida com Londres. Mas Milão, com as suas ruas movimentadas, classe impecável e exuberância descontraída, conquistara o seu coração.

A carreira concretizara o sonho da infância de viajar, satisfizera a ânsia de conhecer outros lugares, que era parte da sua alma. À sua maneira, no entanto, ela precisava de raízes, uma base, um lugar que pudesse considerar como seu.

Escolhera o apartamento num súbito impulso, porque gostara da aparência do prédio, das varandas encantadoras que ofereciam uma vista da rua e um vislumbre do Duomo. E porque ficava a uma conveniente distância a pé das elegantes lojas da Montenapolitane.

Dirigiu-se para a varanda, tomando um vinho branco gelado e observando o tráfego do final da tarde, pontuado pelo clamor estridente de sirenes. O Sol estava a pôr-se, dourando tudo e deixando-a solitária, ansiosa por alguém com quem partilhar o momento.

Acertara ao voltar. Talvez fosse a primeira coisa altruísta que fizera em muito tempo. Embora Laura argumentasse até o táxi partir, enquanto Josh a fitava friamente, com uma expressão que a acusava de fugir, Margo sabia que fizera o que era melhor.

Mas fazer o que estava certo nem sempre era reconfortante. Ela sentia uma profunda solidão. O medo do presente e do futuro não era tão difícil de superar quanto o isolamento.

Na semana desde que voltara, Margo não atendera o telefone, nem respondera a qualquer das muitas mensagens que encontrara no gravador. A maioria era de repórteres ou conhecidos, na expectativa de um mexerico. Havia também algumas ofertas, que ela receava ter de considerar.

Se fosse de facto corajosa e ousada, reflectiu ela, poria um vestido preto espectacular e circularia por diversos lugares só para provocar comentários. Talvez ainda o fizesse antes de tudo acabar, mas para já tinha mais algumas feridas para lamber.

Deixando as portas da varanda abertas, circulou pela sala. Além de

vários presentes, escolhera pessoalmente cada uma das peças. Optara por não contratar um decorador, preferindo a aventura de procurar cada almofada e abajur.

Reflectia o seu gosto, sem dúvida, pensou Margo, com um sorriso amargo. Eclético. Ou melhor... disperso. Uma cristaleira antiga, com caixas de Limoges e cristal Steuben. A arca laqueada que servia como mesinha de café tinha em cima uma enorme compoteira Waterford, cheia de frutos de cristal coloridos.

Havia abajures Tiffany, outros art déco, até mesmo um Doulton Flambe, com um buda sentado. Custara uma quantia absurda num leilão só para estar ali sentado e mostrar-se feio.

Cada divisão no apartamento com dois quartos de dormir estava atulhada de coisas. Tinteiros que ela colecionara durante um breve período. Caixas russas, pisa-papéis, vasos, garrafas... tudo adquirido sem qualquer outro motivo que não o de ser o que ela cobiçava na ocasião.

"Ainda assim, é um apartamento agradável e aconchegante", pensou Margo, enquanto se acomodava no sofá. Os quadros eram bons. Alguém lhe dissera que tinha olho para a arte. As cenas de rua nas paredes eram atraentes, trazendo o mundo para os seus aposentos.

O seu mundo. Os seus aposentos. Pelo menos temporariamente. Margo acendeu um cigarro. Não podia esconder-se ali por muito mais tempo.

Talvez aceitasse a proposta da Playboy, deixando assim de se sentir acossada. Os olhos contraíram-se e ela soprou o fumo para o tecto. Porque não? Porque não vender a sua patética história aos tablóides, que todos os dias deixavam mensagens no gravador? Em qualquer das opções, teria dinheiro novamente. Em qualquer delas, iria despir-se para o mundo.

O que é que aqueles vestígios de orgulho faziam para ajudá-la?

Ou talvez ela chocasse o mundo civilizado ao levar todos os móveis para a rua, num leilão delirante, vendendo a quem oferecesse mais.

Margo imaginou, rindo, como isso afligiria o porteiro, tão polido e discreto, sem falar nos seus elegantes vizinhos. E como agradaria à imprensa, sempre faminta por escândalo.

Qual o problema se ela aparecesse nas páginas centrais de uma revista para homens, com os dois agrafos em posições estratégicas? Quem se importaria se ela prostituísse o seu orgulho, ao desfiar os seus problemas pelas páginas de um suplemento dominical ou de um jornal de

supermercado?

Ninguém esperava qualquer coisa a mais ou a menos dela. Talvez, reflectiu Margo, cansada, esmagando o cigarro, nem ela própria.

Mas vender os seus pertences, negociar coisas por dinheiro, isso era tão... tão típico da classe média.

Mas alguma coisa tinha de ser feita. As contas acumulavam-se, ela não teria um tecto sobre a cabeça por muito mais tempo se não ganhasse uma quantidade considerável de liras.

"O mais lógico a fazer agora", reflectiu ela, "é procurar um joalheiro discreto, de boa reputação, para vender as jóias." O produto da venda poderia sustentá-la por algum tempo, até decidir o que fazer em seguida. Margo apertou a safira no seu dedo; não tinha a menor ideia de quanto pagara.

O que não importava muito agora, não é verdade? Kate calculara o valor, e era por quanto ela conseguisse vender que importava. Margo levantou-se e foi para o quarto. Abriu o cofre que guardava na arca de cedro ao pé da cama. Começou a tirar caixas e bolsas. Em poucos momentos, a luz do abajur cintilava sobre uma pilha de tesouros reluzentes dignos da caverna de Ali Babá.

Oh, Deus, possuía mesmo uma dúzia de relógios? Qual era o problema dela? E o que lhe dera para comprar aquela gargantilha de diamantes? Parecia algo saído de O Caminho das Estrelas. E os pentes de marcassite. Só que nunca usava pentes.

A tensão começou a esvair-se dos seus ombros, enquanto examinava, separava, começava a tomar decisões. Descobriu que havia dezenas de peças das quais poderia separar-se sem o menor remorso. E com certeza conseguiria obter o suficiente para manter a cabeça à tona até ter tempo para pensar.

E roupa.

com uma energia obsessiva, levantou-se de um pulo, espalhando as jóias, e correu para o guarda-roupa. Era enorme, cheio de vestidos, conjuntos diversos, casacos. Prateleiras de Lucile com sapatos e malas. Gavetas embutidas com écharpes e cintos. Um espelho triplo, contornado por lâmpadas, reflectia a sua imagem, enquanto ela empurrava e puxava cabides de um lado para o outro, numa ansiedade frenética.

Havia lojas de segunda mão que se especializavam em roupas de grandes estilistas. Na verdade, ela comprara a sua primeira mala Fendi assim, numa loja em Knightsbridge, há uma vida inteira atrás. Se pôde comprar um

artigo numa loja de segunda mão, é claro que também poderia vender as suas coisas numa loja dessas.

Equilibrou casacos, blusas, saias e calças no braço, colocou tudo em cima da cama e foi a correr buscar mais.

Margo estava a rir quando a campainha da porta tocou. Resolveu ignorá-la, até que o zumbido constante se sobrepôs ao que ela compreendeu abruptamente ser um princípio de histeria. Precisou de um tremendo esforço para reprimir a gargalhada seguinte. Mesmo assim, não era capaz de recordar os exercícios de respiração profunda que aprendera nas aulas de ioga.

- Talvez esteja a sofrer um colapso.

O som da própria voz era tenso e nervoso. A campainha da porta continuava a tocar, como um enxame de abelhas furiosas.

- Já vou! já vou! - gritou ela, enquanto passava por cima das botas de camurça que deixara cair dos braços.

Enfrentaria quem quer que estivesse à porta, livrar-se-ia o mais depressa possível da presença incómoda, depois cuidaria da mais recente confusão que criara. Disposta a discutir, abriu a porta bruscamente... e ficou aturdida.

-Josh!

Porque Josh era sempre a última pessoa que ela esperava ver? Ele avaliou num rápido olhar os cabelos desgrehados, o rosto afogueado, o robe escorregando dos ombros. O seu primeiro pensamento, impregnado de ciúme, foi o de que interrompera um acto sexual.

- Ia a passar aqui perto... Margo cruzou os braços.

- Estás a fiscalizar-me.

- A Laura obrigou-me. - O sorriso encantador contraía-lhe os lábios, mas havia fúria nos olhos. Quem se encontrava no apartamento? Quem estivera a tocar-lhe? - Tinha um pequeno problema a resolver no Templeton Milão e prometi-lhe que passava por cá para ver como tu estavas.

Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça para um lado.

- Como estás?

- Diz à Laura que estou bem.

- Tu mesma poderias dizer-lho, se atendesses o telefone de vez em quando.

- Vai-te embora, Josh.

- Obrigado. Claro que quero entrar por um bocado. - Enquanto passava por ela, espremido contra a porta, Josh acrescentou: - Mas não posso ficar

muito tempo.

Uma vez que Margo permaneceu no mesmo lugar, deixando a porta aberta, ele mesmo fechou-a.

- Está bem, mas só uma bebida, Margo.

"Ah, como ele é atraente!", pensou Margo. A arrogância ajustava-se a Josh tão bem quanto a camisa de linho.

- Posso chamar o segurança para te expulsar daqui.

A gargalhada rápida de Josh fez com que ela cerrasse os punhos. De blusão de couro e calças de ganga justas, ele parecia mais forte do que Margo teria esperado. Ela especulou se o pequeno e jovial Marco, que ocupava a portaria, seria capaz de mordê-lo no tornozelo.

- Este óleo da Escadaria Espanhola não estava aqui na minha última visita - comentou Josh, com alguma cobiça. - Não é mau. Seis mil e quinhentos dólares pela aguarela do Bairro Francês.

Margo franziu as sobrancelhas.

- Tu aumentas quinhentos dólares a cada oferta. Ainda não estou disposta a vender.

O quadro ficaria no saguão do Templeton New Orleans. Ele ignorou a recusa. Sabia que teria o quadro, mais cedo ou mais tarde. Pegou num pisa-papéis, com fragmentos brancos flutuando dentro do vidro, e lançou-o de uma mão para outra. Não deixara de perceber a maneira como ela olhava para o quarto a todo o instante.

- Mais alguma coisa na tua mente, Josh? Assassínio. Lesões corporais. Mas ele apenas sorriu.

- Fome. Tens alguma coisa para comer?

- Há uma ótima trattoria aqui perto, basta desceres a rua.

- Ótimo. Vamos até lá mais tarde. Mas eu adorava um copo de vinho e um queijo neste momento. - Como ela não se mexeu, Josh acrescentou: - Não precisas de te incomodar. Farei de conta que estou em casa.

Ainda com o pisa-papéis na mão, ele encaminhou-se para o quarto.

- A cozinha é lá atrás! - protestou Margo, em pânico.

Josh assumiu uma expressão sombria. Sabia exactamente onde era a cozinha. Sabia onde tudo ficava no apartamento... e quem estivesse no quarto, descobriria que Joshua Templeton estava na fila primeiro.

- Mas que porcaria! - Margo segurou-o pelo braço, porém foi arrastada no impulso. - vou buscar um copo de vinho. Mas não entres...

Era tarde de mais. Ela deixou escapar um gemido frustrado quando Josh passou pela porta e parou no instante seguinte.

Ao olhar agora para a cena, a própria Margo mal pôde acreditar. As roupas formavam uma trilha desde o roupeiro até à cama, lantejoulas sobre ganga, caxemira ao lado de algodão. As jóias formavam um lago cintilante no tapete. Parecia até que uma criança mimada tivera um acesso de raiva, pensou Margo. Mas o comentário de Josh foi mais objectivo.

- Parece que o Armani e o Cartier entraram em guerra.

Uma daquelas gargalhadas insidiosas subiu pela garganta de Margo. Ela conseguiu contê-la, por pouco, mas a voz saiu perigosamente trémula:

- Eu estava... a arrumar...

O olhar de Josh foi afável e irónico, fazendo-a perder o frágil controlo. com as mãos na barriga, Margo cambaleou até à arca ao pé da cama, sentou-se nela, numa explosão de gargalhadas. Josh pegou num casaco azul-acinzentado e tateou o tecido.

-O homem é um deus-murmurou ele, antes de deitar o Armani para cima da cama, o que provocou um novo acesso de riso em Margo.

- Josh... - conseguiu ela balbuciar, depois de recuperar o fôlego.

- Tu és o único homem que conheço capaz de olhar para isto e não sair a correr em busca de uma camisa-de-forças.

Como o amava por isso, Margo estendeu a mão, num convite para que se sentasse ao seu lado.

- Foi um episódio temporário. - Ela encostou a cabeça ao ombro de Josh.

- Acho que já passou.

com um braço em torno dos ombros de Margo, ele estudou o caos.

- São todas as tuas coisas?

- Oh, não! - Ela riu mais um pouco. - Tenho também um roupeiro no outro quarto. Cheio de roupa.

- Claro, claro... - Josh deu um beijo no alto da cabeça de Margo e franziu o rosto para as jóias espalhadas. - Duquesa, tens alguma ideia de quantos brincos possuis?

- Não faço a menor ideia. Ainda nem comecei a contar as roupas. - Sentindo-se melhor, Margo suspirou. - Os brincos são como os orgasmos. Nunca se pode ter de mais.

- Nunca pensei dessa maneira.

- Tu és homem. - Ela deu uma palmadinha cordial no joelho de Josh. - E

se eu fosse buscar o tal vinho?

Margo não trazia nada por baixo do robe. As pontas dos dedos de Josh começavam a formigar contra a seda fina.

- Porque é que não me largas?

"Distância", disse ele a si mesmo, "é a solução." A última coisa de que Margo precisava naquele momento era que ele perdesse a cabeça e se desatasse a babar.

- A cozinha...

- Sei onde fica a cozinha. - Ele ofereceu-lhe um sorriso, mas com os olhos contraídos. - Pensei em entrar aqui e intimidar o teu amante.

- Não tenho um amante neste momento.

- O que é muito conveniente, não te parece?

Josh saiu do quarto, convencido de que a deixara com alguma coisa para remoer. Ao voltar, satisfeito por ter encontrado um excelente Barola na prateleira dos vinhos, deparou-se-lhe Margo ajoelhada no chão, a guardar as jóias nas caixas, com todo o cuidado.

O robe ainda estava a escorregar-lhe pelos ombros. Josh sentiu-se tentado a apertar o cinto e dar um laço duplo, a fim de evitar a ameaça. Ao vê-lo, Margo levantou-se... e ele não pôde evitar a visão fugaz da perna comprida e bem torneada. Cada músculo no corpo de Josh parecia vibrar.

O pior de tudo é que ela não estava a tentar seduzi-lo. Se fosse o caso, Josh não teria o menor escrúpulo em arrastá-la para a cama e finalmente concretizar as suas fantasias. Mas aquela sensualidade descuidada fazia parte da natureza de Margo. Ela pegou no copo estendido e sorriu.

- Imagino que devo agradecer-te por teres interrompido o acesso de insanidade.

- Queres contar-me o que desencadeou a insanidade?

- Apenas uma ideia estúpida.

Margo foi até às portas da varanda do quarto e abriu-as. A noite entrou, repleta de sons e fragrâncias. Ela aspirou fundo, enquanto bebia o vinho.

- Adoro Milão. Quase tanto quanto...

- Quanto o quê?

Irritada consigo mesma, ela sacudiu a cabeça.

- Não importa. Comecei a pensar em meios que me permitissem continuar aqui, com algum nível de conforto. Voltar para a Casa Templeton não é uma opção.

- Vais deixar que o Peter te expulse?

Margo virou-se, eriçada ao ouvir isso. As luzes no terraço faiscavam na seda fina do robe.

- Estou-me a lixar para o Peter Ridgeway, mas não quero complicar as coisas para a Laura.

- A Laura consegue defender-se sozinha. Já não se deixa enganar pelo Peter como acontecia antes. E tu terias percebido isso se tivesses ficado em casa o tempo suficiente.

Margo sentiu-se novamente toda arrepiada de raiva. Mas a voz saiu suave:

- De qualquer forma, ela tem um casamento com que se preocupar. E, por alguma razão absurda, o casamento é o que importa para ela. Só Deus sabe porque é que ela quer permanecer atada a um único homem, ainda mais sendo um idiota pomposo como o Peter.

Josh bebeu um gole de vinho, pensativo.

- Tu não estavas a planear casar com o Alain, o traficante mentiroso e falso?

Margo tentou assumir um ar de dignidade.

- Eu não sabia que ele era traficante.

- Então apenas mentiroso e falso.

- Está bem, está bem... Podes dizer que a experiência fez-me passar a ter um novo ponto de vista e uma aversão geral ao casamento enquanto instituição. Mas a Laura já é casada e não tenho a menor intenção de lhe dificultar as coisas.

- É o teu lar também, Margo.

Ela sentiu um aperto no coração e hesitou um pouco.

- E o Peter não pode mudar isso. Mas as pessoas nem sempre voltam para casa. De qualquer modo, fui feliz aqui... e posso sê-lo de novo.

Josh chegou-se mais a ela, querendo ler os seus olhos.

- A Kate disse-me que estás a pensar em vender o apartamento. Não havia qualquer dificuldade em ler os olhos de Margo.

A irritação predominava.

- A Kate fala de mais.

Ela virou-se para contemplar os últimos raios dourados. Josh fê-la voltar-se.

- Ela está preocupada contigo. E eu também.

- Não precisas. Estou a preparar um plano.
- Queres ir jantar comigo? Podes contar-me tudo.
- Não sei se já cheguei ao ponto de conseguir contar, mas provavelmente poderia comer. E nem precisamos sair. A trattoria entrega o jantar em casa.
- E assim não te arriskas a encontrar alguém conhecido - concluiu Josh, balançando a cabeça. - Não sejas cobarde.

- Gosto de ser cobarde.
- Então é melhor vestires-te. - Num gesto deliberado, ele passou a ponta do dedo sobre a pele nua do ombro de Margo e subiu pelo pescoço, enquanto observava a expressão dela tornar-se cautelosa. Porque assim estás a pedir sarilhos.

Margo quase ajeitou o robe, mas controlou-se a tempo. Era estranho como a sua pele se arrepiava daquela maneira. - Já me viste nua.

- Tinhas dez anos. - Josh recolocou o robe no lugar, ficando satisfeito ao senti-la estremecer. - Não conta.

Para testar a sua reacção, ele enfiou os dedos no cinto do robe e deu um puxão ao de leve.

- Queres arriscar, Margo?

O perigo vibrou abruptamente no ar, inesperado e fascinante. com um esforço para ser cautelosa, Margo recuou.

- Vou-me vestir. E depois podemos sair para jantar.

- A opção segura.

Mas ela não estava a sentir-se segura quando Josh saiu do quarto e fechou a porta. Em vez disso, estava a sentir-se... agitada.

Ele fizera tudo aquilo para pressioná-la a sair. Essa foi a conclusão simples e racional a que Margo chegou. Parecia a única conclusão possível quando ele se instalou no pequeno e movimentado restaurante, empenhando-se com o maior entusiasmo na escolha do primeiro prato, antipasto di funghi crudi.

- Experimenta um. - Ele estendeu um cogumelo marinado na direcção dos lábios de Margo. - Ninguém prepara os vegetais como os Italianos.

- Ninguém faz nada comestível como os Italianos.

Mas Margo apenas brincou com a salada de tomate e mozzarella. Acostumara-se de tal forma a evitar refeições completas, que comer com apetite ainda parecia uma fraude.

- Precisas ganhar pelo menos dois a três quilos, Margo. Até quatro ou

cinco não faria mal.

- Quatro e eu teria uma conta colossal da costureira para alterar todo o guarda-roupa.

- Come. Vive perigosamente.

Ela mastigou um pedaço de queijo.

- És um homem de negócios estranho. Josh riu-se.

- Se queres ver-me assim...

- Não é um insulto. É difícil para mim imaginar-te um executivo, a tomar decisões empresariais. O teu pai sempre teve essa aura de poder. Tu és mais...

- Irresponsável?

- Não. Relaxado. - Impaciente consigo mesma, Margo suspirou.

- Juro que não estou a tentar insultar-te, Josh. O que quero dizer é que fazes parecer fácil tudo em que te metes. Repara no Peter.

- Não, obrigado.

- Em comparação. Ele é tenso e determinado. Tem estampado no rosto a expressão "Executivo de sucesso e ambicioso".

- E eu, por outro lado, o herdeiro da fortuna Templeton, sou relaxado, não é isso? E despreocupado, circulando pelos lugares mais in do mundo, seduzindo mulheres nos intervalos das partidas de squash. Ou jogando squash entre a sedução de mulheres?

- Não sei qual das duas opções - disse Margo, com a voz calma mas isso é irrelevante.

- E o objectivo do teu comentário imoral é...?

- Eu insultei-te. - Demasiado habituada a ele para se preocupar, Margo encolheu os ombros. - Deves ter algum talento para os negócios, porque os teus pais não são tolos. Por mais que gostem de ti, não te dariam liberdade para interferir na administração dos hotéis. Deixariam que gastasses do teu fundo de investimentos, como um perdulário.

- A tua confiança em mim é comovente. - com uma gargalhada irónica, ele encheu os copos. - Acho que preciso beber mais.

- E és licenciado em Direito.

- Isso mesmo, o diploma que me deram depois de me ter cansado de armar confusão em Harvard.

- Não sejas tão sensível. - Ela afagou a mão de Josh. - A propósito, lembrei-me de que deves saber alguma coisa de gestão. Recebi algumas

propostas interessantes. A mais lucrativa e menos complicada é a da Playboy.

Os olhos de Josh tornaram-se sombrios.

- Entendo...

- Já posei nua... ou quase nua. - Cautelosa com a enigmática reação de Josh, ela cortou um pedaço de queijo. - As revistas europeias não são tão puritanas quanto as americanas.

- E consideras que um anúncio artístico na Vogue italiana está ao mesmo nível de uma revista de mulheres nuas? - perguntou Josh, sentindo-se ridiculamente como um amante enganado, com a mente a fervilhar de pensamentos homicidas.

É claro que Margo tinha consciência das diferenças, o que a fez sentir-se ainda mais tola.

- O corpo é o mesmo - murmurou ela, encolhendo os ombros, num gesto de indiferença. - Na verdade, tenho vivido a posar para as câmaras, com mais ou menos roupa. É uma maneira de continuar a fazê-lo. Seria apenas uma sessão de fotografias, mas seria o suficiente para pôr alguma distância entre mim e os credores. com o que me oferecem, eu poderia recuperar-me. Pelo menos um pouco.

Os olhos de Josh nunca se desviaram do rosto de Margo. Ali perto, um empregado de mesa deixou cair uma bandeja cheia de pratos, provocando um grande estrondo. Josh nem sequer pestanejou.

- Estás a pedir-me para analisar a proposta?

Fora o pensamento de Margo, mas ela reconsiderou... e reconsiderou depressa, devido ao tom cortante da pergunta.

- Não. Apenas mencionei uma das alternativas.

- É isso o que queres ser, Margo? O sonho erótico de adolescentes a masturbarem-se? A imagem do póster central do mês pendurada nas oficinas de mecânica? Um acessório visual numa clínica de fertilidade?

- Acho que estás a ser de muito mau gosto.

- Eu é que sou de mau gosto?

A maneira como ele explodiu fez com que várias pessoas virassem a cabeça para olhar.

- Não grites comigo - murmurou Margo. - Nunca tiveste qualquer respeito pelo que faço. Não sei porque pensei que podias fazer algum comentário sensato a este respeito.

- Queres um comentário sensato. Essa é boa! - Josh engoliu o vinho,

para forçar a bÍlis a descer pela garganta. - Muito bem, faz isso, duquesa. Pega no dinheiro e foge. Não te preocupes se embaraçares a tua família. Porque devias importar-te? As pessoas podem dar risadinhas quando a tua mãe entrar no supermercado. Ou as outras crianças gozarem com a Ali na escola. Não é problema teu. Apenas queres ser bem paga.

- Já chega - murmurou Margo.

- Já? Ora, estou apenas a aquecer.

- Eu disse que era uma opção. Não disse que ia aceitar. - com dedos impacientes, ela massajou a têmpora esquerda, pois começava a doer-lhe a cabeça. - E é apenas um corpo. O meu corpo.

- Mas tu estás ligada a outras pessoas. Eu esperava que já tivesses começado a compreender que elas são afectadas por tudo o que fazes.

- Eu sei. - Cansada, ela baixou a mão. - E, a julgar pela tua reacção, não seria muito favorável.

Pouco a pouco, Josh recolheu a fúria e estudou Margo.

- O que estás a fazer? A apalpar o terreno comigo? Ela conseguiu exhibir um sorriso.

- Isso mesmo. Uma péssima ideia. - Suspirando, Margo empurrou o prato para o lado. - Continuemos. Não vamos perder tempo com o produtor alemão que me ofereceu um monte de marcos se eu aparecesse no próximo filme para adultos que vai realizar.

- Por amor de Deus, Margo!

- Eu disse que não íamos perder tempo com isso. Então, o que é que fazes quando pensas em redecorar um dos teus hotéis?

Josh passou a mão pelo rosto.

- Bem, é melhor pedirmos a comida enquanto tento processar essa brusca mudança no rumo da conversa.

Ele fez sinal ao empregado, pediu tagliolini para si e risotto para Margo. com o queixo apoiado na mão, ela começou a pensar na opção seguinte.

- O teu italiano é muito melhor do que o meu. Isso também pode ser útil.

- Margo, querida, não mudes de assunto enquanto eu não estiver pronto.

- Josh ainda sentia o sangue a ferver ao pensar em Margo completamente exposta, em cores gloriosas, para que qualquer homem com algumas moedas no bolso se pudesse babar. - Estás a pedir-me conselhos de decoração?

- Claro que não. - A simples ideia fê-la rir. A dor de cabeça e o estômago embrulhado decorrentes da explosão de Josh já começavam a

abrandar. - Estou curiosa sobre o que fazem com os móveis quando reformam as suítes.

- Tu queres os móveis?

- Josh, responde só à minha pergunta. O que fazem quando mudam a decoração?

- Está bem. Raramente fazemos isso nos hotéis antigos, já que os nossos clientes apreciam a tradição. - Josh tentou perceber o que estaria a passar pela fascinante mente de Margo. Encolheu os ombros. Não tardaria a descobrir. - Mas, quando compramos um hotel novo, em geral reformamos os quartos ao estilo Templeton, usando os temas locais como inspiração. Mantemos o que se adapta aos nossos padrões, às vezes enviamos peças para outro hotel. O que não aproveitamos é normalmente vendido em leilão, que é sempre onde os decoradores e compradores procuram o que precisam. Também compramos em antiquários e em liquidações de espólios.

- Leilão... - murmurou Margo. - Pode ser o melhor. O mais simples. Leilões, antiquários, liquidações de espólios. No fundo, são como lojas de segunda mão, não é verdade? Afinal, tudo já pertenceu a alguém, já foi usado. Às vezes, as pessoas prezam mais as coisas se já pertenceram a alguém.

Ela olhou radiante para o empregado, fazendo-o quase derrubar os pratos, de tanto que a sua tensão arterial subiu.

- Grazie, Mario. Ho molta fame.

- Prego, signorina. Mia piacere. Buon appetito.

Ele afastou-se da mesa, evitando por um triz o choque com um ajudante.

- O teu italiano é ótimo - comentou Josh, secamente. - Nem precisas de palavras.

- O Mário é maravilhoso. Tem uma esposa adorável que o presenteia com uma bambina todos os anos. E nunca olha para dentro da minha blusa. - Margo fez uma pausa, pensou um pouco, depois acrescentou, atacando o risotto com entusiasmo: - Ou quase nunca. Mas estávamos a falar de lojas de segunda mão.

-Ai, é?

- É! Qual é a percentagem do valor habitual quando vendes?

- Depende de vários factores.

- Quais?

Josh sacudiu a cabeça, achando que já fora paciente e informativo por

tempo suficiente.

- Primeiro tens de me explicar. Porque queres saber?

- Estou a pensar... qual é mesmo o termo?... em promover um downsizing, uma redução do tamanho.

Margo tirou um camarão do prato dele.

- Na verdade, rightsizing, a busca do tamanho certo, é o termo politicamente mais correcto.

- Até que gosto mais assim. Rightsizing. - Ela riu-se da ideia. - Há anos que ando a coleccionar coisas. Pensei que podia livrar-me de algumas. O meu apartamento está atravancado, e nunca tive tempo para diminuir o meu guarda-roupa. Mas como tenho algum tempo de folga agora...

Margo fez uma pausa, tentou sorrir e acrescentou:

- E como a Playboy é uma perspectiva excluída...

- Não queres que eu te faça um empréstimo, Margo. Queres apenas que eu fique de braços cruzados, sem fazer nada, enquanto vendes os sapatos para pagar a conta da mercearia.

- E as carteiras, caixas de porcelana e castiçais. - Margo decidiu que não o deixaria sentir pena dela. Nem ele nem ninguém. - Afinal, a Streisand fez isso há alguns anos, não foi? Não que ela precisasse do dinheiro, mas qual é a diferença? A Streisand vendeu coisas que acumulara ao longo dos anos, e duvido que tenha desdenhado o dinheiro. Ao que tudo indica, não serei capaz de vender o meu rosto num futuro previsível e não tenciono vender o meu corpo. Portanto, as opções ficam reduzidas a vender as minhas coisas.

Josh percebeu que ela não queria compaixão e, portanto, não a ofereceu.

- Era o que estavas a fazer quando cheguei ao apartamento? Um inventário?

- De uma maneira impulsiva, semi-histórica. Mas, agora que estou calma e racional, percebo que o plano... para ser franca, um plano da Kate... tem o seu valor. - Margo pôs a mão sobre a dele. Josh, quando nos encontrámos lá em casa, perguntaste-me se precisava de ajuda. Estou a dizer-te que preciso, estou a pedir-te que me ajudes.

Ele olhou para a mão de Margo, vendo o brilho da safira e dos diamantes a destacar-se contra a pele branca e cremosa.

- O que queres que eu faça?

- Em primeiro lugar, mantém isto entre nós, por enquanto. Josh pôs a sua mão por cima, entrelaçando os seus dedos nos de Margo.

- Está bem. O que mais?

- Se puderes, ajuda-me a descobrir como e onde vender o que tenho para vender. Como obter o melhor preço. Não geri bem o meu dinheiro. Também não o fiz em relação à minha vida, mas pretendo começar tudo agora. Não quero ser enganada porque não sei quanto vale uma coisa, ou porque estou com demasiada pressa.

Ele pegou no copo de vinho com a outra mão e pensou um pouco. Não apenas no que Margo lhe estava a pedir, mas também no que significava, e no que ele poderia fazer.

- Posso ajudar-te, se tens a certeza de que é isso mesmo que queres.

- Claro que tenho.

- Tens duas opções, a meu ver. Podes contratar um agente. Mantendo os olhos nos dela, Josh tornou a encher os copos de vinho. - Conheço uma organização aqui em Milão que merece toda a confiança. Eles vão ao teu apartamento, avaliam o que separaste e oferecem cerca de quarenta por cento.

- Quarenta por cento? Mas isso é terrível!

- É sem dúvida muito pouco, mas fazemos muitos negócios com eles, e talvez consigas condições um pouco melhores.

Sombria, Margo comprimiu os lábios.

- Quais são as outras opções?

- Podes tentar uma casa de leilões. Ou podes contratar um avaliador e depois procurar um antiquário ou uma loja de segunda mão. Josh inclinou-se para a frente, observando o rosto dela. - Mas, se queres saber a minha opinião, acho que tu mesma devias proceder à venda.

- Como assim?

- A Margo Sullivan pode vender qualquer coisa. O que andaste a fazer nos últimos dez anos senão a vender os produtos dos outros? Vende tu mesma, Margo.

Aturdida, ela recostou-se na cadeira.

- Mas não foste tu quem acabou de me condenar por mencionar essa possibilidade?

- Não a tua foto, mas a ti. Abre uma loja, põe as tuas próprias coisas lá dentro. Faz publicidade. Exibe-as.

- Abrir uma loja? - Ela soltou uma gargalhada, enquanto pegava no copo. - Não posso abrir uma loja.

- Porque não?

- Porque... não sei porquê... - Margo empurrou o copo para o lado. - Já bebi demasiado vinho se não te consigo responder.

- O teu apartamento já é um centro comercial em pequena escala.

- Há dezenas de razões pelas quais não daria certo. - Margo sentia vertigens só de pensar na ideia. - Não percebo nada de gerir um negócio, não seria capaz de tratar da contabilidade.

- Podes aprender.

- Há impostos e taxas. Licenças. Arrendamento... não sei mais o quê!

- Atordoada, Margo começou a passar os dedos pela corrente pendurada no pescoço. - Estou a tentar livrar-me de dívidas, e não fazer mais. Além disso, precisaria de dinheiro.

- Podias arranjar um investidor, alguém disposto a entrar com o dinheiro para abrires o negócio.

- Quem seria suficientemente estúpido para fazer uma coisa dessas?

josh ergueu o copo. -Eu.

CAPÍTULO 7

MARGO passou a maior parte da noite a pensar, virando-se de um lado para outro na cama, enumerando todas as objecções racionais de que se devia ter lembrado durante a conversa.

Era uma ideia absurda. Tola e irresponsável. E surgira exactamente no momento em que ela tanto se esforçava para deixar de ser absurda, tola e irresponsável. Era óbvio que Josh percebia de negócios pouco mais do que ela. Caso contrário, não teria sugerido um plano tão ridículo.

Ela não era uma comerciante. Apreciar coisas belas significava apenas que tinha um gosto dispendioso. Não significava que podia tornar-se uma comerciante. Talvez soubesse vender, mas ser a imagem da Bella Donna e exortar um turista a preencher um traveler's check para pagar um peixinho dourado da Daum eram coisas completamente diferentes.

É verdade que as pessoas iriam à loja, pelo menos no princípio. Por curiosidade, pela alegria de ver a anteriormente famosa e agora tristemente notória Margo Sullivan a vender as suas coisas. E provavelmente conseguiria algumas vendas, no início. Talvez uma matrona da sociedade, com demasiados liftings no rosto, apontasse na sua sala de estar para uma antiga caixinha de rapé, comentando que a comprara a uma pobre modelo que caíra em desgraça.

Margo rangeu os dentes. Bem, de qualquer forma, ela estaria com o dinheiro da matrona presunçosa no bolso, não é verdade?

Tentou controlar-se, sacudindo a cabeça. Não, era impossível. Abrir um negócio era complicado de mais, mantê-lo estava para além da sua capacidade. Só serviria para gerar outro fracasso.

Cobarde.

"Cala a boca, Josh! Não seria a tua vida em jogo. Seria só o teu dinheiro."

De qualquer maneira, ela não aceitaria o dinheiro de Josh. A perspectiva de ter uma dívida para com ele era mais do que o seu orgulho podia suportar. E, mesmo que reprimisse o orgulho, achava que os seus nervos não aguentariam trabalhar com ele. com toda a certeza, Josh passaria a aparecer mais do que agora, para fiscalizá-la e controlar o investimento.

Era estranha a maneira como ele a contemplava. Distraída, Margo passou a mão entre os seios. Será que Josh olhara sempre para ela daquela forma? Ou só agora é que ela se apercebera? Podia reconhecer a fome nos olhos de um homem. Já se acostumara a isso. Não havia razão para que sentisse a boca seca e a pulsação disparasse só porque eram os olhos de Josh.

Afinal, os olhos de Josh eram para ela tão familiares quanto os seus. Conhecera aqueles olhos, assim como o dono, toda a sua vida. Só podia ser a sua imaginação... e a imaginação distorcida pelo turbilhão emocional em que se encontrava. Era apenas porque estava a sentir-se tão indesejada que confundia bondade e preocupação de um velho amigo com desejo.

Era apenas isso, sem dúvida.

Mas ela sabia que não confundiu a reacção que teve quando Josh a tocara, quando os dedos dele deslizaram pelo seu ombro nu. Carne contra carne. E, por um instante, apenas um rápido relance, ela até fantasiara que aqueles dedos desceriam, abririam o robe, acariciariam os seus seios e...

E só podia estar à beira da loucura para acalentar um devaneio erótico com Josh Templeton.

Ele era seu amigo, eram praticamente família. E, naquele momento, essa era a menor das suas preocupações.

Tinha de se concentrar nos aspectos práticos da sua vida e não em intrigas sexuais. Depois de Alain, decidira que o sexo, o romance e até uma insinuação de relacionamento deveriam ficar no fundo da sua lista de prioridades. A atitude mais razoável seria a de procurar Josh pela manhã e pedir o nome do agente que ele mencionara. Podia desfazer-se de tudo de que não precisasse para a sobrevivência básica, aceitar os quarenta por cento e seguir em frente.

Venderia também o carro. E as peles. A hora marcada duas vezes por mês com Sérgio Valente em Roma era agora uma impossibilidade. Assim como as duas excursões por ano a Lês Près et lês Sources, em França. Também não haveria mais passeios despreocupados pela Montenapolitane, com visitas a Valentino e Armani.

Viveria com o que tinha, ou melhor, com o que sobrasse, e procuraria um emprego.

E que Josh fosse para o Inferno por deixá-la envergonhada de mais para aceitar um caché de seis dígitos por uma inofensiva sessão de fotografias.

"Afinal, que tipo de loja seria?", especulou Margo, já que a sua mente

não parava de voltar ao ponto inicial. As pessoas não entravam numa loja à espera de comprar uma mala Cucc; e um pássaro Steuben no mesmo local. Não seria apenas de roupas em segunda mão, antiguidades e artigos de couro. Seria uma miscelânea; tudo misturado.

Seria diferente.

E seria sua.

com as mãos comprimidas contra a boca, Margo deu-se ao luxo de dar largas à imaginação. Prateleiras atravancadas, mas com uma aparência elegante e agradável, coisas inúteis, mas lindas. Montras de vidro com jóias a faiscarem. Mesas e cadeiras, divãs requintados. Para relaxar... e tudo à venda. Uma sala preparada como se fosse um enorme roupeiro. Uma pequena área para descanso, em que ela serviria chá e champanhe. Em peças de porcelana e cristal, também à venda.

Podia dar certo. Além de que também podia ser muito divertido. Seria uma aventura. Que se lixem os pormenores, os contratos, o equilíbrio mental! Ela arranjará uma forma de resolver tudo.

com uma gargalhada exuberante, Margo levantou-se e vestiu-se.

Josh estava a sonhar... e era um sonho agradável. Podia até sentir o cheiro de Margo, a fragrância que sempre se infiltrava por todos os seus poros. Ela estava a murmurar o nome dele, quase a suspirar, enquanto Josh a acariciava. Oh, Deus, ela tinha a pele como cetim, lisa e branca, o corpo glorioso e generoso de deusa tornava-se cada vez mais húmido enquanto se colava a ele.

com as costas arqueadas, ela estremecia e...

-Ui!

Ele sentiu um beliscão. Abriu os olhos e pestanejou na escuridão. Seria capaz de jurar que lhe doía o ombro onde ela o apertara. E seria capaz de jurar também que a fragrância de Margo estava a impregnar o ar.

- Desculpa, mas estavas a dormir como uma pedra.

- Margo? Estás louca? Que horas são? O que é que estás aqui a fazer? Caramba! - Ele continuou a resmungar, furioso, enquanto ela se virava e acendia a luz. - Apaga isso ou eu mato-te!

- Oh!, já me tinha esquecido de como ficas mal-humorado ao acordar.

Demasiado animada para se sentir ofendida, Margo apagou a luz, e foi até junto das cortinas, abrindo-as para deixar entrar a suave e adorável claridade do dia que estava a nascer.

- Agora, para responder às tuas perguntas: Acho que sim. Está a amanhecer, e vim até aqui para te agradecer.

Ela sorriu, enquanto Josh olhava atordoado para o tecto. A cama era um lago de lençóis de linho amarrotados, sob o cetim azul-claro do edredão. A cabeceira era uma fantasia de querubins e frutos, tudo esculpido e dourado. Em vez de parecer ridículo, no meio de todo aquele esplendor, Josh dava a impressão de se encontrar no lugar certo.

- Meu Deus, és mesmo atraente, com os olhos pesados, mal-humorado, essa barba por fazer tão sensual...

Ela inclinou-se para passar a mão pelo rosto de Josh, provocante, mas soltou um grito quando ele a puxou para a cama. Antes de poder recuperar o controlo, Margo deu por si imobilizada por baixo de um corpo de homem, forte e musculoso.

E excitado. Não havia a menor possibilidade de o atribuir à imaginação desta vez. As ancas de Margo reagiram arqueando-se antes que ela se pudesse controlar. Os olhos de Josh tornaram-se opacos. Num gesto instintivo, ela soltou uma das mãos e deu uma palmada no peito de Josh.

- Não vim para lutar contigo.

- Então porque estás aqui? E como é que chegaste à suíte?

- Eles conhecem-me lá em baixo. - Ah, como ela estava ofegante e trémula... e excitada. - Disse que estavas à minha espera, que devias estar a tomar um duche... e deram-me uma chave da suíte.

O olhar de Josh demorou-se nos lábios de Margo, deixando-a ainda mais excitada.

- Parece que interrompi um dos teus sonhos eróticos, Josh. Posso esperar na sala até...

Ela parou de falar, decidindo que era melhor não completar o seu pensamento. Josh tornou a pegá-la pelo pulso, estendendo o braço por cima da cabeça.

- Até o quê?

- Até ser mais oportuno. - Margo quase podia sentir a boca de Josh, muito próxima, comprimir-se contra a sua, dura e faminta. Queria conversar contigo, mas é óbvio que devia ter esperado.

- Estás a tremer...

Ela tinha também os olhos um pouco contraídos pela falta de sono. Os cabelos, tão compridos e sensuais, espalhavam-se sobre os lençóis

desarrumados.

- Nervosa, Margo?

Ela ouvia a sua própria respiração, ofegante, sabia que ninguém se enganaria sobre o desejo que vibrava no som.

- Não propriamente.

Josh baixou a cabeça, roçando os dentes ao de leve no queixo de Margo. Quando ela gemeu, esperou que estivesse a fazê-la sofrer por todas as noites em que a desejara ardentemente.

- Curiosa?

- Muito.

Ele aproximou os lábios do ouvido de Margo, cujos olhos ficaram ofuscados pelo desejo.

- Alguma vez te interrogaste porque é que nunca tínhamos chegado a este ponto?

Margo estava com muita dificuldade em manter qualquer pensamento coerente na cabeça, enquanto ele lhe mordiscava o pescoço.

- Talvez, uma ou duas vezes.

Josh ergueu a cabeça. A luz do sol-nascente envolvia-o. com os cabelos desgrenhados, os olhos na sombra, a barba por fazer, ele parecia rude e destemido, com uma virilidade perigosa e irresistível.

-Não...

Ela não sabia de onde viera a negativa, já que todos os pontos sensíveis do seu corpo ansiavam por mais.

- Não o quê?

- Não me beijes. - Margo deixou escapar um suspiro trémulo. Se me beijares, vamos fazer amor. Estou demasiado excitada para me entregar sem pensar no que acontecerá daqui a uma hora.

- Não precisas de te preocupar com o que possa acontecer dentro de uma hora. - A boca de Josh roçou pela têmpora de Margo, alcançando o canto dos lábios. - Vai durar mais. Muito mais.

- Por favor... daqui a algumas horas... oh, Josh... convenceste-me de que tudo o que faço afecta outras pessoas.

- Podes ter a certeza - murmurou ele. - Estou afectado. O coração martelava nos ouvidos de Margo, insistente.

- Não posso dar-me ao luxo de arruinar outra parte da minha vida. Preciso de um amigo. Preciso que sejas meu amigo.

Grunhindo, ele rebolou para o lado.

- Sem querer ofender, Margo, vai para o Inferno.

- Não me ofendi.

Ela não tocou em Josh. Tinha a certeza de que, se o fizesse, um dos dois - senão mesmo ambos - havia de explodir. Por um momento, permaneceram estendidos em silêncio, mal respirando.

- Estou apenas a tentar poupar-nos muitos problemas. Os olhos de Josh cravaram-se nos dela.

- Estás apenas a adiar. Voltaremos a isto.

- Há bastante tempo que escolho os meus companheiros de cama. Josh agiu depressa, segurando-a pelos pulsos e tornando a puxá-la.

- Deves ter cuidado, duquesa, ao atirar os teus amantes à minha cara num momento como este.

Aquelas palavras funcionaram na perfeição para romper o encantamento. Margo empinou o queixo.

- Não te armes em arrogante. Quando quiser divertir-me contigo, eu aviso. - Margo percebeu a mudança nos olhos de Josh e também se enfureceu. - Tenta, tenta só, e arranco-te a pele dos ossos. Não és o primeiro homem que pensou que podia deitar-me de costas e fazer com que eu gostasse.

Josh largou-a, porque era uma atitude mais sensata do que tentar estrangulá-la.

- Não me compares com os cobardes e fracassados com quem tens desperdiçado o teu tempo.

Margo sabia que estava prestes a explodir e resolveu sair da cama.

- Não vim aqui para rebolar pela cama contigo... nem para discutir. Quero tratar de negócios.

- Da próxima vez, marca uma reunião.

Sem se preocupar mais com subtilezas, Josh atirou os lençóis para o lado. Margo nem pestanejou quando ele se dirigiu nu para a casa de banho, acrescentando:

-Já que estás aqui, podes pedir o pequeno-almoço.

Ela esperou até ouvir o barulho do chuveiro antes de soltar um suspiro longo e aliviado. Mais um minuto, admitiu para si, e não seria capaz de se conter. com a mão comprimida contra o estômago, Margo concluiu que ambos tinham sorte por ela os ter forçado a evitarem aquele erro.

Porém, quando tornou a olhar para a cama, já não se sentiu tão afortunada assim. Sentiu-se apenas carente.

Enquanto Josh se vestia, Margo tomou a primeira chávena de café. Ajeitou a bandeja de prata na mesa com toalha de linho que estava na sala. Relaxou com a visão da piazza, as estátuas de deuses e cavalos alados em mármore branco.

Como qualquer suíte em qualquer hotel da rede Templeton, o interior era sumptuoso, e a vista espectacular. Um tapete oriental estendia-se sobre um chão de pequenas lajes cor de marfim. As paredes tinham um papel com rosas de folhas douradas, cornijas e sancas aumentavam a opulência. Sofás com almofadas de brocado e borlas, a aparelhagem e o televisor embutidos em armários com a devida descrição, estatuetas, abajures antigos, cinzeiros de cristal, jarras enormes com flores, o bar curvo de ébano à frente de um espelho na parede... tudo proclamava a classe e a distinção Templeton.

O estilo art nouveau era bastante sumptuoso e decadente para fazer com que até um hóspede insensível suspirasse. E Margo também suspirou.

No caso da rede Templeton, a classe era acompanhada pela eficiência. com um simples toque num botão do telefone branco que estava em todas as divisões da suíte, era possível pedir-se qualquer coisa, desde toalhas limpas a bilhetes para o La Scala e uma garrafa de Cristal à temperatura certa dentro de um balde de gelo. Havia um cesto com frutos na mesinha de café, as uvas suculentas, as maçãs lustrosas. Por detrás do bar, o pequeno frigorífico estaria abastecido com uísque, chocolates suíços e queijos franceses.

As flores, abundantes até mesmo na casa de banho e no quarto de vestir, eram frescas, regadas e trocadas todos os dias por um dos funcionários, bem treinados e sempre simpáticos e atenciosos.

Ela inspirou o odor da rosa que estava na mesa do pequeno-almoço. Era deliciosamente perfumada, com uma haste longa, e começava a desabrochar. "Perfeito", pensou, como se podia esperar de qualquer coisa com o nome Templeton.

"Inclusive", reflectiu Margo, quando Josh saiu da casa de banho, "o herdeiro Templeton."

Como se sentia um pouco culpada pela invasão da suíte ao amanhecer, Margo serviu-lhe o café do bule de prata, acrescentando uma generosa gota de natas, como sabia que ele gostava.

- O serviço no Templeton Milão ainda é o melhor da cidade. E o café

também - disse, estendendo-lhe a chávena quando ele se sentou à mesa.

- Podes ter a certeza de que transmitirei os teus comentários ao gerente... depois de despedi-lo por te ter deixado subir.

- Não fiques tão zangado, Josh. - Ela ofereceu o seu sorriso mais persuasivo e só ficou um pouco contrariada ao ver que não surtia efeito. - Lamento ter-te acordado. Na altura, não pensei como devia.

- Não pensar como deve ser é uma das tuas capacidades mais desenvolvidas.

Margo pegou num morango e meteu-o na boca.

- Não vou discutir... e também não peço desculpas por não ficar na cama contigo só porque ficaste com o ego abalado.

O sorriso de Josh foi tão fino e cortante quanto um bisturi.

- Duquesa, se eu te tivesse tirado a roupa, não estarias a pedir-me desculpa, mas sim a agradecer-me.

- Ah, vejo que me enganei. O teu ego não ficou abalado, mas inchado dolorosamente. Vamos esclarecer a situação, Joshua. - Ela inclinou-se para a frente, com confiança a transbordar dos olhos sensuais.

- Gosto de sexo. Acho que é uma excelente forma de diversão. Mas não preciso divertir-me de cada vez que alguém sugere uma festa. Escolho o momento, o lugar e os meus companheiros de diversão.

Satisfeita, Margo recostou-se, escolhendo um bolinho do cesto. Tinha a certeza de que com estas palavras teria esclarecido a questão.

- Podias escapar impune com essa declaração. - Ela tinha razão, pensou Josh. O café estava ótimo, o que o deixava com um ânimo melhor. - Se não tivesses estado a tremer e a gemer por debaixo de mim há meia hora atrás.

- Não gemi. Ele sorriu.

- Gemeste, sim. - Josh sentia-se de facto bem melhor. - E estavas à beira de te contorceres.

- Nunca faço isso.

- Vais fazer.

Margo deu uma dentada no bolo.

- Cada menino deve ter os seus sonhos. E, agora, se já terminámos a nossa peleja medieval sobre sexo...

- Querida, ainda nem ergui a minha lança.

- É um medíocre comentário de duplo sentido. Ela atingiu o alvo.

- É muito cedo. Porque é que não me dizes de uma vez por todas o

motivo que te fez vir tomar o pequeno-almoço comigo?

- Passei a noite inteira acordada.

O comentário que ocorreu a Josh não era simplesmente medíocre, mas também grosseiro de mais. Ele deixou passar. -E?

- Não consegui dormir. Fiquei a pensar na situação em que me encontro, nas opções que sugeriste. A primeira parece a mais sensata.

Procurar um agente e pedir uma oferta pelos móveis e as jóias. Provavelmente seria a solução mais rápida... e a menos complicada.

- Concordo.

Ela levantou-se, pôs-se a andar de um lado para o outro, esfregando as mãos. As botas de camurça eram tão silenciosas nas lajes quanto no tapete.

- Talvez seja tempo de eu aprender a ser sensata. Estou com vinte e oito anos, desempregada, com os credores a baterem-me à porta. Senti pena de mim mesma a princípio, mas agora compreendo que tive uma sorte incrível. Pude ir a lugares, fazer e ter coisas com que sempre sonhara. E porquê?

Margo parou no meio da sala, deu uma volta lenta sob o lustre de cristal. Trazia vestidas umas calças ao estilo de montar, com uma blusa branca, estava sensual e vibrante.

- Porquê?

- Porque tenho um rosto e um corpo fotogénicos. E isso é tudo. Um bom rosto. Um corpo sensual. É claro que também tive de me esforçar, tive de ser hábil e obstinada. Mas no fundo, Josh, é uma questão de sorte. A sorte na lotaria genética. Agora, através de circunstâncias que podem ou não ter ido além do meu controlo, isso acabou. E não quero lamentar-me mais.

- Tu nunca foste de te lamentar, Margo.

- Podia dar lições sobre esse tema. Mas chegou a altura de crescer, assumir responsabilidades, ser sensata.

- Conversa com agentes de seguros de vida - comentou Josh, sarcástico.

- Pede um cartão para levatares livros da biblioteca. Recorta cupões de brindes.

Ela fitou-o.

- Falaste com a arrogância de um homem que não só nasceu num berço de ouro, mas também em toda uma casa de ouro.

- Acontece que tenho vários cartões de biblioteca... algures.

- Posso continuar?

- Desculpa. -Josh sentia-se preocupado. Ela mostrava-se ansiosa e feliz,

mas não falava como Margo. Não a sua Margo, que era temerária e adorável.
- Continua.

- Provavelmente eu conseguiria superar a crise actual, faria novas fotos, arranjar um lugar na passarela em Paris ou Nova Iorque. Levaria tempo, mas poderia recuperar-me.

com um esforço para pensar com toda a lucidez, Margo passou o dedo por um castiçal no formato de uma donzela de túnica, ladeado por duas taças com velas douradas.

- Há outras maneiras de ganhar dinheiro como modelo. Podia voltar aos catálogos, por onde comecei.

- Vendendo lingerie para a Victoria's Secret? Ela virou-se abruptamente, com os olhos cheios de fúria.

- Qual é o mal disso?

- Nada. - Josh partiu um pãozinho. - Aprecio uma lingerie bem vendida tanto quanto qualquer outra pessoa.

Margo respirou fundo. Não ia irritar-se. Não agora.

- Não seria fácil na minha actual situação conseguir contratos. Mas já fiz isso antes.

- Eras dez anos mais nova - lembrou Josh, prestável.

- Obrigada por mo recordares. Mas lembra-te da Cindy Crawford, da Christie Brinkley e da Lauren Hutton. Elas já não são adolescentes. Quanto à tua brilhante sugestão, a ideia de abrir uma loja é ridícula. Pensei em meia dúzia de razões válidas contra isso ontem à noite. Além de não ter a menor noção de como gerir um negócio, há também o facto de que, se fosse suficientemente louca para tentar uma coisa dessas, poderia muito bem agravar a minha situação... que já é instável de mais. É mais do que provável que fosse à falência em seis meses, e então enfrentaria outra humilhação pública e seria obrigada a prostituir-me nas esquinas para caixeiros-viajantes em busca de emoções baratas.

- Tens razão. É inadmissível.

- Absolutamente inadmissível.

- Então quando queres começar?

- Hoje. - com uma gargalhada exultante, Margo correu até à mesa, enlaçando-o pelo pescoço. - Queres saber o que é melhor do que ter alguém que te conheça por dentro e por fora?

- O quê?

- Nada. - Ela deu um beijo ruidoso no rosto de Josh. - Se tens de ir ao fundo...

- Então vai ao fundo em grande estilo.

Josh agarrou-a pelos cabelos e puxou a boca risonha ao encontro da sua. Não era uma brincadeira. Margo percebeu isso nesse mesmo instante. Os lábios de Josh eram ardentes e hábeis e fizeram com que ela entreabrisse a boca com um suspiro. Os movimentos lentos da língua de Josh provocaram ondas de choque, uma necessidade que vibrou por todo o corpo de Margo.

Deveria ser familiar. Ela já o beijara antes, já o saboreara antes. Mas os momentos fraternais não a tinham preparado para aquele instante, para a descarga de puro e inegável desejo animal.

Parte da sua mente tentou recuar, tentou lembrar-se de que aquele homem era Josh. O mesmo Josh que menosprezara a sua preciosa colecção de bonecas quando tinha seis anos. Que a desafiara a subir o penhasco na sua companhia quando tinha oito anos e depois a carregara ao colo para casa quando ferira a perna numa pedra.

Josh, que ria das suas paixões adolescentes pelos amigos dele, que pacientemente a ensinara a guiar. Josh, que sempre se encontrava em algum lugar ao virar da esquina, onde quer que ela estivesse.

Mas aquilo era como beijar outro homem. Alguém perigosamente excitante. E tentador.

Josh tinha esperado por aquele momento. Não sonhara, centenas de vezes, em saboreá-la assim? Em tê-la nos seus braços, tensa, a boca reagindo à sua com uma fúria mal contida?

Ele estivera disposto a esperar, da mesma forma como se dispusera a sonhar. Porque sabia que Margo seria sua. Sabia que ela tinha de ser sua.

Mas ele não ia tornar tudo demasiado fácil. Portanto, recuou o rosto e ficou satisfeito por constatar uma expressão misteriosa e turva quando ela abriu os olhos. Torcia para que Margo estivesse a sentir o mesmo desejo angustiado que ele sentia naquele instante.

- Tu és muito bom nisto... Já tinha ouvido rumores a esse respeito.

- Ela compreendeu que estava ao colo de Josh, mas não sabia se ele a puxara ou se fora por sua própria iniciativa que se aninhara ali. - Pensava que eram exagerados, mas uma noite esgueirei-me até à piscina para te ver com a Babs Carstairs e, devo dizer-te, fiquei impressionada.

Nada mais que ela pudesse dizer seria tão apropriado para fazer o desejo

murchar.

- Tu estavas a espiar-me quando estive com a Babs?

- Só uma vez. Ou duas. Ora, Josh, eu tinha apenas treze anos. Estava curiosa.

- Não acredito! - Ele lembrava-se muito bem o quão longe fora com Babs numa noite quente à beira da piscina. - Tu viste... Não, não quero saber.

- Eu, a Laura e a Kate achávamos que ela era peituda de mais...

- Peituda... - Antes de poder rir pelo termo, Josh estremeceu. Tu e a Laura e a Kate. Porque é que não venderam bilhetes para o espectáculo?

- Creio que é muito natural uma irmã mais nova espiar o irmão mais velho.

Os olhos de Josh faiscaram.

- Não sou teu irmão.

- Pelo lugar em que estou sentada, eu diria que esse facto salva as nossas almas imortais.

O brilho intenso transformou-se num sorriso.

- Talvez tenhas razão. Eu quero-te, Margo. Há uma série de coisas incríveis, sórdidas e indescritíveis que eu gostaria de fazer contigo.

- Ora, ora... - Ela deixou escapar a respiração, que não percebera que retivera até esse momento. - Lá se vão as nossas almas imortais. Devo dizer que esta mudança é um tanto abrupta para mim.

- Tu não tens estado a prestar atenção.

- É claro que não.

Ela não conseguia desviar os olhos de Josh. Sabia que seria mais sensato fazê-lo. Sobrevivera, sem excepção, a todos os jogos em que homens e mulheres se empenhavam em manter o controlo. Mas aqueles olhos, cinzentos, frios e confiantes, advertiam-na que isso não seria uma opção com ele. Não por muito tempo.

- Estou a prestar atenção agora, mas ainda não estou preparada para o tiro de partida.

- Já foi disparado há muitos anos. - Ele desceu as mãos pelos lados do corpo de Margo, roçando nos seios. - Estou muito à tua frente.

- Tenho de decidir se te quero alcançar. - Margo riu e levantou-se. - Só que é muito estranho, todo este conceito de tu, eu e sexo.

Ela comprimiu a mão contra o peito, porque o coração batia irrequieto como uma égua no cio, antes de continuar:

- E é surpreendentemente tentador. Houve uma época, não há muito tempo, em que eu diria "Qual é o problema? Será divertido!", e correria para a cama contigo.

Quando ele se levantou também, Margo riu-se e pôs a mesa entre os dois.

- Não estou a armar-me em pudica. Não acredito nisso.

- O que é então?

- Tornei-me cautelosa, por uma vez na vida. - Subitamente, ela assumiu uma expressão sóbria, os olhos deixaram de ser zombeteiros. - Tu és muito importante. E acabo de descobrir que eu também sou. Não apenas aqui.

Margo fez uma pausa, apontando para o seu rosto.

- Por dentro também. Tenho de endireitar a minha vida. Tenho de fazer alguma coisa de que possa orgulhar-me. Tenho todos estes novos planos, estes novos sonhos. Quero que dêem certo. Não. - Ela fechou os olhos por um instante. - Tenho de fazer com que dêem certo. Para isso, preciso de muito tempo e esforço. O sexo distrai, se for como deve ser.

Ela sorriu e arrematou:

- E nós fá-lo-íamos como deve ser. Josh enfiou os polegares nos bolsos.

- O que pretendes fazer? Um voto de castidade? O sorriso de Margo alargou-se devagar.

- É uma excelente ideia... e sempre posso contar contigo para uma solução viável.

Ele ficou espantado.

- Estás a brincar...

- Estou a falar a sério. - Satisfeita com ambos, Margo adiantou-se e acariciou-o no rosto. - Muito bem, permanecerei casta até que o meu negócio prospere. Obrigada por pensares nisso.

Josh passou a mão pela garganta de Margo, mas sentia-se mais propenso a estrangular-se a si mesmo.

- Eu podia seduzir-te em trinta segundos. Agora estava a ser presunçoso.

- Se eu deixasse... Mas não vai acontecer até eu estar pronta.

- E devo ingressar num mosteiro até lá?

- A vida é tua. Podes ter qualquer uma que quiseses. - Margo virou-se, voltou à mesa, olhou para trás. - Menos eu.

Mas a ideia não parecia perfeita. Mastigando o bolo, ela reflectiu por um momento.

- A menos, é claro, que queiras fazer uma aposta.

"Ela está a lambear as migalhas do lábio inferior de propósito", pensou Josh. Sabia quando uma mulher tentava levá-lo à loucura.

- Que tipo de aposta?

- Que eu posso abster-me por mais tempo do que tu. Que eu posso assumir o compromisso adulto de controlar as minhas hormonas e empenhar-me a sério numa carreira.

Impassível, Josh despejou café quente nas duas chávenas. Por dentro, ele estava a rir. Margo não tinha a menor ideia do tempo que levaria para abrir a loja que estava a planear. Talvez meses. Ela não aguentaria por tanto tempo, concluiu ele, enquanto levantava a chávena, observando-a por cima da borda. E ele próprio trataria disso.

- O que eu teria de dar?

- O teu carro novo.

Josh engasgou-se com o café.

- O meu carro? O meu Jag?

- Isso mesmo. Tenho de vender o meu carro e não sei quando poderei comprar outro. Se tu cederes primeiro, eu fico com o Jag. Aqui em Itália.

- E se fores tu a ceder primeiro?

Quando ela gesticulou, rejeitando a possibilidade, Josh sorriu.

- Fico com os teus quadros.

- As minhas cenas de rua. - Margo sentiu um aperto no coração ao pensar nessa possibilidade. - Todos?

- Até ao último. A menos que tenhas medo de arriscar. Ela ergueu o queixo e estendeu a mão.

- Combinado.

Josh apertou-a, depois ergueu as mãos, roçou os lábios pelo pulso de Margo, mordiscou-lhe a palma da mão.

- Boa tentativa - murmurou ela, desenhando-se. - E agora vou tratar de negócios. Tenho de vender o meu carro.

- Não o leves a um revendedor - protestou Josh, enquanto ela pegava no casaco e na mala. - Vão esfoliar-te.

- Não vão, não. - Margo parou na porta, com um sorriso insinuante e irresistível. - De maneira nenhuma.

CAPÍTULO 8

MARGO espantou-se pela rapidez com que apanhou o espírito do negócio. Nunca imaginara como podia ser divertido e até hilariante as actividades de compra e venda. Foi o carro que começou tudo.

Não se sentiu nem um pouco envergonhada por usar todo o seu charme, atracção sexual e intensa feminilidade, não só como fichas para negociar, mas também como armas, concedidas por Deus e bem afiadas. Estava em guerra.

Depois de escolher o revendedor, emboscara a presa com lisonjas e sorrisos, esgrimindo com habilidade, alegando a sua inexperiência em negócios, a sua confiança no julgamento dele. Pestanejou várias vezes, assumiu um ar desamparado, até aniquilá-lo, de uma forma lenta, doce e inexorável.

E arrancou-lhe todas as liras que podia, até deixá-lo ofegante, quase sem respirar.

A joalheira foi um desafio maior, por ser mulher. Margo seleccionara duas das suas melhores e mais caras peças. Depois de avaliar a adversária como uma comerciante esperta, determinada e sem nada de sentimental, ela assumiu a mesma atitude.

Fora um mano a mano, ao melhor estilo feminino. Tinham negociado, discutido, escarnecido das ofertas uma da outra, insultado uma à outra, até chegarem a um acordo aceitável para ambas.

Agora, acrescentando o que obtivera com as peles, ela dispunha de dinheiro suficiente para sossegar os credores mais impacientes por algumas semanas.

com margem para respirar, preparou-se para seguir em frente. Fez uma catalogação provisória dos seus pertences e começou a empacotá-los, sabendo que seria mais fácil quanto mais depressa os considerasse como um inventário. Não eram mais os seus pertences pessoais. Agora, eram activos comerciais.

Todas as manhãs dava uma vista de olhos ao jornal, à procura de espaço disponível para alugar. Os preços faziam-na estremecer e preocupar-se, até que admitiu que não seria capaz de ter um local de primeira classe. Também não poderia anunciar pelos meios convencionais, se quisesse esticar o

dinheiro. Assim, teria de se contentar com um local de segunda classe, que promoveria por meios anticonvencionais.

Confortável numas calças compridas e numa T-shirt, Margo acomodou-se numa poltrona e passou os olhos pelo apartamento. Os objectos que antigamente estavam sobre as mesas tinham sido removidos. Havia caixas por toda a parte. Os seus quadros permaneciam nas paredes.

"Um símbolo", pensou ela, "de tudo o que agora arriscava em tantas áreas da sua vida."

Ela trabalhara também noutras partes do apartamento. O guarda-roupa fora reduzido a um quarto do seu tamanho original. Os outros setenta e cinco por cento estavam cuidadosamente empacotados. Margo fora implacável na sua selecção, dirigida para o seu novo estilo de vida, em vez de comandada pelo sentimento. Não se tratava de tencionar vestir-se como uma comerciante. Pelo contrário, iria vestir-se da mesma maneira como pretendia gerir o seu negócio: com classe, elegância, ousadia e orgulho.

Se tivesse sorte, um dos três locais que combinara visitar naquela tarde seria o apropriado.

Sentia-se ansiosa por começar antes de a imprensa descobrir qual era a sua situação. Já havia insinuações em colunas de que La Margo estava a vender as suas jóias para pagar dívidas crescentes. Ela passara a sair pela porta de serviço do prédio, a fim de evitar os repórteres e paparazzi que a perseguiam com frequência.

Também passara a especular se não deveria mesmo deixar o apartamento. Kate tinha razão... tentar mantê-lo era reduzir os seus recursos já escassos a quase nada. Se encontrasse um bom local para a loja, poderia mudar-se para lá. Temporariamente.

Assim, pelo menos, teria as suas coisas por perto, reflectiu ela, soltando uma risada.

Gostaria de poder comentar o assunto com Josh. Mas ele estava em Paris. Não, Margo lembrou-se de que ele, naquela altura, já fora para Berlim e depois iria a Estocolmo. Não havia como saber quando voltaria a ter notícias dele, e muito menos vê-lo.

Os poucos dias que tinham passado juntos em Milão, inclusive aquela manhã emocionante e excitante na suíte, eram agora mais um sonho do que uma lembrança. Margo podia duvidar se de facto o desejara no momento do beijo, mas sempre que pensava nisso tornava a sentir esse desejo.

"O Josh deve estar, provavelmente, a morder a orelha de alguma Fräulein neste momento", pensou ela, esbarrando no canto do sofá ao levantar-se. "Ele nunca foi capaz de manter as mãos experientes longe do corpo de uma mulher disponível. O sacana!"

Mas pelo menos ela ganharia um carro naquela confusão. Se não fosse mais nada, Josh Templeton era um homem de palavra.

Margo não tinha tempo para pensar nele agora... a beber cerveja e a acariciar alguma escultural deusa germânica. Ela tinha de se arranjar para os encontros, assumir a imagem apropriada. Enquanto se vestia, praticou a técnica que usaria com o vendedor imobiliário. Exigente, decidiu ela, entrançando os cabelos. Sem entusiasmo.

Questa camera... Um olhar desdenhoso, um gesto de repulsa. Piccola. Ou seria grande de mais para as suas necessidades. Soltaria grunhidos desconsolados ao percorrer o imóvel, deixaria que o vendedor tentasse convencê-la. Mas claro que não se deixaria convencer. Diria que a renda era absurda. Pediria para ver outro imóvel, alegaria que tinha outro compromisso dentro de uma hora.

Ela recuou, estudou-se ao espelho. O conjunto preto proporcionava-lhe um ar de executiva, mas possuía a elegância que o olhar italiano reconhecia e apreciava. A trança francesa era feminina, refinada, mas sem chegar ao ponto do exagero, e a enorme carteira Bandalino parecia uma pasta de documentos.

Era bem provável que o seu oponente - e Margo pensava agora em todos os do outro lado da barricada como oponentes - não reconhecesse o seu nome. Talvez reconhecesse o seu rosto. Tanto melhor, pois assim ele presumiria que enfrentava uma desmiolada irresponsável e vazia. E isso dar-lhe-ia não só uma vantagem, mas também a satisfação intensa de provar que ele estava enganado.

Respirando fundo, contemplou-se ao espelho. Margo Sullivan não era uma desmiolada, afirmou para o reflexo. Margo Sullivan era uma executiva, com inteligência, ambição, planos, objetivos e determinação. Margo Sullivan não era uma perdedora. Era uma sobrevivente.

Ela fechou os olhos por um instante, fazendo um esforço para absorver o discurso, precisando acreditar nele. "Não importa", pensou, com um tremor interior, "desde que eu consiga fazer com que os outros acreditem."

E assim faria de qualquer maneira. O telefone tocou no instante em que ela estava a pendurar a bolsa ao ombro e se encaminhava para a porta.

- Deixa o nome e a mensagem, pois não vou atender - murmurou Margo. Foi o tom impaciente na voz de Kate que a fez parar.
- Mas que raio, Margo! Será que não vais atender? Sei que estás parada aí, a olhar furiosa para o telefone. Atende de uma vez, está bem? É importante.
- É sempre importante - resmungou Margo, olhando furiosa para o telefone.
- É sobre a Laura. Margo atendeu.
- Ela está ferida? O que aconteceu? Foi um acidente?
- Não, ela não está ferida. Tira o brinco, pois faz barulho ao telefone. Irritada, Margo arrancou o brinco.
- Se disseste isso só para me obrigar a atender...
- Como se eu não tivesse nada melhor para fazer às cinco horas da manhã do dia 15 de Abril. Escuta, amiga, não durmo há vinte e seis horas e queimei a maior parte do estômago com cafeína. Não comeces.
- Foste tu que me ligaste, lembras-te? Eu já estava a dirigir-me para a porta.
- E a Laura está de saída para falar com um advogado.
- Um advogado? Às cinco horas da manhã? Disseste que não houve nenhum acidente.
- Ela não está literalmente de saída. Tem uma reunião marcada às dez horas. Nem eu sabia, mas o advogado é cliente aqui da empresa e comentou comigo. Disse que a Laura estava transtornada e...
- Limita-te aos factos, Kate.
- Desculpa. Estou tensa. Ela está a divorciar-se do Peter.
- Divorciar-se? - Como a cadeira que ficava ao lado do telefone fazia agora parte do inventário, Margo sentou-se abruptamente no chão. - Oh, Kate, não é por terem discutido por minha causa?
- O mundo não gira em torno de ti, Margo. Claro que não. A voz tornou-se mais gentil. -A culpa não é tua. Não consegui arrancar muita coisa da Laura quando fui lá, mas tive a impressão de que o factor decisivo foi o facto de ela ter surpreendido o Peter e a secretária juntos. E ele não estava a ditar uma carta.
- Não é possível. Parece tão...
- Banal? - sugeriu Kate, sarcástica. - Repulsivo?
- Isso mesmo.

- Isto resume tudo. Se já tinha acontecido antes, ela não me disse. Mas posso assegurar-te de que a Laura não lhe dará outra oportunidade. Está decidida.

- E ela está bem?

- Parece muito calma, muito civilizada. Estou tão atolada de trabalho aqui, Margo, que não posso ajudá-la. E sabes como ela é quando fica transtornada.

- Mete tudo para dentro. - Margo sacudiu o brinco na mão, impaciente. - E as meninas?

- Não sei. Se pudesse, iria para lá. Mas ainda me restam dezanove horas para o momento final. Até lá, não posso fazer nada.

- Estarei aí em dez horas.

- Era o que eu esperava que disseses. Vemo-nos em casa.

- Não sei porque me surpreendo de teres voado dez mil quilómetros por uma coisa assim, Margo. - com a devida competência, Laura estava a costurar estrelas na saia de tule de Ali para uma apresentação de balé. - É uma atitude tipicamente tua.

- Quero saber como estás, Laura. E quero saber o que aconteceu.

Margo parou de andar de um lado para outro da sala de estar e bateu com as mãos nas ancas. Passara do ponto de exaustão e entrara no estádio flutuante da viagem interminável. Dez horas fora um prazo optimista. Levara quase quinze horas para chegar, com todas as ligações e esperas. Agora, tinha os olhos vinhos de fadiga, enquanto Laura estava ali sentada, na maior calma, a trabalhar com a agulha e a linha.

- Queres largar essa parvoíce por um momento e conversar comigo?

- A Ali ficaria arrasada se soubesse que tu chamaste isso ao seu tule de fada. - "Mas a minha filha está na cama", pensou Laura. "Segura e inocente. Pelo menos por enquanto." - Senta-te, Margo, antes de caíres.

- Não me quero sentar.

Se ela se sentasse, tinha a certeza de que adormeceria.

- Não pensei que pudesses ficar tão transtornada. Afinal, não gostavas do Peter.

- Gosto de ti. E conheço-te bem, Laura. Não vais acabar um casamento de dez anos sem sofrimento.

- Não estou a sofrer, só estou a sentir-me entorpecida. E pretendo manter-me assim por tanto tempo quanto puder. - Gentilmente, ela passou a

mão para alisar o traje de balé. - Há duas meninas que precisam que alguém nas suas vidas seja forte e estável, Margo...

Laura levantou o rosto, com uma expressão aturdida.

- Acho que o Peter não as ama. Acho que nem sequer se importa com elas. Eu podia aguentar se fosse só a mim que ele não amasse. Mas são as filhas dele.

Laura tornou a acariciar o tule, como se fosse o rosto da filha.

- O Peter queria rapazes. Ridgeway. Meninos para se tornarem homens e perpetuarem o nome da família. Mas... - ela largou o traje de lado - ele teve filhas.

Margo acendeu um cigarro, com um movimento brusco, obrigando-se a sentar.

- Conta-me o que aconteceu.

- O Peter deixou de me amar. Até tenho dúvidas de que alguma vez me tenha realmente amado. Queria apenas uma esposa apropriada.

- Laura encolheu os ombros. - E pensou que tinha conseguido. Mas nos últimos dois anos começámos a discordar numa série de coisas. Ou comecei a discordar dele em voz alta. O Peter não gostou. Ora, não adianta entrar em pormenores agora.

Laura sacudiu as mãos, impaciente consigo mesma.

- Basicamente, fomo-nos distanciando. Ele passava cada vez mais tempo fora de casa. Pensei que tinha uma amante. Mas ele ficou tão furioso quando o acusei, que acreditei estar enganada.

- Mas não te tinhas enganado.

- Não tenho a certeza, naquele caso. Mas não importa. - Laura tornou a encolher os ombros, e pegou de novo no tule, só para ter algo que fazer com as mãos. - Ele não me tocou durante mais de um ano.

- Um ano?

Talvez fosse tolice ficar chocada pela ideia de casamento sem intimidade, mas Margo ficou chocada mesmo assim.

- A princípio, eu queria que procurássemos um conselheiro matrimonial, mas o Peter ficou perturbado com a ideia. Pensei então em fazer alguma terapia, e ele mostrou-se mais do que abalado. - Laura fez um sorriso forçado. - Acabaria por se saber tudo... e o que as pessoas pensariam, o que diriam?

Sem sexo. Absolutamente nenhum. Durante um ano. Margo fez um esforço para se concentrar.

- Isso é um absurdo.

- Talvez. Mas deixei de me importar. Era mais fácil concentrar-me nas crianças, na casa. Na minha vida.

"Que vida?", Margo sentiu vontade de perguntar, porém conteve-se.

- Mas percebi, nas últimas semanas, que a situação estava a começar a afectar as meninas. A Ali em particular. - Laura largou o tule, cruzou as mãos no colo, para as manter quietas. - Depois de te teres ido embora, decidi que precisávamos de nos entender. Reparar o que estava errado. Fui ao escritório do último andar do hotel. Achei que seria melhor conversarmos lá, longe das crianças. Sentia-me disposta a fazer tudo o que fosse necessário para contornar a situação.

- Tu é que estavas disposta! - interrompeu Margo, levantando-se de um pulo, furiosa, soprando o fumo do cigarro. - Parece-me que...

- Não importa o que parece. Simplesmente foi assim. Já era tarde. Tinha posto as meninas na cama. Durante todo o percurso, ensaiei o meu pequeno discurso: tínhamos dez anos de vida em comum, uma família, uma história.

Laura riu-se ao pensar agora nisso. Levantou-se, decidindo que podia permitir-se uma dose de conhaque. Enquanto servia, em dois copos, continuou o relato:

- Encontrei o andar trancado, mas tenho a chave. O Peter não estava no escritório.

Calmamente, ela entregou um copo a Margo e tornou a sentar-se com o outro.

- Fiquei aborrecida, pensando que ele saía para um jantar de negócios, ou algum outro compromisso profissional, e eu preparara-me para nada. Foi então que reparei que havia luz por debaixo da porta do quarto. Quase bati. Podes imaginar como a situação era patética, Margo, ao ponto de eu quase bater na porta? Em vez disso, limitei-me a abri-la. - Laura bebeu um gole do conhaque. - Era mesmo um jantar de negócios.

- com a secretária?

Laura soltou uma gargalhada desdenhosa.

- Como numa comédia francesa de mau gosto. Temos o marido patife esparramado na cama, com a secretária ruiva e uma tigela cheia de camarão.

Margo teve uma grande dificuldade em reprimir uma gargalhada.

- Camarão?

- E o que parecia ser um molho picante, com uma garrafa de Dom. Entra

a esposa negligenciada da alta sociedade, sem desconfiar de nada. A cena pára. Ninguém fala, apenas se ouve os acordes do Bolero.

- Bolero? Mas isso é de mais! - com dificuldade em respirar, Margo atirou-se para uma cadeira. Desatou a rir. - Desculpa, mas não posso evitar. Estou demasiado cansada para me conter.

- Podes rir. - Laura sentiu que um sorriso dominava o seu rosto. É mesmo cómico. Lamentavelmente cómico. A esposa diz, com uma dignidade inacreditável e tola: "Lamento muito interromper o teu jantar de negócios."

Foi preciso um tremendo esforço, mas Margo controlou-se.

- Não, tu não disseste isso!

- Claro que disse. E eles ficaram a fitar-me de olhos esbugalhados. Eu nunca tinha visto o Peter assim. Quase que valeu a pena. A jovem secretária desatou a gritar e tentou cobrir-se. Na pressa do recato, entornou o molho de camarão sobre a virilha do Peter.

- Oh, não!

- Foi um momento e tanto. - Laura deixou escapar um suspiro, especulando qual dos três se sentira mais ridículo. - Eu disse que não precisavam de levantar-se, que podia encontrar a saída sozinha. E saí porta fora.

- Assim, sem mais nada?

- Tal e qual.

- Mas o que é que o Peter diz? Como está a reagir?

- Não tenho a menor ideia. - Os suaves olhos cinzentos endureceram numa expressão que era típica dos Templeton, implacável, arrebatada, determinada. - Não atendo os telefonemas do Peter. E aquele estúpido portão eléctrico que ele mandou instalar finalmente está a ter utilidade.

Enquanto a sua boca gentil endurecia também, Margo pensou que era como ver a seda transformar-se em aço.

- Ele não pode entrar porque dei ordens aos empregados para não deixar. De qualquer forma, o Peter só tentou uma vez.

- Não vais sequer falar com ele?

- Não há nada para falar. Eu podia tolerar, e tolerei, a indiferença. Podia tolerar, e tolerei, a sua absoluta falta de afecto e respeito por mim e pelos meus sentimentos. Mas não vou tolerar, de forma alguma, as suas mentiras e infidelidades. O Peter pode pensar que levar a secretária para a cama é simplesmente o seu droit de seigneur. Mas ele vai descobrir que a realidade é

muito diferente.

- Tens a certeza de que é isso o que queres?

- É assim que vai ser. O meu casamento acabou. - Laura baixou os olhos para o conhaque, não viu nada. - E ponto final.

"A obstinação é uma característica clássica dos Templeton", pensou Margo. com todo o cuidado, ela deitou fora o cigarro e tocou na mão rígida de Laura.

- Sabes que não vai ser tão fácil assim... em termos emocionais e legais.

- Farei tudo o que tiver de ser, mas não vou voltar a fazer a figura da mulher da alta sociedade que foi enganada.

- E as meninas?

- Tenho de as compensar. Farei com que se sintam bem. O medo insinuou-se na sua mente, mas Laura ignorou-o. - Não posso fazer outra coisa.

- Está bem. Ficarei do teu lado para o que der e vier. Agora vou descer e providenciar alguma comida. A Kate vai estar faminta quando chegar.

- A Kate não vem esta noite. Desaba sempre na cama durante vinte e quatro horas depois de terminar o prazo de apresentação da declaração de rendimentos.

- Ela hoje vem - garantiu Margo.

- Bolas, parece até que estou no meu leito de morte - murmurou Laura. - Muito bem, vou verificar se o quarto dela está arrumado. E o teu também. Depois fazemos umas sanduíches.

- Preocupa-te apenas com os quartos, que eu trato das sanduíches.

"Assim", pensou Margo, ao retirar-se, apressada, "tenho tempo suficiente para obter mais informações com a minha mãe." Ela encontrou Ann exactamente onde esperava, na cozinha, já a preparar uns acepipes frios e vegetais crus.

- Não tenho muito tempo - avisou Margo, encaminhando-se para a cafeteira. - A Laura vai descer daqui a pouco. Ela não está bem, pois não?

- Está a fazer um grande esforço para aguentar. Não quer falar no assunto. Ainda nem falou com os pais.

- Que canalha! - As pernas tremiam-lhe de cansaço e tornavam difícil circular pela cozinha, mas Margo fazia o melhor que podia. - E aquela secretária sem vergonha a ganhar horas extraordinárias!

Ela parou de falar quando viu a expressão da mãe.

- Está bem, está bem, não fui muito melhor com o Alain. E talvez acreditar que ele estava mesmo a divorciar-se não sirva de desculpa... mas pelo menos não era a família da mulher que pagava o meu salário. - Margo tomou o café puro para estimular o seu organismo. Pode fazer o sermão sobre os meus pecados mais tarde. Neste momento, estou preocupada com a Laura.

Os olhos aguçados da mãe notaram os sinais de preocupação e cansaço.

- Não vou fazer nenhum sermão. Nunca adiantou quando eras pequena e não vai servir para nada agora. Segues o teu caminho, Margo, como sempre fizeste. Mas esse caminho trouxe-te imediatamente para cá quando uma amiga precisou de ti.

- Será que ela precisa mesmo? A Laura sempre foi a mais forte. A melhor. - Margo sorriu, amarga. - A gentil.

- Achas que és a única que se sente desesperada quando o mundo desmorona em seu redor? Que tem vontade de puxar os lençóis para cobrir a cabeça, em vez de enfrentar o dia de amanhã?

Uma súbita explosão de raiva fez Ann bater com o pão na bancada. Sentia-se cansada, angustiada, as suas emoções saltavam como uma bola de borracha, da alegria pelo regresso da filha ao sofrimento por Laura, à frustração de não saber o que fazer por qualquer delas.

- Ela sente medo, muita culpa e preocupação. E a situação vai piorar ainda mais. - Ann comprimiu os lábios com força, mas não conseguiu controlar-se. - A família dela está desfeita, o seu coração partido, quer tu consigas ou não entender. É tempo de retribuíres algumas das coisas que ela sempre te deu, Margo, e ajudá-la a superar os problemas.

- Porque pensa que aqui estou? Larguei tudo o que estava a fazer e voei dez mil quilómetros para ajudá-la.

- Um gesto nobre. - Os olhos acusadores de Ann não se desviavam da filha. - Sempre tiveste uma aptidão para os gestos grandiosos, Margo, mas a persistência exige muito mais. Quanto tempo vais ficar desta vez? Um dia, uma semana? Quanto tempo até te sentires tão irrequieta, que terás de partir? Antes que o esforço de te importares com outra pessoa se torne uma inconveniência? Antes que voltes a correr para a tua vida encantadora, onde não precisas pensar em mais ninguém, só em ti?

Como a sua mão tremia, Margo largou a chávena.

- Porque não diz logo o resto, mãe? Parece que acumulou muita coisa.

- É fácil para ti, não é, ir e vir a qualquer capricho? E mandar postais e

presentes, como se isso pudesse compensar o facto de virares as costas a tudo de concreto que recebeste.

As preocupações de Ann agiam como uma alavanca para desenterrar os ressentimentos acumulados durante anos. Afloraram antes que ela se pudesse conter, envolvendo as duas em amargura.

- Cresceste nesta casa fingindo que não eras a filha de uma criada, e a menina Laura sempre te tratou como uma irmã. Quem te mandou dinheiro depois de te ires embora? Quem usou a sua influência para te conseguir o primeiro trabalho como modelo? Quem esteve sempre pronta para te ajudar? - Enquanto falava, Ann cortava fatias de pão. Mas estiveste aqui para ajudar a menina Laura? Durante os últimos anos, quando ela lutava para manter a família unida, quando se sentia triste e solitária, tu apoiaste-a?

- Como podia eu saber?

- A menina Kate deve ter-te dito. E, se não estivesses tão absorvida em Margo Sullivan, terias escutado.

- Nunca fui o que a mãe queria - murmurou Margo, cansada. Não fui como a Laura, nem posso ser.

Agora o sentimento de culpa sobrepunha-se à preocupação e à fadiga.

- Ninguém te pediu para seres alguém que não és.

- Não foi isso que sempre quis, mãe? Que eu pudesse ser tão gentil e generosa como a Laura, tão sensata e prática como a Kate. Acha que eu não sabia disso, não senti isso da sua parte, em cada dia da minha vida?

Chocada e aturdida, Ann balançou a cabeça.

- Se te sentisses mais satisfeita com o que tinhas e com o que eras, em vez de fugir, talvez fosses mais feliz.

- E, se a mãe algum dia tivesse olhado para mim e ficado satisfeita com o que eu era, talvez eu não tivesse fugido para tão longe e tão depressa.

- Não vou arcar com a culpa pela maneira como conduziste a tua vida, Margo.

- Nem precisa. Arcarei com tudo. - "Porque não?", pensou Margo. "Já tenho muito na minha coluna de débito. Um pouco mais não fará diferença." - Assumirei a culpa e a glória. Assim não preciso da sua aprovação.

- Não me lembro de alguma vez a teres pedido. Ann saiu da cozinha, deixando Margo furiosa.

Passaram três dias. Era estranho. Não tinham chegado a viver juntas na casa como adultas. Laura casara aos dezoito anos. Margo fora para

Hollywood, enquanto Kate, sempre a empenhar-se para superar a diferença de um ano, terminara o curso secundário e fora estudar para Harvard.

Agora, as três assentaram ali. Kate usou a desculpa de que não tinha energia suficiente para guiar de regresso ao seu apartamento em Monterey, enquanto Margo alegou que precisava de alguns dias para tratar de certos assuntos. Ela concluiu que a mãe tinha razão em alguns pontos. Laura mal conseguia aguentar. E a situação difícil iria complicar-se ainda mais. Já havia visitantes. "São quase todos do clube de campo", observou Margo, "e vêm em busca de informações sobre o rompimento da aliança Templeton- Ridgeway."

Uma noite, Margo encontrou Kayla acampada no lado de fora do quarto de Laura, com medo de que a mãe também se fosse embora.

Foi nesse momento que ela deixou de acreditar que tudo se resolveria depressa e poderia voltar a Milão. A mãe tinha razão também noutra coisa: estava na hora de Margo Sullivan permanecer e retribuir o que recebera. Telefonou para Josh.

- São seis horas da manhã! - protestou ele, quando Margo o localizou no Templeton Estocolmo. - Não me digas que te transformaste nesse monstro da sociedade civilizada... a pessoa matutina.

- Estou na Casa Templeton.

- Então não há problema para ti. Estás no final da tarde... Mas o que é que estás a fazer na Casa Templeton? Devias estar a montar o teu negócio em Milão.

Ela hesitou por um momento. Compreendeu que seria a primeira vez que o diria em voz alta. A primeira vez que reconheceria a perda de uma parte da sua vida.

- Não vou voltar para Milão. Ou pelo menos não tão cedo. Enquanto a voz de Josh explodia no seu ouvido, com perguntas e acusações, ela observou um sonho a desvanecer-se. Esperava ser capaz de substituí-lo por outro.

- Queres ficar calado por um minuto, por favor? - pediu Margo, com a voz ríspida. - Preciso que me faças uma coisa: despacha as minhas tralhas para cá.

- As tuas tralhas?

- A maior parte já está embalada, mas o resto terá de ser empacotado. A Templeton deve prestar esse tipo de serviço.

- Claro, mas...

- Pagarei tudo, Josh, mas não sei a quem mais pedir e não posso ter essa

despesa extra agora. A passagem de avião levou-me uma parcela considerável dos meus recursos.

"Típico", pensou Josh, ajustando um travesseiro nas costas.

- Então porque compraste uma passagem de avião para a Califórnia?

- Porque o Peter andava metido com a secretária, e a Laura resolveu divorciar-se.

- Não podes apanhar um avião de cada vez que... Como? O quê?

- Ouviste-me bem. Ela entrou com um pedido de divórcio. Não creio que o Peter queira meter-se em guerras, mas também não imagino que seja tudo cordial. A Laura está a tentar lidar com demasiadas coisas sozinha, e decidi que não vou deixá-la sem ter alguém ao seu lado.

- Deixa-me falar com ela.

- A Laura está a dormir. - Mesmo que Laura estivesse acordada e de pé ao seu lado, Margo não lhe passaria o telefone. A intensa violência na voz de Josh irradiava pela linha. - Ela teve outra reunião com o advogado hoje e veio transtornada. A melhor solução no momento é a minha permanência aqui. Pedir-lhe-ei para me ajudar a encontrar o local certo para a loja. A Laura fica sempre melhor quando se preocupa com os problemas de outra pessoa.

- Vais ficar na Califórnia?

- Assim não terei de me preocupar com o IVA e a lei italiana, não é?

- Margo sentiu lágrimas de autocomiseração a arderem e piscou várias vezes os olhos para as reprimir. Para manter a voz firme, rangeu os dentes.

- Por falar em lei, posso mandar-te uma procuração? Preciso que me vendas o apartamento, transfiras recursos, trates de todos esses pormenores legais.

Josh ficou atordoado com a enormidade do que ela planeava fazer. Pensara que era típico? Nada em Margo era permanentemente típico.

- vou fazer uma procuração e mando-ta por fax. Tu assinas e envias por fax para o Templeton Milão. Onde está o Ridgeway?

- Corre o rumor de que continua no andar do hotel.

- Vamos tratar disso rapidamente.

Pessoalmente, ela apreciava o rancor frio na voz de Josh, mas...

- Não sei se a Laura gostaria que o expulsasses de lá neste momento, Josh.

- Tenho uma posição superior à da Laura na cadeia alimentar Templeton. vou despachar as tuas coisas o mais depressa possível. Mais

alguma surpresa para a qual me deva preparar?

A conta do American Express chegara pouco antes da partida de Margo, mas ela decidiu que não convinha dar-lhe outro choque, pelo menos por enquanto.

- Não... nada de importante. Lamento atirar tudo para cima de ti, Josh. Estou a falar a sério. Mas não sei de que outra forma poderia ficar aqui com a Laura, abrir a loja e começar a trabalhar, antes de ser presa por dívidas.

- Não te preocupes. O caos é o meu negócio. -Josh imaginou-a deixando tudo num caos, a fim de correr para ajudar uma amiga. "A lealdade", concluiu, "é e sempre foi a qualidade mais admirável de Margo."

- Como é que te estás a aguentar?

- Muito bem. E ainda intacta. Estás sozinho na cama?

- Tirando as seis jogadoras da selecção sueca de voleibol. A Helga tem um remate espectacular. Não me perguntas como estou vestido?

- Um Speedo preto, suor e um enorme sorriso.

- Como adivinhaste? E tu?

Lentamente, ela passou a língua pelos dentes. -Apenas... apenas... umas cuecas rendadas.

- E sapatos de salto alto bem fino.

- Claro. E meias transparentes, com pequenas rosas em cima. A combinar com a rosa que tenho entre os seios neste momento. Devo acrescentar que acabei de sair da banheira. Ainda estou um pouco... húmida.

- És mesmo boa nisso. vou desligar agora.

A reacção de Margo foi uma gargalhada longa e gutural.

- vou adorar guiar o Jag. Avisa-me do dia em que te devo esperar.

Quando o telefone deu um estalido no seu ouvido, ela riu de novo, virou-se... e viu Kate diante de si.

- Há quanto tempo estás aqui?

- O tempo suficiente para ficar confusa. Estavas a falar sobre sexo ao telefone com o Josh? O nosso Josh?

Descontraída, Margo empurrou os cabelos para trás da orelha.

- Era mais uma provocação, para ser sincera. Porquê?

- Tudo bem. - Ela teria de pensar melhor sobre esse assunto. E agora podes explicar-me que história é essa de abrir uma loja?

- Tens umas orelhas enormes, ha? - Margo puxou-as com força suficiente para fazer Kate gritar. - Vamos sentar-nos. É melhor eu contar-te já

o plano.

Kate ouviu atentamente, limitando-se a um grunhido ou murmúrio ocasional durante o relato.

- Suponho que já calculaste os custos iniciais? -Ah...

- Não podes esquecer isso. E já deves ter verificado a questão do alvará, taxas, inscrições municipais e estaduais, registo de pessoa jurídica, etc.

- Ainda tenho alguns pormenores para definir. Mas é típico teu estares a lançar água fria na minha cara.

- Pensei que era apenas uma questão de bom senso.

- Porque não deveria converter a venda das minhas coisas num empreendimento comercial? Porque não posso transformar a humilhação numa aventura? Só porque não pensei em solicitar algum estúpido registo fiscal?

Recostando-se, Kate uniu as pontas dos dedos. Não era uma ideia tão absurda, pensou ela. Na verdade, tinha até certo mérito financeiro. A liquidação de activos relacionados com um livre empreendimento antiquado. Kate decidiu que poderia ajudar a superar alguns dos problemas se Margo estivesse mesmo disposta a fazer uma experiência com o capitalismo. Podia ser arriscado, sem dúvida, mas Margo sempre fora de correr riscos.

- Vais tornar-te uma comerciante?

com uma expressão afável, Margo estudou as unhas bem cuidadas.

- Estou mais a pensar em ser uma consultora.

- Margo Sullivan a vender roupas usadas e quinquilharias...

- Objets d'art.

- Seja lá o que for. - Divertida, Kate esticou as pernas e cruzou-as nos tornozelos. - Parece que finalmente o Inferno congelou.

CAPÍTULO 9

MARGO parou à frente da loja, na Cannery Row, com a certeza de que tinha de ser aquela. A montra ampla faiscava ao sol, protegida dos elementos por uma varanda coberta, pequena e agradável. A porta era de vidro biselado, com um buquê de lírios gravado. Os antiquados acessórios metálicos estavam a brilhar. O telhado era encimado por fileiras de telhas espanholas, suavizadas por um tom rosa conferido pelo tempo.

Ela podia ouvir a melodia de um carrossel, os gritos estridentes das gaivotas, as conversas ansiosas de turistas. Os aromas de comida a ser preparada nos stands e restaurantes ao ar livre na doca de pesca eram trazidos pela brisa forte, soprando através da superfície. Bicicletas para duas pessoas passavam, ruidosas.

O tráfego era um rugido constante, os motoristas desesperados à procura de um lugar para estacionar, quase impossível de achar naquele movimentado refúgio de turistas. Peões desfilavam pelas calçadas, muitos com crianças, curiosas e risonhas, ou choramingando sem parar.

Havia movimento por toda a parte. Pessoas, ruídos e acção. As pequenas lojas ao longo da rua, os restaurantes e outras atracções eram como ímans, dia após dia, mês após mês.

- É perfeita... - murmurou ela.
- Ainda nem a viste por dentro - retorquiu Kate.
- Sei que é perfeita. E será minha.

Kate trocou um olhar com Laura. Tinha uma boa noção da renda de uma loja naquela área. "Se quiseses sonhar", pensou ela, "sonha em grande." Fora o que Margo sempre fizera.

- O vendedor imobiliário já deve estar lá dentro. - Chegar atrasada era parte da estratégia de Margo. Não queria parecer ansiosa de mais. - Deixem-me falar.

- Vamos deixá-la falar... - murmurou Kate, revirando os olhos para Laura. - Almoçamos depois desta, não é?

Ela podia sentir o cheiro de peixe frito e dos molhos picantes, vindo da doca de pesca e sentiu pontadas de fome no estômago.

- Esta é a última antes do almoço.

- Esta é a única.

com os ombros erguidos na expectativa da batalha, Margo avançou para a porta. Teve de fazer um esforço para não arrancar a placa de "Arrenda-se" ali pendurada. Pequenos frêmitos de posse já corriam pela sua espinha. Não os questionou, nem o facto de, sem dúvida, já ter passado incontáveis vezes por aquele pequeno edifício sem nada sentir.

Mas sentia agora, o que era suficiente.

A sala principal era ampla e estava vazia. Havia marcas no soalho de madeira, nos sítios onde outrora se encontravam balcões e vitrinas. A tinta já mudara de branco para alguma coisa meio amarelada, cheia de buracos de pregos, onde o antigo inquilino pendurava as suas mercadorias.

Mas Margo só teve olhos para uma arcada graciosa que levava a um espaço adjacente, o charme de uma pequena escada de ferro em caracol, que dava para o segundo andar. Ela reconheceu os sinais, o pulso acelerado, a visão aguçada. Já experimentara muitas vezes essas sensações, quando entrava na Cartier e via alguma coisa que parecia estar à sua espera.

Laura, pressentindo problemas, pôs a mão no seu braço.

- Margo...

- Não percebes? Não consegues ver?

- Vejo que precisa de muitas obras. - Kate torceu o nariz. O ar tresandava a... incenso? Erva? Velas antigas? - E uma boa fumigação.

Ignorando-a, Margo dirigiu-se até uma porta e abriu-a. Dava para uma pequena casa de banho, com uma pia antiga de pedestal e ladrilhos rachados. Ela ficou encantada.

-Olá?

A voz veio do segundo andar, acompanhada pelo barulho de saltos altos na madeira. Laura estremeceu.

- Oh, meu Deus, a Louisa não! Margo, disseste que o encontro era com o sr. Newman.

- E era mesmo.

A voz chamou de novo. Se houvesse algum lugar para se esconder, Laura não teria hesitado.

- É a sr.a Sullivan?

A mulher apareceu no alto da escada. Estava toda vestida de cor-de-rosa, do casaco largo aos sapatos barulhentos. O cabelo tinha o tom louro-acinzentado que os cabeleireiros costumam escolher para ocultar os fios

brancos. Fora armado de tal forma que parecia um capacete, emoldurando as bochechas rosadas. O ouro chocalhava nos seus pulsos, e um enorme broche destacava-se no lado esquerdo do peito.

Cinquenta e poucos anos, calculou Margo, com os seus olhos experientes, mas querendo desesperadamente aparentar não mais de quarenta. Um bom lifting, concluiu ela, com um sorriso polido, enquanto a mulher descia a escada, falando sem parar. Aulas regulares de aeróbica para mantê-la em forma, talvez com a ajuda de uma lipoaspiração.

- apenas a refrescar a memória - continuou Louisa, borbulhando como um riacho. - Há várias semanas que não venho aqui. O nosso Johnny devia mostrar-lha, mas sofreu um pequeno acidente de carro esta manhã.

Ao sair da escada, um pouco ofegante, ela estendeu a mão.

- É um prazer conhecê-la. Sou Louisa Metcalf.

- Margo Sullivan.

- Claro, claro... - Os olhos cor de passas faiscaram de interesse. Reconheci-a imediatamente. Não imaginava que o meu encontro à uma hora da tarde era com a Margo Sullivan. E você é tão linda quanto nas fotos. Elas costumam ser retocadas, não é? Depois encontramos uma pessoa cujo rosto já vimos centenas de vezes e temos um desapontamento. Tem levado uma vida interessante, não é verdade?

- E ainda não acabou - declarou Margo, fazendo Louisa rir a bom rir.

- Não me diga! Ainda bem que é jovem e bonita. Tenho a certeza de que pode superar qualquer dificuldade. Esteve na Grécia, não foi?

- Olá, Louisa.

A mulher virou-se, levando a mão ao coração.

- Oh, Laura, querida! Não a vi parada aí! Que surpresa agradável!

Conhecendo a rotina, encontraram-se a meio caminho, e as duas trocaram rápidos beijos no ar.

- Você está ótima.

- O meu estilo profissional. - Louisa alisou o casaco, por baixo do qual o peito arfava feliz, na expectativa dos mexericos. - Gosto de dedicar alguns dias por semana ao meu pequeno passatempo. A venda de imóveis leva-nos a lugares interessantes, possibilita o conhecimento de muitas pessoas. com o Benedict tão ocupado com a clínica e as crianças crescidas, preciso de alguma coisa para preencher o meu tempo.

Os olhos cintilantes tornaram-se ainda mais penetrantes.

- Não sei como consegue, minha cara, com aquelas duas crianças adoráveis, todo o trabalho de caridade, o turbilhão social. Ainda no outro dia disse à Barbara... lembra-se da minha filha, Barbara... como a achava espantosa. Participa em todas aquelas comissões, faz tantas coisas e ainda cria duas meninas. Ainda mais agora que está a passar por tamanha provação. O divórcio... - sussurrou ela como se fosse uma palavra obscena. - Um profundo sofrimento para todas as pessoas envolvidas, não é? Como está a suportar este momento, minha amiga?

- Estou bem. - Mais por desespero do que por boas maneiras, Laura puxou Kate para a frente. - Esta é a Kate Powell.

- Prazer em conhecê-la.

Kate não se deu ao trabalho de dizer que já se tinham encontrado pelo menos meia dúzia de vezes. Mulheres como Louisa Metcalf nunca se lembravam dela.

- Está interessada no imóvel, Laura? Fui informada de que a visitante queria arrendar. Mas se quer fazer um investimento agora que está sozinha, por assim dizer, este edifício seria perfeito. Uma mulher sozinha precisa pensar no futuro, não concorda? O proprietário está disposto a vender.

- Na verdade, é a Margo quem...

- Claro, claro. Peço desculpa. - Ela virou-se para Margo, como um canhão prestes a disparar de cima de um tanque. - Rever uma velha amiga é assim, entende? E vocês as duas são amigas há anos, não é verdade? É óptimo poder estar perto no momento de crise da Laura. Não acha que é um imóvel maravilhoso? Uma excelente localização. Não teria a menor dificuldade em encontrar um bom inquilino. E posso recomendar uma administradora de absoluta confiança.

Comprar? Ser a dona. Margo teve de engolir a saliva que se acumulava na sua boca. com receio de que Louisa pudesse perceber a ansiedade nos seus olhos, ela virou-se, deu dois ou três passos.

- Ainda não decidi se vou comprar ou arrendar. - Ela revirou os olhos para Laura e Kate, exultante. - Quem foram os últimos inquilinos?

- Ah, foi uma coisa lamentável. É por isso que o proprietário gostava de vender. Era uma loja New Age. Eu própria não percebo dessas coisas.

Cristais, música esquisita, gongos. Correu o rumor de que também vendiam drogas. - Louisa sussurrou a última palavra, como se o simples facto de a pronunciar pudesse viciá-la. - Marijuana. Oh, minha cara, espero que

isso não a deixe transtornada, com os seus problemas recentes.

Margo assumiu uma expressão maliciosa.

- Nem um pouco. Talvez possa dar uma vista de olhos lá em cima.

- Claro. É bastante espaçoso. Era usado como um pequeno apartamento e tem uma excelente cozinha... sem falar na vista, é claro.

Louisa subiu à frente, percorrendo sobre as maravilhas do edifício, enquanto as outras a seguiam.

- Não podes estar a falar a sério - sussurrou Kate, pegando no braço de Margo. - Não tens condições de pagar a renda neste local, muito menos de comprar o prédio.

- Cala-te, por favor. Estou a pensar.

Era difícil pensar com o matraquear incessante de Louisa. Por isso, Margo esforçou-se por excluí-lo da sua mente. Excluiu tudo que não fosse o puro prazer pelo edifício. O segundo andar era surpreendentemente amplo. Qual o problema se a grade junto da escada não fosse muito firme? E o pentagrama pintado no soalho podia ser removido.

Talvez fosse quente como uma fornalha, e na cozinha só cabia um dos Sete Anões. Mas tinha exóticas janelas, oferecendo vislumbres provocantes do mar.

- Tem um potencial maravilhoso - continuou Louisa. - Alguns pequenos reparos, um papel de parede, um pouco de tinta. Claro que já sabe que os imóveis nesta área são alugados ao metro quadrado.

Ela abriu a pasta que deixara em cima da bancada da estreita cozinha e tirou alguns papéis. Estendeu-os a Margo.

- O proprietário quer uma renda muito razoável, tendo tudo em consideração. Mas é claro que as taxas de serviços públicos são da responsabilidade do locatário.

Kate abriu a torneira, observou o fio de água suja que saiu.

- E as obras?

- Tenho a certeza de que podemos chegar a um acordo nesse ponto. - Louisa rejeitou a objecção de Kate com um aceno de mão, retinindo as pulseiras. - Vai querer examinar o contrato, é claro. Não quero pressioná-la, mas sinto-me na obrigação de avisar que temos outra pessoa interessada que virá amanhã. E, assim que for divulgado oficialmente que o prédio está à venda... - Ela deixou as implicações no ar, sorrindo, e acrescentou: - Creio que o preço pedido é de apenas duzentos e setenta e cinco mil dólares.

Margo sentiu o seu sonho estourar... como um balão vermelho inflado de mais.

- É bom saber isso. - Ela conseguiu encolher os ombros, apesar de todo o peso que sentia sobre eles. - Como eu disse, não tenho a certeza de que seja exactamente o que estou à procura. Há vários outros imóveis que tenho de considerar.

Ao correr os olhos pelo contrato, Margo verificou que Kate tinha razão. Até mesmo a renda era inacessível para ela. Mas tinha de haver uma saída.

- Entrarei em contacto dentro de um ou dois dias. - Ela tornou a sorrir, polida e superior. - Obrigada pelo seu tempo, sr.a Metcalf.

- Não tem de quê. Gosto muito de mostrar vários tipos de lugares embora as casas sejam mais divertidas, é claro. Reside na Europa, não é? Deve ser emocionante. Se pensa em comprar uma segunda casa por aqui, tenho uma residência fabulosa de dez quartos em Seventeen Mile. Um preço excepcional. Os donos estão no meio de um divórcio litigioso e...

Louisa olhou em redor, a fim de murmurar uma falsa desculpa para Laura, mas os seus olhos continuaram a faiscar.

- Ela deve ter descido. Não queria perturbá-la falando sobre divórcio. É uma pena o que aconteceu com ela e com o Peter, não acha?

- Nem tanto - disse Margo, sarcástica. - Acho que o Peter é um canalha.

- Oh... - A cor de Louisa mudou. - Está apenas a ser leal com a sua velha amiga. Ninguém podia ter ficado mais surpreendida do que eu quando soube da separação. Era um casal encantador. O Peter é tão bem-educado, atraente e gentil...

- Sabe o que dizem sobre as aparências? Elas iludem. Acho que vou bisbilhotar mais um pouco, sr.a Metcalf, se não se importa. - com firmeza, Margo segurou-a pelo braço e levou-a para a escada. - Pode ajudar-me a tomar uma decisão se passar algum tempo sozinha.

- Claro. Demore todo o tempo que quiser. Só não se esqueça de fechar bem a porta ao sair. vou levar a chave. E aqui está o meu cartão. Ligue se quiser fazer uma nova visita, ou se desejar conhecer a casa maravilhosa em Seventeen Mile.

- Muito obrigada, fique certa de que ligarei.

Margo não viu Kate ou Laura no primeiro andar e levou Louisa até à porta.

- Não se importa de se despedir da Laura por mim, por favor? E da sua

jovem amiga. Tenho a certeza de que a verei a si e à Laura no clube muito em breve.

- Claro. E agora adeus. Obrigada mais uma vez. Margo fechou a porta e murmurou para si mesma:

- E na próxima vez finja que não me conhece. Erguendo a voz, ela perguntou:

- Onde se esconderam?

- Estamos aqui em cima! - respondeu Kate. - Na casa de banho!

- Ora, é piroso duas mulheres adultas esconderem-se na casa de banho.

Margo tornou a subir a escada. Encontrou as duas, Laura sentada na beira da banheira antiga, Kate à sua frente, na sanita. Em qualquer outro cenário, Margo diria que as duas estavam empenhadas numa conversa séria e profunda.

- Não sabem como lhes agradeço por me terem deixado sozinha com aquela bruxa abelhuda.

- Querias ser tu a tratar da conversa - lembrou Kate.

- Não há muito para conversar. - Desanimada, Margo foi sentar-se ao lado de Laura na beira da banheira. - Talvez pudesse pagar a renda se não comesse durante os próximos seis meses. O que não chegaria a ser um problema. Mas não sobraria quase nada para os custos iniciais. Quero comprá-la.

Ela fez uma pausa e deixou escapar um suspiro.

- É exactamente o que estou à procura. Há alguma coisa que me diz que poderia ser feliz aqui.

- Talvez seja o cheiro persistente de marijuana. Margo lançou um olhar ameaçador a Kate.

- Só fumei uma vez, quando tinha dezasseis anos. E tu também participaste daquela noite memorável.

- Não fumei - garantiu Kate, com um sorriso. - É a minha versão e pretendo mantê-la.

- Então explica porque alegaste que estavas a fazer um pás de deux com Baryshnikov.

- Não me lembro de nada disso... e ele disse para o tratar por Misha.

- Ainda bem que só arranjei dois charros do Biff - Margo respirou fundo. - Infelizmente, é esta a realidade. Não posso ficar com a loja.

- Eu posso - declarou Laura.

- Como assim?

- Posso comprá-la e depois alugar-ta... e o negócio está montado. Margo quase abraçou Laura, antes que a sanidade e o orgulho prevalecessem.

- De maneira nenhuma. Não quero começar uma nova etapa da minha vida dessa forma. - Ela abriu a mala à procura de um cigarro e acendeu-o. - Tu não vais financiar-me. Ninguém vai. Não desta vez.

- Conta-lhe o que me disseste, Kate, quando eu fiz a sugestão.

- Está bem. Primeiro, perguntei-lhe se tinha perdido o juízo. Não está em causa que não sejas capaz de pôr em prática o teu plano, Margo, mas apenas porque acho que não vais fazê-lo.

Margo contraiu os olhos e exalou o fumo.

- Muito obrigada.

- É uma ideia admirável - contemporizou Kate. - Mas iniciar um negócio novo é um risco, em qualquer época, com qualquer pessoa. A grande maioria fecha no prazo de um ano. Trata-se de uma questão de economia básica, mesmo que as pessoas tenham alguma experiência e conhecimento de vendas a retalho. Já para não mencionar que Monterey e Carmel têm muitas lojas de presentes e butiques. Mas...

Kate levantou a mão, antes que Margo pudesse protestar, e continuou:

- algumas dão certo, até prosperam. Agora, vamos deixar a tua parte de lado por um momento e examinar a actual situação da Laura. Depois de casar com a idade absurda de dezoito anos, ela nunca teve um investimento pessoal. Há a empresa Templeton, é claro, da qual ela participa. Mas a Laura não tem outras acções, nenhuns títulos ou imóveis além da sua parte na Templeton. Como ela acaba de pedir o divórcio e tem solvência financeira, o bom senso económico indica que deve procurar investimentos.

- Nunca pensei em comprar qualquer coisa para mim - interveio Laura. - Jamais possuí qualquer coisa que não fosse através da família ou com o Peter. E quando olhei para esta loja, pensei, de repente, porque não? Porque não comprá-la? Porque não apostar em mim mesma? Em nós?

- Porque, se eu fracassasse...

- Isso não vai acontecer. Afinal, tens de provar alguma coisa aqui, não é, Margo?

- É verdade, mas isso não inclui arrastar-te comigo.

- Presta atenção. - com os olhos sérios e meigos, Laura pôs a mão sobre o joelho de Margo. - Durante toda a minha vida fiz o que me mandaram,

segui por um caminho tranquilo e fácil. Agora, farei uma coisa só porque quero fazer.

Ela fez uma pausa, sentindo uma emoção inebriante à perspectiva.

- vou comprar esta loja, Margo, quer tu queiras ou não entrar num negócio comigo.

Margo engoliu em seco... e descobriu que não era o orgulho que engolia, mas a excitação.

- Muito bem... e quanto é que me vais arrancar pelo arrendamento?

O primeiro choque ocorreu no banco. Um cheque visado de dez por cento do preço pedido foi o conselho de Kate, não só para fechar o negócio, mas também para ajudar a reduzir o valor em vinte e cinco mil dólares.

O dinheiro não estava lá.

- Deve haver algum engano. Tenho pelo menos o dobro dessa quantia de saldo.

- Um momento, por favor, sr.a Ridgeway.

O funcionário afastou-se apressado, enquanto Laura ficou tamborilando no balcão. com uma sensação de náusea a surgir no estômago, Margo pôs a mão no ombro da amiga.

- Laura, esta é uma conta conjunta com o Peter?

- Claro. Nós usamo-la como uma conta-corrente para as despesas da casa. O cheque é de menos de metade do saldo habitual. Por isso, não deve haver problemas. O nosso casamento é de comunhão de bens parcial. O advogado explicou-me isso tudo.

O vice-presidente do banco surgiu do seu gabinete e apertou a mão a Laura.

- Pode vir ao meu gabinete por um momento, Laura?

- Estou com pressa, Frank. Só preciso de um cheque visado.

- Só um momento.

Ele rodeou os ombros de Laura com o braço. Margo comprimiu os lábios, enquanto Laura se afastava.

- Já sabes o que o desgraçado fez, não é? - murmurou ela. -Já, sim. - Furiosa, Kate comprimiu os dedos contra os olhos. - Devia ter imaginado. Mas aconteceu tudo muito depressa.

- Eles não têm o dinheiro espalhado? Noutro banco. Acções, títulos diversos, uma carteira de investimentos através de um corretor.

à - Isso é verdade. A Laura pode ter deixado o Peter assumir o comando

financeiro, mas nenhum dos dois é suficientemente tolo para deixar todo o dinheiro em mãos alheias. E há a questão do limite de seguro para os depósitos bancários. Isto é uma gota no oceano.

Mas Kate teve um terrível pressentimento e acrescentou:

- Oh, merda! Ele nunca me deixou chegar perto dos seus registos financeiros. Lá vem ela... Está tudo estampado no seu rosto!

- O Peter limpou a conta. - Pálida, atordoada, Laura encaminhou-se para a porta. - Na manhã seguinte à noite em que o encontrei na cama com a secretária, ele veio aqui e tirou tudo, deixando apenas mil ou dois mil dólares.

Ela teve de parar e comprimiu a mão contra a barriga.

- Abrimos contas-poupança para as meninas, a fim de que elas tivessem o seu próprio dinheiro. O Peter também esvaziou essas contas... levou o dinheiro das meninas!

- Vamos encontrar um lugar para nos sentarmos - murmurou Margo.

- Não posso. Tenho de fazer um telefonema. Tenho de falar com o corretor. Nem sequer sei o nome dele... - Ela cobriu o rosto com as mãos, sentindo dificuldade em respirar. - Ah, como fui estúpida!

- Não foste, não! - protestou Kate. -Vamos para casa. Descobrimos os números e telefonamos. Temos de arranjar uma forma de salvar o resto.

Não havia muito que salvar.

- Cinquenta mil dólares... - Kate recostou-se, tirando os óculos e esfregando os olhos. - Foi muita generosidade do Peter deixar-te pelo menos isso. Pelo que posso calcular, essa quantia representa cinco por cento do total do património comum.

Pensativa, ela abriu um pacote de antiácidos.

- A boa notícia é que ele não foi capaz de tocar nas tuas acções da Templeton e não tem qualquer direito à casa.

- Os fundos para a universidade... - murmurou Laura, angustiada.

- Ele fechou os fundos da Ali e da Kayla. Como é que o dinheiro pode significar tanto para o Peter?

- O dinheiro é provavelmente apenas uma parte. Ele quer dar-te uma lição. - Margo serviu mais vinho. Podia ajudá-las se ficassem um pouco embriagadas. - E escapou impune porque tu nunca pensaste em fazer a mesma coisa. Eu teria feito, mas nem pensei antes na possibilidade. Talvez o teu advogado possa recuperar uma parte.

- É bem provável que já esteja tudo escondido nas ilhas Caimão nesta

altura. - Kate balançou a cabeça, revoltada. - Ao que parece, o Peter tem vindo a transferir dinheiro e títulos das contas conjuntas para uma conta pessoal há algum tempo. Ele limitou-se a fazer uma limpeza final.

Ela mordeu a língua para não censurar Laura por assinar qualquer coisa que Peter lhe entregava.

- Mas tens os documentos, as cópias das transferências e dos levantamentos, e assim poderás lutar no tribunal.

Laura recostou-se, fechou os olhos.

- Não vou guerrear com o Peter por dinheiro. Ele pode ficar com tudo.

- Isso é que não! - explodiu Margo.

- Ele que vá para o Inferno! O divórcio já vai ser bastante difícil para as meninas sem que nós comecemos a discutir dólares e cêntimos no tribunal. Ainda tenho cinquenta mil dólares em dinheiro... o que é muito mais do que a maioria das mulheres tem para começar. Ele não pode tocar na casa porque está em nome dos meus pais.

Laura pegou no copo, mas não bebeu.

- Eu é que fui suficientemente estúpida para assinar o que ele punha à minha frente sem fazer perguntas. Merecia mesmo perder tudo.

- Ainda tens as acções da Templeton - lembrou Kate. - Podes vender uma parte.

- Não vou tocar nas acções da família. É um legado.

- Laura... - Para acalmá-la, Kate pôs a mão sobre a dela. - Não estou a dizer para lançares as acções no mercado. O Josh ou os teus pais compravam-nas, ou davam-te um empréstimo tendo as acções como garantia, até que tudo esteja resolvido.

- Não. - Laura fechou os olhos e fez um esforço para se controlar. - Não vou a correr para eles.

Ela respirou fundo, tornou a abrir os olhos e acrescentou:

- Nem vocês as duas. Sou eu que cometo os erros, sou eu que tenho de os reparar. Kate, preciso que calcules como posso arranjar a quantia necessária para o sinal do edifício.

- Não podes pegar em metade do que te sobrou em dinheiro para comprar o imóvel.

Laura sorriu para Margo.

- Posso, sim... e é o que vou fazer. Ainda sou uma Templeton. É tempo de começar a agir como tal.

Antes que pudesse mudar de ideias, ela pegou no cartão-de-visita que Margo deixara em cima da mesa e marcou o número.

- Louisa, fala a Laura Templeton. Isso mesmo, tinha razão. Quero fazer uma oferta para comprar o edifício que vimos esta tarde.

Depois de desligar, tirou as alianças de casamento e noivado. Culpa e libertação batalhavam no seu íntimo.

- Tu és perita nestas coisas, Margo. Quanto achas que isto vale?

Margo examinou o diamante de cinco quilates e o anel com pequenos diamantes. "Pelo menos", reflectiu ela, "há alguma justiça no mundo."

- Kate, não te preocupes em arranjar qualquer dinheiro. Parece que, afinal, a entrada do edifício vem mesmo do Peter.

Mais tarde, naquela noite, Margo sentou-se no seu quarto para fazer contas, desenhar esboços, preparar listas. Tinha de pensar na pintura, no papel de parede e na canalização. O espaço da loja tinha de ser restaurado para incluir um gabinete de provas, o que exigia um carpinteiro.

Podia mudar-se para o segundo andar, o que evitaria a ida de carro a Monterey todos os dias para fiscalizar as obras. Podia também economizar se ela própria tratasse da pintura, em vez de contratar profissionais.

Até que ponto era difícil passar um rolo com tinta numa parede?

- Entra! - gritou ao ouvir bater na porta, enquanto especulava se os carpinteiros cobravam à hora ou por tarefa.

- Margo?

Distraída, ela virou o rosto e pestanejou ao ver a mãe.

- Oh... Pensei que era uma das meninas.

- Já é quase meia-noite. Elas estão a dormir.

- Perdi a noção do tempo.

Ela apontou para os papéis espalhados sobre a cama.

- Fazes sempre isso. Ficas a sonhar acordada. - Ann passou os olhos pelos papéis, divertida com os números que a filha somara e subtraíra. Tivera de recorrer a subornos, ameaças e gritos para que Margo fizesse os mais simples exercícios de aritmética quando era criança. - Esqueceste-te de somar o cinco à outra coluna.

- Ah... - Margo largou o papel. - Preciso muito de uma daquelas calculadoras pequeninas que a Kate tem sempre no bolso.

- Conversei com a menina Kate antes de se ir embora. Ela disse-me que vais abrir uma loja.

- O que não deixa de ser cômico, para alguém que não sabe fazer uma conta de somar. - Margo levantou-se, e foi pegar no copo de vinho que trouxera para o quarto. - Quer beber alguma coisa, mãe, ou ainda está de serviço?

Sem dizer nada, Ann entrou na casa de banho adjacente e voltou com um copo. Serviu-se do vinho.

- A menina Kate acha que pensaste em tudo muito bem e que pode resultar, apesar das probabilidades em contrário.

- A Kate sempre teve um optimismo cego.

- É uma mulher sensata e deu-me bons conselhos financeiros ao longo dos anos.

- A Kate é a sua contabilista? - com uma gargalhada, Margo tornou a sentar-se. - Eu devia ter imaginado.

- Serias sensata em usar os préstimos dela se pretendes mesmo levar o teu negócio adiante.

- É o que vou fazer. - Preparada para ver a dúvida e o desdém no rosto da mãe, Margo eriçou-se. - Em primeiro lugar, não tenho muitas opções. Em segundo, vender coisas de que as pessoas não precisam é o que faço melhor. E, em terceiro, a Laura está a contar comigo.

- São três bons motivos. - Não havia nada no rosto de Ann além de um sorriso enigmático. - A menina Laura está a pagar a conta.

- Não lhe pedi nada - respondeu Margo, irritada. - E não queria. Mas ela meteu na cabeça a ideia de comprar o imóvel e não houve como demovê-la.

Como Ann permanecia calada, Margo amarrotou uma folha de papel e ergueu-a.

- Estou a pôr tudo o que tenho nisto. Tudo o que possuo, tudo por que trabalhei. Não é muito dinheiro, mas é tudo o que tenho.

- O dinheiro não é tão importante quanto o tempo e o esforço.

- É muito importante neste momento. Não temos muito com que começar.

Ann pensou um pouco, balançando a cabeça, andando de um lado para o outro, à procura de alguma coisa para endireitar.

- A menina Kate contou-me o que o sr. Ridgeway fez. - Ann bebeu um gole de vinho. - Esse desgraçado, frio e cruel, devia apodrecer no Inferno para toda a eternidade!

com uma gargalhada, Margo levantou o copo.

- Finalmente podemos concordar em alguma coisa. Bebo a isso.

- A menina Laura acredita em ti, e a menina Kate também, à sua maneira.

- Mas a mãe não acredita.

- Eu conheço-te... vais fazer uma loja luxuosa, onde as pessoas sem juízo irão desperdiçar o seu dinheiro.

- Essa é a ideia. Já tenho até um nome. "Pretenses". Todas as pessoas têm pretensões, gostam de fingir. - Margo soltou uma gargalhada rápida e divertida. - Não acha que me assenta bem?

- Claro que sim. Vais abrir a loja aqui na Califórnia só para ficar com a menina Laura.

- Ela precisa de mim.

- É verdade. - Ann baixou os olhos para o seu copo. - Eu disse algumas coisas na noite em que voltaste de que me arrependo agora. Fui dura contigo, talvez sempre o tenha sido. Mas enganaste-te ao dizeres que eu queria que fosses como a menina Laura ou a menina Kate. Talvez eu quisesse que fosses algo que eu pudesse compreender. Só que não eras capaz.

- Estávamos ambas cansadas e perturbadas. - Margo mudou de posição na cama, sem saber como lidar com um pedido de desculpas da mãe. - Não espero que compreenda toda a minha ideia para uma loja, mas torço para que acredite que vou empenhar-me em fazer uma coisa concreta.

- A tua tia era dona de uma loja de bugigangas em Cork. Tens algum sangue de comerciante. - Ann empinou os ombros, tendo tomado uma decisão. - Imagino que vai custar muito dinheiro.

Anuindo, Margo apontou novamente para os papéis.

- Terei de tirar de um lado para cobrir o outro durante algum tempo. Ajudaria se eu pudesse vender a minha alma... se é que ainda a tenho.

- Eu sentir-me-ia melhor se conservasses a tua alma. - Ann enfiou a mão no bolso da blusa e tirou um envelope. - Em vez de a venderes, utiliza isto.

Curiosa, Margo pegou no envelope e abriu-o. No instante seguinte, largou-o na cama, como se tivesse criado dentes para a morder.

- Mas é o extracto de uma corretora bolsista!

- Isso mesmo. A menina Kate recomendou-me essa firma. Investimentos seguros e cautelosos, como eu prefiro. Mas eles fizeram um bom trabalho.

- São quase duzentos mil dólares. Não posso usar as suas economias. vou fazer tudo sozinha.

- Fico satisfeita por ouvir-te dizer isso, mas não são as minhas poupanças. São as tuas.

- Não tenho poupanças. Não foi sempre esse o meu problema?

- Nunca foste capaz de guardar um centavo. Mas mandaste-me dinheiro, e investi-o para ti.

Um pouco espantada, Margo olhou para o extracto da corretora. Teria mandado tudo aquilo? Tivera tanto dinheiro? Parecia muito pouco naquela altura.

- Mandeí o dinheiro para si.

- Eu não precisava, não é verdade? - com o rosto franzido, Ann inclinou a cabeça para o lado. Agradava-lhe ver o orgulho no rosto da filha. - Tenho um bom emprego, um tecto sobre a minha cabeça, o suficiente para tirar férias duas vezes por ano, porque a menina Laura insiste que preciso. Por isso, apliquei o dinheiro que me enviavas. E aí está.

Ann bebeu outro gole do vinho, porque não fora assim que planeara o discurso.

- Peço que me escutes, Margo, por uma vez. Fiquei-te agradecida por me mandares o dinheiro. Talvez eu ficasse doente, incapaz de trabalhar e precisasse dele. Mas isso não aconteceu. Enviáres o dinheiro foi um acto de amor.

- Não, não foi. - Margo sentia-se tão envergonhada em saber disso quanto em admiti-lo. - Fiz por orgulho. Para lhe mostrar que tinha sucesso e era importante. Que se tinha enganado a meu respeito.

Compreendendo, Ann baixou a cabeça.

- Não há assim tanta diferença... e o resultado é o mesmo. Era o teu dinheiro, e ainda é. Tive o conforto de saber que pensaste em enviá-lo, que o tinhas para poder enviá-lo. Terias desperdiçado tudo se não mo mandasses. Portanto, fizemos um favor uma à outra.

Ela estendeu a mão para acariciar os cabelos de Margo. Mas logo, contrafeita com a demonstração de afecto, baixou a mão.

- Agora pega no dinheiro e faz alguma coisa com ele.

Como a filha não disse nada, Ann estalou a língua, largou o copo e pegou no queixo de Margo com a palma da mão.

- Porque é que és tão teimosa, menina? Não ganhaste o dinheiro com o teu trabalho honesto?

- Ganhei, mas...

- Faz o que a tua mãe diz, pelo menos uma vez na vida. Podes ficar surpreendida ao descobrir que ela está certa. Entra no negócio em condições de igualdade com a menina Laura e orgulha-te disso. Agora, arruma essa confusão antes de dormir.

- Mãe... - Margo começou a recolher os papéis, enquanto Ann estava parada à porta. - Porque não me mandou esse dinheiro para Milão quando sabia que eu estava no fundo do poço?

- Porque ainda não estavas preparada para o receber. Esforça-te por estares agora.

CAPÍTULO 10

TUDO meu. Estendendo os braços, Margo deu uma volta pela sala principal vazia da loja em Cannery Row. Em termos técnicos, ainda não lhe pertencia. A escritura definitiva só seria feita dentro de duas semanas, mas a oferta fora aceite e o contrato assinado. E o empréstimo, com o nome Templeton por trás, fora concedido sem qualquer dificuldade.

Ela procurara um empreiteiro para fazer um orçamento das obras. Como o custo seria elevado, Margo decidira, no seu novo estilo frugal, que faria pessoalmente as melhorias cosméticas mais simples. Iniciara uma pesquisa sobre o aluguer de afagadoras para os soalhos, a compra de máquinas de calafetagem. Até examinara uma espectacular pistola de tinta. Maior área coberta, mais rápida. Mais eficiente.

E o imóvel não seria de facto seu, lembrou Margo. Seria dos três. Dela, de Laura e do banco. Mas dentro de duas semanas estaria a dormir no pequeno quarto lá em cima. Num saco-cama, se fosse preciso.

Em meados do Verão, as portas da Pretenses seriam abertas.

"E o resto", pensou Margo, com uma gargalhada, "será história."

Ela virou-se ao ouvir bater no vidro e viu o rosto de Kate.

- Então, abre depressa! Estou na hora do almoço! Achei que te ia encontrar aqui, exultando. - Kate entrou e farejou, quando Margo abriu a porta. - Ainda tresanda.

- O que é que queres, Kate? Estou ocupada.

Kate olhou para a prancheta e a calculadora de bolso no chão. - Já descobriste como essa coisa funciona?

- Não é preciso ter um diploma de contabilista para usar uma calculadora.

- Eu referia-me à prancheta.

- Então?!

- As coisas podem crescer mais do que estamos a imaginar. com as mãos nos bolsos das calças, Kate pôs-se a andar de um lado para o outro. - A área é movimentada. Muita gente passa a pé por aqui. E pessoas de férias compram sempre coisas de que não precisam. Mas as roupas em segunda mão... serão todas do mesmo tamanho.

- Já pensei nisso. Estou a trabalhar para diversificar o stock. Conheço muitas pessoas que trocam de guarda-roupa todos os anos.

- Pessoas elegantes compram roupas clássicas... e para todas as estações... a fim de não terem com que se preocupar.

- Quantos blêizeres azul-marinhos tens, Kate?

- Meia dúzia. - Ela sorriu, depois tirou um antiácido do rolo que trazia no bolso. Aquilo era a sua noção de almoço. - Mas isso sou eu. Aqui está a proposta, Margo. Quero entrar.

- Onde?

- No negócio. - Ela enfiou o antiácido na boca e mastigou-o. Tenho algum dinheiro para investir e não vejo porque tu e a Laura devem ficar com toda a diversão.

- Não precisamos de uma sócia.

- Claro que precisam. Vão precisar de alguém que saiba a diferença entre tinta preta e vermelha.

Kate abaixou-se, pegou na calculadora e começou a fazer contas.

- Tu e a Laura entraram com doze mil e quinhentos cada uma, em dinheiro. Agora, têm as despesas de contrato, seguro e impostos. O que deve ir mais ou menos... a um total de dezoito mil cada. com isso, o investimento inicial vai para trinta e seis. - Ela tirou os óculos do bolso do casaco e ajeitou-os sobre o nariz, enquanto continuava a trabalhar. - Dividindo por três, dá doze mil a cada uma, o que é menos do que já gastaram até agora.

Sem parar de andar, Kate apagou esses números e iniciou outros cálculos.

- Temos agora as obras, remodelações, manutenção, taxas de serviços públicos, alvará e registos públicos, mais impostos, custos de contabilidade... podia fazer-lhes tudo, mas não tenho tempo para aceitar outro cliente neste momento. Assim, vocês teriam de contratar alguém ou aprender a fazer contas.

-Já sei fazer contas - resmungou Margo, ofendida.

Kate tirou da pasta uma agenda electrónica e registou uma anotação para si própria: marcar hora para dar a Margo um curso de contabilidade básica. O telemóvel na pasta tocou, mas ela ignorou-o. O serviço de mensagens teria de atender todas as chamadas até que ela concluísse o que estava a fazer.

- Há também as despesas com sacos de compras, papel de seda, caixas, fita para a máquina registadora. Num instante, os números vão chegar a seis

algarismos. Terás de fazer um contrato com as companhias de cartões de crédito, já que quase todos os teus clientes vão usar dinheiro de plástico. - Baixando os óculos, ela olhou para Margo. - Tencionas aceitar todos os principais cartões de crédito, não é verdade?

-Eu...

- Ora, vocês precisam mesmo de mim. - Satisfeita, ela tornou a levantar os óculos. Nenhum empreendimento de Laura e Margo poderia excluí-la, por mais que ela tivesse de esticar os seus recursos para entrar na sociedade. - Claro que serei uma sócia silenciosa, pois sou a única das três que tem um emprego fixo.

Margo contraiu os olhos.

- Sócia silenciosa como?

- Apenas darei uma espreitadela de vez em quando. - Todos os aspectos práticos já estavam ordenados na mente meticulosa de Kate.

- Terão de calcular como e quando substituir o stock depois de começarem a vender, qual a percentagem de aumento de preço para garantir a margem de lucro. E há também os honorários do advogado. Mas podemos persuadir o Josh a tratar disso. Como é que o convenceste a deixar-te usar o Jag? É o novo Jag do Josh que está ali à frente, não é?

A expressão de Margo tornou-se presunçosa.

- Pode dizer-se que estou a fazer um teste de condução. Franzindo as sobrancelhas, Kate tirou os óculos e guardou-os no bolso.

- Um teste de condução para ficar com o carro?

- Ainda não.

- Interessante... vou dar-te um cheque de doze mil dólares e depois preparar o contrato da sociedade.

- Contrato da sociedade?

- Meu Deus, como precisam de mim! - Ela segurou Margo pelos ombros e beijou-a. - Nós três adoramo-nos, confiamos umas nas outras, mas é preciso fazer com que qualquer negócio seja legalizado. Neste momento, todo o stock é teu, mas...

- A Laura já o aumentou - interrompeu Margo, com um sorriso malicioso. - Vamos vender tudo o que encontrámos no escritório do Peter.

- Um bom começo. Como é que ela se está a aguentar?

- Muito bem. Ficou preocupada com a Ali. A menina sofreu muito porque o Peter não foi ao recital de balé. Ouvimos dizer que ele viajou para

Aruba.

- Espero que se afogue. Não... espero que ele seja devorado por tubarões e depois se afogue. vou lá a casa este fim-de-semana passar algum tempo com as meninas. - Tirou da mala um cheque já preenchido e assinado. - Aqui está, sócia. E agora tenho de voltar ao escritório.

- Ainda não combinámos com a Laura.

- Eu combinei - informou Kate, jovial. Ela abriu a porta e esbarrou em Josh.

- Olá! - Ela beijou-o. - Tchau.

- Prazer em ver-te também - gritou ele, enquanto Kate se afastava. Josh entrou na loja e fechou a porta. Laura advertira-o a não ter grandes expectativas, o que fora previdente.

- Tu e a Kate estiveram aqui a fumar marijuana?

- Sim, isso é o que ela faz normalmente durante a hora de almoço. Temos de metê-la num programa de reabilitação. - Emocionada consigo mesma, Margo abriu os braços. - E então... o que achas?

- É um edifício, sem dúvida. -Josh...

- Dá-me um minuto.

Ele passou por Margo, foi até à outra sala, voltou, viu a casa de banho, estudou a escada, bonita e potencialmente mortal. Sacudiu o corrimão, estremeceu.

- Queres um advogado?

- Vamos mandar consertar isso.

- Suponho que não te ocorreu que às vezes molhar a ponta do pé é melhor do que mergulhar logo de cabeça.

- Mas não é tão divertido.

- Ora, duquesa, tenho a certeza de que podias sair-te pior. - Ele adiantou-se, levantou o rosto amuado de Margo. - Vamos resolver já o nosso problema, está bem? Fiquei a pensar no assunto ao longo de dois continentes.

Josh puxou-a e beijou-a na boca. Depois de um instante de desinteresse simulado, Margo deixou-se derreter num beijo que tinha o gosto de desejo frustrado. Era inesperada e emocionante a maneira como a boca de Josh se ajustava à sua, a maneira como todas as linhas e planos firmes daquele corpo masculino se ajustavam com perfeição às suas curvas.

Não lhe deu tempo para pensar se era apenas porque sentira falta da sensação gloriosa de ser abraçada por um homem, ou se era por ser Josh.

Mas, como era Josh, ela precisava de tempo para pensar.

- Não sei como não me apercebi da tua força durante todos estes anos...

Margo afastou-se, com um sorriso provocante. O corpo de Josh vibrava como um motor acelerado ao máximo.

- Isto foi apenas uma amostra grátis. Anda cá e terás o tratamento completo.

- Acho melhor avançarmos por etapas. - Margo foi abrir a sua mala e tirou um maço de cigarros. A cigarreira elegante já entrara no inventário. - Estou a aprender a ser uma mulher cautelosa.

- Cautelosa? - Josh tornou a olhar em redor. - É por isso que passas de arrendar uma pequena loja em Milão para saldar as tuas dívidas e ganhar a vida de maneira razoável a comprar um edifício em Cannery Row e aumentar as dívidas.

- Não posso mudar da noite para o dia, pois não? - Ela fitou-o através de um nevoeiro de fumo. - Não vais dar-me uma prelecção de advogado, pois não, Josh?

- Para dizer a verdade, vou, sim. - Ele pegou na pasta que deixara no chão e abriu-a. - Tenho alguns documentos para ti.

Josh olhou em redor, à procura de um lugar para se sentar, e acabou por acomodar-se no último degrau da escada.

- Vem sentar-te aqui. - Ele bateu no espaço estreito ao seu lado.

- vou conseguir manter as mãos longe de ti.

Margo pegou num cinzeiro de metal e sentou-se ao lado de Josh.

- Estou a ficar perita em papéis. Estou até a pensar em comprar um arquivo.

Josh não suspirou. Não faria qualquer diferença.

- O teu italiano é suficientemente bom para perceberes? Ela franziu o rosto ao dar uma olhadela aos papéis.

- É um contrato de venda do meu apartamento. - As emoções agitaram-se dentro de Margo, o pesar batalhava agora com o alívio. Trabalhas depressa.

- É uma boa proposta. - Josh ajeitou os cabelos por trás da orelha dela. - Tens a certeza de que é o que queres?

- É assim que tem de ser. A realidade nem sempre tem um gosto agradável, mas estou a aprender a saboreá-la. - Ela fechou os olhos, encostando a cabeça no ombro de Josh. - Mas deixa-me sentir pena de mim

por um minuto.

- Tens todo o direito.

- A autocomiseração é um péssimo hábito que tenho. É difícil livrar-me dele. Adoro aquele apartamento, Josh. Às vezes parava na varanda e pensava: "Vê onde tu estás, Margo. Vê quem tu és."

- Pois agora estás noutro lugar. - "Não é de simpatia que ela precisa", concluiu Josh, "mas de um bom pontapé no traseiro." E não me pareces diferente.

- Não é a mesma coisa. Jamais será a mesma coisa.

- Ânimo, Margo, ou daqui a pouco vais começar a chorar. Ela levantou a cabeça num gesto brusco.

- Para ti é fácil dizer isso. Joshua Conway Templeton, o astro brilhante do império Templeton. Nunca sentiste falta de nada. Nunca tropeçaste nem te desesperaste para conseguir uma coisa que todos diziam que não podias ter. Ninguém alguma vez te disse que não podias ter tudo o que quisesses.

- É esse o problema, não é? Jogaste, duquesa, e perdeste. Lamentar não vai mudar nada... e não é nada elegante.

- Obrigada pelo teu apoio. - Furiosa, ela arrancou o contrato da mão de Josh. - Quando terei o dinheiro?

- Há o tempo normal... e há o tempo italiano. Se tiveres sorte, podes acertar tudo em sessenta dias. O preço e o prazo estão na página seguinte.

Ele observou-a a passar os olhos pelo contrato. A expressão de Margo era furiosa, mesclada de angústia.

- Só isso?

- Ainda não tinhas pago muito. O banco recebe a sua parte primeiro, depois o governo tira os impostos.

- É melhor do que nada.

- Tirei dinheiro da tua conta para saldar o crédito do cartão American Express. Suponho que não vieste para cá a fim de escapar da factura. - Como Margo se limitou a fitá-lo friamente, ele sacudiu a cabeça. - Não sei porque disse isto. Estás abaixo do limite do cartão Visa, mas eu não exageraria nas despesas. Depois de distribuíres o dinheiro do apartamento, ficarás no vermelho em cento e cinquenta mil dólares, fora os juros e as multas.

- Dinheiro para alfinetes, como se dizia antigamente.

- Então não deves planear a compra de alfinetes por algum tempo. Como teu advogado, estou disposto a saldar as tuas dívidas e ajudar-te com qualquer

outra que venhas a contrair enquanto inicias a tua empresa. Já tens um nome para a loja?

- Pretenses - respondeu Margo, com os dentes quase cerrados, enquanto examinava outros documentos.

- Perfeito. Já preparei os contratos necessários.

- Ai, é? - murmurou ela. - Em triplicado?

Alertado pelo tom, Josh ergueu o rosto e fitou-a nos olhos frios.

- Claro.

- E o que teria de fazer por esses contratos, advogado Templeton?

- Pagarias o empréstimo pessoal em parcelas mensais, começando seis meses depois da data de assinatura do contrato. com isso, terás tempo para respirar. E também concordarias em viver dentro dos teus recursos durante o prazo do empréstimo.

- E quais são os meus recursos, na sua opinião de advogado?

- Preparei um orçamento para as despesas pessoais. Comida, moradia, despesas médicas.

- Um orçamento?

Josh esperava uma explosão. Até estava, de forma um tanto distorcida, a contar com isso. Os acessos de Margo eram sempre... estimulantes. E tudo indicava que ele não ficaria desapontado.

- Um orçamento? - repetiu Margo, começando a enfurecer-se. Não dá para acreditar em tamanha desfaçatez! Seu filho-da-mãe arrogante! Achas que vou ficar quietinha aqui e deixar que me trates como uma perfeita idiota, que precisa de ser informada do quanto pode gastar com pó-de-arroz?

- Pó-de-arroz... - Deliberadamente, Josh percorreu com os olhos um papel que tinha na mão, tirou uma caneta do bolso e escreveu uma anotação. - Deve entrar na rubrica "Luxos Diversos". Creio que fui muito generoso nesse ponto. Agora, a tua mesada para roupas...

- Mesada? - Margo usou as duas mãos para empurrá-lo. - Deixa-me dizer o que podes fazer com a porra da mesada!

- Cuidado, duquesa! - Josh alisou a frente da camisa. - É uma Tumbill & Asser.

O som estrangulado na garganta de Margo foi o melhor que ela pôde fazer. Se houvesse qualquer coisa para atirar, ela teria acertado na cabeça de Josh.

- Prefiro ser esquartejada viva por abutres a deixar que cuides do meu

dinheiro.

- Não tens nenhum dinheiro...

Mas Margo continuou a falar, enquanto circulava pela sala. Observando-a, ele quase ficou com água na boca.

- Prefiro ser violada por anões, amarrada nua num ninho de vespas, ser obrigada a comer lesmas...

- Passar três semanas sem ir à manicura? - interrompeu Josh. Margo contraiu as mãos em garras, o que o fez acrescentar: - Se tentares arranhar-me a cara com essas unhas, ficas a saber que terei de magoar-te.

- Eu odeio-te!

- Não odeias, não.

Josh moveu-se depressa. Num instante estava encostado despreocupadamente no corrimão instável, no instante seguinte avançou para agarrá-la. Ele esperou um momento para apreciar a fúria terrível no rosto de Margo, o brilho letal nos olhos. Depois, os lábios encontraram-se.

Foi como beijar um raio... o calor intenso, o ímpeto de energia, o ardor da raiva.

Ele sabia que haveria uma tempestade incontrolável quando finalmente a levasse para a cama.

Margo não resistiu. Isso proporcionaria demasiada satisfação a Josh. Em vez disso, reagiu à força com força, sentindo prazer. Até que os dois recuaram, ofegantes.

- Posso gostar e ainda continuar a odiar-te. - Ela sacudiu os cabelos. - E posso obrigar-te a pagar por isso.

Talvez pudesse mesmo. Havia mulheres no mundo que possuíam o dom inato de saber como fazer um homem sofrer, inflamar-se e suplicar. Todas podiam receber aulas de Margo Sullivan. Mas ele não era suficientemente tolo para a deixar saber disso. Achou melhor voltar à escada e pegar nos documentos.

- Temos de saber onde estamos, querida.

- Eu digo-te onde estamos, querido. Não preciso da tua oferta insultuosa. Continuarei a viver à minha maneira.

- E tem sido um sucesso espectacular até agora.

- Sei o que estou a fazer. E tira esse sorriso ridículo do rosto.

- Não posso. Insiste em aparecer de cada vez que dizes saber o que fazes. - Josh guardou os documentos na pasta e fechou-a. Uma coisa devo

dizer-te: não acho que seja uma ideia tão idiota... esta loja.

- Dormirei mais sossegada agora, sabendo que posso contar com a tua aprovação.

- Aprovação é um pouco de exagero. É mais como uma resignação esperançosa. - Ele deu uma última sacudidela no corrimão. Mas acredito em ti, Margo.

A raiva desvaneceu-se na confusão.

- Mas que porcaria, Josh! Não consigo perceber-te.

- Ainda bem. - Ele adiantou-se e passou um dedo pelo rosto de Margo. - Acho que vais transformar esta loja em algo que surpreenderá todos. Especialmente a ti.

Josh inclinou-se, deu-lhe um beijo, desta vez ao de leve, como amigo.

- Tens dinheiro para o táxi?

- Como?

Sorrindo, ele tirou as chaves do bolso.

- Por sorte, tinha chaves sobressalentes dojag. Não trabalhes até muito tarde, duquesa.

Margo não sorriu até que ele se retirou. Depois, pegou na mala e na prancheta. Usaria o cartão Visa para comprar uma pistola de tinta.

Josh precisou de menos de duas semanas no Templeton Monterey para definir a estratégia com que lidaria com Peter Ridgeway. Já deixara claro, com um único telefonema de Estocolmo, que seria melhor para o cunhado, em termos pessoais e profissionais, tirar uma breve licença de trabalho na Templeton.

Até que, como dissera Josh, racional e jovial, pudessem resolver aquele pequeno problema doméstico.

Ele sempre evitara qualquer interferência no casamento da irmã. Como solteiro, achava que não tinha qualificações para distribuir conselhos conjugais. E, como adorava a irmã e sentia algum desprezo pelo marido, também tinha de considerar o facto indiscutível de que o seu conselho seria parcial.

Como Peter sempre tivera um bom desempenho como gestor da Templeton, não houvera motivos para queixas nesse ponto. Talvez ele fosse um pouco rígido na sua visão de administração hoteleira, bastante distante dos empregados e dos problemas e triunfos do dia-a-dia. Mas Peter era competente com os grupos empresariais e as empresas estrangeiras que

punham dinheiro nos cofres da Templeton.

Josh pensara em seguir o curso habitual no mundo dos negócios, afastando Peter dos hotéis Templeton e usando as suas ligações e influência para fazer com que o filho-da-mãe nunca mais conseguisse sequer dirigir um motel de beira de estrada no Kansas.

Mas isso seria fácil de mais... não haveria qualquer sangue derramado.

Ele concordava com Kate que o caminho mais sensato e mais honesto era - nas palavras de Kate - "arrastar o seu lamentável traseiro flácido pelo tribunal". Josh conhecia meia dúzia de advogados de família que esfregariam as mãos de contentamento com a perspectiva de processar o marido ganancioso e adúltero, que chegara ao cúmulo de tirar o dinheiro das contas-poupança das filhas ainda crianças.

"Ah, isso seria maravilhoso", pensou Josh, enquanto aspirava as fragrâncias matutinas do mar e dos oleandros. Mas também seria uma humilhação pública e dolorosa para Laura. E, mais uma vez, sem derramamento de sangue.

Ainda assim, esses assuntos resolviam-se melhor de uma maneira civilizada. Josh concluiu que o lugar mais civilizado para acertar as contas era no clube de campo. Por isso, esperou, paciente como um gato, que Peter voltasse à Califórnia.

Peter aceitou, sem hesitar, o seu convite para uma partida de ténis pela manhã. Josh não esperava outra coisa. Imaginou que Peter calculava que ser visto numa troca de bolas com o cunhado dissiparia alguns rumores a respeito da sua relação com os Templeton.

E Josh sentiu-se feliz em fazer-lhe o favor.

O golfe era o jogo predilecto de Peter, mas ele considerava-se competente no ténis. Vestiu-se para a partida todo de branco, impecável, com os calções vincados. Josh trajava um uniforme similar, embora um pouco menos formal, com o acréscimo de um boné de batedor dos Dodgers para proteger os olhos do sol ofuscante da manhã.

Mais tarde, Minn Whiley e DeLoris Solmes, que jogavam a sua partida regular das manhãs de terça-feira no campo ao lado, tomariam as suas Mimosas, o cocktail de sumo de laranja e champanhe tão apreciado naquele local, e comentariam a imagem espectacular dos dois homens, dourados, bronzeados e esguios, pernas musculosas em acção, enquanto cruzavam a bola amarela de um lado para o outro da rede.

"Claro que", diria Minn a Sarah Metzenbaugh, depois de esta se juntar às duas para um banho turco, "isso fora antes do Incidente."

- Não é sempre que tenho tempo para o ténis - comentou Peter, enquanto tirava a raqueta da protecção. - Dezoito buracos de golfe, duas vezes por semana, é o máximo que consigo ter.

- Muito trabalho e nenhuma diversão - disse Josh, afável. Não passou despercebido o sorriso desdenhoso de Peter. Josh sabia exactamente o que o outro pensava dele. O menino dourado, sempre tão mimado, que consumia todo o seu tempo indo de uma festa para outra. - Pois eu sinto que falta alguma coisa se não jogo pelo menos um set bem disputado todas as manhãs.

Sem pressa, ele tirou uma garrafa de Evian do saco.

- Ainda bem que pudeste encontrar-te comigo. Tenho a certeza de que, entre nós, poderemos resolver este assunto tão desagradável. Vais ficar no resort, agora que voltaste de Aruba?

- Pareceu-me a melhor opção. Esperava que a Laura visse a luz da razão se eu lhe desse um pouco de tempo e espaço. As mulheres... - Ele abriu as mãos elegantes, já sem sinal da aliança de ouro do casamento. - Criaturas difíceis.

- Como eu te compreendo... Vamos fazer o aquecimento. Josh foi ocupar o seu lugar por detrás da linha e esperou que Peter assumisse a sua posição.

- Podemos começar. - Ele jogou uma bola fácil. - Como estava Aruba?

- Tranquila. - Peter voltou para junto da rede. - O nosso hotel lá tem alguns problemas. Tem de ser fiscalizado.

- Ai, é? - Josh efectuara uma inspecção meticulosa oito meses antes e sabia que o hotel era gerido com toda a competência. - vou tratar do assunto.

Ele errou uma jogada de propósito, mandando a bola para longe do campo.

- Estou um pouco enferrujado - disse ele, balançando a cabeça.

- O serviço é teu. Por acaso tencionas contestar a acção de divórcio, Peter?

- Se a Laura insistir na acção, não vejo sentido em contestar. Só acrescentaria mais lenha na fogueira dos mexericos. Ela está insatisfeita com as minhas responsabilidades na Templeton. Uma mulher como a Laura não compreende as exigências do trabalho.

- Ou o relacionamento de um homem com a sua secretária. com os dentes a faiscar num sorriso brutal, Josh mandou a bola a zunir perto do

ouvido de Peter.

- Ela interpretou a situação de maneira errada. Ponto meu. Testando uma nova bola, Peter sacudiu a cabeça. - Para ser franco, Josh, a Laura tornou-se irracionalmente ciumenta do tempo que eu tinha de passar no escritório. Tenho a certeza de que já sabes da recente série de convenções e da visita de dez dias de lord e lady Wilhelm. Eles ocuparam dois andares e a suíte presidencial. Não podíamos oferecer menos do que a perfeição.

- Claro que não. E a Laura não compreendeu a pressão que tiveste de enfrentar.

Afinal, Laura só nascera numa família de hoteleiros.

- Exactamente. - Ofegante, porque Josh o fazia correr de um lado para o outro do campo, implacável, Peter errou uma bola. - E a situação piorou quando a ridícula e destravada Margo apareceu à nossa porta. A Laura recebeu-a sem pensar nas consequências.

- Coração mole, a nossa Laura - murmurou Josh.

Ele interrompeu a conversa, até chegar a cinco-três no primeiro set.

- Não foi uma atitude das mais nobres, meu caro, limpar todas as contas conjuntas.

Peter contraiu os lábios. Esperava que Laura tivesse orgulho suficiente para não se queixar ao irmão.

- A conselho dos meus advogados. Uma simples questão de autopreservação, já que ela não tem qualquer bom senso em assuntos financeiros. A providência foi plenamente justificada agora, quando ela demonstra a sua absoluta falta de juízo ao entrar numa sociedade com a Margo Sullivan. E como donas de uma loja, pelo amor de Deus!

- Não muito diferente de estalajadeiros - murmurou Josh.

- Como?

- Eu disse que ninguém sabe quem põe essas ideias na cabeça de uma mulher.

- Ela vai perder o capital investido em seis meses... se a Margo não fugir com todo o dinheiro antes. Devias ter tentado dissuadi-la dessa ideia insana.

- E quem é que me dá ouvidos?

Ele pensou em deixar Peter ganhar o segundo set, mas decidiu que estava entediado e queria terminar com aquilo de uma vez. Deixou continuar por mais algum tempo. Só para tornar tudo mais interessante, permitiu que Peter lhe quebrasse o serviço.

- Muito azar. - O prazer de derrotar o cunhado no seu próprio jogo acelerou a circulação de Peter. - Tens de trabalhar melhor o teu serviço.

- Hum, hum...

Josh correu para a parte lateral do campo, enxugou o rosto e bebeu um gole de Evian. Ao fechar a garrafa, lançou um sorriso para as mulheres que estavam no campo ao lado. Sentia um prazer secreto por contar com uma audiência para o espectáculo que tinha em mente.

- Ah, antes que eu me esqueça... Estive a verificar algumas coisas no hotel. Houve uma extraordinária rotatividade de pessoal nos últimos dezoito meses.

Peter franziu as sobrancelhas.

- Não há necessidade de te envolveres com o Templeton Monterey nem com o resort. É o meu território.

- Não tenho a menor intenção de invadi-lo, mas eu estava aqui, e tu não. - Josh jogou a toalha para o lado, largou a garrafa de plástico e voltou para trás da rede. - Mas é estranho. A Templeton tem uma tradição de permanência e lealdade dos empregados.

"Filho-da-mãe intrometido, idiota mimado", pensou Peter. Mas controlou a raiva com o maior cuidado, enquanto seguia na direcção oposta.

- Como deveres ter verificado, se leste os relatórios, a gerência cometeu vários erros de julgamento nas contratações. As demissões foram necessárias para manter os nossos padrões de atendimento e serviços.

- Tenho a certeza de que tens razão.

- Voltarei ao comando amanhã. Portanto, não precisas preocupar-te mais.

- Não estou preocupado, apenas curioso. O serviço não é teu? O sorriso de Josh era tão indolente e descontraído quanto uma sesta numa rede.

Recomeçaram a jogar. Peter errou o primeiro serviço, mas descarregou a sua irritação, e o segundo saiu perfeito. À espera do momento propício, Josh divertiu-se a fazer Peter correr de um lado para o outro do campo, obrigando-o a abaixar-se e a saltar. Sem perder o fôlego, ele manteve um fluxo constante de conversa, enquanto vencia o jogo seguinte.

- Reparei também em algumas outras coisas, enquanto lá estive. A tua conta de despesas de representação, por exemplo. Setenta e cinco mil dólares nos últimos cinco meses para acompanhar clientes.

O suor escorria para os olhos de Peter, enfurecendo-o.

- A minha conta de despesas de representação nunca foi questionada nos quinze anos que trabalho para a Templeton.

- Claro que não. - Todo sorrisos, Josh recolheu as bolas para se preparar para o jogo seguinte. - Estiveste casado com a minha irmã em dois terços desse tempo. Ah... houve também aquela gratificação para a tua secretária.

Descontraído, ele bateu numa bola com o meio da raqueta.

- A que andavas a comer. Dez mil dólares é muita generosidade. Ela deve fazer um café sensacional.

Parado, dobrando o corpo, com as mãos nos joelhos, para recuperar o fôlego, Peter fitou o cunhado por cima da rede, com os olhos contraídos.

- Gratificações e incentivos financeiros são parte da política da Templeton. E não me agradam as tuas insinuações.

- Não foi uma insinuação, Peter. Presta mais atenção. Foi uma afirmação.

- E de uma hipocrisia patética, partindo de ti. Todos sabem como gastas o teu tempo e o dinheiro da família. Carros, mulheres e jogo.

- Tens razão nesse ponto. - com um sorriso cordial, Josh parou atrás da linha de serviço e bateu com a bola ao de leve no chão. E podes dizer que foi hipocrisia da minha parte mencionar o assunto.

Ele jogou a bola para o alto, como se fosse servir, mas tornou a pegá-la com a mão e coçou a cabeça.

- Excepto por um pormenor. Não, não, são na verdade dois pormenores. Primeiro, o dinheiro é meu; e, segundo, não sou casado.

Josh jogou a bola para cima e disparou um ás. Em cheio no nariz de Peter. Enquanto Peter caía de joelhos, com o sangue a esguichar entre os dedos, Josh adiantou-se, girando a raqueta.

- E, terceiro, é a minha irmã que estás a sacanear.

- Seu filho-da puta! - A voz de Peter saiu abafada, meio rouca, ofegante, por causa da dor. - És mesmo doido! Partiste-me o nariz!

- Devias agradecer-me por não ter feito pontaria aos teus tomates. - Agachando-se, Josh agarrou Peter pela gola do pólo ensanguentada.

Enquanto as mulheres no campo ao lado gritavam e pediam ajuda, ele murmurou: - E agora ouve-me... e presta muita atenção, porque só vou falar uma vez.

Estrelas faiscavam diante dos olhos de Peter, a náusea dominava o seu estômago.

- Tira as mãos de cima de mim!

- Não estás a prestar atenção - disse Josh, sem alterar a voz. E devias, porque é a sério. Nunca mais pronuncies o nome da minha irmã em público. Se eu achar que tiveste sequer um pensamento a respeito dela que não me agrade, terás de pagar com mais do que o nariz. E, se algum dia tornares a falar da Margo da maneira como falaste, arranco-te os tomates e obrigo-te a comê-los.

- vou processar-te, seu desgraçado! - A dor irradiava-se pelo rosto de Peter como uma queimadura do sol; a humilhação acompanhava-a. - vou processar-te por agressão!

- Era um favor que me fazias. Enquanto isso, sugiro que faças outra viagem. Volta para Aruba, experimenta Saint Bart's... ou vai para o Inferno. Mas não te quero ver mais perto de mim ou dos meus.

Josh largou Peter, com uma expressão de repulsa. Depois, lembrando-se de mais alguma coisa, limpou a mão suja de sangue na camisa de Peter.

- Ah, antes que eu me esqueça... estás despedido. O que é o ponto de jogo, de set e de partida.

Satisfeito com o trabalho da manhã, Josh decidiu recompensar-se com uma sauna.

CAPÍTULO 11

"**MILAGRES** podem acontecer", pensou Margo. Só precisavam de seis semanas, músculos doridos e uma quantia à volta de trezentos e cinquenta mil dólares para serem criados.

Seis semanas antes, ela tornara-se proprietária de um terço do prédio vazio em Cannery Row. Logo depois de beberem o espumante da Templeton, Margo arregaçara as mangas.

Era uma experiência nova, lidar com operários, descobrir-se cercada pelo som de serras e martelos, por homens com cinturões de ferramentas. Margo passara quase todos os momentos em que estivera acordada, durante essas semanas, na loja ou ao serviço da loja. Os empregados das lojas de ferragens começavam a chorar de alegria quando ela lhes passava à porta. Os operários aprenderam a tolerá-la.

Ela discutira amostras de tinta com Laura, angustiara-se na opção entre o rosa-sujo e o malva, ao ponto em que as menores variações de tonalidade se tornavam uma decisão de proporções monumentais. A iluminação indirecta fora uma obsessão durante dias. Ela descobrira a alegria e o terror das ferragens, consumindo horas para escolher dobradiças e puxadores de gaveta, como antes examinava com toda a atenção as jóias em exposição nas vitrinas da Tiffany.

Pintara o edifício, aprendendo a amar e a desprezar as excentricidades da sua pistola de tinta Sears, com velocidades variáveis. Possessiva ao ponto da neurose, recusara-se a permitir que Kate ou Laura experimentassem a pistola. E, depois de uma sessão mais longa do que o habitual, tivera um sobressalto ao deparar com o seu reflexo no espelho.

Margo Sullivan, o rosto que fizera o lançamento de um milhão de frascos de hidróxido alfa, tinha os cabelos metidos de qualquer maneira sob um boné branco imundo, o rosto salpicado de sardas cor-de-rosa, os olhos sem qualquer maquilhagem, com uma expressão um tanto desvairada.

Ela ficara sem saber se devia estremecer ou gritar.

Mas o choque levava-a directamente para a banheira antiga, onde tomara um prolongado banho quente, com muita espuma e vários sais. Impelira-a também a presentear-se com um tratamento completo, facial, massagem com

óleos quentes, manicura, só para provar que ainda não perdera o juízo por completo.

Agora, depois de seis semanas de insanidade, Margo começava a acreditar que os sonhos podiam tornar-se realidade. Os soalhos estavam a brilhar, afagados e cobertos por três camadas de verniz. As paredes, o seu orgulho e alegria pessoais, eram de um rosa suave e aconchegante. As janelas, que ela mesma lavara, com a solução secreta da sua mãe, à base de vinagre e trabalho árduo, faiscavam nas molduras restauradas. A escada de ferro e o corrimão circular estavam bem presos agora, com os dourados a sobressaírem.

Os azulejos nas duas casas de banho tinham sido restaurados e esfregados ao máximo, e agora não envergonhavam as toalhas de mão rendadas e perfumadas.

Tudo era rosado, dourado e rescendia a novo.

- É como o Dorian Cray - comentou Margo.

Ela e Laura estavam na área de descanso da sala principal, tentando determinar o preço das peças contidas numa caixa.

- Achas?

- Claro que sim. A loja está a ficar mais bonita e reluzente a cada dia que passa. - Margo apertou as suas bochechas cansadas e soltou uma gargalhada.

- E eu sou o retrato escondido no armário.

- Ah, isso explica as verrugas.

- Verrugas? - Pânico imediato. - Que verrugas?

- Estou a brincar!

Foi a primeira gargalhada descontraída de Laura em muitos dias.

- Na próxima vez basta dares-me um tiro na cabeça. - Enquanto a sua pressão voltava ao normal, Margo ergueu uma jarra de faiança pintada com flores estilizadas. - O que achas? É uma Doulton.

Laura já sabia que não adiantava perguntar a Margo quanto pagara pela jarra. Ela não teria a menor ideia. Seguindo a rotina, Laura olhou para a pilha de guias de preços e catálogos que tinham arranjado.

- Já verificaste?

- Mais ou menos. - Durante as últimas semanas, Margo desenvolvera um relacionamento de amor e ódio com os guias de preços. Adorava a ideia de fixar os preços, mas detestava pensar em todo o dinheiro que escapara dos seus dedos. - Acho que cento e cinquenta.

- Então marca isso.

com a língua presa entre os dentes, Margo carregou devagar nas teclas do computador portátil que Kate insistira ser indispensável para elas.

- Artigo número quatrocentos e oitenta e um... C para cristal ou P de peça de colecionador?

- Hum... C. A Kate não está aqui para discutir isto.

- Certo... 481 R Bolas! Carreguei no R - Margo apagou e carregou novamente nas teclas. - Cento e cinquenta.

Embora provavelmente fosse ineficiente, o que Kate teria ressaltado, Margo pôs uma etiqueta no vaso, levantou-se e levou-o para a étagère de vidro que já estava a arrumar, voltou e acendeu um cigarro.

- O que estamos a fazer, Laura?

- A divertir-nos. O que te levou a comprar uma coisa destas? Margo soprou o fumo, pensativa, olhou para uma urna com alças, indubitavelmente feia.

- Devia estar num péssimo dia.

- Mas é uma Stinton e assinada. Talvez... - Laura folheou um guia de preços. - Cerca de quatrocentos e cinquenta.

- O quê? - Será que já tivera condições de pagar tanto por tão pouco? Ela empurrou o computador para Laura. - Vêm pintar o letreiro na montra amanhã. E a equipa do Entertainment Tonight deve aparecer às duas horas.

- Tens certeza de que é isso o que queres?

- Estás a brincar? Como podemos desperdiçar toda a publicidade gratuita? - Margo esticou os braços para o alto. Tinha os ombros muito doridos, uma sensação a que já se acostumara. - Além disso, é uma oportunidade para me vestir bem. Posar para uma câmara. Estou a pensar em usar o Armani verde ou o Valentino azul.

- Já pusemos uma etiqueta no Armani.

- Então será o Valentino.

- Desde que não te deixe desconfortável.

- Um Valentino nunca me deixa desconfortável.

- Sabes ao que me estou a referir. - Laura suspendeu a urna, concluindo que parecia um pouco menos desengraçada no canto da prateleira. - Todas as perguntas sobre a tua vida particular...

- Não tenho uma vida particular neste momento. E é preciso aprender a livrarmo-nos dos mexericos, minha querida. - Margo deitou fora a cinza do

cigarro e ajoelhou-se para examinar o que ainda tinha na caixa. - Se permitires que cada sussurro a teu respeito e do Peter comece a arder, as vespas vão perceber e nunca mais te deixam em paz.

- Ele voltou à cidade na semana passada. Margo levantou a cabeça num gesto brusco.

- E tem-te incomodado?

- Não, mas... o Josh teve um incidente com ele há poucos dias. Eu só soube esta manhã.

- Um incidente? - Divertida, Margo estudou uma pequena caixa de Limoges, reproduzindo um stande francês de flores. Ah, como adorava aquelas coisinhas! - O que fizeram eles? Sacaram das suas canetas Mont Blanc e fizeram um duelo?

- O Josh partiu o nariz ao Peter.

- O quê? - Dividida entre o espanto e a glória, Margo quase deixou cair a caixa. - O Josh deu um soco ao Peter?

- Acertou-lhe com uma bola de ténis.

Margo torceu-se à gargalhada, mas Laura franziu o rosto.

- Havia pessoas no campo ao lado. A notícia espalhou-se por todo o clube. O Peter foi parar ao hospital, e pode apresentar queixa.

- Que queixa? Agressão com um serviço? Oh, Laura, é sensacional! Não concedi ao Josh o crédito merecido.

Ela comprimiu uma das mãos contra a barriga, enquanto as costelas começavam a doer.

- Deve ter sido deliberado.

- Claro que foi. O Josh é capaz de acertar num carro a alta velocidade a cinquenta metros de distância com o seu serviço. Podia jogar nos campos centrais dos torneios de ténis se levasse o desporto a sério. Ah, como eu gostava de ter assistido! - Um prazer malicioso fez os olhos de Margo faiscarem. - Ele sangrou muito?

- Profusamente, pelo que me contaram. - Laura tinha de se lembrar a todo o instante que era errado divertir-se com a imagem do sangue brilhante a esguichar do nariz aristocrático de Peter. - O Peter vai recuperar-se em Maui. Margo, não quero que o meu irmão fique a atirar bolas de ténis à cara do pai das minhas filhas.

- Ora, deixa-o divertir-se um pouco. - Sem se lembrar de lhe fixar o preço ou registá-la, Margo guardou a caixinha de Limoges numa estante com

a frente curva, onde já havia uma dúzia de outras peças. - Antes que me esqueça, o Josh tem andado a divertir-se com alguém?

- Como assim?

- Sabes como é... se tem saído com alguma mulher, entregando-se ao sexo ardente?

Aturdida, Laura esfregou os olhos cansados.

- Não, que eu saiba, não. Mas também o Josh parou de se gabar comigo acerca das mulheres que levava para a cama há já alguns anos.

- Mas tu saberias. - Como se fosse vital para a paz mundial, Margo esfregou uma mancha no vidro de uma vitrina. - Terias ouvido algum comentário a esse respeito... ou sentido algo.

- O Josh anda tão ocupado agora, que eu diria que é mais provável que não. Porque perguntas?

-Ah... - Margo virou as costas, sorrindo. - Foi só uma aposta que fizemos. Estou com fome. Tu também? Acho que devíamos encomendar alguma coisa. Se a Kate passar por aqui depois do trabalho e ainda não tivermos terminado esta remessa, ela vai fazer-nos outra prelecção sobre o controlo de tempo.

- E eu não tenho tempo para prelecções sobre o tempo. Tenho muita pena, mas é preciso ir buscar as meninas. É sexta-feira. Prometi que as levava ao cinema e que íamos jantar fora. Porque não vais connosco?

- E deixar todo este luxo? - Margo abriu os braços para indicar as caixas, pilhas de material de embalagem, chávenas meio cheias de café frio. - Além do mais, preciso praticar a fazer embrulhos para presentes. Tudo o que faço ainda dá a impressão de ser obra de um menino obtuso de três anos. Não me importo, mas...

Ela parou de falar quando a porta se abriu e Kayla entrou a correr.

- Mamã! Viemos fazer uma visita!

com um sorriso radiante, ela jogou-se nos braços de Laura, apertando-a com força.

- Olá, querida. - Laura retribuiu o abraço, preocupada com o tempo pelo qual aqueles gestos tranquilizadores ainda seriam necessários. - Como chegaram aqui?

- O tio Josh foi buscar-nos. Ele disse que podíamos dar uma olhadela à loja, porque devemos interessar-nos pela nossa herança.

- Uma herança, ha?

com uma gargalhada, Laura pôs Kayla no chão e observou a filha mais velha entrar na loja, mais cautelosa, menos feliz.

- E então, Ali, o que achas?

- Parece diferente do que era antes.

A menina encaminhou-se para a vitrina das jóias.

- Esta é das minhas! - exclamou Margo, colocando o braço sobre os ombros de Ali.

- São lindas. Parece até uma arca do tesouro.

- E é mesmo. Só que desta vez não é o dote da Seraphina, mas o meu.

- Trouxemos pizzas - anunciou Kayla. - O tio Josh comprou uma série delas, para comermos aqui, em vez de irmos para um restaurante.

- Se preferires, tudo bem. Também queres, Ali?

Ali encolheu os ombros, e continuou a olhar para as pulseiras e alfinetes.

- Tanto faz.

- E aqui está o homem do momento!

Margo atravessou a loja enquanto Josh empurrava a porta com o ombro, trazendo os braços cheios de caixas de piza. Ela inclinou-se por cima e deu-lhe um beijo ruidoso na boca.

- Só pela piza? Se quiseres também posso ir buscar um balde de frango frito.

- Na verdade, foi uma recompensa pela tua proeza no ténis. Ela manteve a voz baixa. Ao brilho da resposta nos olhos de Josh, ela pegou nas caixas.

- Ainda a dormir sozinho, querido?

- Nem me lembres. - Ele ergueu uma sobrancelha. - E tu? Margo sorriu e passou um dedo pelo rosto dele.

- Tenho andado ocupada de mais para qualquer tipo de desporto. Ali, acho que tens uma garrafa de Pepsi no frigorífico lá em cima.

- Também tratei disso - anunciou ele, torturando-se com o perfume de Margo. - Podes trazer os refrigerantes do carro, Ali Cat?

- Eu também vou. - Kayla correu para a porta. - Posso ajudar. Vamos, Ali.

- Ora, ora... - murmurou Josh, olhando em redor, com as mãos nos bolsos, enquanto as sobrinhas batiam com a porta. - Andaste mesmo ocupada.

Josh dirigiu-se à sala adjacente. Não pôde deixar de sorrir. Parecia-se muito com o roupeiro de Margo em Milão, só que todas as roupas tinham agora discretas etiquetas de preço.

- A lingerie e roupas para a noite estão lá em cima - informou Margo. - No toucador.

- Claro...

Josh pegou num sapato de camurça cinzento e virou-o. A sola quase não estava arranhada. O preço era de noventa e dois dólares e meio.

- Como é que estão a fixar o preço?

- Temos o nosso pequeno sistema.

Ele largou o sapato e olhou para a irmã.

- Achei que não te importarias se eu trouxesse as meninas.

- Claro que não me importo. O mesmo já não digo quanto às rixas com o Peter.

Josh não se deu ao trabalho de parecer arrependido. -Já soubeste disso?

- Claro que sim. Toda a gente de Monterey a Big Sur já tomou conhecimento a esta altura. - Laura recusou-se a abrandar quando o irmão se adiantou e a beijou. - Posso cuidar sozinha dos meus problemas conjugais.

- Sei que podes. Aquela bola escapou-me.

- Vai contar essa a outro! - murmurou Margo.

- Para dizer a verdade, aponteí ao boné. - Como a irmã se contraísse sob as suas mãos, ele acrescentou: - Falamos acerca disso mais tarde, está bem?

Laura não teve opção, pois nesse momento as meninas voltaram, trazendo os sacos do carro.

Ele pensara também nos pratos de papel, guardanapos e copos de plástico para os refrigerantes e um bom tinto de Bordéus. "Parece que há poucas coisas", reflectiu Margo, enquanto colocavam o piquenique improvisado no chão, "em que Josh Templeton não pensa."

Era um pouco constrangedor compreender que ela o subestimara durante todos aqueles anos. Ele seria um inimigo formidável, como demonstrara com um movimento da raqueta. E Margo tinha a certeza de que seria um amante memorável. Josh surpreendeu-a a observá-lo e entregou-lhe um prato.

- Algum problema, duquesa?

- É bem provável.

Mas ela divertiu-se, ouvindo as meninas. Ali animou-se pouco a pouco, sob o estímulo e a atenção de Josh. "A pobre coitada quer um pai", reflectiu Margo. Ela compreendia essa necessidade, aquele vazio ansioso. Fora Thomas Templeton quem ajudara a preencher esse vazio nela; e ao mesmo tempo, pela simples razão de ser gentil e interessado, fizera-a recordar

constantemente que não era o seu pai.

Margo nunca tivera o seu próprio pai... ou tivera-o por tão pouco tempo, que não se recordava. A mãe sempre fora tão reservada sobre o homem com quem casara e perdera, que Margo tinha medo de lhe fazer perguntas sobre ele. Medo, ela compreendeu, de que não houvesse nada ali, para nenhuma das duas.

"Nenhum amor", pensou ela. "Muito menos paixão."

Mais um casamento insípido no mundo não faria grande diferença para ninguém. Nem mesmo para as pessoas envolvidas. Uma boa jovem irlandesa católica casava e tinha filhos, como se esperava dela. Depois, aceitava a vontade de Deus com a cabeça baixa. Ann Sullivan não se teria desesperado e atirado ao mar, condenando Deus, como Seraphina fizera. Ann Sullivan recuperara o controlo, seguira adiante e esquecera.

"E com tanta facilidade", concluiu Margo, "que tivera muito pouco para recordar." Fora como se ela jamais tivesse tido um pai.

E não teria Margo procurado, ao longo da sua vida, preencher esse vazio com outros homens? Muitas vezes homens mais velhos, como Alain, homens de sucesso e com uma posição consolidada, sempre além de qualquer compromisso, o que tornava tudo mais seguro. Homens casados, com vários casamentos, ou casamentos semiabertos, com esposas que fechavam os olhos às suas aventuras, desde que eles fizessem a mesma coisa.

Sempre sentira uma atracção por homens que a consideravam um trofeu valioso, uma mulher a ser mimada, cumulada de atenções. Exibida. Homens que nunca ficariam com ela, o que os tornava ainda mais atraentes, como um fruto proibido.

Ela sentiu uma contracção no estômago e bebeu um gole de vinho para relaxar. "Que terrível conclusão", reflectiu Margo. "É patético."

- Estás bem? - Preocupada, Laura pôs a mão sobre o braço de Margo. - Empalideceste de repente.

- Não é nada. Só uma dorzita de cabeça. vou tomar alguma coisa.

Ela levantou-se. Teve de recorrer a toda a sua capacidade de controlo para subir devagar, em vez de correr. Na casa de banho, abriu o pequeno armário dos medicamentos. Os dedos chegaram a pousar no frasco de tranquilizantes, antes de passarem determinados para a aspirina. "Fácil de mais", reflectiu ela, enquanto abria a água fria. É demasiado fácil tomar um comprimido e fazer tudo desaparecer.

- Margo... - Josh aproximou-se por detrás e pôs-lhe as mãos sobre os ombros. - O que aconteceu?

- Sonhos horríveis. - Ela sacudiu a cabeça, engolindo a aspirina.

- Não é nada de especial, apenas uma pequena e desagradável revelação.

Margo quis virar-se, mas ele manteve-a firme naquela posição, os rostos reflectidos no espelho.

- Nervosa com a inauguração da loja na próxima semana?

- Apavorada.

- Independentemente do que aconteça, já realizaste algo de importante. Pegaste num local em péssimas condições e transformaste-o. Está lindo, elegante e incomparável. Muito parecido contigo.

- E cheio de pretensões à venda?

- Qual é o problema? Margo fechou os olhos.

- Se és meu amigo, Josh, abraça-me por um instante.

Ele virou-a e abraçou-a. Ouviu-a soltar um suspiro longo e trémulo, afagou os seus cabelos.

- Lembras-te daquele Inverno em que resolveste procurar o dote da Seraphina?

- Claro que me lembro. Escavei o roseiral e parte do relvado sul. A minha mãe ficou envergonhadíssima e furiosa, ameaçou despachar-me para casa da tia Bridget, em Cork. - Ela suspirou de novo, confortada por sentir Josh, pelo seu cheiro. - Mas o teu pai desatou a rir. Achou uma grande piada e que eu tinha espírito aventureiro.

- Andavas à procura de uma coisa que querias e não hesitaste. Josh roçou os lábios nos cabelos dela. - É o que sempre fizeste.

- E sempre quis o impossível?

- Não. - Ele inclinou-se para trás e ergueu o queixo de Margo. Sempre quiseste o que é interessante. Eu detestaria pensar que vais parar de escavar o roseiral, duquesa.

com mais um suspiro, ela aconchegou a cabeça no ombro de Josh.

- Detesto admitir isso, Josh, mas és muito bom para mim.

- Eu sei - admitiu ele, pensando que já estava na altura de Margo descobrir isso mesmo.

Ela não imaginara que ficaria nervosa. Tivera coisas de mais para fazer nos últimos três meses: entrevistas, reuniões, decisões a tomar, artigos para arrumar. A decoração, o planeamento. Até mesmo a escolha dos sacos e

caixas tinham causado horas de discussão.

Tinha havido muito para aprender. Inventários, relação custo- benefício, formulários fiscais, imposto de vendas, imposto de propriedade. Houve entrevistas a conceder: a reportagem na People que acabara de sair nas bancas, a reportagem na Entertainment Weekly sobre ela e a sua loja. Portanto, o ataque de nervos vinte e quatro horas antes da inauguração da Pretenses foi ao mesmo tempo inesperado e indesejado.

Ao longo dos anos, Margo fizera vários cursos para lidar com os nervos. Um copo de vinho, compras, um comprimido, sexo. Nada disso parecia uma opção viável agora, nem se ajustava ao novo rumo que a sua vida tomara.

Em vez disso, ela tentava descarregar com exercícios.

As instalações de ginástica do clube de campo eram, na opinião dela, as mais modernas possíveis. Durante a carreira, Margo fizera exercícios com pesos e participara em algumas aulas de aeróbica, mas fora abençoada com um metabolismo activo, pernas compridas, tronco comprido, seios generosos que não acompanhavam as medidas das ancas. Por tudo isso, desdenhara, presunçosa, a mania da ginástica.

Agora, esforçava-se através da programação de um StairMaster, perguntando-se como uma pessoa se podia mostrar animada com a perspectiva de subir degraus para o nada. Margo só desejava que a ajudasse a manter o controlo da sua mente agitada... e a manter o peso que adquirira bem distribuído.

A vasta sala era rodeada por janelas, com vista para o campo de golfe e a piscina. Para os que não se interessavam por actividades ao ar livre, havia aparelhos de televisão individuais por cima das passadeiras rolantes. Assim, podia-se andar ou correr para a saúde enquanto se via as notícias na CNN. Vários aparelhos que ela considerava equipamentos um tanto aterradores estavam instalados aqui e ali.

Ao seu lado, uma mulher num fato de licra vermelho subia obstinada um degrau após outro, enquanto lia o último romance da Danielle Steele. Margo tinha de fazer um grande esforço para manter o ritmo e focar a secção económica do Los Angeles Times que ia balançando à sua frente.

Mas não conseguia concentrar-se. Aquele era um mundo totalmente novo para ela. Um mundo que saltava, corria e grunhia, enquanto ela se absorvia em si mesma. Um homem com um corpo espectacular e bíceps que pareciam tijolos estava a contemplar-se ao espelho, enquanto levantava pesos

que pareciam absurdos. Um bando de mulheres, esbeltas ou gorduchas, pedalava em bicicletas ergométricas. Algumas pessoas conversavam, outras pedalavam ao ritmo da música que ouviam através dos auscultadores encostados aos ouvidos.

Havia pessoas a grunhir, a contorcer-se, a dobrar-se, a castigar os seus próprios corpos, a enxugar o suor do rosto, a beber água mineral e a voltar para fazer mais exercício.

Para Margo, tudo aquilo era espantoso.

Afinal, considerava que o exercício não passava de uma diversão momentânea. Para os outros, no entanto, os corpos transpirados e tensos eram uma opção séria de estilo de vida.

Talvez fossem todos um pouco tresloucados.

Ainda assim... não eram aquelas pessoas que ela tinha de atrair? Os executivos, os ricos e elegantes. As mulheres que se exercitavam em calções de cem dólares e sapatos de duzentos dólares. Depois de exigirem tanto dos seus corpos, não gostariam de ser um pouco mimadas? Além das massagens suecas, banhos turcos e banheiras de hidromassagem, é claro que gostariam de entrar numa loja de classe para ver as coisas expostas, beber um cappuccino, uma taça de champanhe, enquanto uma mulher atraente as ajudava a escolher uma bugiganga perfeita ou um presente de bom gosto.

Claro que o desafio seria o de convencê-las de que o facto de a bugiganga ou presente ser em segunda mão só contribuía para torná-lo ainda mais interessante. Calculando as possibilidades, Margo olhou para a mulher ao seu lado.

- Faz isto todos os dias?

- Como?

- Estava a perguntar se faz isto todos os dias. - com um sorriso cordial, Margo avaliou a companheira. Trinta e poucos anos, muito bem apresentada. Os diamantes no anel de noivado eram de excelente qualidade, pesavam cerca de três quilates. - Estou a começar.

- Três dias por semana. É tudo o que preciso para me manter em forma. - Obviamente disposta a deixar-se distrair, ela lançou um olhar para Margo. - Perder peso não é o seu objectivo.

- Engordei três quilos nos últimos três meses.

com uma gargalhada, a mulher pegou na toalha que pendurara na barra e enxugou o pescoço. Margo reparou que o relógio era um Rolex fino.

- Todas devíamos dizer isso e ter o seu aspecto. Perdi quinze durante o último ano.

-A sério?

- Se engordar de novo, mato-me. Por isso, faço manutenção. Voltei ao tamanho oito... e ficarei nele seja como for.

- Parece-me ótima assim como está. - "Tamanho oito", pensou Margo. "Perfeito." - Gosta de fazer exercício?

A mulher sorriu, sombria, enquanto a passadeira rolante a obrigava a aumentar o ritmo.

- Detesto cada minuto.

- Graças a Deus! - exclamou Margo, com toda a sinceridade, enquanto as barrigas das pernas lhe começavam a doer. - Equilíbrio mental. O meu nome é Margo Sullivan. Estenderia a mão se não tivesse medo de cair.

-Judy Prentice. Margo Sullivan... Bem me parecia que a estava a reconhecer. Eu odiava-a. -A sério?

- Quando me aproximava do tamanho dezasseis e folheava uma revista, lá estava você, cheia de curvas e perfeita. Eu ficava doida. Atacava logo os meus chocolates Codiva. - Ela brindou-a com um sorriso rápido. - É gratificante saber que você sua como um ser humano.

Margo retribuiu o sorriso, decidindo que Judy era simpática, além de uma cliente potencial.

- Seria por causa das endorfinas?

- Isso é mentira. Acho que foi a Jane Fonda quem começou a espalhar esse boato sobre o chocolate. Você foi criada por aqui, não é?

- Big Sur - confirmou Margo, ofegante agora. - Estou de volta. Tenho uma loja em Monterey. Pretenses, na Cannery Row. Será inaugurada amanhã. Apareça por lá, dê uma olhadela.

Ela fez uma pausa e rangeu os dentes.

- vou certificar-me de que teremos Codivas.

- Sacana... - Judy soltou uma gargalhada. - Estes são os meus vinte minutos de inferno. Quinze minutos com os pesos e uma curta sessão na câmara de tortura do Nautilus, depois vou-me embora.

Ela pegou na toalha, olhou para a entrada e acrescentou:

- Lá vem a diva.

- Candy Litchfield - murmurou Margo, ao avistar a ruiva num maio de ginástica estampado.

- Conhece-a?

- Bem de mais.

- Ah... Se tem o bom gosto de detestá-la, acho que será uma boa ideia aparecer na sua loja. Ela está a dirigir-se para cá... e é toda sua!

- Ouça, não...

Mas já era demasiado tarde. Candy soltou um grito esganiçado que fez toda a gente virar a cabeça.

- Margo! Margo Sullivan! Não posso acreditar!

- Olá, Candy.

Para desespero de Margo, Candy subiu para a passadeira. Aquela mulher metia-se em toda a parte. O que era apenas um dos muitos motivos para desprezá-la. Tinha uma beleza meticulosa, as feições retocadas, cabelos ruivos que caíam em cascata. Na escola secundária, Candy fora a rainha das animadoras da claqué... e a rainha das chatas. Casara bem - duas vezes tinha duas crianças, uma de cada casamento, e passava os dias, tanto quanto Margo sabia, a planejar festas perfeitas e a manter discretos casos extraconjugais.

Sob a superfície, além do rosto vistoso e do corpo bem tratado, havia o coração de uma víbora. Para Candy, as outras mulheres não eram simplesmente companheiras do mesmo sexo e espécie. Eram inimigas.

- Soube que tinhas voltado, é claro. - com uma unha cor-de-rosa perfeita, ela programou o aparelho que Judy acabara de desocupar. - Pretendia telefonar-te, mas tenho andado muito ocupada.

Os brincos de diamantes nas orelhas faiscavam quando ela sorriu e acrescentou:

- Como tens passado, Margo? Pareces maravilhosa. Ninguém jamais imaginaria.

- Imaginaria o quê?

- Todas aquelas histórias horríveis. - A satisfação pela malícia contraiu os lábios de boneca Kewpie. - Deve ter sido pavoroso para ti. Nem consigo imaginar o terror de ser presa... e ainda por cima noutro país.

A voz soava bastante alta para atrair o interesse de várias atletas matutinas.

- Também não consigo imaginar o que seria tal coisa. - Margo fez um esforço para não bufar, enquanto ansiava desesperadamente por um cigarro. - Não fui presa, apenas interrogada.

- Eu tinha mesmo a certeza de que as histórias eram exageradas... - O

tom era a mistura certa de simpatia e dúvida. - Todas aquelas coisas horríveis que disseram a teu respeito. Quando ouvi, disse a várias amigas durante o almoço que não passavam de um absurdo. Mas as histórias continuaram. A imprensa é mesmo cruel. Foste muito sensata ao deixar a Europa até que o escândalo seja esquecido. É típico da Laura, ignorar todos os comentários e aceitar-te em sua casa.

Não havia mais nada a dizer a não ser concordar com ela.

- É uma pena o que aconteceu com a Bella Donna. Tenho a certeza de que a tua substituta não será tão eficaz. Tu és muito mais fotogénica do que a Tessa Cesare. - Candy afiou a lança para o golpe de misericórdia. - É verdade que ela é mais jovem, mas também não tem... a tua experiência.

Era uma pontada em cheio no coração, a farpa firme e afiada. Os dedos de Margo apertaram a barra com toda a força, mas ela manteve a voz sob controlo.

- A Tessa é uma linda mulher.

- Claro, claro... E muito exótica. Aquela pele dourada, os olhos pretos maravilhosos. Tenho a certeza de que a companhia achou que precisavam de um contraste. - O sorriso era calculista, com um desdém divertido. - Mas vais voltar, Margo. Não te preocupes.

- Não se estiver a cumprir pena por homicídio - murmurou Margo entre dentes.

- Mas conta-me tudo. Ouvi uma história hilariante a teu respeito, de que ias abrir uma loja.

- Passo o tempo todo a rir. Vamos inaugurá-la amanhã.

- A sério? - Os olhos arregalaram-se com uma expressão irónica.

- Então a pobre Laura Ridgeway comprou-te uma loja. É comovente.

- A Laura, a Kate Powell e eu comprámos a loja juntas.

- Vocês as três sempre foram muito unidas. - O sorriso de Candy tornou-se mordaz. Sempre detestara as três devido à sua amizade inabalável. - Estou certa de que será muito divertido para ti... e a pobre Laura precisa de uma distração neste momento. Não pode haver nada mais doloroso e angustiante do que ver o próprio casamento fracassar.

- A menos que seja o fracasso do segundo casamento - respondeu Margo, com um sorriso jovial. - O divórcio já foi confirmado, Candy?

- No mês que vem. Nunca casaste... com nenhum daqueles homens, não é, Margo?

- Não. Apenas fiz sexo com eles. De qualquer maneira, a maioria já era casada.

- Tiveste sempre uma atitude muito europeia. Acho que sou americana de mais. Tenho a impressão de que nunca me sentiria bem se fosse uma amante.

A raiva projectou pequenas luzes vermelhas diante dos olhos de Margo.

- Ora, minha cara, é um descanso. Acredita em mim. Por outro lado, é bem provável que tenhas razão. Não és feita para ser amante, pois isso não dá direito a pensão de alimentos.

Margo desceu do aparelho, satisfeita porque a sessão com Candy afastara a sua mente dos nervos e músculos tensos. Talvez as suas pernas estivessem bambas, mas não daria a Candy a satisfação de as ver vergarem. Em vez disso, desligou o aparelho, como vira Judy fazer.

- Aparece na loja, Candy. Vamos inaugurá-la amanhã. Sempre desejaste o que eu tinha. Esta é a tua oportunidade de o conseguir. Por um preço.

Enquanto Margo se afastava, Candy respirou fundo pelo nariz empinado e voltou-se para a mulher que ofegava ao seu lado.

- A Margo Sullivan sempre pretendeu ser alguma coisa que não era. Se não fosse pelos Templeton, ela nem teria permissão de passar do portão do clube.

A mulher piscou os olhos para remover as gotas de suor. Admirava a classe de Margo. E a sua pulseira de safiras.

- Qual é o nome da loja?

CAPÍTULO 12

NOVE horas e quarenta e cinco minutos do dia 28 de Julho. Quinze minutos para a hora zero. Margo estava sentada na cama, no seu quarto. A cama em que outrora dormira, fizera amor. E sonhara. Agora, ela estava empoleirada na beira, com as mãos a comprimir a barriga, rezando para que a náusea passasse.

E se ninguém viesse? E se absolutamente ninguém sequer passasse pelas portas de vidro recém-lavadas? Ela passaria as oito horas seguintes a tremer, a olhar pela montra, agora arranjada com o maior cuidado, exibindo o seu vestido de seda carvão de St. Laurent usado no ano passado no Festival de Cinema de Cannes -, e as saias penduradas numa cadeira Luís XIV. A saia comprida estava cercada por pertences seus antes muito estimados. Um frasco de perfume Baccarat, chinelos com imitações de diamantes, brincos de safira, uma carteira de cetim preto com o fecho cravejado de pedras preciosas, na forma de uma pantera. O castiçal Meissen, a taça de champanhe Waterford, as caixas com as suas fantasias predilectas e o conjunto de escovas de prata que fora presente de um antigo amante.

Margo determinara o preço de tudo pessoalmente, como uma espécie de ritual, e agora temia que aquelas coisas que outrora possuía e amara não atraíssem mais do que o desdém das pessoas que passassem.

O que fizera ela?

Despojara-se de tudo. Isso mesmo, despira-se em público. Pensara que poderia aguentar, viver com isso. E acabara por arrastar as pessoas que mais amava para o atoleiro.

Não estava Laura lá em baixo naquele momento, à espera da primeira cliente? E Kate viria a correr à hora do almoço, ansiosa por ver uma venda assinalada na caixa registadora antiga que trouxera de um antiquário de Carmel.

E Josh provavelmente apareceria no final da tarde, entrando com um sorriso para lhes dar os parabéns pelo sucesso do primeiro dia.

Como poderia ela encará-los com o fracasso? Afinal, o fracasso não era todo seu?

O que ela mais queria naquele momento era correr pela escada abaixo,

abrir a porta e continuar a correr.

- Medo do palco.

com um braço em torno do estômago contraído, Margo levantou os olhos. Josh estava parado à porta.

- Convenceste-me a entrar nisto. Se neste momento conseguisse pôr-me de pé, eu matava-te.

- Que sorte tenho por essas tuas pernas deslumbrantes não estarem firmes.

Josh contemplou-a de alto a baixo, com um olhar avaliador. Ela escolhera um conjunto simples e impecável, em vermelho-forte; a saia curta proporcionava às pernas deslumbrantes e trémulas bastante exposição para realizarem o seu trabalho. Entrançara o cabelo, deixando apenas alguns fios soltos, de propósito, para emoldurarem o rosto, agora pálido como mármore, e os olhos vidrados de medo.

- Estou desapontado, duquesa. Calculei que te ia encontrar lá em baixo, toda animada. Em vez disso, deixas-te ficar aqui em cima, a tremer como uma virgem na noite de núpcias.

- Quero voltar para Milão.

- Não podes, pois não? - O tom de Josh era duro, enquanto ele atravessava a sala e a segurava pelo braço. - Põe-te de pé e controla-te.

Os enormes olhos azuis estavam húmidos. Ele receou que pudesse ceder e levá-la dali para fora, se a primeira lágrima escorresse.

- Afinal, é apenas uma loja, não um julgamento de pena de morte. É uma das tuas características aumentar as proporções de tudo.

- Não é apenas uma loja. - A voz tremeu, deixando-a mortificada. - É tudo o que tenho.

- Então desce e faz alguma coisa.

- Não quero descer. E se ninguém aparecer? Ou se as pessoas só aparecerem para olhar e gozar-me?

- Qual o problema se não vierem? Ou se rirem? Há muitas pessoas que vão aparecer interessadas apenas em ver-te dar o estoiro. Mantém a cabeça erguida, e ninguém verá isso.

- Eu não devia ter começado tão alto.

- Já que isso se aplica a todos os aspectos da tua vida, não sei porque te queixas agora.

Ele estudou o rosto de Margo, furioso com ela por deixá-lo entrever o

medo, furioso consigo mesmo por querer protegê-la.

- Escuta, Margo, tens cinco minutos. Tens de tomar a decisão por ti mesma. Já tenho os meus próprios problemas para resolver. - Josh estendeu a rosa vermelha que mantivera nas costas, e fechou os dedos de Margo em torno da haste. - Avisa-me de como vais tratar dos teus.

Ele comprimiu os lábios contra os de Margo, mas não esperou pela reacção.

Josh podia pelo menos ter oferecido um pouco de simpatia, pensou ela, irritada, ao entrar na casa de banho para retocar a maquilhagem. Um pouco de compreensão e apoio. Não, não Josh. Ela pôs de novo pó-de- arroz no armário, com um gesto brusco. Só recebia de Josh insultos e comentários ríspidos. Mas ainda bem. Era melhor assim. Lembrava-a que não tinha ninguém em quem se apoiar. Só podia contar consigo própria.

Cinco minutos depois, Margo desceu. Laura estava radiante atrás da enorme e ornamentada caixa registadora, cujas campainhas tocaram.

- Tens de parar de brincar com essa coisa.

- Não estou a brincar. - com o rosto corado de excitação, ela virou-se para Margo. - Acabei de registar a nossa primeira venda.

- Mas ainda nem abrimos!

- O Josh comprou aquele pequeno abajur déco antes de ir embora. Pediu para o empacotarmos e despacharmos. - Inclinando-se por cima do balcão, ela pegou na mão de Margo e apertou-a. - É a primeira venda que vamos despachar, Margo. Podemos contar sempre com o Josh.

Margo deixou escapar uma risada trémula. Era mesmo típico do Josh, o desgraçado.

- Podemos, não é? - O relógio na consola por detrás do balcão começou a bater a hora. A hora zero. - Acho que seria melhor se... Laura, eu...

- Eu também. - Laura respirou fundo. - Vamos abrir a loja, sócia.

- Está bem. - Margo empinou os ombros, ergueu o queixo e foi até à porta. - E que se danem todos se não puderem aceitar uma piada.

Duas horas depois, Margo não sabia se estava emocionada ou atordoada. Não podia alegar que tiveram uma enchente de clientes, em particular da variedade pagante. Mas, quase desde o primeiro minuto, houvera um fluxo de visitantes, pequeno mas constante. com as mãos trémulas, ela registara a segunda venda do dia, apenas quinze minutos depois da abertura. Ela e a turista de Tulsa tinham concordado que a pulseira de prata era uma excelente

compra.

com algum espanto e uma admiração ainda maior, observara Laura conduzir um trio de curiosas para a sala com as roupas, como se fosse uma vendedora veterana, persuadindo-as a usarem os seus cartões de crédito.

Quando Kate chegou, ao meio-dia e meia, Margo estava a guardar os brincos de safira expostos na vitrina numa das caixas douradas com letras prateadas que tinha escolhido para logotipo da loja.

- Tenho a certeza de que a sua esposa vai adorar - disse ela, enquanto punha a caixa num pequeno saco dourado. As suas mãos não tremiam, mas tinham vontade. - Eu adorei. E feliz aniversário de casamento.

No instante em que o cliente se afastou do balcão, ela agarrou na mão de Kate e levou-a para a casa de banho.

- Aquilo custou mil quinhentos e setenta e cinco dólares, mais IVA. - Pondo a mão na cintura de Kate, ela conduziu-a em alguns passos de dança. - Estamos a vender coisas, Kate!

- Era essa a ideia. - Kate sentira-se angustiada por não estar lá, com Laura e Margo, para abrir a loja ao público pela primeira vez. Mas a sua responsabilidade na Bittle tinha prioridade. - Se tens uma loja, é para vender coisas.

- Não, Kate, estamos a vender a sério! A Liz Carstairs apareceu e comprou aquele jogo de copos de vinho da Jiffany para a festa da filha. E um casal do Connecticut comprou aquela mesa de pernas dobráveis. Vamos despachá-la. E mais, muito mais. Não vamos pagar a armazenagem do resto do stock por muito mais tempo.

- Estás a registar as vendas?

- Claro... posso ter cometido um ou outro erro, mas podemos emendar depois. E agora vamos voltar. Também podes registar alguma venda. - Margo parou, com a mão na porta. - É parecido com sexo. Surge uma atracção, vai aumentando, começam os preliminares, sentes pequenos frémitos de emoção, até à explosão final.

- Queres um cigarro?

- Estou mortinha por um.

- Entraste bem no espírito da coisa, não foi?

- Não fazia a menor ideia de que as vendas pudessem ser tão... estimulantes. Experimenta.

Kate olhou para o relógio.

- Só tenho quarenta e cinco minutos, mas... Ora, sou a favor de emoções baratas!

Margo segurou-a pelo pulso, examinou as linhas finas do timex.

- Queres saber de uma coisa? Podemos conseguir um bom preço por este relógio.

- Controla-te, Margo.

Ela bem que tentou. Mas de vez em quando, ao longo do dia, tinha de encontrar algum canto isolado para exultar. Talvez as suas emoções estivessem à flor da pele, mas não se importava. Se sentia uma pontada em alguns momentos, quando um dos seus pertences tão estimados se ia embora, numa caixa dourada e prateada, havia também uma sensação de triunfo.

As pessoas apareciam. E, para cada uma que ria desdenhosa, havia outra que admirava, e uma terceira que comprava.

Por volta das três horas da tarde, quando houve uma pausa, Margo serviu duas chávenas do chá que tinham oferecido aos clientes durante a manhã.

- Não estou a ter alucinações, pois não?

- Não, a menos que eu também as tenha. - Laura estremeceu, enquanto mexia os dedos dos pés. - E os meus pés doem demasiado para que seja apenas um sonho. Margo, acho que estamos a conseguir.

- Não vamos dizer isso ainda. Pode dar azar. - Carregando a chávena, ela foi ajeitar uma jarra com rosas. - Talvez seja apenas a maneira de o destino zombar de nós. Oferecendo-nos algumas horas de sucesso. Temos mais três horas de loja aberta e... ora, que se lixe!

Margo virou-se e exclamou:

- Vamos ser um sucesso! Espectacular!

- Gostaria que te tivesses mostrado mais entusiasmada... e gostaria de continuar aqui para a próxima onda de clientes. - Estremecendo, Laura olhou para o relógio. - Mas as meninas têm aula de balé. vou lavar as chávenas antes de sair.

- Não é preciso. Podes deixar que eu trato disso.

A porta abriu-se, dando passagem a um bando de adolescentes que foi directamente para a vitrina das jóias.

- Temos clientes - murmurou Laura, pegando nas chávenas. com um sorriso, ela repetiu: - Temos clientes. Tentarei estar aqui amanhã à uma hora.

Tinha muitas obrigações a cumprir, e preocupava-a por quanto tempo

conseguiria aguentar.

- Tens a certeza de que podes cuidar da loja sozinha?

- Combinámos desde o início que tu só poderias dar algumas horas. Tenho de aprender a governar-me sozinha. Podes ir.

- Assim que lavar as chávenas. - Laura parou no meio do caminho e virou-se. - Margo, já não me lembro da última vez que me diverti tanto.

"Nem eu", pensou Margo. Enquanto avaliava as jovens clientes, um sorriso começou a desabrochar. Adolescentes que usavam sapatos de grandes marcas tinham mesadas generosas... e pais com cartões de crédito dourados. Ela foi colocar-se ao lado da vitrina das jóias.

- Olá, meninas. Querem ver alguma coisa?

Josh não se importava com as longas horas de trabalho. Suportava ficar preso a uma mesa, soterrado por papéis. Embora não fosse tão agradável quanto atravessar continentes para ajustar o funcionamento de algum movimentado hotel da rede e das suas empresas subsidiárias, era capaz de lidar com o trabalho burocrático com um grande bom humor.

Mas, se havia uma coisa que o irritava, era ser feito de parvo.

Quanto mais tempo passava no escritório e estudava os arquivos dos hotéis Templeton na Califórnia, maior era a certeza de que Peter Ridgeway fizera isso.

Ele fizera o seu trabalho. Não havia como acusá-lo, legalmente, de malbaratar recursos ou pessoal, de reduzir gastos de modo indevido. Embora tivesse feito tudo isso, Peter só pensara na melhoria da sua posição e no aumento de lucros que as mudanças podiam gerar.

Mas a Templeton nunca fora uma organização motivada apenas pelo lucro. Era um empreendimento familiar, com mais de duzentos anos de tradição, orgulhando-se da sua humanidade, do seu compromisso para com as pessoas que nele trabalhavam.

Ridgeway aumentara os lucros, sem dúvida, mas à custa do pessoal, acabando com os empregados a tempo integral para substituí-los por outros a tempo parcial. E, com isso, podia eliminar os benefícios adicionais e diminuir os salários.

Negociara novos contratos com grossistas e distribuidores de produtos agrícolas; em consequência, baixara a qualidade nas cozinhas. Os descontos para os empregados em reservas e nas butiques dos hotéis Templeton tinham sido anulados, reduzindo o incentivo tradicional para os empregados se

divertirem e comprarem onde trabalhavam.

Enquanto isso, Peter aumentara a sua verba de despesas de representação. As suas contas de refeições, lavandaria, diversão, flores e viagens tinham crescido sem parar. Ele tivera até a desfaçatez de debitar a viagem a Aruba à Templeton, como uma despesa operacional.

Josh sentiu um grande prazer ao cancelar os cartões de crédito da empresa que Peter usava. Apesar de considerar que era muito pouco e tarde de mais.

"Afinal, devia ter feito pontaria aos tomates dele", reflectiu Josh, enquanto se recostava para esfregar os olhos cansados.

Levaria meses para recuperar a confiança do pessoal. Uma boa gratificação e muita adulação seriam necessárias para trazer de volta o chefe que se fora embora num acesso de raiva, por causa da interferência de Ridgeway. Acrescente-se a isso o pedido de demissão do antigo chefe da recepção do Templeton San Francisco, que Josh encontrara no meio dos arquivos de Peter. Havia vários outros também. Alguns podiam ser trazidos de volta, outros estavam perdidos para os concorrentes.

Josh reflectiu que nenhum deles o procurara, nem aos seus pais. Porque acreditavam, o que era justificado, que Peter Ridgeway era um membro de confiança do grupo Templeton.

Puxando a gravata para o lado, Josh tentou não pensar em todo o trabalho que ainda teria pela frente. Alguém teria de assumir as suas responsabilidades na Europa, pelo menos com carácter temporário. Ele não pretendia viajar por enquanto.

A suíte que funcionava como escritório já era mais sua que de Peter. Os móveis rebuscados tinham sido substituídos pelos tradicionais, preferidos de Josh. Antiguidades americanas e espanholas, poltronas e sofás com almofadas macias, estavam mais de acordo com o Templeton Monterey. Afinal, o hotel e a sua decoração acompanhavam a história da região. O resort era mais ao estilo espanhol da Califórnia, mas o hotel exibia a fachada toda ornamentada, fontes musicais e jardins exuberantes. O vestíbulo era em vermelho-escuro e dourado, com cadeiras confortáveis, mesas compridas, metal cintilante e lajes lustrosas.

Havia palmeiras em vasos, como a que se encontrava no canto da sua sala. O vaso de argila era tão grande e pesado, que precisava de dois homens musculosos para o levantar.

Josh sempre achara que o Templeton Paris era mais feminino, etéreo e ornamentado ao mesmo tempo, enquanto o Templeton Londres era mais distinto, tão britânico com o seu vestíbulo de dois andares e o salão de chá aconchegante. Mas o Monterey, em última análise, talvez fosse o mais chegado ao seu coração. Não que alguma vez se tivesse imaginado sentado a uma secretária ali, mesmo sendo uma Duncan Phyfe, com uma vista espectacular da costa que ele tanto amava, bastando virar a cabeça.

Não o incomodava o facto de as pessoas de fora o considerarem o herdeiro despreocupado da família que passava a vida a viajar pelo mundo. Porque sabia que não era assim. O nome Templeton não era apenas uma herança, mas também uma responsabilidade. Josh trabalhara por muito tempo e com muito afincio para se mostrar à altura dessa responsabilidade, para aprender o ofício de não só possuir, mas gerir e expandir uma organização complexa. Esperava-se que ele aprendesse tudo sobre hotéis, por dentro e por fora, e Josh fizera isso. Durante o processo, desenvolvera o maior respeito e admiração pelas pessoas que trabalhavam nas cozinhas, apanhavam toalhas molhadas do chão das casas de banho, acalmavam os hóspedes cansados e nervosos na recepção.

Compreendia as longas horas consumidas em relações públicas e vendas, as frustrações de lidar com enormes convenções e os seus atormentados participantes.

Mas havia um denominador comum, que era o nome Templeton. Qualquer coisa que estivesse errada, que precisasse de ser consertada, contornada ou resolvida era problema seu. E havia muito para reparar e recuperar na Califórnia.

Ele pensou em levantar-se e fazer um café, ou pedir ao serviço de quartos. Mas já não tinha energia para qualquer dessas coisas. Mandara a secretária temporária para casa, porque ela deixava-o nervoso, sempre a correr à sua volta como um cachorrinho ansioso por agradar.

Se tinha de ficar retido atrás de uma secretária durante os próximos tempos, precisaria de um assistente executivo que pudesse acompanhar o seu ritmo, sem ficar de olhos arregalados cada vez que ele desse uma ordem. Teria de recambiar a secretária temporária e continuar a procurar.

Mas agora estava sozinho.

Virou-se para o teclado e começou a escrever um memorando para todos os chefes de departamentos, com cópias para os seus pais e para os outros

membros do conselho de administração. Demorou trinta minutos para terminar. Mandou uma cópia por faxe para os pais, acrescentando-lhe um bilhete pessoal, tirou várias cópias e determinou que fossem distribuídas o mais depressa possível.

Não vendo razão para perder tempo, convocou uma reunião da equipa do hotel para as onze horas da manhã seguinte, marcou outra reunião para as duas da tarde, com o pessoal do resort. Embora já passasse das seis horas da tarde, ligou para o departamento jurídico, deixando o recado de que havia necessidade de uma reunião de urgência e marcando-a para as nove horas da manhã seguinte na sua suíte.

Era bem provável que Ridgeway entrasse com uma acção judicial pela sua demissão abrupta. Josh queria cobrir todas as possibilidades.

Voltou ao teclado, começou outro memorando, restabelecendo os antigos descontos para os empregados. Era uma providência que todos podiam verificar no mesmo instante, e esperava que isso pudesse melhorar os ânimos.

De pé, junto à porta aberta, Margo observava-o. Foi um choque delicioso descobrir que observá-lo a trabalhar fazia com que o seu sangue circulasse mais depressa. A gravata afrouxada, os cabelos desgrehados pelos dedos irrequietos, a intensidade escura e concentrada dos olhos, tudo a fazia vibrar.

Era estranho que ela nunca tivesse pensado em Josh empenhado em qualquer trabalho sério. E jamais lhe passara pela cabeça que um homem sério a trabalhar pudesse ser tão excitante.

Talvez fosse por causa dos meses de abstinência auto-imposta ou pelo sucesso inebriante do dia. Talvez fosse o próprio Josh... e sempre fora assim. Naquele momento, ela não se importava nem um pouco. Viera à procura de uma coisa, um momento de sexo, agradável, ardente, suado. E não partiria sem isso. Ela estendeu as mãos para trás, fechou as portas e trancou-as.

-Ora, ora... - murmurou ela, a pulsação disparando quando Josh ergueu a cabeça, como um lobo a farejar a companheira. - O herdeiro a trabalhar. Uma cena e tanto.

Sabendo o tipo de imagem que projectava - e Deus sabia como se esforçara por isso -, Margo avançou até à secretária. Depois de pousar uma garrafa gelada de Cristal, acomodou-se na beira da mesa.

- Estou a interromper alguma coisa?

A mente de Josh ficara vazia no momento em que a contemplara. Fez um esforço para recuperar o controlo.

- Estás, sim, mas não deixes que isso te impeça de continuar. - Ele olhou para a garrafa, tornou a fitar o rosto exultante de Margo. - Como foi o teu dia?

- Nada que valha a pena mencionar. - Ela inclinou-se sobre a mesa, quase deslizando, ofereceu uma visão irresistível do sutiã rendado e do vale entre os seios. - Apenas quinze mil dólares em vendas.

Margo soltou um grito e estendeu a mão para puxar os cabelos de Josh.

- Quinze mil seiscentos e setenta e quatro dólares e dezoito centavos em vendas!

Ela afastou-se da mesa e girou num círculo exuberante.

- Sabes como me senti da primeira vez que vi o meu rosto na capa da Vogue?

-Não.

- Como me estou a sentir agora. Delirante. Fechei às seis horas, e restava meia garrafa de champanhe. Bebi tudo sozinha, directamente da garrafa. Mas compreendi logo que não queria beber sozinha. Abre a garrafa, Josh. Vamos apanhar uma bebedeira e fazer loucuras.

Ele levantou-se e começou a remover a folha de alumínio. Devia ter percebido que o brilho nos olhos de Margo fora ajudado por todo o champanhe que já tomara.

- Pelo que acabaste de dizer, já estás nesse estado.

- Só pela metade.

A rolha saiu com um estalo.

- Isto vai resolver o problema.

Josh foi até à cozinha, pôs a garrafa em cima do balcão de ladrilhos da cor de granito, e abriu o armário de carvalho com portas de vidro para tirar as taças.

- É o que tu fazes, não é verdade? Resolves os problemas. Resolveste os meus, Josh. Devo-te isso.

- Não. - Essa era uma coisa que ele não queria. - Foste tu mesma quem conseguiu.

- Apenas comecei. Ainda não acabei. - Ela bateu com a sua taça na de Josh. - Mas foi um começo sensacional!

- Então, à Pretenses.

- Podes apostar. Sei que não será assim todos os dias. Não pode ser. - Transbordando de energia, ela pôs-se a andar de um lado para o outro da sala.
- A Kate diz que devemos esperar que as vendas caiam, e depois estabilizem. Mas não me importo. Observei uma mulher feia de mais sair com um dos meus Armani e não me importei nem um pouco.

- Isso é ótimo para ti.

- E eu...

A voz vacilou, estrangulada. Josh largou a sua taça na secretária, em pânico.

- Não faças isso. Não chores, suplico-te.

- Não é o que estás a pensar.

- Não me venhas com essa história de lágrimas de felicidade. Todas são iguais para mim. Molham e deixam-me angustiado.

- Não consigo controlar-me. - Como defesa, Margo bebeu mais champanhe e fungou. - Passei o dia inteiro assim. A dançar até ao tecto num minuto, a chorar na casa de banho no seguinte. Estou a vender tudo o que obtive ao longo da vida, o que me deixa muito triste. E as pessoas estão a comprar, o que me deixa muito feliz.

- Ah, não... - Frustrado, Josh passou as mãos pelo rosto. - Vamos trocar o champanhe por café?

- De maneira nenhuma. - Num novo ímpeto de energia, ela afastou-se dançando. - Estou a comemorar.

- Como queiras.

Quando Margo caísse, ele carregaria o seu corpo bêbado e sensual para o seu carro e levá-la-ia para a Casa Templeton. Por enquanto, porém, ela tinha o direito de comemorar, exultar e ser ridícula. Josh tornou a sentar-se à secretária e pegou no seu champanhe.

- Às mulheres feias com um Armani em segunda mão.

Ela bebeu um gole de champanhe, deixando que descesse a borbulhar pela sua garganta.

- Às adolescentes com pais ricos e indulgentes.

- Que Deus as ame.

- E aos turistas de Tulsa.

- O sal da Terra.

- E aos velhos de olhos aguçados que apreciam pernas compridas numa saia curta. - Como ele franzisse o rosto para a sua taça, Margo riu-se e tornou

a encher as taças. - E que pagam em dinheiro por um conjunto de chá Meissen e por um Bari inofensivo.

Antes que ela pudesse beber de novo, Josh agarrou-a pelo pulso.

- Inofensivo até que ponto?

- Deixei-o cacarejar e passar um dedo pelo meu queixo. Se tivesse comprado a jarra raku, deixaria que ele me beliscasse a bochecha. É emocionante.

- O cacarejo?

- Não! - Margo soltou uma risada feliz. - A venda. Não tinha a menor ideia de que acharia tão emocionante. E tão... excitante.

Ela virou-se, salpicando ambos de champanhe, antes que Josh pudesse arrancar-lhe a taça.

- Foi por isso que vim procurar-te.

- Vieste procurar-me... - repetiu ele, cauteloso de mais para avançar, ansioso de mais para recuar.

com uma gargalhada baixa, Margo fez deslizar as mãos pela frente da camisa de Josh, passou pelos ombros, alcançou os cabelos.

- Pensei que podias concluir o trabalho.

Margo estava mais de cinquenta por cento bêbada, calculou ele, e disse a si mesmo para se lembrar das regras. Só não conseguia pensar que regras eram.

- O que queres que eu venda?

Ela riu de novo e puxou a boca de Josh para um beijo ardente.

- O que quer que seja, estou disposto a comprar. Josh afastou a cabeça para respirar, tentou argumentar.

- Estás mesmo com champanhe no cérebro, duquesa. Este pode não ser o momento de fazer negócios.

Ela desmanchou num segundo o nó da gravata, puxou-a pelo ombro, enquanto a boca guerreava com a de Josh.

- É o momento perfeito. Eu podia devorar-te vivo, em enormes... dentadas.

- Oh, não... - Era difícil focalizar a razão, quando todo o som se esvaía da sua cabeça. - Dentro de dez segundos...

As bocas tornaram a juntar-se, enquanto ela puxava a camisa de Josh pela cintura.

- vou deixar de me importar se estás bêbada ou sóbria.

- Já disse que estou apenas meio bêbada. - Margo inclinou a cabeça para trás, deixando que ele visse os seus olhos a transbordar de riso e desejo. - Sei exactamente o que estou a fazer e com quem vou fazer. O que dirias se eu sugerisse que aquela nossa aposta acabou empatada?

Josh estava ocupado a desabotoar as roupas dela antes de perceber que as suas mãos se tinham movido.

- Que tal "Graças a Deus"?

- Provavelmente é um erro. - Ela atacou a garganta de Josh com os dentes. - Um erro, um erro terrível. E agora volta a pôr as mãos em cima de mim.

- Estou a tentar.

Ele conseguiu arrancar o casaco de Margo, enquanto cambaleavam para o quarto.

- Tenta com mais empenho.

Margo tirou os sapatos, tropeçou e os dois esbarraram na parede. Quando as mãos de Josh se meteram por baixo da sua saia, subindo até alcançarem as nádegas, ela inclinou-se para trás.

- Não pares, Josh... seja o que faças, não pares...

- Quem está a parar?

Desesperado, ele levantou-a, para poder comprimir a boca contra o seio coberto de renda. Margo gemeu uma vez, agarrando-o pelos cabelos para se equilibrar.

- Isto pode estragar a nossa amizade.

com a boca cheia com a carne macia e quente, Josh murmurou:

- Não quero mais ser amigo.

- Eu também não - balbuciou ela, com grande dificuldade, enquanto caíam na cama.

Margo sempre pensara em sexo como uma das gratificações intensas que a vida oferecia, mas o acto em si quase nunca correspondendo à expectativa. Não havia com certeza nada de distinto em duas pessoas a ofegarem como cachorros e a comprimirem-se uma contra a outra num frenesi total. Era uma experiência cómica, se descontados todos os adornos, embora temporariamente satisfatória.

Mas ela nunca fizera amor com Josh Templeton.

Houve arquejos, muitos apertos, até mesmo algum riso. Mas ela estava prestes a descobrir que a realidade podia muitas vezes superar a expectativa.

No momento em que o corpo de Margo ficou por baixo dele, entrou em superaceleração. Ela ficou desesperada por sentir mãos fortes acariciarem tudo, por saborear o calor e o desejo de uma boca faminta, por ouvir o som animal de carne a bater em carne.

A luz da sala passava enviesada pela porta e iluminava parte da cama, de tal forma que eles rolavam entre a escuridão e a claridade. Mas não havia nada de inocente naquele embate. Transbordava de intenção, desespero e ansiedade nervosa. Ela podia ver a intensidade profunda dos olhos de Josh focalizados nela. Podia sentir os músculos tensos dos ombros sob as suas mãos, antes de arrancar a camisa e erguer-se para saborear.

Quando ele puxou a saia pelas ancas, impaciente, Margo pensou que chegara o momento. "Graças a Deus, é agora", disse a si mesma, arqueando-se para ir ao seu encontro. Mas Josh fê-la ficar de joelhos e assediou todos os seus sentidos, boca contra boca.

Beijos quentes e vorazes, com a acção de línguas e dentes, a tensão de tronco contra tronco, com uma ténue camada de seda entre as carnes transpiradas. Margo balançava contra ele, o corpo crepitando, enquanto aquelas mãos hábeis acariciavam, queimavam e atormentavam a sua pele. Ela achou que estava a arder por dentro e por fora, e tateou desesperada o cinto das calças de Josh.

Foi então que ele a segurou, os dedos estendendo-se por baixo da seda, mergulhando pelo fogo aveludado, para levá-la à loucura, duros e implacáveis. Margo gozou como um géiser, como se o prazer jorrasse, irradiando ondas de choque que a fizeram cravar as unhas nas costas de Josh.

Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, Josh empurrou-a de costas para a cama.

Sempre a desejara assim, daquela forma, insensata, frenética, ardendo em desejo por ele. Sonhara com isso, sonhara com a maneira como Margo se mexeria por baixo do seu corpo, os sons que emitiria, até mesmo a fragrância da sua pele, à medida que o desejo aumentasse para uma trémula necessidade.

Agora ele tinha-a, e nem mesmo isso era suficiente.

Queria acariciá-la palmo a palmo, observando-a a desmoronar-se. A ouvi-la gritar o seu nome. As suas próprias necessidades eram brutais, irracionais, tremendo pelo seu corpo como pequenos diabos em chamas a caminho do Inferno.

Margo apertava-o, envolvia-o com os braços compridos e as pernas gloriosas, arremetia contra ele através da muralha do seu próprio equilíbrio.

Josh arrancou-lhe a blusa, expondo os seios à sua boca faminta, as mãos ansiosas.

Era uma guerra agora, travada com gemidos e arquejos, as necessidades chocando-se como espadas. Margo rolava, contorcia-se, arrancou as calças de Josh, soltou um grito de triunfo ao envolvê-lo com os seus dedos compridos e macios.

Ele ficou com a visão turva. Temeu por um instante que poderia entrar em erupção como um novio, ao primeiro ímpeto de prazer. Depois focou o rosto de Margo, percebeu o sorriso lento e insinuante, e decidiu que não a deixaria vencer.

- Quero-te dentro de mim... - sussurrou Margo, embora o coração tivesse disparado. - Quero-te dentro de mim... Vem...

Oh, não, ele era enorme, duro como o ferro, e ela queria-o... queria-o demasiado. O sorriso alargou-se quando Josh baixou a boca ao encontro da sua.

- Ainda não.

No momento preciso em que ela inspirava para protestar, Josh levou-a à loucura. Um orgasmo sucedeu-se a outro, como ondas de um maremoto, deixando-a fraca, arquejante. E no instante em que ela se erguia na crista seguinte, Josh penetrou-a.

Uma energia nova e intensa impelia-o, uma ansiedade indescritível. Um som gutural, primitivo, vibrou na sua garganta, enquanto ele erguia as ancas de Margo para penetrar mais fundo. Por seu lado, ela passou as pernas em torno dele, arqueando-se como um arco. Cada arremetida era como uma martelada no coração, atingindo os dois.

Josh já não a conseguia ver. Queria desesperadamente contemplar o seu rosto, observá-la enquanto se encontravam e faziam amor. Mas o animal dentro dele dominara-o, era cego, surdo e insaciável.

Ele nada podia ver além do nevoeiro vermelho, que era fúria e paixão. E depois, no mesmo instante em que esse nevoeiro se dissipou, um violento orgasmo sacudiu o seu corpo e esvaziou-o por completo.

CAPÍTULO 13

MARGO pensou ter visto estrelas. Claro que só podia ter sido imaginação sua, alguma veia romântica latente que nem sabia possuir.

Mais provavelmente fora uma reacção física decorrente da quase inconsciência. O que tinham feito, concluiu ela, com um prazer indolente, fora fornicarem um com o outro quase até à morte.

Os dois esparramavam-se na cama, vítimas de guerra, inertes, suados, cheios de cicatrizes. Era uma surpresa fascinante, meditou ela, passando a mão pelo seu tronco húmido, que Josh fosse o maior dos seus oponentes.

Ela teve de recorrer a toda a sua energia para virar a cabeça, e sorrir para Josh, afectuosa. Ele estava estendido de barriga para baixo. Não se mexera desde que gemera, saíra de cima dela e caíra inerte.

Deve estar a dormir, vai começar a ressonar a qualquer momento", concluiu Margo. Os homens eram sempre previsíveis. Mas, de qualquer forma, ela sentia-se demasiado indolente e satisfeita para ficar irritada. Afinal, não era o tipo de mulher que os homens aconchegavam, ainda mais depois do sexo. Esvaziá-los de todo e qualquer sinal de vida era apenas uma das suas pequenas habilidades.

Margo sorriu e esticou-se. Ainda assim, Josh surpreendera-a. Jamais conhecera um homem que a deixasse prestes a suplicar. O sexo impetuoso e descontrolado deixara-a com a sensação de uma gata com a boca cheia de penas e creme. Mas houvera alguns momentos - talvez mais do que alguns - em que se sentira quase assustada, com medo do que Josh lhe poderia arrancar.

"O velho Josh", pensou ela. O seu olhar percorreu aquele corpo de homem, longo, musculoso, nu... e o seu coração bateu descompassado. O velho Josh, deslumbrante, sensual, fascinante. "Estava na altura de seguir em frente", reflectiu Margo, antes de ansiar por alguma coisa que ele não poderia oferecer.

- Já acabei contigo, companheiro. - Margo beijou o ombro de Josh. - Tenho de ir.

- Hum, hum... - Para surpresa de Margo, ele puxou-a, ajeitando os

corpos até ficarem aconchegados. - Estou a começar a sentir os dedos dos pés novamente. Quem sabe o que pode acontecer em seguida?

- Tivemos a sorte de sobreviver.

Ele acariciou o cabelo de Margo, fazendo com que assumisse novas e maravilhosas posições. Depois de alguma hesitação, ela encostou a mão ao peito de Josh.

- O teu coração ainda está acelerado.

- Graças a Deus! Fiquei com medo de que tivesse parado. - Sem pressa, Josh passou a mão pela perna dela, para cima e para baixo. Margo...

Ela tinha os olhos quase fechados. Era tão agradável ficar aconchegada assim, com um homem a murmurar ao seu ouvido...

- O que é?

- Tu contorceste-te toda.

Ela abriu um olho, ameaçadora, e descobriu-o a sorrir.

- Não queria magoar os teus sentimentos. Parecia muito importante para ti.

- Ah... Não é que eu estivesse a contar... - Josh enrolava os cabelos emaranhados no seu dedo. - Mas deveres ter tido uns cinco orgasmos.

- Só cinco? - Ela afagou o rosto de Josh. - Não te culpes. Tive um dia cansativo.

Ele rolou para cima dela e observou-a piscar os olhos de espanto.

- Posso fazer melhor.

- Achas mesmo? - com os lábios contraídos, Margo enlaçou-o pelo pescoço. - Desafio-te a tentares.

- Conheces os Templeton. - Josh mordiscou a curva do lábio inferior de Margo. - Não podemos resistir a um desafio.

Quando ela acordou, o quarto estava escuro, e Josh já não se encontrava lá. Não se tinham largado um ao outro por mais que cinco minutos durante a noite inteira. Ao virar-se e olhar para o clarão vermelho do despertador, Margo verificou que não dormira muito mais do que isso. Passava um pouco das seis horas, e a última vez que tinham desfalecido fora às cinco e quarenta e cinco.

Independentemente das notícias maliciosas da imprensa sobre as suas façanhas, a verdade é que ela nunca fizera amor durante a noite inteira. Não acreditava que fosse fisicamente possível. Ao sentar-se na cama, sentindo todos os músculos do corpo a protestarem, ela compreendeu que era possível,

mas não necessariamente sensato.

Como teve, literalmente, de gatinhar para sair da cama, Margo sentiu-se grata por não ter audiência. Josh com certeza faria algum comentário pejorativo... e depois saltaria para cima dela.

Por mais humilhante que fosse, Margo estava disposta a atirar a toalha ao chão. Outro orgasmo poderia matá-la.

E era agora uma mulher de negócios. Era tempo de deixar a diversão de lado e arranjar-se para enfrentar o dia. Ela ouviu-se gemer ao atravessar a sala com grande dificuldade. A pressão num botão fez as cortinas abrirem, oferecendo uma vista espectacular da costa, a curva da praia, os penhascos rochosos. A ténue claridade do amanhecer entrou no quarto... e salvou-a de um doloroso encontrão numa figueira, plantada num vaso de cobre.

Havia duas, notou ela, através dos olhos inchados. Duas árvores de folhas delicadas ladeando a janela larga, acrescentando um toque doméstico às cadeiras de brocado marfim. As mesas de carvalho envernizadas reflectiam as coisas de Josh largadas aqui e ali. Chaves, botões de punho, moedas.

Margo viu que ele deixara um pente na cómoda. Ao seu lado havia um frasco de água-de-colónia para homem e uma agenda grossa, de capa preta. Ela calculou que devia conter nomes e telefones de mulheres de todos os fusos horários do planeta.

Teve um vislumbre do seu corpo num espelho, nua, ainda excitada, vestígios de bom sexo. Era ela quem estava aqui agora, não as outras.

Os seus olhos doridos arregalaram-se ao notar o reflexo da cama por trás. Como fora possível envolver-se de tal modo com Josh que nem reparara na cama? Tinham feito amor ao longo da noite no vasto colchão, com cabeceira e pés em latão reluzente, fazendo uma curva subtil para abrigar os lençóis de um verde-jade.

A elegante simplicidade do quarto jade e branco, com retoques reluzentes de latão e cobre, era apropriado ao Templeton. Ao homem e ao hotel.

Margo encontrou um dos robes brancos fornecidos pelo hotel no roupeiro e vestiu-o. A perspectiva de tomar um duche, longo e quente, fê-la estremecer, mas a curiosidade atraiu-a primeiro para a porta. Foi até lá e entreabriu-a.

Josh vestia apenas as calças amarrotadas, que não se dera ao trabalho de abotoar. Abrira as cortinas para que a claridade do amanhecer entrasse na

sala. Tinha um telefone portátil no ouvido, enquanto andava de um lado para o outro, descalço.

E estava a falar em francês.

"Ah, como ele é magnífico!", pensou Margo. Não só pelos cabelos maravilhosos, de pontas douradas, pelo corpo longo e flexível, pelas mãos elegantes e surpreendentemente apropriadas. Era também pela maneira como ele se movimentava, o timbre da sua voz, a aura de poder ao seu redor, que ela nunca percebera antes por se encontrar perto de mais.

O francês de Margo era precário. Por isso, ela compreendeu pouco do que Josh dizia. Não tinha importância. Era o modo como ele falava, os sons fluentes e efusivos, os gestos com a mão, que ele adicionava inconscientemente para enfatizar.

Ela observou os olhos cinzento contraírem-se - em irritação, impaciência - antes que Josh dissesse depressa o que poderiam ser ordens ou imprecações. Depois ele riu, a voz murmurou algumas palavras exóticas... e adoráveis.

Subitamente, Margo percebeu que prendia a respiração, com a mão comprimida contra o coração, como alguma adolescente sonhadora a contemplar o capitão da equipa de futebol.

"É só o Josh", recordou-se a si mesma. Recomeçou a respirar, baixou a mão. Foi uma questão de puro ego que a fez encostar-se à porta, provocante, para esperar que ele acabasse.

- Ça vá, Simone. Oui, oui, oui, c'est bien. Ah, nous parlerons dans trois heures. - Josh escutou por um momento, foi até a janela. - Parce que ils sont les idiots.

Ele soltou uma gargalhada e depois arrematou:

- Non, non, pás de quoi. Au revoir, Simone.

Josh desligou, virou-se para a mesa, antes de perceber a presença de Margo. Os cabelos louros soltos, os olhos azuis fascinantes, um robe branco em torno do corpo. As glândulas de Josh entraram em estado de alerta.

- Um pequeno problema que deixei pendente em Paris.

- Simone... - Observando-o, Margo passou a mão pela lapela do robe.

- Ela é tão... fascinante quanto o seu nome?

- Muito mais. - Josh adiantou-se, enfiou as mãos por dentro do robe.

- E é louca por mim.

- Porco... - murmurou Margo, boca contra boca.

- E faz tudo o que eu pedir - acrescentou ele, levando-a para a cama.

- És ou não és um homem de sorte?

Margo mudou de posição e deu-lhe uma cotovelada. Quando Josh grunhiu, ela escapuliu dos seus braços e alisou os cabelos.

- Preciso de um duche.

- Só por isso não te vou dizer que ela tem cinquenta e oito anos, quatro netos e é a directora de marketing do Templeton Paris.

Ela olhou para trás enquanto se afastava.

- Não perguntei. Porque não pedes o pequeno-almoço? Quero chegar à loja antes das oito e meia.

Josh fez-lhe a vontade, pedindo que o pequeno-almoço fosse entregue na suíte dentro de uma hora. Assim, teria tempo suficiente para se juntar a Margo no chuveiro. Ela franziu o rosto quando Josh bloqueou a maior parte da água.

- Está morna - queixou-se Josh.

- É melhor para a pele. E gosto de privacidade quando tomo um duche.

- A Templeton é uma companhia verde. - Ele abriu a água quente, apesar de Margo lhe ter dado uma palmada na mão. O vapor começou a subir de maneira satisfatória pelas paredes ladrilhadas do compartimento. - Como vice-presidente, é meu dever economizar os nossos recursos naturais.

Josh estendeu as mãos e começou a esfregar os cabelos de Margo com a espuma do champô. O compartimento tinha espaço suficiente para quatro pessoas, disse ela para si. Não havia razão para se sentir apertada.

- Tu só estás aqui porque achas que podes ter sorte outra vez.

- Ah, a mulher vê através de mim. É cruel. - Quando ela se virou, para terminar o trabalho pessoalmente, Josh contentou-se em ensaboar-lhe as costas. - Quanto tempo demoras a secar todo esse cabelo? São quilómetros e quilómetros.

- O importante não é o comprimento, mas a espessura - respondeu ela, distraída.

Era um absurdo, Margo sabia-o. Afinal, Josh já passara as mãos e acariciara cada centímetro do seu corpo. Mas aquele... ritual de limpeza era de uma intimidade desconfortável.

Ela dissera a verdade. Não tomava banho com os seus amantes. Só dormia com eles, no sentido literal, quando assim decidia. Não era apenas uma questão de controlo, embora fosse isso também. Era uma questão de manter a imagem e a ilusão.

Agora, com Josh, ela não só passara a noite na sua companhia, sem ter essa intenção, mas também estava agora a partilhar o chuveiro. Margo decidiu, então, que estava na altura de fixar alguns parâmetros para o relacionamento.

Ela inclinou o rosto sob a água, deixou que enxaguasse a espuma dos cabelos. Quando Josh lhe entregou o sabonete e virou as costas, ela ficou aturdida.

- É a tua vez - explicou ele.

Os olhos de Margo contraíram-se, depois iluminaram-se com uma determinação maliciosa. Josh soltou um uivo quando ela passou o sabonete pelas suas costas.

- Oh, desculpa. Esses arranhões devem arder um pouco. com as mãos apoiadas nos ladrilhos, ele olhou para trás.

- Não há problema. Assumo os riscos.

Sem compreender, Margo abrandou os movimentos. Aquelas costas eram lindas, reflectiu ela. Musculosas, largas nos ombros, mais estreitas na zona da cintura, com toda aquela pele lisa e macia. Num impulso, ela deu um beijo ao de leve entre as omoplatas, antes de sair do compartimento.

- Sabes, Josh, eu estava apenas a brincar sobre a Simone. - Inclinando-se, ela envolveu os cabelos com uma toalha, como se fosse um turbante, e pegou noutra. - Ambos tivemos outros relacionamentos, e somos livres para continuar a tê-los. Não vamos complicar tudo com vínculos nesta altura da vida.

Depois de prender a segunda toalha entre os seios, Margo usou o creme hidratante que estava em cima do balcão. Pondo um pé no banquinho, esfregou o creme na perna.

- Nenhum dos dois está à procura de complicações, e eu detestaria estragar um relacionamento simples com promessas que jamais cumprimos.

Margo passou o creme pela outra perna, cantarolando baixinho.

- Temos uma vantagem que a maioria das pessoas não possui. Conhecemo-nos muito bem um ao outro, não precisamos perder tempo com todos os jogos, nem com fingimentos.

Ela lançou um olhar para o chuveiro, um pouco desconsertada com a falta de resposta. Josh podia controlar a raiva que fervia na sua garganta. Era uma simples questão de controlo. Mas a mágoa, as facas pequenas e afiadas que as palavras indiferentes de Margo tinham cravado pelo seu corpo, era

diferente. Por isso, ele seria capaz de matá-la, com a maior satisfação.

Ele fechou a água, com um movimento brusco do pulso, saiu pelas portas transparentes que separavam o compartimento do resto da casa de banho.

- É verdade, duquesa, nós conhecemo-nos bem.

Josh pegou numa toalha que estava no toalheiro aquecido. Ela estava de pé à sua frente, no centro da bancada de dois metros e meio de comprimento, uma figura perfeita na sofisticada decoração em preto e branco, com a pele reluzindo do creme que ainda tinha na mão.

- Por dentro e por fora - acrescentou ele. - Porque é que duas pessoas sofisticadas e superficiais como nós haveriam de querer misturar romance com sexo?

Margo esfregou os braços. Apesar do vapor, a casa de banho parecia subitamente gelada.

- Não foi isso que eu quis dizer. Ficaste zangado.

- Ora, duquesa, tu conheces-me. Muito bem, sem vínculos, sem jogos, sem fingimentos. - Josh adiantou-se, bateu com as mãos na bancada, aprisionando-a entre os seus braços. - Mas tenho uma regra pessoal, inflexível e irrevogável: não partilho. Enquanto eu andar a comer-te, mais ninguém o pode fazer.

Margo cerrou os punhos nos lados do corpo.

- Foste bastante claro. E bastante grosseiro.

- Foste tu que pediste. Porquê confundir a questão com eufemismos?

- Só porque te chateaste por eu ter falado primeiro, não há razão para...

- Lá estás de novo, a ver através de mim. Ela respirou fundo para se controlar.

- Também não há razão para qualquer dos dois se zangar. Primeiro, não gosto de discutir antes de tomar pelo menos uma chávena de café. E, segundo, eu não quis dizer que vou sair daqui e subir para a cama de outro. Ao contrário do que se diz por aí, não faço malabarismos com homens como se fossem espadas flamejantes. Apenas quis dizer que, no momento em que qualquer dos dois sentir vontade de seguir adiante, não haverá cenas desagradáveis.

- Talvez eu goste de cenas desagradáveis.

- É o que estou a começar a perceber. Já acabámos com esta?

- Ainda não. - Ele levantou o queixo de Margo. - Sabes, duquesa, esta é

a primeira vez que te vejo sem maquilhagem desde que começaste a usar rímel.

com a mão livre, Josh arrancou a toalha dos cabelos, que caíram húmidos e desgrenhados sobre os seios e ombros.

- Sem todo aquele brilho e verniz...

- Pára com isso!

Margo tentou desenvencilhar o queixo, furiosa porque ele a lembrara de que estava sem o seu escudo protector.

- És linda... - Mas havia uma sombria determinação em vez de admiração nos olhos de Josh. - Serias queimada viva numa estaca há alguns séculos atrás. Jamais acreditariam que pudesses ter esse rosto e esse corpo sem teres seduzido o Diabo.

- Pára... - Seria mesmo sua voz?, especulou Margo. Tão fraca, prestes a formular palavras que ela não tencionava. As mãos trémulas elevaram-se tarde de mais para impedir que a segunda toalha resvalasse para o chão. - Se pensas que vou deixar-te...

- Deixar coisa nenhuma! -Josh estendeu a mão entre as pernas de Margo, sentiu-a quente, húmida, pronta. - Disseste sem fingimentos, Margo. Portanto, se disseses que não me queres neste momento...

Ele segurou-a pelas ancas e ajeitou-a, enquanto a penetrava devagar.

- Se mo disseses, acreditarei em ti.

Margo sentiu a avalanche da necessidade arrebatá-la. Pela expressão de triunfo nos olhos de Josh, compreendeu que ele sabia disso.

- Vai para o Inferno, Josh.

- Iremos os dois.

Ela não quis o pequeno-almoço. Sentia-se demasiado sensível e insegura para partilhar uma refeição civilizada com Josh, depois da maneira selvagem como tinham feito amor na casa de banho cheia de vapor. Foi para a loja, trocou de roupa, fez café e chá.

Atacou o café, bebendo meia cafeteira antes de abrir a porta. com os nervos à flor da pele e cheia de cafeína, ela enfrentou o primeiro dia sozinha como comerciante.

Por volta de meio-dia, apesar de várias vendas animadoras, tanto o seu espírito quanto a sua energia começavam a murchar. Uma noite sem dormir indubitavelmente explicava a fadiga, e ela sabia para onde apontar o dedo da culpa pelo seu mau humor. Directamente ao coração calculista de Josh

Templeton.

Margo detestara a maneira como ele encolhera os ombros e se despedira distraído naquela manhã. Sentado à mesa do pequeno-almoço como se não tivesse havido sexo desvairado e palavras iradas entre os dois. Pouco importava que a atitude de Josh fosse exactamente o que ela delineara. Isso não a impedia de se preocupar com a certeza incómoda de que ele se empenhava em algum jogo de que ela não fora informada. E mudava as regras a seu bel-prazer para se ajustarem à sua conveniência.

Havia um brilho frio nos olhos de Josh quando levantara o rosto do café. E tinha a certeza de que vislumbrara um sorriso calculista na sua boca antes de fechar a porta. Ou melhor, antes de bater com a porta... mas isso era irrelevante.

No final das contas, o que ele queria? Margo conhecia-o bastante bem para ter a certeza... Não, não era bem assim, pois já começava a especular se o conhecia mesmo.

- Por favor, eu gostaria de ver aquele colar de pérolas.

- Faça favor. - Margo sentiu-se dinâmica e eficiente por ter de agarrar nas chaves, abrir a vitrina, pegar nas pérolas que estavam sobre o veludo preto. - Não acha que são adoráveis? Combinam com perfeição.

"Um presente", recordou ela, "de um velho magnata da navegação, com idade suficiente para ser meu avô." Nunca fora para a cama com ele, embora a imprensa tivesse alardeado o romance. O velho queria apenas mulheres jovens e atraentes para conversar, alguém que o ouvisse enquanto discorria sobre a esposa que perdera, vítima de cancro.

Nos dois anos em que o conhecera, ele fora uma coisa rara na vida de Margo: um amigo do sexo masculino. As pérolas tinham sido apenas um presente de um amigo que estava a definhar e pouco tempo depois morreria por causa do coração partido.

- Este fecho é de dezoito quilates?

De repente, Margo teve vontade de ficar com o colar, gritar que a mulher não o podia levar. Que era seu, uma recordação de uma das poucas coisas altruístas e afectuosas que fizera na vida.

- É, sim. - Ela forçou-se a falar, através de um sorriso tão rígido, que até doía. - Italiano. Está gravado. Não quer experimentar?

A mulher experimentou. Mostrou-se indecisa, envaidecida, acariciou o colar. No final, devolveu-o com um aceno de cabeça. Margo guardou as

pérolas com uma culpa secreta.

Entraram turistas, bisbilhotaram os tesouros, embateram, descuidados, porcelana contra cristal, porcelana contra madeira. Margo perdeu três potenciais clientes ao informá-los irritadamente para não mexerem nas mercadorias que não estivessem dispostos a comprar.

Isso esvaziou a loja pelo tempo suficiente para que ela subisse as escadas a correr e tomasse uma aspirina. Ao descer, vislumbrou a sua imagem no espelho.

Tinha o rosto contraído e furioso, os olhos ameaçadores. Sentia o estômago tremer com a fúria reprimida.

"Queres afugentar todos os clientes, Margo?"

Ela fechou os olhos, respirou fundo e imaginou uma tela branca vazia. Era uma técnica que usava com frequência nos tempos de modelo, quando uma sessão se arrastava interminável, com cabeleireiro e maquilhador ocupados, o fotógrafo à espera, os ajudantes a queixarem-se.

Margo só precisava de se ausentar por um minuto, lembrar a si mesma que podia preencher a tela vazia com qualquer imagem que desejasse.

Mais calma, ela abriu os olhos, observou o rosto desanuviar-se. Se a cabeça ainda latejava, as outras pessoas não precisavam de saber. Margo desceu pronta para receber o cliente seguinte.

Ficou feliz quando Judy Prentice apareceu, trazendo uma amiga. Serviu-lhes chá, depois pediu licença para levar outra cliente ao gabinete de provas. Às duas horas, abriu a primeira garrafa de champanhe de cortesia e especulou sobre o que estaria a retardar Laura.

Às duas e meia, sentia-se exausta, lutando com um embrulho de oferta, convencida de que nunca apanharia o jeito. E foi nesse instante que Candy entrou.

- Ah, que lojinha adorável! - Ela bateu palmas e avançou para o balcão, onde Margo estava a debater-se com a fita do embrulho. Lamento não ter podido vir para a inauguração, Margo. Não foi possível inclui-la na minha agenda. Mas fiz questão de vir hoje.

Ainda mais porque a loja e as suas donas tinham sido o tema central do pequeno-almoço tardio que tomara com as amigas.

- vou dar uma vista de olhos por aí, mas não te preocupes, pois acabarei por comprar alguma coisa. - Candy olhou para a mulher à espera do embrulho. - Não é divertido? Parece uma enorme venda de garagem. Ah, que

linda tigela!

Ela adiantou-se, passou os dedos pelo vidro fosco, à procura de alguma lasca.

- O preço é um pouco alto para uma mercadoria em segunda mão. - Ainda segurando a tigela, ela sorriu para Margo, insinuante. Suponho que inflacionam os preços para darem margem de negociação aos clientes.

"Mantém-te calma", advertiu Margo a si mesma. Candy queria apenas provocá-la, como sempre costumava fazer na escola secundária.

- Consideramos que as nossas mercadorias têm o preço justo para venda.

- bom... - com um encolher de ombros indiferente, Candy largou a tigela. - Acho que não sei muito sobre custos. Só entendo do que gosto.

Ela fez uma pausa e olhou para um par de castiçais esmaltados.

- São um pouco... fora do comum, não é mesmo?

- Você tem coisas adoráveis - comentou a cliente à espera, enquanto Margo punha a caixa embrulhada num saco.

- Obrigada. - Margo forçou a mente cansada a verificar o nome no papel do cartão de crédito. - Muito obrigada, sr.a Pendleton. Por favor, volte de novo.

- Claro que voltarei. - A mulher pegou no saco, e hesitou. Importa-se se eu disser que só vim hoje porque vi a sua foto imensas vezes? Passei muito tempo na Europa. O rosto de La Margo está por toda a parte.

- Estava por toda a parte. Não, não me importo.

- Passei a usar os produtos para a pele da Bella Donna por causa dos seus anúncios.

Margo estremeceu antes de poder controlar-se.

- Espero que esteja satisfeita com os produtos.

- É uma linha excelente. Como eu disse, vim porque queria conhecê-la pessoalmente. E voltarei porque você tem coisas lindas, apresentadas de uma maneira imaginativa. - Ela pendurou o saco no braço, enquanto dava um passo para trás do balcão. - Acho que é uma mulher muito corajosa e audaz.

A sr.a Pendleton lançou um olhar para Candy, que estava a examinar um pisa-papéis, com o rosto franzido.

- E admirável. - Ela inclinou-se para o balcão e acrescentou, baixando a voz: - Tome cuidado para que aquela ali não esconda alguma coisa na carteira Chanel. Ela parece muito falsa.

Rindo, Margo acompanhou a sua cliente agora predilecta até à porta.

Depois, foi enfrentar Candy.

- Champanhe?

- Ah, que ideia inteligente! Imagino que a oferta de bebida gratuita atraia certo tipo de clientela. Só um pouquinho. Como te estás a sair, querida?

- Muito bem.

- Estava a admirar as tuas jóias. - Cobiçando. - Deve ser angustiante teres de as vender.

- O meu coração é frio como aço, Candy, lembras-te?

- Quando se trata de homens - respondeu Candy, jovial, virando-se para a vitrina das jóias. - Mas diamantes? Eu diria que não. O que tiveste de fazer para conseguir aqueles brincos?

- Há coisas que é melhor não falar com pessoas bem-educadas. Gostarias de vê-los? Pelo teu último acordo de divórcio, o preço até está ao teu alcance. A menos, é claro, que rejeitar um marido não proporcione a uma mulher aquilo a que estava acostumada.

- Não sejas parva, Margo. Tu é que estás a oferecer as tuas coisas. E, se queres saber, não estou interessada em jóias em segunda mão. Para ser franca, tenho alguma dificuldade em encontrar uma coisa que possa usar. O teu gosto é mais... digamos assim, mais emancipado do que o meu.

- Não é suficientemente folheado a ouro? vou lembrar-me do teu gosto quando renovarmos o stock.

- Tencionas mesmo manter esta loja aberta? - Ela bebeu um gole de champanhe e soltou uma risadinha. - Margo, isso seria incrível. Toda a gente sabe que tu nunca terminas nada. No clube divertimo-nos a especular sobre quanto tempo vais aguentar.

"O cliente nem sempre tem razão", reflectiu Margo.

- Candy, lembras-te daquela ocasião em que te roubaram a roupa toda na aula de ginástica, trancaram-te dentro de um armário e tiveste de lá ficar até o sr. Hansen da manutenção serrar o cadeado para te soltar, e saíste de lá nua e histérica?

Os olhos de Candy contraíram-se tornando-se duas fendas ameaçadoras.

- Foste tu! Eu sabia que tinhas sido tu, mas não pude provar.

- Na verdade, foi a Kate, porque perdi o sorteio. Mas a ideia foi minha. Excepto chamar o sr. Hansen. Isso foi ideia da Laura. E agora vais sair daqui quietinha, ou preferes que te arranque essa blusa Laura Ashley... não combina contigo, diga-se de passagem... e te ponha na rua, nua e histérica?

- E pensar que senti pena de ti...

- Não, não sentiste - declarou Margo, arrancando o copo da mão de Candy, antes que ela se lembrasse de o lançar ao chão.

- Não passas de uma vagabunda em segunda mão que passou a vida inteira a suplicar por migalhas e a fingir ser uma coisa que jamais poderás ser!

- É curioso, porque a maioria das pessoas me considera uma vagabunda de primeira classe. E agora sai já daqui antes que eu pare de fingir ser o que não sou e te arranque esse nariz que os teus pais compraram quando tinhas doze anos.

Candy soltou um grito estridente, os dedos transformaram-se em garras. Poderia ter atacado, mas o som da porta a abrir-se impediu-a de fazer uma exibição pública. De sobrelance, Laura avaliou a cena.

- Olá, Candy. Estás com bom aspecto. Desculpa o atraso, Margo. Trouxe-te um presente.

Candy virou-se, tencionando oferecer a Laura uma pitada do temperamento explosivo que podia ser atestado pelos ex-maridos. Mas Laura não viera sozinha. Candy estremeceu, engoliu o veneno e exibiu um sorriso radiante.

- Sr. e sr.a Templeton... mas que prazer vê-los outra vez!

- Candace Lichfield, não é mesmo? - disse Susan Templeton, sabendo muito bem quem era. - Margo!

Ela ignorou a mão estendida de Candy e adiantou-se para os braços estendidos de Margo. Beijou o rosto de Margo, generosamente, e depois piscou um olho.

- Nem abrimos as malas, de tão ansiosos que estávamos para te rever.

- Senti muitas saudades. - Margo abraçou-a com força e sentiu-se envolvida pela fragrância familiar de Chaneí. - Não imaginam como tive saudades. Está linda e maravilhosa...

- Então, não me ignores!

Thomas Templeton deu um apertão rápido no ombro da filha. Acenou com a cabeça para Candy, distraído, enquanto ela se retirava, depois sorriu quando Margo avançou pela sala para se lançar nos seus braços.

- Assim é que eu gosto.

- Fico contente em vê-lo... muito contente com a sua presença. Ah, sinto tanto!

E ela comprimiu o rosto contra o ombro de Thomas Templeton e desatou a chorar como uma criança.

CAPÍTULO 14

- MELHOR?

- Hum, hum... - Inclinação sobre o lavatório, na casa de banho do primeiro andar, Margo molhou o rosto. - Acho que ando um pouco nervosa.

- Nada como um bom choro para aliviar o nervosismo. - Susan estendeu uma toalha de mão, fazendo-lhe uma massagem rápida nos ombros. - E tu sempre choraste bem.

- Pobre sr. T. - Tanto pelo conforto quanto para se enxugar, Margo comprimiu a toalha contra o rosto. - Que recepção. Dois segundos e desmancho-me em lágrimas no seu ombro.

- Ele adora quando as suas meninas choram no ombro dele. Faz com que se sintam fortes. Agora... - Susan pôs as mãos cheias de anéis nos ombros de Margo e virou-a para si. - Vamos ver como estás...

Ela contraiu a boca bonita e os olhos azul-claros.

- Um pouco de base e rímel, e ficas ótima. Tens o teu arsenal aqui?

Em resposta, Margo abriu a porta com espelho por cima do lavatório. Havia ali frascos e tubos arrumados de maneira impecável.

- O kit de emergência.

- Esta é que é a minha rapariga. Ainda a usar Bella Donna comentou ela, enquanto Margo pegava num pequeno tubo. - Deitei fora todos os meus produtos.

- Oh, sr.a T!

- Ficava irritada sempre que olhava para eles.

Susan sacudiu os ombros atléticos. Era uma mulher pequena, de ossatura delicada e esguia como a filha. Mantinha-se em forma à sua maneira. Esquiava como um demónio, jogava ténis com o maior empenho, nadava como se estivesse a competir nas Olimpíadas. Para se ajustarem ao seu estilo de vida, os cabelos pretos eram curtos e lisos, encimando um rosto exuberante e atraente, de que ela cuidava religiosamente.

- Estraguei tudo - murmurou Margo.

- Não era motivo para tirar-te do posto de Mulher Bella Donna. O que é uma redundância irritante, para começar. Em tudo e por tudo, estás melhor sem eles.

Margo sorriu para o espelho e alisou a base clara.

- Senti muitas saudades.

- Eu só queria saber porque não falaste comigo e com o Tommy no instante em que descobriste que estavas em apuros. - com as mãos nas ancas, Susan foi até à banheira e voltou ao lavatório. Passaram semanas até sabermos. O safari fotográfico manteve-nos fora de contacto. Mas o Josh e a Laura sabiam como nos contactar.

- Eu sentia-me envergonhada. - Margo não sabia explicar porque conseguia admiti-lo com tanta facilidade perante Susan. - Fiz as piores opções. Mantive um caso sórdido com um homem casado, deixei que ele me usasse. Não, pior ainda... fui suficientemente estúpida para não perceber que ele estava a usar-me. Arruinei a minha carreira, destruí a pouca reputação que tinha e quase fui à falência no decurso do processo.

- Bem... - Susan inclinou a cabeça para o lado. - Não é pouca coisa. Deves ter-te mantido muito ocupada para fazeres tudo isso sozinha.

- A culpa foi toda minha.

Margo escolheu uma sombra castanha-acinzentada escura para realçar os olhos, aplicando-a com a mão hábil e experiente.

- Suponho que o homem com quem estavas envolvida não teve nada a ver com isso. Amava-lo?

- Eu queria amá-lo. - Até isso era mais fácil de admitir agora. Queria ter alguém com quem pudesse construir uma vida. O tipo de vida que eu pensava que desejava. Diversões, jogos, sem qualquer responsabilidade.

- E isso pertence ao passado?

- Claro que sim. - Margo escureceu as sobrancelhas com todo o cuidado. - Como não podia deixar de ser, escolhi alguém completamente impróprio, alguém que nunca me poderia oferecer estabilidade. É assim que funciono, sr.a T.

Susan esperou por um instante, observando Margo aplicar o lápis e o rímel com uma habilidade excepcional.

- Sabes o que sempre me preocupou em ti, Margo? A tua auto-estima.

- A minha mãe sempre disse que eu pensava de mais em mim mesma.

- Não é isso. Nesse ponto, eu e a Annie sempre discordámos... e nós duas raramente discordamos. O teu valor pessoal está demasiado ligado à aparência. Eras uma criança linda... de uma beleza deslumbrante. A vida é diferente para as crianças muito bonitas. Mais difícil sob alguns aspectos,

porque as pessoas tendem a julgá-las pela sua beleza, e depois elas próprias passam a julgar-se por esse padrão.

- Era o meu único trunfo. A Kate tinha a inteligência, a Laura tinha o coração.

- Fico triste que acredites nisso... e que tantas pessoas te tenham empurrado nessa direcção.

- A senhora nunca foi uma delas, sr.a T. - Margo guardou a maquilhagem, com o mesmo cuidado com que um carpinteiro guarda as suas ferramentas. - Mas agora estou a tentar seguir por uma nova direcção.

- Isso é ótimo. - Susan passou o braço pela cintura de Margo e levou-a para o toucador. - Ainda és suficientemente jovem para seguir por uma dúzia de direcções diferentes. E bastante inteligente. Desperdiçaste o teu cérebro por algum tempo, cometeste erros tolos, fizeste opções irreflectidas.

- Bolas! - com um sorriso contrafeito, Margo levou a mão ao coração. - Sempre acertou no alvo, sr.a T.

- Ainda não acabei. Tu tens preocupado e desapontado a tua mãe. Uma mulher, devo acrescentar, que merece não só o teu amor e respeito, mas também a tua admiração. Não são muitas as mulheres que aos vinte e três anos de idade, ainda lamentando a morte do marido, são capazes de largar tudo o que lhe é familiar e atravessar um oceano com uma criança para construir uma vida nova. Mas não é essa a questão principal.

Susan acenou com a mão para rejeitar esse assunto e levou Margo para a beira da cama.

- Desperdiçaste o teu dinheiro e dançaste até à beira de um penhasco alto e perigoso. Mas... - Ela levantou o queixo de Margo com um dedo. - não saltaste. Ao contrário da nossa pequena Seraphina, recuaste a tempo, levantaste os ombros, demonstraste a maior disposição para enfrentar o que a vida tinha para te oferecer. O que exige mais coragem, Margo... muito mais... do que saltar para o vazio.

- Eu tinha pessoas a quem podia recorrer.

- Todos nós temos. Só os tolos e egocêntricos é que pensam que ninguém lhes dará a mão. E os maiores tolos e egocêntricos são aqueles que não aceitam a mão estendida.

Susan estendeu a mão. Sem a menor hesitação, Margo pegou-lhe, e depois comprimiu-a contra o seu rosto.

- Melhor? - perguntou Laura desde a porta, imitando a mãe. Ela

precisara só de um instante para avaliar a cena e sentir alívio.

- Muito melhor - Margo respirou fundo, levantou-se e alisou a saia. - Desculpa ter-vos deixado em apuros lá em baixo.

- Não houve problema. Pelo contrário, o pai divertiu-se um bocado. Efectuou três vendas. E, pela maneira como ele está a lançar o seu charme para cima da Minn Whiley neste momento, acho que podemos contar com uma quarta.

- A Minn está lá em baixo? - Divertida, Susan passou os dedos pelos cabelos curtos. - vou descer e acrescentar o meu charme. Ela sairá tão carregada de embrulhos que nem vai saber o que lhe aconteceu.

Susan parou à porta, passou a mão pelas costas de Laura e murmurou:

- Vocês têm aqui um lugar adorável. Fizeram uma boa escolha. Quando a voz da mãe veio lá de baixo, num cumprimento efusivo a Minn, Laura comentou:

- Nós estamos a preocupá-la, tu e eu.

- Eu sei. Temos de demonstrar o quão fortes somos. Porque somos, não é, Laura?

- Claro que somos. Podes apostar que sim. A celebridade caída em desgraça e a esposa de trofeu traída.

A irritação aflorou aos olhos de Margo.

- Tu não és o trofeu de ninguém.

-Já não sou. E agora, antes que eu me esqueça... porque é que a Candy estava a olhar para mim como se tivesse vontade de moer o meu fígado e servi-lo como patê?

- Ah... - A lembrança da cena provocou um sorriso malicioso em Margo.

- Tive de lhe contar de quem foi a ideia de chamar o sr. Hansen quando ela ficou presa nua no armário.

Laura fechou os olhos, tentou não pensar na próxima reunião do Clube de Jardinagem. Ela e a Candy pertenciam à comissão.

- Tinhas mesmo de contar?

- Teve mesmo de ser - Margo sorriu, cativante. - Ela chamou-te de "pobre Laura". Duas vezes.

Laura abriu os olhos, comprimindo os dentes com força.

- Estou a perceber. Achas que seria muito difícil trancar aquele corpo ossudo num armário do clube?

- Para mulheres fortes como nós? Muito fácil.

- vou pensar nisso. - Num gesto automático, Laura olhou para o relógio. A sua vida agora tinha os minutos contados. - Entretanto, temos um jantar da família esta noite... de toda a família. A Kate vai ter lá a casa, e deixei um recado ao Josh.

- Ah, o Josh... - Ao encaminharem-se para a escada, Margo ia entrelaçando e separando os dedos. Precisava desesperadamente de um cigarro. - Há uma coisa que te devia contar.

- Olha para ali, Margo! - Rindo, Laura inclinou-se sobre a grade.

- O pai está na caixa registadora, e a mãe a arrumar as caixas. Eles não são maravilhosos?

- Os melhores.

Como é que ela podia contar a Laura que passara a noite a rolar pelos lençóis no Templeton Monterey com o seu irmão? "É melhor não dizer nada", decidiu Margo. E, de qualquer forma, era improvável que acontecesse de novo, pela maneira como se tinham despedido.

- O que é que me querias contar?

-Ah... ia só a dizer que vendi aquele teu vestido branco de contas.

- Ótimo. Nunca gostei dele.

Margo sentiu que tomara a decisão certa quando Josh chegou à Casa Templeton. Ele foi ter com a família no solário, trocou abraços afectuosos com os pais, depois serviu-se da bandeja de azeitonas. Brincou com as sobrinhas, discutiu com Kate uma questão esotérica de direito fiscal e foi buscar água mineral para Laura.

Quanto à mulher com quem passara a noite, cometendo actos que ainda eram ilegais em alguns estados, Josh tratara-a com a afeição distraída e um tanto irritante que os irmãos mais velhos reservavam às irmãs tolas.

Margo pensou em espetar-lhe um garfo de camarão na garganta.

Conseguiu conter-se, mesmo quando ele se sentou à mesa de mogno envernizado, entre Kate e ela.

Afinal, disse para si, era uma comemoração. Uma reunião. Até mesmo Ann, que considerava uma quebra da etiqueta os criados sentarem-se à mesa da família, fora persuadida a participar. "Um verdadeiro feito do sr. T.", pensou Margo. Ninguém lhe conseguia dizer não... ainda por cima se fosse mulher.

Parte do problema de Josh, com toda a certeza, era parecer-se tanto com o pai. Thomas Templeton era alto e continuava tão esguio quanto na

juventude. O homem que Margo adorava há já vinte e cinco anos envelhecera de uma maneira esplêndida. As rugas, que injustamente faziam uma mulher parecer acabada, acrescentavam-lhe classe e charme, quando se franziam em torno dos olhos cinzentos. Os cabelos ainda eram abundantes, com a atracção adicional de fios prateados entre o bronze.

Ele tinha um sorriso extremamente encantador. Mas, quando provocado, exibia um olhar firme e frio que enregelava as pessoas até aos ossos. Usava os dois recursos para gerir os seus negócios e a família, criando devoção, amor inabalável e uma pitada saudável de medo.

Havia rumores de que fizera o maior sucesso entre as mulheres na juventude, fascinando, seduzindo e conquistando à vontade. Até aos trinta anos, quando fora apresentado a Susan Conway. Nas palavras da própria Susan, ela perseguira-o como uma adúltera até o abocanhar.

Margo sorriu, ouvindo-o contar às netas de olhos arregalados histórias sobre manadas de elefantes e bandos de leões.

- Temos o vídeo do Rei Leão, avô - anunciou Kayla, remexendo nas couves-de-bruxelas na esperança de que um milagre as fizesse desaparecer.

- Já o viste umas mil vezes - comentou Ali, atirando os cabelos para trás, da maneira como vira Margo fazer.

- Então vamos ver mil e uma vezes. - Thomas piscou o olho a Kayla. - Teremos uma sessão de cinema mais tarde. Qual é o teu filme preferido, Ali?

- Ela gosta de ver filmes com beijos. - Respondendo, Kayla contraiu os lábios e soltou alguns estalos. - Ela quer dar um beijo na boca do Brandon Reno.

- Não quero, nada!

Aflita, Ali ficou vermelha. Aquilo demonstrava que nenhum segredo estaria seguro com a irmã mais nova.

- Não passas de uma criancinha. - Ela procurou um insulto maior. - Uma criança com cara de porco.

- Allison, não fales assim da tua irmã - protestou Laura, cansada. Os seus dois anjinhos andavam a agredir-se há várias semanas.

- E ela pode dizer o que quiser, só porque é bebé.

- Não sou bebé!

- Pensei que eras a minha bebé. - Thomas suspirou, com um ar triste. - Pensei que as duas eram as minhas bebés. Mas se já são crescidas e não precisam mais de mim...

- Posso ser a tua bebé, avô.

com os olhos arregalados e sinceros, Kayla fitou-o. E depois descobriu, para sua intensa alegria, que o milagre acontecera. As terríveis couves-de-bruxelas tinham desaparecido do seu prato e saltado para o prato do avô. O amor envolveu-a.

- Serei sempre a tua bebé.

- Mas eu já não sou uma bebé.

Longe de se render, Ali ergueu o queixo. Mas os lábios tremiam-lhe.

- Também acho que não. - Laura ergueu uma sobrancelha para o rosto rebelde da filha. - E, já que não és uma criança, não podes discutir à mesa com a tua irmã.

- Não sei... - Margo pegou no copo de vinho. A luz dos lustres de cristal e das velas acesas fazia o vinho faiscar em tons de vermelho e dourado. - Sempre discuti com a Kate à mesa.

- E em geral eras tu que começavas - acrescentou Kate, espetando um pedaço de borrego com o garfo.

- Eras tu que começavas sempre.

- Nada disso. Eu é que acabava. - Kate inclinou-se pela frente de Josh para sorrir. - E a ti mandavam-te para o quarto.

- Só porque a mãe sentia pena de ti... de tão grande que era a tua desvantagem.

- Só podes estar a brincar! Quando chegava a hora da confrontação verbal, ficavas sempre a perder. Mesmo quando eu tinha a idade da Ali, já conseguia...

- Não é um prazer voltar para casa, Tommy? - Susan levantou o seu copo num brinde. - É confortador descobrir que, não importa como a vida prossiga, pouca coisa muda. Annie, minha cara, como tem conseguido controlar as meninas na minha ausência?

- Não é fácil, sr.a T. Lembro-me de que a minha mãe tinha sempre uma vara de nogueira na cozinha.

Esquecida a guerra, Ali olhou espantada para Ann.

- A sua mãe batia-lhe com uma vara?

- Bateu-me uma ou duas vezes a sério... e sentar-me depois disso era um tremendo sacrifício. Mas, na maioria das vezes, a vara pendurada ao lado da porta era suficiente para nos fazer portar bem.

- A arma que a mãe usava era uma colher de pau - recordou Margo,

mudando de posição na cadeira.

- É um bom freio para uma boca atrevida.

- E bateu-me com ela uma vez, Annie. Lembra-se? Fora Josh quem falara.

- A sério? - Intrigada, Susan estudou o filho. - Nunca soube disso.

Josh bebeu um gole de vinho, enquanto observava Ann contorcer-se pelo canto dos olhos.

- A Annie e eu decidimos que seria o nosso pequeno segredo.

- E foi mesmo... até agora. - Annie aclarou a garganta, baixando as mãos para o colo. - Peço que me perdoe, sr.a T. Não tinha o direito de bater no menino.

- Não diga tolices. - Susan inclinou-se para a frente. - Mas quero saber o que ele fez para o merecer.

- Talvez eu estivesse inocente - protestou Josh. A mãe soltou uma gargalhada.

- Não houve um único dia de toda a tua vida em que tenhas sido inocente. O que é que ele fez, Annie?

- Estava a incomodar-me. - Mesmo depois de tantos anos, Ann ainda podia recordar a insistência na voz de Josh, o demónio nos seus olhos. - Para dizer a verdade, nunca conheci uma criança tão tenaz quanto o Menino Josh. Ele era capaz de importunar uma pessoa até ao fim do mundo.

- Persistência. - Josh sorriu para Ann, depois olhou para o pai. Uma característica dos Templeton, não é, pai?

- E muitas vezes isso valeu-me umas boas palmadas - concordou Thomas.

- Eu adoraria saber a história da sova que o Josh levou. - Margo pegou no copo, com uma expressão intensa. - Mais do que isso, estou a morrer de curiosidade. Quantas vezes bateu nele, mãe?

- Não contei. Foi...

- Eu contei. Cinco vezes. Em rápida e chocante sucessão. - Josh sustentou o olhar desdenhoso de Margo com a mesma expressão. Ainda digo que a culpa foi da Margo.

- Minha? Ora, isso é típico.

- Ele passava o tempo a gozar contigo - interveio Ann. - E a implicar com a menina Laura. Quando a menina Kate veio morar connosco, passou a ter um novo alvo. Ele tinha doze anos, se bem me lembro, e comportava-se

como um tirano.

- Era apenas uma questão de animação - alegou Josh. - E ainda acho que a Margo...

- Ela era quatro anos mais nova - interrompeu Ann, num tom que o fez sentir-se de novo com doze anos. - E o menino, que devia ter mais juízo, desafiou as meninas a descerem pelos penhascos à procura daquele tesouro imaginário. E ainda as chamou de uma série de coisas. E levou-as para lá depois de lhe dizer para ficar no jardim com elas por uma bendita hora. Uma bendita hora... só para eu poder terminar de passar a roupa em paz. Mas saiu com elas, e, se eu não tivesse visto a tempo, podiam ter caído dos penhascos.

- Ah, esse dia... - Margo sorriu. - Gostava de saber como isso pode ter sido culpa minha.

Josh aclarou a garganta, porque de repente sentiu a gravata muito apertada; e reflectiu que Annie não perdera o toque.

- Tu disseste que sabias onde estava o tesouro. Que o tinhas visto, até pegaras num dobrão de ouro.

Margo encolheu os ombros.

- Eu menti.

- O que te teria valido uma sova se eu soubesse disso na ocasião. Satisfeito, Josh serviu mais vinho.

- Estão a ver?

- Aguentaste como um homem, não foi? - Thomas inclinou-se para dar uma palmada amigável nas costas do filho. - E não envolveste o nome de uma mulher.

- Ele berrou como um gato escaldado. - O comentário sarcástico de Ann provocou gargalhadas em torno da mesa. - Mas que me doeu mais a mim do que a ele nunca foi mais verdadeiro. Tive a certeza de que seria despedida, com toda a razão, por dar uma sova no filho do patrão.

- Eu ter-lhe-ia dado um aumento - declarou Susan, descontraída.

- Nada como o amor de mãe - murmurou Josh.

- Mas ele veio ter comigo uma hora depois. Parecia ter pensado muito no assunto. - O olhar que Ann lançou agora a Josh transbordava de afeição. - Pediu desculpas e perguntou se não podíamos manter o assunto entre nós.

- Rapaz esperto - comentou Thomas, dando outra palmada nas costas do filho.

Mais tarde, enquanto Laura punha as meninas na cama, eles foram para

a sala de estar. Margo compreendeu que tinham sido momentos assim, em salas como aquela, que impulsionaram a sua busca por mais.

As luzes suaves dos abajures banhavam as paredes lustrosas, iluminavam as janelas escuras, com as cortinas abertas. As cores desbotadas dos tapetes orientais pareciam realçar o brilho do soalho de tábuas corridas de castanheiro.

"Uma sala perfeita numa casa perfeita", pensou ela, "com os móveis antigos da família, mais uma declaração de estabilidade do que de riqueza." Flores frescas, arranjadas com amor pela mãe, projectavam-se de jarras de porcelana e cristal. As portas abertas do terraço permitiam a passagem da fragrância da noite, com o toque certo do luar.

Era uma sala que irradiava elegância, afecto e aconchego. Margo compreendia agora, depois que partira em busca da sua própria sala, que se concentrara apenas na elegância. Negligenciara o afecto e o aconchego por demasiado tempo.

Josh sentou-se ao piano de cauda e improvisou um blues com Kate. "Uma música insinuante, que agita o sangue", meditou Margo. "E combina com Josh." Ele não tocava com frequência. Margo quase esquecera como ele era hábil com as teclas. E desejou que isso não a lembrasse da habilidade daquelas mãos no seu corpo na noite anterior.

Desejou também que ouvir as risadas de companheirismo de Josh e Kate, as cabeças encostando-se em intimidade, não lhe provocasse um ímpeto de ciúme.

"Uma reacção ridícula", disse a si mesma. Puro reflexo. Que não condizia com a maneira absurda como Josh se estava a comportar. Mas não permitiria que ele estragasse a sua noite. Iria aproveitar a noite com os Templeton, na casa que sempre amara, e Josh que se danasse.

Ele não poderia ao menos fitá-la num momento em que ela o contemplasse com desprezo?

Margo encontrava-se tão envolvida nos seus pensamentos sinistros, que nem notou o olhar tácito trocado entre os Templeton. com um aceno de cabeça, Susan levantou-se. Ia subir agora, juntar-se a Laura, descobrir como a filha se sentia exactamente.

Thomas serviu o conhaque, acendeu o único charuto diário que a esposa agora lhe permitia e foi sentar-se no sofá curvo. Os seus olhos encontraram-se com os de Margo, e ele bateu na almofada ao seu lado.

- Não tem medo de que eu comece a chorar de novo?
- Eu trouxe outro lenço.

Ela sentou-se, passou os dedos pela ponta do lenço branco no bolsinho do casaco.

- Linho irlandês. A mãe persuadiu-me a aprender a passar os seus lenços. Pareciam sempre moles e encolhidos quando saíam da máquina de lavar. Quando vejo linho irlandês, lembro-me sempre dos momentos em que fiquei de pé junto da tábua, na lavandaria, passando os seus lenços em perfeitos quadrados brancos.

- Passar roupa é uma arte perdida.
- Já se teria perdido há muitos anos se os homens tivessem de aprendê-la.

Ele riu e afagou o joelho de Margo.

- Agora fala-me sobre a tua loja.

Margo sabia que ele iria tocar no assunto e sabia também que se ia atrapalhar na explicação.

- A Kate pode fazer um sumário melhor e mais organizado.
- Pedirei os pormenores à Kate. Mas quero saber o que esperas obter dela.
- Ganhar a vida. Deixei a minha vida anterior.
- Fizeste asneiras a mais, menina. Não adianta tentar enfeitar ou passar panos quentes. O que estás a fazer agora?

Era um dos motivos pelos quais ela o amava. Thomas não tinha qualquer sentimentalismo perante os erros.

- A tentar convencer as pessoas a comprar o que quero vender. Acumulei uma série de coisas ao longo dos anos. Era algo que eu fazia muito bem. Ao arrumar tudo, compreendi que podia não me ter cercado de propósito de coisas interessantes ou potencialmente valiosas, mas fora o que fizera. Acho que tenho um bom olho para comprar.

- Não vou contestar. Sempre tiveste um bom sentido de qualidade.
- Mesmo quando não tinha o menor bom senso. Desperdicei o meu dinheiro em coisas e agora encontrei um caminho de que não preciso arrepender-me. Mas sei que comprar a loja, em vez de alugar, foi um risco.
- Se não fosse um bom investimento, a Kate não teria deixado que vocês fizessem isso... e não teria empatado o seu próprio dinheiro.

- Incluindo as obras e os custos iniciais, saiu a cerca de dois mil dólares

o metro quadrado. E mais alguns trocos.

- Um bom preço. - Thomas soprou o fumo do charuto. - Quem fez as obras?

- A Barkley & Sons tratou da parte da carpintaria e subcontratou a parte da canalização e instalação eléctrica. - Margo bebeu outro gole de conhaque.

- E eu mesma pinteí a maior parte da loja.

- E sabias pintar? - Ele sorriu em torno do charuto. - Alguma publicidade?

- Estou a usar o meu passado notório para conseguir entrevistas nos jornais e revistas, aparecer de vez em quando na televisão. A Kate vai tentar arranjar tempo para fazer uma projecção e determinar se podemos ter uma verba para propaganda.

- E como pretendes substituir o stockc?

Pensar no futuro deixava-a nervosa, mas Margo respondeu em tom incisivo:

- vou procurar em leilões e vendas de espólios. Pensei também em procurar algumas modelos e estilistas que conheço, negociar a compra de roupas usadas. Mas terei de expandir a partir disso, porque já temos vários pedidos para tamanhos maiores.

Ela acomodou-se no sofá, enroscando as pernas por baixo do corpo. Se alguém podia compreender a emoção dos negócios, esse alguém era o sr. T.

- Sei que só abrimos há dois dias, mas acho que pode dar certo. Não há qualquer outra loja parecida.

Margo esqueceu-se de ficar preocupada, e a voz passou a borbulhar de excitação.

- Ou pelo menos não conheço nenhuma loja que ofereça roupas de estilistas em segunda mão e da moda, juntamente com jóias, móveis, cristais e antiguidades.

- Não te esqueças dos electrodomésticos e objectos de arte lembrou Josh.

- A minha máquina de cappuccino não está à venda. Nem os meus quadros. Mas o resto... - Ela olhou para Thomas. - Eu até venderia a minha lingerie por um bom preço.

- Mas tu estás a vender a tua lingerie - acrescentou Kate.

- Só os peignoirs - corrigiu Margo. - E os négligés. A Laura já aumentou o stock. Mas a Kate, é claro, não quer separar-se nem dos chinelos.

- Ainda estou a usá-los.

- Mas estamos a atrair pessoas, e muitas têm comprado.

- E sentes-te feliz.

- Ainda não sei se me sinto feliz ou não, mas estou determinada.

- Nos negócios, Margo, isso é o que importa. - Thomas apertou o joelho dela. - Porque não montas uma vitrina de exposição no átrio do hotel?

- Eu...

- Temos meia dúzia para butikques, joalharias e lojas de presentes. Porque não cedermos uma para as nossas meninas? - Ele sacudiu o charuto no ar, deixando cair a cinza, que Margo automaticamente limpou dos joelhos.

- Josh, devias ter tratado disso. O Templeton cuida dos seus e sempre teve a política de apoiar as pequenas empresas.

- Já tratei. - Josh continuou a improvisar um boogie-woogie. - A Laura vai seleccionar as peças para o hotel e também para uma vitrina no resort.

Margo abriu a boca, surpreendida, depois rangeu os dentes.

- Podias ter-me dito.

- É verdade. - Josh lançou um olhar para trás, sem que os dedos errassem uma única nota. - Mas não disse. A Laura sabe o que funciona melhor para os clientes do Templeton.

- E eu não sabia de nada acerca disso.

- Lá vai ela de novo - murmurou Kate.

- Sei tanto quanto tu sobre os clientes do Templeton! - protestou Margo, esticando as pernas para se levantar. - Afinal, eu tenho sido cliente do Templeton. E, se estás interessado em exhibir mercadorias da Pretenses, tens de falar comigo.

- Está bem. - Josh parou de tocar piano e olhou para o relógio. Tenho uma partida de ténis com a mãe às sete horas. E marquei a reunião do conselho para as nove e meia. Por si pode ser, pai?

- Claro. - Thomas recostou-se com o seu conhaque. - Encontramo- nos às oito e quarenta e cinco para discutir antes aqueles outros assuntos.

- Combinado. - Josh tornou a olhar para Margo. - A Annie já deve ter feito a tua mala. Porque não a vais buscar?

- A minha mala? - Ela deu por si a oscilar entre a raiva e o espanto.

- Porque preciso de uma mala?

- Para não teres de sair a correr para a loja todas as manhãs a fim de trocar de roupa. Faz mais sentido teres as tuas roupas onde dormes.

Margo ficou com o rosto vermelho, não de embaraço, mas de fúria.

- Durmo aqui ou na loja.

- Já não. - Josh adiantou-se e pegou na mão de Margo, num aperto firme.

- A Margo ficará comigo no hotel, por enquanto.

- Ouve lá, ó parvalhão, só porque cometi o erro lamentável de dormir uma vez contigo...

- Nenhum dos dois dormiu. Mas vamos dormir esta noite. Tenho um dia movimentado amanhã. E agora vamos embora.

- Está bem, eu vou. - Os pés de Margo esbarraram nos dele. Terei o maior prazer em acompanhar-te só para dispor de tempo e privacidade para dizer tudo o que penso de ti.

Sempre atenta ao momento oportuno, Kate esperou até a porta se fechar, depois que os dois saíram, antes de se virar no banco do piano.

- Qual dos dois, tio Tommy, será encontrado pela manhã numa poça do próprio sangue e qual estará a empunhar o instrumento perfurante? Aposto todo o meu dinheiro na Margo. Ela é terrível quando se sente encurralada.

Thomas suspirou, tentando avaliar os novos factos.

- Pois eu aposto no meu menino, Kate. Nunca o vi perder uma luta, a menos que queira.

CAPÍTULO 15

MARGO não falou durante o percurso até ao hotel. Tinha muito que dizer, mas preferiu esperar. Porém, quando Josh lhe levou a mala da roupa para o quarto e a pôs no armário, ela atacou:

- Se tens a ilusão egocêntrica de que vim para fazer sexo contigo...

- Não esta noite, querida. - Ele afrouxou a gravata. - Estou exausto. O único som que Margo conseguiu emitir foi um grunhido estrangulado, enquanto estendia as mãos para empurrá-lo.

- Está bem, está bem, já que insistes. Mas não poderei oferecer o melhor desempenho.

- Não me ponhas as mãos em cima! Nem sequer penses nisso! Como sentia os pés cansados, Margo tirou os sapatos. Manteve um na mão, como uma possível arma, batendo ao de leve na outra palma, enquanto se punha a andar de um lado para o outro, irrequieta.

- Como se já não fosse terrível de mais contares à tua família o que aconteceu na noite passada comigo, ainda tiveste o atrevimento de mandar a minha mãe fazer-me uma mala.

- Pedi-lhe - corrigiu Josh, pendurando o casaco. - Perguntei se poderia pôr numa mala o que achava que tu precisarias para um ou dois dias. Até teres oportunidade de tratar pessoalmente do resto.

- E achas que isso faz com que tudo fique bem? Só porque dizes por favor e obrigado? O que é com certeza mais do que me dizes a mim.

Josh desabotoou a camisa e mexeu os ombros para aliviar a tensão.

- Não tenho a menor intenção de andar às escondidas da maneira como fizeste na escolha do teu último companheiro de cama, duquesa. Se vamos dormir juntos, terá de ser, em termos metafóricos, publicamente.

Ele tirou os sapatos, depois as meias, enquanto Margo pensava, à procura da resposta certa.

- Ainda não decidi se me vou deitar de novo contigo.

Josh fitou-a, com um ar divertido e uma expressão de desafio.

- Devias ter dito antes.

Por sorte de Margo, ele estava sentado na beira da cama. Assim, podia olhá-lo de cima, desdenhosa.

- Não gostei da maneira como te comportaste quando nos despedimos esta manhã.

- Então estamos empatados.

Josh levantou-se, tirou as calças e entrou na casa de banho para abrir a água na enorme banheira de hidromassagem.

- Agora que já acertámos isso, vamos parar com os jogos que alegaste que não ocorreriam. Ainda não acabámos um com o outro.

- Ele tirou as cuecas e entrou na banheira. - E agora quero relaxar um pouco antes de ir para a cama. Podes vir também.

- Achas que vou entrar nessa banheira contigo? Depois de teres passado a maior parte da noite a ignorar-me? - Os homens nunca a ignoravam, pensou ela, furiosa. Mas nunca mesmo. Josh pagaria por isso. - E a maneira como namoriscaste com a Kate?

- A Kate? - Genuinamente surpreendido, ele fitou-a. - Essa não, Margo! A Kate é minha irmã.

- Tanto quanto eu.

Sem saber se achava graça ou se cedia ao cansaço, Josh sentou-se na banheira, deixando que os jactos de água o envolvessem.

- Tens razão, ela não é minha irmã. Vamos pôr as coisas de outra maneira. Sempre pensei na Kate como minha irmã. - Ele fitou-a, antes de inclinar a cabeça para trás e recostar-se. - Nunca pensei em ti assim. Mas se sentes ciúmes...

Josh encolheu os ombros, sem concluir a frase.

- Não tenho ciúmes. - A simples ideia era uma agressão ao seu orgulho. - Seria preciso muito mais para me deixar com ciúmes. Estou a fazer uma declaração. Queres abrir os olhos e prestar atenção?

- Estou a prestar atenção, mas sinto-me muito cansado para abrir os olhos. Para alguém que não foi capaz de esperar para fazer as suas advertências de não levarmos o caso muito a sério, que não deveríamos impor condições um ao outro, portas-te agora mais como uma esposa chata do que como uma amante ocasional.

- Não estou a armar-me em chata. - Margo fechou a boca por um instante, com receio de estar a fazer justamente isso. - Muito menos estou a portar-me como uma esposa. Pelo que observei sobre esposas, qualquer uma que tivesse um mínimo de amor-próprio já te teria expulsado a esta altura.

Josh limitou-se a sorrir e afundou-se mais um pouco na água.

- É o meu apartamento, querida. Se alguém deve ser expulso daqui, és tu.

Margo pôs a mão na cabeça dele. com a vantagem da surpresa e da posição, conseguiu mantê-lo debaixo de água por dez gloriosos segundos. Valeu até pela água salpicada na roupa de linho branco quando ele voltou à superfície.

- vou pegar na mala e pedir outro quarto.

Josh agarrou-a pelo pulso, com força, desequilibrou-a o suficiente para que tivesse de se abaixar, na beira da banheira. Os olhos encontraram-se.

- Tu não...

Ela parou de falar, antes de lançar o desafio. Mas já o insinuara, agora era tarde de mais. Josh puxou-a para a banheira. Enquanto Margo se debatia e gritava, ele passou os braços em torno do seu corpo e manteve-a dentro de água.

Olhou para o tecto por alguns segundos, enquanto ela esperneava, e cantarolou por mais alguns segundos, enquanto ela se debatia. Depois, levantou-a pelos cabelos.

- Seu desgraçado! vou...

- Então, ainda não acabei!

Divertido, Josh tornou a puxá-la para baixo. A banheira era suficientemente grande para quatro pessoas, o que era conveniente, já que Margo estava escorregadia, e ele precisava de espaço para manobrar. Enquanto ela ofegava e tentava remover os cabelos molhados dos olhos, Josh já lhe tirara o casaco. Empenhava-se agora em remover a blusa molhada e colada ao corpo.

- O que pensas que estás a fazer?; -Atirar-te a roupa. - Ele abriu o fecho da frente do sutiã. -Já não me sinto cansado.

com os olhos contraídos, Margo mudou de posição tão depressa, que pôde comprimir o joelho perigosamente contra a virilha de Josh.

- Por acaso tens a noção completamente errada e essencialmente masculina de que ser dominada pela força me excita?

Era uma situação difícil, pensou Josh.

- Isso mesmo... de certa forma. Margo aumentou a pressão.

- De certa forma para quem?

- Ah... - Ele resolveu correr um risco. Estendeu a mão para roçar o polegar no mamilo de Margo. Estava duro como pedra. - Eu podia ter

resistido se não me tivesses desafiado.

A pressão diminuiu um pouco, e Josh calculou que era seguro respirar de novo.

- Quero que fiques comigo, Margo. - A voz era suave agora, quase um murmúrio, enquanto ele acariciava a perna dela. - Se preferires ir para outro quarto para pensar nisso, não há problema. Se não te sentes com disposição para o sexo, também não há problema.

Por um momento, ela limitou-se a estudá-lo. "Tão inocente", pensou, "excepto pelo brilho malicioso nos olhos. Tão paciente... excepto pelo sorriso de desafio que lhe repuxa os cantos da boca."

- Quem disse que não estou com disposição? - Margo empurrou para trás os cabelos molhados e fitou-o com uma expressão irresistível.

- Vais ajudar-me a tirar o resto destas roupas encharcadas, ou terei de fazê-lo sozinha?

- Se me dás licença...

Era uma experiência interessante, viver com um homem. Margo nunca fizera isso antes porque não se sentira disposta a partilhar o seu espaço ou privacidade com alguém por mais que um fim-de-semana nas montanhas, alguns dias na praia ou um longo cruzeiro.

Mas tudo corria bem com Josh. Margo pensou que talvez fosse porque tinham vivido sob o mesmo tecto durante anos... e porque o tecto sobre as suas cabeças fosse agora o de um hotel.

Fazia com que tudo parecesse menos estruturado, mais como um arranjo casual do que um compromisso. "Só estavam a partilhar aposentos", reflectiu ela, "e aposentos comerciais ainda por cima." As flores eram sempre frescas, os móveis envernizados, as toalhas trocadas por empregadas que quase não viam. Isso mantinha tudo impessoal, quase como um fim-de-semana prolongado.

"Diversão e jogos", concluiu Margo, exactamente o que ela e Josh queriam, e esperavam um do outro.

Ninguém na família questionou os seus novos aposentos. Depois que os dias se prolongaram por uma e duas semanas, ela começou a especular porque ninguém lhe falava em nada.

A sua mãe, pelo menos, devia mostrar-se indignada ou calada e contrariada. Mas Ann parecia totalmente despreocupada. Nenhum dos Templeton parecia sequer estranhar a situação. E, embora ela surpreendesse

Laura a observá-la com uma expressão preocupada de vez em quando, ela também não fez qualquer comentário. Foi Kate quem fez o único comentário, incisivo:

- Se lhe partires o coração, eu torço-te o pescoço.

Era uma declaração tão absurda que Margo optou por ignorá-la, em vez de morder a isca. Já tinha muito com que se preocupar sem o temperamento mal-humorado de Kate. Chegavam-lhe aos ouvidos os ecos das intrigas espalhadas por Candy... as mercadorias na Pretenses eram deselegantes e caras de mais, o serviço negligente, grosseiro e inexperiente. Laura exagerara ao ajudar a amiga imprudente e indigna, acabariam por falir num mês. As roupas não passavam de cópias baratas em tecidos de péssima qualidade.

Remoer a vingança de Candy e a ameaça de falência inevitável consumiam o tempo de Margo. A loja absorvia-a pelo menos dez horas por dia, seis dias por semana. No único dia em que fechava, Margo lutava com a papelada, até ficar com os olhos cansados pelo esforço em aprender os rudimentos de contabilidade. Embora se ressentisse de cada minuto em que fora obrigada a ficar sentada numa sala de aula, considerava agora a possibilidade de fazer um curso de gestão.

Lá estava ela numa linda manhã de domingo, com um cigarro a arder no cinzeiro ao seu lado, a carregar nas teclas do computador - o tal que Kate insistira que não podiam dispensar- e empenhada em encontrar sentido numa folha de cálculo.

Porque havia tantas contas? Havia agora mais contas a esvaziar-lhe os bolsos do que no tempo em que estava desempregada. Como é que alguém se podia lembrar de quanto, quando e a quem pagar sem perder a sanidade? A vida era muito simples quando contava com um gerente para cuidar de todos os irritantes pormenores financeiros da vida.

- Não te esqueças onde isso te levou, Margo - murmurou ela. Concentra-te. Assume o controlo.

- Eu disse-te que isto era a sério.

Ao som da voz, Margo soltou um grito e virou-se abruptamente. O manual do computador, que tinha ao colo, caiu ao chão.

- Percebo o que quiseste dizer - concordou Kate. - Só espero que não seja tarde de mais.

- Porque não me fuzilam logo na próxima vez? - Margo cruzou as mãos sobre os seios, comprimindo para manter o coração no lugar. - O que estão a

fazer aqui?

- Viemos salvar-te.

Laura adiantou-se a tempo de pegar no cigarro aceso, antes que caísse e ateasse fogo aos papéis espalhados em torno da cadeira de Margo e apagou-o com todo o cuidado.

- A falar sozinha, a beber sem parar.

- É café.

- Fechada no quarto, a contar o dinheiro como o Silas Marner arrematou Laura.

- Não estou a contar o meu dinheiro... embora já esteja em condições de pagar mais cinco mil dólares de dívidas, apesar da intriga de Candy Litchfield para me ver liquidada... estou apenas...

- Ela vai começar a delirar a qualquer momento - interrompeu Kate. - Eu disse que devíamos ter trazido o colete-de-forças.

- Muito engraçado. - Margo pegou no maço de cigarros e acendeu mais um. - Já que são tão inteligentes e espertas, podiam explicar-me novamente toda esta questão dos seguros. Porque temos de pagar esses... como é que se chamam?

- Prémios - respondeu Kate, sarcástica. - Chamam-se prémios, Margo.

- Acho que deviam chamar-se extorsão. Estou a falar a sério. Olhem só para isto. Seguro contra incêndio e roubo, seguro de hipoteca, seguro de escritura, seguro de terramoto, seguro total... o que quer que isso signifique, pois é incompreensível para mim. E isto aqui de "guarda-chuva". É algum termo de seguro bonitinho para protecção contra enchentes?

- É isso mesmo. - Kate revirou os olhos. - As seguradoras estão cheias de brincalhões. Aqueles rapazes são muito engraçados. Vais descobrir isso na primeira vez que apresentares um pedido de indemnização.

- Escuta, espertinha, podias pelo menos explicar outra vez como tudo funciona.

- Não, não, suplico-te! - Laura segurou Kate pelos ombros. - Por favor, não expliques mais como funciona. E não fales sobre a coisa de novo.

- A coisa? - repetiu Kate.

- Sabes o que é... a coisa.

- Isso mesmo, a coisa. - Margo mudou de posição na cadeira. Para dizer a verdade, gostava muito de conversar sobre a coisa.

- Ah, aquela coisa... - Kate farejou o café de Margo, decidiu que

provavelmente estava saboroso e pegou na chávena. - Muito bem, aqui está a coisa. Os pagamentos de impostos estimados são divididos em quatro prestações...

Ela parou de falar, lançando um olhar cordial a Laura.

- Foi um grito muito bom. Percebo agora com quem a Kayla aprendeu. - com um suspiro, Kate inclinou-se e, para aflição e inveja de Margo, mexeu no teclado, fazendo o ecrã apagar-se. - Pronto, desapareceu tudo. Senteste-te melhor agora?

- Muito melhor. - Laura estremeceu. - Mas foi por pouco.

- Vocês as duas estão de óptimo humor. - Margo arrancou o seu café das mãos de Kate. - E agora podem sair e irem divertir-se. Há pessoas que precisam de trabalhar.

- É pior do que eu pensava. - Laura soltou um suspiro. - Muito bem, Sullivan, vem de livre vontade ou teremos de usar a força. É para o teu próprio bem.

Margo não sabia se havia de rir ou gritar por socorro quando as duas se adiantaram e lhe pegaram pelos braços.

- Então, o que querem de mim?

- Terapia de choque - respondeu Kate, com uma expressão sombria.

Uma hora depois, Margo estava nua e a suar. Deitada de costas, ela deixou escapar um gemido longo e sentido.

- Ah, que coisa...

- Tenta relaxar. - Laura afagou a mão da amiga. - Vais sentir-te melhor num instante.

- É a minha mãe?

com uma gargalhada, Laura recostou-se. O vapor turbilhonava, dissipando também uma parte da sua tensão. Tivera a ideia de passar um dia nas instalações de spa do resort em benefício de Margo, mas também lhe estava a fazer bem.

- Vocês gostam mesmo de ficar aqui deitadas desta forma? - Kate virou-se no banco de cima e olhou para Margo. - De facto, estamos a divertir-nos?

- Tenho vontade de chorar. Até já me tinha esquecido de como isto era. - Margo estendeu a mão para apertar o joelho de Laura. Devo-te a minha vida. vou fazer uma massagem facial, tomar um banho de lama e arranjar os pés.

-Já que estás no hotel, não sei porque não aproveitas. As instalações lá não são tão amplas quanto estas, mas sempre se pode fazer uma sauna, fazer

uma massagem. E as massagens faciais no salão de beleza são ótimas.

- Ela anda demasiado ocupada a engalfinhar-se com o Josh. Laura estremeceu.

- Importas-te de mudar de assunto? É uma imagem que prefiro não ter na cabeça.

- Pois eu gosto. É como um programa no canal Discovery. Dois animais dourados a acasalarem. - Quando Laura soltou um grunhido, o sorriso de Kate alargou-se. - E então, Margo, ele é bom ou não? Dá uma nota, numa escala de um a dez.

- Já saímos da escola secundária. Já não dou notas aos homens. Margo virou-se de barriga para baixo. - Doze. Talvez catorze.

- A sério? - A ideia deixou Kate animada. - O velho Josh. O nosso Josh. "O meu Josh." Margo quase disse, antes de se controlar.

- Ignora a idiota lá em cima - disse ela a Laura. - Isto incomoda-te? O Josh e eu?

- Não, não incomoda. - Contrafeita, Laura mudou de posição. É só estranho. O meu irmão, uma das minhas maiores amigas e sexo. É muito... esquisito. Mas não é da minha conta.

- Ela está preocupada, a pensar que tu o podes deitar fora como uns velhos sapatos Ferragamo quando acabares com ele.

- Cala a boca, Kate! E deixei de deitar fora os meus sapatos velhos. Agora vendo-os. Laura, o Josh e eu compreendemo-nos.

- Tenho as minhas dúvidas.

A conversa foi interrompida quando a porta se abriu.

- Olhem só, vejam quem está aqui! A Candy Cane em pessoa! Como os seus dentes ameaçavam ranger, Kate controlou-os com um sorriso ameaçador. - Não vai ser uma agradável reunião?

com a cabeça erguida, envolta por um turbante de toalha, Candy sentou-se no banco em frente a Laura.

- Vejo que vocês as três ainda saem em bando.

- Como uma matilha de cães raivosos - concordou Kate. - E, já que és tu que estás a tentar roubar o nosso osso, tem cuidado para não seres mordida.

- Não sei do que estás a falar.

- Mercadorias inferiores, a preços exorbitantes. É melhor teres cuidado com o que dizes, Candy, antes de te veres metida numa acção por calúnia.

- Expressar uma opinião não é calúnia. - Candy verificara com o

segundo marido, o advogado, para ter a certeza. - É uma questão de bom gosto.

Orgulhosa do corpo que o primeiro marido, o cirurgião plástico, ajudara a criar, Candy abriu a toalha.

- Era de esperar que tivesses mais cabeça, Laura. Mas, ao que parece, a tradição de família e a educação não são suficientes para garantir o bom gosto em matéria de companhias.

- Estava a pensar nisso. - Margo sentou-se. - Ambos os teus "ex" tinham óptimos pedigrees. Não dá para entender.

com alguma dignidade, Candy cruzou as pernas nuas.

- Eu queria mesmo era conversar contigo, Laura, sobre o Clube de Jardinagem. Nestas circunstâncias, acho que seria melhor que renunciasses ao teu lugar na comissão. - Como Laura apenas erguesse uma sobrancelha, Candy passou a ponta da toalha pelo pescoço e acrescentou: - Há rumores sobre ti e o Peter, sobre a tua associação com... - Candy desviou os olhos para Margo por um instante, depois arrematou: - Certos elementos inadequados.

- Eu sou o elemento inadequado - comentou Margo para Kate.

- Isso não é nada. Eu sou um elemento indesejável. Não é mesmo, Candy?

- Tu és simplesmente detestável.

- Estás a ver? - Sorridente, Kate inclinou-se, fitando o rosto levantado de Margo. - Sou detestável. Porque sou pobre e parente distante. Os Powell não passavam de um ramo questionável dos Templeton.

-Já ouvi dizer isso.

- E ainda por cima sou uma contabilista. O que é muito pior do que ser uma lojista. Afinal, discutimos dinheiro.

- Já chega. Se queres o meu lugar, Candy, é todo teu. - A voz de Laura estava calma. Só lamentava não poder arrebentar a cabeça vazia de Candy. - Isso vai dar-me mais tempo para me associar com elementos inadequados e indesejáveis.

A capitulação foi um desapontamento. Candy esperara por luta.

- E o que é que o Peter está a achar do Havai? - indagou ela, desdenhosa.
- Ouvi dizer que desta vez ele viajou na companhia daquela tua atraente secretária. Mas, agora que penso nisso, lembro-me de que eles fizeram várias viagens... de negócios há já algum tempo. Deve ter sido terrível para ti, descobrires-te substituída por uma empregada da tua própria empresa. Ela é

bastante jovem, não é?

- A Candy gosta de jovens - declarou Kate, com a fúria borbulhando. - Que idade tem aquele garoto que trata da piscina com quem andas enrolada, Candy? Dezasseis?

- Ele tem vinte anos! - respondeu Candy, com a voz ríspida, para depois se enfurecer pela facilidade com que caíra na armadilha. Pelo menos consigo arranjar um homem. Mas tu não queres um homem, não é verdade, Kate? Toda a gente sabe que és lésbica.

Margo soltou uma gargalhada e teve de levar a mão à boca para reprimir outra.

- Oh, Kate, o segredo foi revelado!

- É um alívio. - Kate inclinou-se para a frente, lançando um olhar malicioso ao corpo de Candy. - Estou de olho em ti há anos, Lábios de Mel, mas sou muito tímida para dizer alguma coisa.

- É verdade. - com um ar de conspiradora, Margo também se inclinou para Candy. - Ela tinha medo do amor que sentia por ti.

Apreensiva, insegura, Candy remexeu-se no banco.

- Isso não tem graça nenhuma.

- Não tem mesmo. Pelo contrário, é doloroso, angustiante. - Kate estendeu as pernas e desceu do banco. - Mas agora que conheces a verdade, posso fazer finalmente com que sejas minha.

- Não me toques! - com um grito estridente, Candy levantou-se de um pulo, suspendendo a toalha. - Não chegues perto de mim!

- Acho que elas querem ficar a sós - comentou Laura, enrolando a toalha por cima dos seios.

- Eu odeio-te! Odeio-as a todas!

- Ah... - Kate tremeu toda. - Ela não é a coisinha mais sensual que já existiu?

- És repulsiva!

Temendo pela sua vida, Candy saiu a correr da sala de vapor, deixando a toalha para trás.

- Perversa... - murmurou Margo, quando Kate se deixou cair no banco, às gargalhadas.

- Toma cuidado para não me deixares excitada. Se eu fosse lésbica, serias muito mais o meu tipo. - Recuperando o fôlego, ela olhou para Laura. - Querida, não deixes que ela te irrite.

- Ha? - Distraída, Laura olhou para trás. - Eu estava apenas a pensar... quanto acham que ela pagou por aquela plástica nos seios?

- Não foi o suficiente. - Margo levantou-se, prendendo a toalha em torno do corpo. - Vamos trancá-la num armário. Em honra dos bons velhos tempos.

- Gosto de homens - insistiu Kate, irrequieta, enquanto as suas unhas dos pés eram pintadas. O salão em rosa e branco fora projectado para deixar uma mulher relaxada e animada. Kate sentia-se ali nervosa. - Só não tenho tempo para eles.

- Não vais mais precisar de tempo depois de a Candy acabar o seu serviço - comentou Laura. Ela bebeu um gole da água mineral com gás e relaxou nas almofadas macias da cadeira giratória. - Qualquer homem num raio de cem quilómetros passará a evitar-te como uma vasectomia.

- Talvez seja uma bênção. - Kate deu uma olhadela às revistas de moda que estavam sobre a mesa ao seu lado, sem descobrir nada de interessante. - É capaz de desencorajar aquele idiota do Bill Pardoe de me telefonar a todo o instante.

- O Bill é um homem muito doce e decente.

- Pois então sai com ele, deixa-o fazer-te cócegas no joelho e chamar-te querida.

- Ela sempre foi muito exigente. - Margo mantinha os olhos fechados, quase gemendo de prazer enquanto os seus pés eram massajados. - Terias muito mais diversão na tua vida se andasses à procura do Senhor Divertido em vez de procurares o Senhor Perfeito.

- Quero mais de um encontro do que apenas uma carteira recheada e um pénis.

- Meninas, meninas... - Laura tornou a pegar na sua água mineral. - Temos de nos manter unidas. Se a Candy cumprir a ameaça e entrar com um processo por agressão, pode tornar-se uma situação desagradável.

- Mas, seu guarda - arrulhou Margo, piscando o olho -, foi apenas uma brincadeira infantil... Ora, ela não vai humilhar-se ao admitir em público que pela segunda vez na vida foi trancada nua no armário de um vestiário. A Candy é mais subtil. Acho que dentro de uma semana nós três teremos novas identidades. A vagabunda, a megera e a fufa.

- Talvez eu goste de ser a megera - murmurou Laura. - Ser fraca envelhece depressa.

- Tu nunca foste fraca - protestou Margo, a lealdade em pessoa.

- Treinei para o ser durante anos. Precisarei de algum tempo para dar o pulo e tornar-me megera. Mas vou tentar. Josh?

Ela pestanejou, aturdida, quando viu o irmão entrar no salão, com um ar ansioso e aflito.

- Senhoras... - Ele atirou-se para uma cadeira vazia, pegou no copo de Margo e bebeu. - Ora, vocês parecem...

Josh fez uma pausa, estudando os três rostos cobertos com uma substância verde.

- Horríveis. Estão a divertir-se?

- Vai-te embora. - Viver com um homem não significava que ele tinha de vê-la com uma máscara à base de algas marinhas, decidiu Margo. - Isto é uma reunião de mulheres.

Ele largou o copo vazio, pegou no de Kate e bebeu-o também.

- Eu estava no segundo set com o Cari Brewster, num campo daqui. Vocês conhecem o Cari Brewster, jornalista de televisão, repórter de investigação, âncora do Informed, um programa antigo e respeitado, com alto índice de audiência.

O tom da sua voz fez Laura morder o lábio. -Já ouvi falar. Como está o Cari?

- Em boa forma, mas eu estava a ganhar. Voltando ao assunto. O Informed está a planear fazer uma série de reportagens sobre os melhores hotéis do mundo, tendo o Templeton um destaque. Passei semanas a trabalhar para que as suas equipas filmassem os nossos hotéis, entrevistassem empregados e alguns hóspedes. Tudo para mostrar ao público a distinção, sofisticação, classe incomparável e hospitalidade do Templeton, no mundo inteiro.

Josh largou o copo de Kate. Sem dizer nada, Laura estendeu o seu.

- Tenho a certeza de que eles conseguiram cenas maravilhosas.

- Nem podia ser de outra forma. Quando o Cari sugeriu que filmássemos uma cena de nós dois a jogar ténis no nosso resort de referência, aqui em Monterey, claro que concordei. Um toque humano, o vice-presidente da Templeton desfrutando o ambiente agradável em que os hóspedes são sempre bem tratados, todas as suas necessidades satisfeitas.

Ele fez uma pausa, ofereceu um sorriso encantador para as esteticistas à espera e pediu:

- Importam-se de nos dar licença por um momento?

Depois que elas se afastaram para uma distância discreta, o sorriso de Josh transformou-se num amuo.

- Imaginem a minha surpresa, a minha aflição, quando uma das nossas frequentadoras regulares apareceu a correr diante das câmaras, o seu roupão do Templeton Spa aberto, os olhos arregalados, balbuciando acusações de que fora atacada... fisicamente atacada... por Laura Templeton Ridgeway e as suas cúmplices.

- Oh, Josh, sinto muito...

Laura virou a cabeça, com a esperança de que ele considerasse isso como uma demonstração de vergonha. Não podia rir-se. Mas Josh mostrou os dentes.

- Basta uma gargalhada, Laura. Só uma.

- Não estou a rir-me. - Recuperando o controlo, ela tornou a virar-se. - Sinto muito. Deve ter sido embaraçoso de mais para ti.

- E não será ainda mais engraçado quando mostrarem a cena? Claro que vão editar e cortar muita coisa para manter tudo dentro dos padrões e normas, mas acho que a audiência, milhões de pessoas que assistem ao Informed todas as semanas, vai entender a essência.

- Foi ela quem começou - disse Kate, para depois estremecer quando Josh a fitou com os seus olhos implacáveis. - Foi ela.

- Tenho a certeza de que a mãe e o pai vão compreender. Até mesmo a destemida Kate podia ser intimidada.

- A ideia foi da Margo.

Margo murmurou entre os dentes semicerrados:

- Traidora. Ela chamou lésbica à Kate.

Balançando a cabeça, Josh cobriu o rosto com as mãos e esfregou com força.

- E só por isso vocês pegam numa corda para enforcá-la.

- Imagino que tu a deixarias escapar impune. A Candy tem tentado prejudicar a loja por todos os meios possíveis. Disse coisas horríveis sobre a Laura. - A voz de Margo era cada vez mais veemente. E no outro dia entrou na loja e chamou-me vagabunda. Uma vagabunda de segunda classe.

- E a vossa reacção foi reunirem-se para atacá-la, três contra uma, bateram nela, e deixaram-na nua trancada num armário?

- Não batemos nela. Nem uma única vez. - "Mas eu bem que gostaria de ter batido", pensou Margo. - Quanto ao armário, foi uma questão de tradição.

Não fizemos mais do que embará-la, o que ela mais do que merecia, depois da maneira como nos insultou. E, de qualquer forma, um homem de verdade aplaudiria a nossa acção.

- Ao contrário do que acontece contigo e as tuas irmãs idiotas aqui presentes, insultos desprezíveis de mulheres malucas não me incomodam. E o momento que vocês escolheram foi oportuno e perfeito. - Josh inclinou-se para a frente, satisfeito por ser capaz de retribuir na mesma moeda pelo comentário sobre o "homem de verdade". - Eu tinha começado a convencer o Cari a aceitar a ideia de uma história paralela sobre a última novidade de uma herdeira Templeton. A sociedade de Laura Templeton Ridgeway com as suas antigas e queridas amigas, Margo Sullivan... isso mesmo, La Margo Sullivan... e Kate Powell. Mulheres elegantes e inteligentes que tinham criado e estavam agora a gerir um empreendimento de alta classe.

- Vamos aparecer no informed? Mas isso é sensacional! Ele lançou um olhar furioso para Margo.

- És mesmo uma idiota. O que vão conseguir, a menos que eu consiga ser suficientemente persuasivo, é um processo civil por perdas e danos, talvez até um processo criminal. Ela alega agressão, abusos verbais e físicos... e, agora que sei que a Kate é lésbica, está explicada a acusação adicional de abuso sexual.

- Não sou lésbica - protestou Kate, furiosa. - Embora a maneira como ela falou tenha sido um insulto para qualquer pessoa racional que apoia a liberdade de preferência sexual.

Pela expressão de Josh, ela compreendeu que não era o momento de qualquer discurso liberal ou feminista, pelo que mudou de posição e assumiu um ar magoado.

- E nunca toquei nela por qualquer forma sexual. É um absurdo total, Josh, e tu sabes disso. Ela insultou-nos, e retribuímos. Isso é tudo.

- Não, não é tudo. O Templeton Resort não é uma aula de ginástica na escola secundária. Este é o mundo adulto. Nenhuma de vocês se lembrou de que o segundo marido de Candy é advogado? E um advogado que adora mover e ganhar estes processos por perdas e danos. Ela pode até ficar com a loja.

O sangue esvaiu-se do rosto de Margo.

- Isso é absurdo. Ela jamais conseguiria. Nenhum tribunal a levaria a sério.

- Talvez não. - A voz de Josh era fria e incisiva. - Mas o tempo e a despesa que terias de empatar no processo poderiam esvaziar o teu capital.

Ele levantou-se, sacudindo a cabeça para as três.

- Se não prestaram atenção nos últimos dez anos, devo informá-las de que as aulas acabaram. E agora continuem sentadas aqui, a pintar as unhas dos pés, enquanto eu volto a trabalhar na tentativa de salvar a pele das três.

- Ele está mesmo furioso - murmurou Kate, assim que Josh saiu.

- Uma de nós deveria ir conversar com ele.

Ela olhou de Margo para Laura.

- Uma das duas.

- Eu vou.

Laura levantou-se, sentindo-se ridícula nas chinelas de papel, com bolas de algodão entre os dedos.

- Não. É melhor avisares os teus pais, contares o que fizemos. Margo suspirou, fez um esforço para não se sentir apavorada. - Farei o que puder com o Josh.

Ela deu-lhe uma hora. De qualquer forma, precisou desse tempo para se preparar. Ao enfrentar um homem furioso, raciocinou Margo, era mais sensato apresentar-se no seu melhor.

Josh estava a falar ao telefone, à sua secretária no escritório, quando ela entrou. Nem sequer a fitou. A sessão de quinhentos dólares no spa não fez a menor diferença, pensou Margo. Sem dizer nada, ela foi até à secretária, esperando que o telefonema terminasse.

Ele compreendeu que a assustara. E fora essa a sua intenção. O temperamento selvagem era uma parte do que o atraía em Margo. Mas, nas últimas semanas, observara-a a canalizar esse temperamento, toda a sua energia e paixão, na construção de alguma coisa para si própria. Irritava-o que ela se arriscasse a prejudicar o seu empreendimento por um acesso de irresponsabilidade.

- Isso mesmo, eu disse um ano inteiro. Todo e qualquer serviço. Mandarei um memorando relacionado com isso. Vai recebê-lo amanhã.

Josh desligou e tamborilou com os dedos sobre a mesa.

- Diz-me o que tenho de fazer, Josh. Se um pedido de desculpas ajudar, irei até lá agora mesmo e falarei com ela.

- Dá-me um dólar.

- Como?

- Dá-me a porra de um dólar! Aturdida, Margo abriu a mala.

- Não tenho nenhuma nota de um dólar. Só de cinco. Ele arrancou a nota dos dedos de Margo.

- Agora sou o teu advogado. Como tal, aconselho-te a não admitir coisa alguma. Não pedirás desculpas por nada, porque não fizeste nada. Não sabes do que ela está a falar. Agora, se me disseres que havia seis outras mulheres nuas e três empregadas por perto, vendo vocês empurrarem a Candy para o armário, terei de matar-te.

- Não havia mais ninguém lá. Não somos idiotas. - Margo fez uma careta. - Sei que pensas que somos, mas não seríamos suficientemente estúpidas para fazer aquilo na presença de testemunhas. Na verdade, calculámos tudo para que ela ficasse presa ali por mais tempo.

Margo fez uma pausa, sorriu contrafeita.

- Parecia uma boa ideia na ocasião. - Como Josh nada dissesse, ela enfureceu-se de novo. - Não foste tu que partiste o nariz do Peter?

- Eu podia dar-me ao luxo desse prazer.

- Ah, isso é mesmo teu. O herdeiro Templeton pode comportar-se da maneira que quiser, e que se danem as consequências.

Os olhos de Josh faiscaram, com um brilho perigoso.

- Digamos apenas que eu escolho as minhas batalhas.

Margo fez um esforço para se controlar. A atitude e posição de Josh não estavam em jogo.

- Qual é a gravidade da minha situação? Sei que não és um advogado de júri. Portanto, esses cinco dólares não vão adiantar muito se o caso for a julgamento.

- Depende da obstinação da Candy. - com algum esforço, ele acalmou-se. A estocada de Margo no seu carácter não era novidade.

- A posição oficial da Templeton será de choque e pesar pelo facto de o incidente ter ocorrido quando ela era uma hóspede. Vamos compensá-la pela inconveniência com um ano de serviços complementares em qualquer dos nossos Spa Resorts. Isso pode resolver o impasse... mais o facto de que a divulgação do incidente seria embaraçosa para ela.

Ele passou a nota de cinco dólares entre os dedos e largou-a em cima da mesa.

- Ela pode satisfazer-se com comentários maldosos sobre ti e a loja, usar a sua influência para que as amigas a boicotem. E, já que ela tem um vasto

círculo de conhecidas, um boicote será prejudicial.

- Arranjaremos forma de contornar a situação. - Mais calma, Margo passou as mãos pelos cabelos. Viera desculpar-se e tencionava fazê-lo direito. - Sinto muito. Sei que todo o episódio foi... é... embaraçoso para ti e para a tua família.

Josh apoiou os cotovelos na mesa, pôs o queixo sobre os punhos cerrados.

- Ela correu a gritar pelo campo. Eu tinha acabado de bater na bola, quase que lhe acertei. As câmaras estavam a filmar, e lá estava eu, tentando oferecer a melhor imagem do hoteleiro de sexta geração, o herdeiro do nome Templeton, atlético mas inteligente, um homem viajado mas dedicado.

- És bom nisso - murmurou Margo, na esperança de apaziguá-lo. Josh nem sequer olhou para ela.

- E de repente tinha nos braços aquela mulher seminua, cuspiendo, praguejando, ameaçando com as unhas, a gritar que a minha irmã, a sua amiga lésbica e a minha prostituta a tinham agredido.

Ele carregou na testa, esperando aliviar um pouco da tensão.

- Calculei no mesmo instante quem era a minha irmã. A amiga lésbica poderia confundir-me, se não fosse pelo processo de eliminação. - Josh levantou a cabeça. - Senti-me tentado a dar-lhe uma sova com o cinto, mas estava ocupado de mais a tentar evitar que ela me arranhasse o rosto com aquelas garras.

- Um rosto tão bonito... - Na esperança de apaziguá-lo, Margo contornou a secretária e sentou-se no seu colo. - Lamento que a Candy tenha descarregado em ti.

- Ela conseguiu arranhar-me.

Josh virou a cabeça para mostrar as três marcas vermelhas no lado do pescoço. Margo beijou-as.

- O que vou fazer contigo? - Cansado, ele encostou o rosto na cabeça de Margo. Depois, soltou uma gargalhada. - Como conseguiram metê-la naquele armário tão estreito?

- Não foi fácil, mas foi divertido. Ele contraiu os olhos.

- Nunca mais vais fazer isso, não importa qual seja a provocação... a menos que lhe dê tranquilizantes primeiro.

- Combinado. - Como a crise parecia estar superada, Margo enfiou a mão por baixo da camisa dele, acariciou-lhe o peito, observando-o a erguer as

sobrancelhas. - Fui encerada e envernizada... se estiveres interessado.

- Só para que o dia não seja uma perda total...

E Josh levantou-a ao colo, levando-a para a cama.

CAPÍTULO 16

AS CONSEQUÊNCIAS não demoraram muito. As vendas e as visitas caíram abruptamente durante a semana seguinte. A quebra foi tão acentuada que Margo sentia um frio no estômago cada vez que preenchia cheques para as despesas mensais. Ainda havia um movimento de turistas e curiosos, mas muitas das mulheres que saíam para almoçar fora, as clientes que a Pretenses precisava para as suas mercadorias sofisticadas e caras, preferiam manter-se à distância.

Se a situação não melhorasse nos próximos trinta dias, ela teria de recorrer ao capital decrescente só para permanecer aberta.

Não entrou em pânico, só ficou apreensiva. Dissera a Josh que podiam aguentar e acreditava nisso. A lealdade das amigas de Candy do clube de campo podia ser medida nas menores chávenas de café... e ainda sobrava espaço.

Mas isso não significava que os negócios não precisassem de uma injeção de adrenalina. Margo não queria que a loja apenas sobrevivesse; mais do que isso, queria que prosperasse. Talvez quisesse voltar a ser como antes, reflectiu ela. Sob a luz dos projectores, admirada, vitoriosa.

Enquanto arrumava e rearrumava as vitrinas, Margo vasculhava o cérebro à procura de um conceito viável que transformasse a Pretenses de uma atraente loja de artigos em segunda mão numa estrela.

Quando a porta se abriu, ela tinha um exuberante e, receava, desesperado sorriso à espera.

- Mãe! O que está aqui a fazer?

- É o meu dia de folga, não é? - Ann contraiu os lábios, enquanto olhava em redor. - E não venho aqui desde a semana da inauguração. Não há ninguém.

- Estou a ser punida pelos meus pecados. A mãe bem disse que isso acabaria por acontecer.

- Eu já soube. - Ann estalou a língua. - Mulheres adultas portando-se como meninas desordeiras. Embora eu jamais tenha gostado daquela mulher, nem mesmo quando era uma menina. Sempre com o nariz empinado.

- Desta vez eu obriguei-a a baixá-lo. Mas ela acabou por prejudicar os

negócios. É verdade que a Kate diz que também é em parte a correcção natural de uma loja nova depois das primeiras semanas. Margo franziu o rosto para um globo cor de âmbar. - Sabe como ela fala quando assume o papel de contabilista.

- Sei, sim. já a ouvi muitas vezes falar sobre os meus investimentos. Limito-me sempre a balançar a cabeça com um ar solene, sem ter a menor ideia do que ela está a dizer.

Pela primeira vez naquele dia, Margo permitiu-se uma gargalhada.

- Fico contente por a mãe ter vindo. Não tenho visto muitos rostos amistosos por aqui até agora.

- Tens de arranjar maneira de mudar isso. - Por uma questão de hábito, Ann verificou a poeira numa mesa, acenou com a cabeça em aprovação ao verificar que estava limpa. - Promove uma liquidação, oferece prémios, contrata uma banda de música.

- Uma banda de música... essa é boa, mãe.

- O que sei eu sobre comércio? O segredo é atrair as pessoas, não é verdade?

Distraída, Ann pegou numa linda garrafa de cristal. "Não serve para pôr nada lá dentro", pensou ela, perplexa como sempre ficava com os adornos sem utilidade. "Apenas para enfeitar a casa."

- O teu tio Johnny tinha um bar lá em Cork. Contratava músicos de vez em quando... os ianques gostavam muito e entravam para ouvir música e beber uma cerveja.

- Não creio que uma pequena banda pop irlandesa seja a solução para o movimento na loja.

O tom indiferente era um insulto para Ann.

- Estou a falar da boa música tradicional. Tu nunca respeitaste a tua herança.

- Porque jamais me deu essa oportunidade - respondeu Margo.

- O que me contou sobre a Irlanda e a minha família podia caber num único parágrafo.

Era verdade. Ann contraiu os lábios.

- Por isso, suponho, não podias pegar num livro, nem fazer um pequeno desvio durante os teus passeios pela Europa?

- Estive em Cork duas vezes. - Margo teve a satisfação de ver a mãe ficar boquiaberta. - Surpresa. E também visitei Dublin, Calway e Clare.

Ela encolheu os ombros, contrariada consigo mesma por admitir que fora em busca das suas raízes.

- É um lindo país, mas estou mais interessada no lugar em que vivo agora.

- Ninguém me escreveu a dizer que estiveste lá.

- Não procurei ninguém. Que sentido teria? Mesmo que eu descobrisse os Ryan e os Sullivan, não nos conhecíamos.

Ann fez menção de protestar, mas depois balançou a cabeça.

- Acho que tens razão.

Por um momento, Margo teve a impressão de ver algum pesar nos olhos da mãe, pelo que lamentou.

- Tenho outros problemas agora, mãe, ambições a realizar, e preciso de me concentrar nisso. As reminiscências sobre gaitas-de-foles e canecas de cerveja Guinness não vão ajudar a melhorar os negócios da maneira como eu quero.

- Música e bebida atraem mais pessoas além dos Irlandeses retorquiui Ann. - Qual é o problema de oferecer alguma diversão?

- Preciso de clientes - insistiu Margo. - Preciso de uma isca para atrair as pessoas com cartão de platina, levando-as a ignorarem o boicote da Candy e fixarem um padrão para a Pretenses.

- E assim poderás vender. - De súbito, Ann queria desesperadamente ajudar. - Tens aqui coisas bonitas, Margo. E as pessoas gostam de coisas bonitas. Só precisas de atraí-las até à porta.

- É exactamente o que eu penso. Preciso... Espere um pouco. Margo comprimiu a mão contra a cabeça, enquanto uma ideia começava a delinear-se.

- Música. Talvez uma harpista. Uma harpista irlandesa, num traje tradicional. Música e bebida. Uma recepção. Champanhe e bandejas de canapés, como numa vernissage numa galeria. Prémios.

Ela pôs as mãos nos ombros da mãe, surpreendendo-a com um rápido abraço.

- Um prémio, apenas um. É mais atraente ter apenas um. Não, não, não, não um prémio. - Margo começou a circular pela loja enquanto falava. - Um leilão, de uma única peça. O broche de diamantes. Não, não, o colar de pérolas. O lucro para caridade. Qual é a melhor obra de caridade? Ora, a Laura deve saber. Uma recepção beneficente, mãe, vai atrair as mulheres

aqui.

"A cabeça da miúda está a funcionar como um furacão", pensou Ann, "dispara e pula de um ponto para o seguinte. Pelo menos isso não mudou nem um bocadinho."

- Nesse caso, é melhor começares a preparar tudo.

Margo empenhou-se como numa vingança. Uma semana depois já estavam a ser impressos os convites para a recepção e o leilão de caridade, em benefício da Wednesday's Child, um programa para crianças deficientes e desprivilegiadas. Laura foi incumbida de tratar das entrevistas e notícias. Margo tentou persuadir distribuidores de bebidas a doar caixas de champanhe.

Ela também ouviu harpistas, pediu a Josh que seleccionasse empregados do Templeton para servir e convenceu a sr.a Williamson a fazer os canapés.

Era apenas o começo.

Quando Josh voltou à suíte, depois de uma viagem durante o dia inteiro a San Francisco, encontrou a sua amante na cama. Só que ela não estava sozinha.

- Mas o que está a acontecer aqui?

Margo atirou os cabelos para trás, estampou um sorriso no rosto. As curvas dos seios brancos surgiam por cima do lençol de cetim vermelho. O mesmo lençol fora ajeitado com extrema habilidade para deixar à mostra uma perna comprida e bem torneada.

A câmara foi accionada.

- Olá, querido. Já estamos quase a acabar.

- Mantenha o lençol entre os seios - ordenou o fotógrafo, agachando-se ao pé da cama sobre a qual Margo se esparramava numa pose sedutora. - Um pouco mais baixo. Agora incline a cabeça. Assim está óptimo. Você ainda é a melhor, menina. Vamos vender o produto.

Josh largou a pasta, passou por cima de um cabo, obtendo um murmúrio de protesto do assistente do fotógrafo.

- Que estás a usar?

- Pérolas. - Margo passou os dedos pelo colar, correu a língua pelos lábios, enquanto a câmara era accionada. - O colar que vamos leiloar. Pensei que fotos poderiam ajudar a aumentar os lances.

Como ela parecia não ter mais nada vestido, Josh tinha de concordar.

- Só mais um pouco. Dê-me o olhar, Margo. Ah, isso mesmo... O

fotógrafo levantou-se, ágil, com olhos penetrantes e um rabo-de-cavalo ruivo.
- É ótimo trabalhar de novo consigo, Margo.

- Fico a dever-lhe uma, Zack.

- Não foi nada. - Ele entregou a câmara ao assistente, depois inclinou-se para a cama e deu um beijo afectuoso em Margo. - Senti falta de ver esse rosto de um bilião de dólares na minha lente. Estou feliz por poder ajudar.

Zack olhou para Josh e acrescentou:

- Já estou de saída.

- Josh, sê simpático e oferece uma cerveja ao Zack e ao Bob. Sem pensar duas vezes, ela largou o lençol, depois estendeu a mão para o robe, a fim de cobrir os seios adoráveis.

- Uma cerveja... - O sorriso de Josh foi súbito e ameaçador. Claro. Porque não?

- Já nos encontrámos antes. - Deixando o assistente a arrumar os equipamentos, Zack seguiu Josh para o escritório. - Em Paris... não, não, em Roma. Apareceu numa das sessões com a Margo.

As luzes verdes do ciúme diminuíram um pouco. Era difícil esquecer um homem com um rabo-de-cavalo ruivo daquele tamanho.

- É verdade. Acho que nessa altura ela estava vestida. Zack pegou na cerveja.

- Só para desanuviar o ambiente, já vi mais mulheres nuas do que um segurança numa espelunca de strip-tease. Faz parte do meu trabalho.

- E não gosta nada disso...

- Estou disposto a fazer o sacrifício pela minha arte. - Zack sorriu, cativante. - Companheiro, eu adoro. Mas, mesmo assim, faz só parte do meu trabalho. Se quer uma opinião profissional, você tem a melhor que existe. com algumas mulheres temos de saber como fotografar, que ângulo, que iluminação, para que a câmara as adore. Não importa se são bonitas... A câmara é volúvel, nunca foi muito exigente.

Ele bebeu um gole da cerveja, longo e satisfatório, antes de continuar:

- Mas não importa como eu fotografo a Margo Sullivan. Não tem a mínima importância. A porra da máquina idolatra-a.

Zack olhou na direcção do quarto, enquanto uma gargalhada gutural subia pela sua garganta.

- E há mais uma coisa: se ela não estivesse tão absorvida com aquela loja, eu convencê-la-ia a voltar para Los Angeles comigo e tentar a fotografia

de moda.

- Nesse caso, eu teria de partir-lhe todos os ossos dos dedos. Zack balançou a cabeça.

- Imaginei que poderia fazer isso. E, como é maior do que eu, acho melhor levar a cerveja do Bob e ir-me embora.

- Boa ideia.

Josh decidiu que uma cerveja podia cair bem e estava a inclinar a garrafa para beber quando Margo entrou na sala.

- Ah, foi bom ver o Zack outra vez. Tens aí meia garrafa de champanhe? Estou ressequida. Esqueci-me de como era trabalhar sob a luz dos projectores.

O rosto de Margo estava a brilhar quando ela inclinou a cabeça para trás e passou os dedos pelos cabelos. Josh reparou que estavam ondulados e sensuais.

- E como eu gosto disto! Há alguma coisa estranha no processo. Olhar para a máquina fotográfica, da mesma maneira como a máquina olha para nós. Os projectores, o som do obturador.

Quando ela deixou os cabelos caírem e abriu os olhos, descobriu que Josh a fitava de uma maneira que fez o seu coração palpitar.

- O que foi?

- Nada. - Os olhos de Josh não abandonaram os dela, enquanto estendia a taça de champanhe que servira. - Não sabia que estavas a pensar em voltar.

- Não estou. - Ela bebeu um gole, sabendo que por um momento fora um pensamento fascinante. - Não vou dizer que nunca mais vou posar ou aceitar uma proposta irrecusável, mas a loja é a minha prioridade agora, e torná-la um sucesso é o número um na minha lista.

- Número um... - Trouxera aquele ânimo de San Francisco, especulou Josh, ou envolvera-o como uma nuvem quando entrara na suíte e a vira? - Diz-me, duquesa, qual é a posição que tu e eu ocupamos nessa lista?

- Não estou a perceber.

- Uma pergunta simples. Somos o número cinco? Ou sete? Ou nem entramos na lista?

Margo olhou para o copo e observou o champanhe borbulhar como os sonhos.

- Estás a pedir-me alguma coisa?

- Já estava na altura. E imagino que essa seja a tua deixa para saíres do

palco. - Como ela não disse nada, Josh largou a cerveja. Porque não tentamos algo diferente? Tu ficas e eu saio.

- Não. - Margo continuava sem fitá-lo, concentrada nas bolhas que subiam e dançavam no seu copo. - Por favor, não saias. Sei que não me tens em grande conta. Gostas de mim, mas não me tens em grande conta. E talvez eu mereça isso.

- Estamos quites nesse ponto, não é verdade? Tu também não me tens em grande conta.

Como podia ela responder quando não tinha a certeza do que pensava de Joshua Templeton? Margo levantou o rosto. Josh estava à espera, pelo que ela se sentiu grata. A alguma distância, mas à espera.

- Tu és importante para mim, Josh. Mais importante do que eu esperava ou queria que fosses. Isso não é suficiente?

- Não sei, Margo, simplesmente não sei.

Porque é que a mão dela estava a tremer tanto? Era civilizado, não é? Como tudo devia ser.

- Se estás... se tudo acabou para ti, eu posso compreender. Margo largou a taça. - Mas não quero perder-te por completo. Não sei o que faria se tu não estivesses na minha vida.

Não era o que Josh queria, aquela aceitação calma e gentil. Queria um acesso de raiva, o champanhe atirado contra a sua cabeça, gritos e protestos pela desfaçatez de abandoná-la.

- Ou seja, se eu me for embora, voltaremos a ser amigos?

- Isso mesmo. - Margo contraiu os olhos, sentindo um aperto no coração. - Não.

Aliviado, Josh adiantou-se.

-Vais odiar-me se eu me for embora. - Ele pôs a mão nos cabelos de Margo e puxou a sua cabeça até os olhos se encontrarem. - Tu precisas de mim. Quero ouvir-te dizer isso.

- Eu vou odiar-te se te fores embora. - Margo colocou o rosto dele entre as mãos. - Preciso de ti.

Ela puxou a boca de Josh para a sua, murmurando:

- Vamos para a cama.

Era a melhor maneira de demonstrar, a única maneira. -A solução fácil.

- Deve ser mesmo fácil.

No momento em que Josh a pegou ao colo, ela enfiou as mãos por

dentro do casaco e sussurrou promessas ardentes ao seu ouvido.

Mas Josh não tencionava deixar que fosse fácil desta vez. Para nenhum dos dois. Largou-a no chão ao lado da cama, deixou que ela o despiasse com mãos rápidas e ansiosas. Quando ela o puxou para a cama, os lençóis ainda quentes dos projectores e do seu corpo, Josh iniciou a arremetida.

Um encontro dos lábios, lento, transbordando de afecto, fez Margo estremecer, com uma nova sensação. Simples ternura. Josh segurou-lhe nas mãos, estendeu-as para um lado da cabeça, imobilizou-as ali, para que a sua mão livre lhe pudesse acariciar o rosto, descer pelo pescoço, vaguear pelos cabelos, enquanto a boca continuava a seduzir.

- Josh... - O coração de Margo batia com força e devagar, ressoando na sua cabeça. - Toca-me.

- É o que estou a fazer. - Ele espalhou beijos pelo rosto, pelo queixo. - E talvez seja pela primeira vez. É difícil sentir quando há apenas tesão. Mas agora estás mesmo a sentir, não estás?

Quando ela deixou a cabeça pender, fraca, Josh beijou-a no pescoço.

- Nunca ninguém te fez sentir o que te vou fazer sentir agora.

Era assustadora aquela fraqueza que deixava pernas e braços pesados e atordoava o cérebro. Margo queria o raio, o fogo. Havia simplicidade nisso. E, mesmo no ardor perigoso, havia também segurança. Mas misturada com o medo havia a sensação vertiginosa de ser envolvida devagar, tão lentamente, que cada carícia, cada roçar dos lábios, parecia durar séculos.

Ele podia jurar que sentia os ossos derreterem dentro daquele corpo macio e bem cuidado. A pulsação forte e acelerada de Margo ressoava contra os seus dedos. Murmúrios baixos e aturdidos subiam pela garganta, onde as pérolas ainda faiscavam, em contraste com a pele. Josh abriu o robe branco para verificar que ela não tinha nada por baixo, apenas o círculo branco que lhe envolvia o pescoço comprido e esguio.

- Vem para cima de mim... - Margo estendeu o braço para puxá-lo. - Agora.

Bastava a voz, aquele som meio rouco, para deixar um homem de joelhos. E fora o que acontecera, pensou Josh, com demasiada frequência. Ele desceu as mãos pelas costas de Margo, depois subiu, em carícias provocantes, com as pontas dos dedos. Fez com que ela estremecesse, entreabrisse os lábios, no que poderia ser uma súplica, antes que Josh os cobrisse com um beijo.

Quando ela ficou inerte, as mãos caídas sem força ao lado do corpo, Josh estendeu-a na cama, sobre o cetim liso e escorregadio. Mas não se estendeu por cima dela. Mais uma vez, segurou os pulsos de Margo, levantou-os por cima da cabeça. Suspiro sucedeu a suspiro, enquanto Josh iniciava uma lenta descida pelo seu corpo.

Margo pensou que o ar se tornara dourado. De que outra forma a sua respiração poderia ser tão intensa? A boca de Josh era muito gentil, mas explorava fraquezas que ela nem sabia que se ocultavam no seu íntimo. As mãos de Josh eram ternas e pacientes, a um ponto incrível, mas mesmo assim faziam-na arder. E chorar.

Era mais do que prazer. Ela não tinha palavras para descrever. Era suave, mais forte do que o desejo, mais adorável do que qualquer sonho que Margo já acalentara no seu coração. O corpo não era mais seu... não era somente seu.

Josh podia sentir que ela se abria, a doce rendição que se situava além da paixão, mas era muito mais excitante. A pele de Margo zumbia às carícias da língua, os músculos contraíam-se na expectativa. Sem pressa, ele recuou e deixou-a a tremer.

Quando os lábios voltaram a encontrar-se e as emoções transbordaram, Josh penetrou-a.

- Não. - Ele usou o seu peso para imobilizá-la, enquanto Margo tentava mexer-se, irrequieta. - Não será depressa desta vez.

Embora o sangue latejasse com toda a força na sua cabeça, Josh mordiscou a boca, em movimentos pequenos, torturantes.

- Sou eu quem está a fazer amor contigo, Margo. Como ninguém nunca fez. Como ninguém poderia fazer.

Ele mexeu-se dentro dela, em arremetidas longas e lentas. Irresistíveis. Margo nada via além daquele rosto, nada sentia além daquela gloriosa pressão. E depois o crescimento gradual, delicioso e ansioso de um incomparável orgasmo.

As suas mãos, sem vida, escorregaram dos ombros de Josh.

- Ninguém te conhece tão bem quanto eu. Ninguém pode amar-te como eu amo.

Mas Margo já se encontrava para além das palavras.

Ela tinha medo de Josh. Foi uma descoberta assombrosa, ainda mais por ocorrer durante a madrugada, quando estava deitada desperta ao seu lado. Ele

mudara alguma coisa entre os dois, reflectiu Margo. Alterara o equilíbrio, e agora ela sentia-se vulnerável.

E Josh conseguira isso ao mostrar-lhe como era sentir-se amada.

Cautelosa, sem fazer barulho, ela saiu da cama, deixando-o dormir. O champanhe ainda estava na mesa. Sem borbulhas agora, mas ela bebeu-o tal como estava. Encontrou um cigarro, acendeu-o, disse a si mesma para se acalmar.

Estava apavorada.

Fora um risco, sem dúvida, dormir com ele. Mas um risco que ela se dispusera a correr. Só que jamais contara com a possibilidade de se apaixonar por Josh. Era um desafio que rejeitaria de imediato.

E ainda podia rejeitar, assegurou Margo, dando um trago no cigarro. Ainda era dona das suas emoções. Por mais depressa que a sua vida estivesse a mudar, ainda mantinha o controlo das suas emoções.

Não se ia apaixonar por ninguém, muito menos por Josh. Não sabia nada sobre amor, não daquele tipo. E não queria saber.

Comprimindo a mão contra a cabeça, ela deixou escapar uma gargalhada baixa. Claro... era isso. Não sabia nada sobre o amor. Portanto, porque tinha a certeza de que era isso o que sentia? Era mais do que provável que fosse apenas surpresa por ele ser tão terno e por ela ser tão susceptível à ternura.

E era a primeira vez que se envolvia com um homem de quem gostava tanto como Josh. Pela história entrelaçada que partilhavam, as lembranças, a afeição.

Era fácil, uma tolice da sua parte, distorcer tudo isso e projectar como amor. Mais controlada, ela esmagou o cigarro e respirou fundo.

- Não consegues dormir?

Margo saltou como uma gata, o que o fez rir.

- Desculpa. Não queria assustar-te. - A luz do quarto saiu pela porta quando Josh se aproximou. Ela deu um passo para trás. - Algum problema?

-Não.

Ele inclinou a cabeça para o lado, estudou-a bem, enquanto os seus olhos se ajustavam. O sorriso ampliou-se, arrogante e masculino.

- Nervosa?

- Claro que não.

- Estou a deixar-te nervosa.

- Não gosto que me espreitem quando tento pensar. - Ela deu um passo

para o lado, esquivando-se de Josh. - Tenho muita coisa na cabeça, com a recepção e...

Margo parou de falar, aturdida, quando a mão de Josh deslizou pelo seu braço.

- Estás tensa - murmurou ele. - Nervosa. Gosto disso.

- Foi o que pensei. Preciso da mente lúcida e de uma boa noite de sono. vou tomar um comprimido para dormir.

- Vamos experimentar outra coisa. - Ele sacudiu a cabeça quando Margo o fitou com uma expressão furiosa. - Não consegues pensar noutra coisa além de sexo? vou massajar-te as costas, Margo sentiu dúvida misturada com interesse.

- A sério?

- com a garantia de dissipar a tensão e acabar com a insónia prometeu Josh, enquanto a levava de volta para a cama. - Deita-te de barriga para baixo, duquesa, fecha os olhos e deixa o resto comigo.

Cautelosa, ela virou a cabeça para fitá-lo.

- Só as costas?

- Pescoço e ombros também. Fica assim.

Josh fê-la relaxar, montou-a com as pernas bem abertas, sorriu ao ver os lindos músculos contraírem-se. Comprimiu as bases das mãos contra a nuca.

- O que te está a preocupar, querida?

- Uma série de coisas.

- Diz uma.

"Tu", foi a primeira resposta que aflorou a Margo, mas ela conteve-se.

- Está quase na hora de pagar aqueles impostos trimestrais e tivemos uma quebra nas vendas.

-Até que ponto?

- Não tornámos a igualar as vendas das duas primeiras semanas. A Kate insiste que a Candy não causou tantos danos assim... que é apenas a estabilização natural de um novo empreendimento. Mas receio ter cometido o erro de canalizar tanto dinheiro para a recepção, quando poderia usá-lo nas despesas do dia-a-dia. Ah, tens umas mãos maravilhosas...

- É o que todas dizem.

- O colar com que vou contribuir foi avaliado em oito mil e quinhentos dólares. É uma parcela considerável do inventário.

- Também será uma excelente dedução fiscal.

- Foi o que a Kate disse. - A voz engrossou, enquanto Josh dissipava a tensão dos seus ombros. - Estou cansada de sentir medo, Josh.

- Eu sei.

- Antigamente não tinha medo de nada. Agora tudo me assusta.

- Inclusive eu.

- Também... - Margo resvalava para o sono, cansada de mais para negar.

- Não quero estragar tudo de novo.

- Não deixarei que estragues. - Ele inclinou-se para comprimir os lábios contra o seu ombro. - Agora dorme, Margo. Tudo está a correr bem.

- Não te vás embora - conseguiu ela balbuciar, antes de mergulhar no sono.

-Alguma vez fui?

CAPÍTULO 17

TUDO tinha de ser perfeito. Margo estava determinada a fazer com que cada pormenor daquela noite fosse perfeito. Foram horas a arrumar o stock antes que ficasse satisfeita por ter encontrado a apresentação certa, o melhor fluxo de movimento, o canto mais atraente para a harpista, que agora afinava o instrumento.

Ela mudara a vitrina, destacando o colar de pérolas, cercado por várias garrafas, caixas e écharpes de seda, só para acrescentar alguma cor.

A balaustrada dourada no segundo andar cintilava com pequenas lâmpadas. Jarras e recipientes decorativos estavam cheios de flores do Outono e rosas de estufa, vindas da Casa Templeton, tudo arrumado com a maior elegância pela mãe. Havia mais flores desabrochando na pequena varanda, em vasos de cobre e de cerâmica vitrificada.

Margo esfregara e polira pessoalmente cada superfície da loja até que brilhasse.

Era apenas uma questão de controlar cada pormenor, disse para si, enquanto fumava um cigarro quase frenética. Tinha de se certificar de que tudo era de primeira classe, de que não se estava a esquecer de nada.

Será que se esquecera de alguma coisa?

Voltando-se, Margo contemplou-se na parede de espelhos decorativos. Trazia o vestido preto que escolhera para o seu primeiro jantar após o regresso à Casa Templeton. O decote, baixo e quadrado, era a tela perfeita para o colar. Parecera uma hábil manobra de venda removê-lo da vitrina e expô-lo no contraste com uma suave pele feminina. Ela compreendeu que acertara em cheio ao escolher aquela peça para o leilão.

Nora Roberts Não só porque o colar era elegante e adorável, mas também porque a fazia lembrar de uma época da sua vida que jamais voltaria. E de um velho solitário por quem ela sentira um profundo carinho.

Uma coisa rara, reflectiu ela, Margo Sullivan sentir carinho por alguém, ter coração, fazer alguma coisa por bondade, não por cálculo frio.

"Dezenas de Margos", meditou ela. Levava quase vinte e nove anos para compreender que havia dezenas de Margos. Uma que podia ignorar a cautela, outra que se preocupava incessantemente. Havia a Margo que sabia como

encerar uma mesa antiga e a Margo que podia passar o dia absorvida numa revista de moda. A que compreendia o profundo prazer de comprar uma garrafa art nouveau sem qualquer outro motivo que não o de vê-la numa prateleira. E a que descobrira a emoção de vendê-la. A que podia exibir um sorriso e derreter os homens, qualquer que fosse a idade.

E a que de repente só conseguia pensar num único homem.

Onde estava ele? com os nervos à flor da pele, Margo acendeu mais um cigarro. Estava quase na hora de começar. Josh já devia ter chegado. Aquele era um momento crítico na vida de Margo. E ele sempre comparecia nos momentos críticos.

Sempre, pensou ela, com um sobressalto de surpresa. Era muito estranho que Josh sempre surgisse nas ocasiões decisivas da sua vida.

- Porque é que não mastigas logo o maço, engoles e acabas com isso?

- sugeriu Kate, ao passar pela porta.

- Desculpa?

- Se vais comer o cigarro, é melhor usares os dentes de uma vez. O tráfego lá fora está terrível. Tive de estacionar a três quarteirões... e não me agrada andar nestes sapatos incómodos que vocês me obrigaram a comprar.

- Kate tirou o casaco e ergueu os braços. - Achas que passo na inspecção?

- Deixa-me dar uma olhadela.

Margo apagou o cigarro. com os lábios contraídos, encostou um dedo em Kate e girou-o para fazê-la virar. O vestido simples de veludo preto ajustava-se muito bem ao corpo anguloso. O decote profundo nas costas tornava-a atraente.

- Eu sabia que te ficaria perfeito. Apesar de seres toda pele e ossos, com o peito liso, quase pareces elegante.

- Mas sinto-me como uma impostora... e tenho a certeza de que vou congelar. - Kate não se importou com a crítica ao seu corpo. Pior do que isso era a inconveniência dos ombros nus. - Ainda não percebi porque é que não pude usar as minhas próprias roupas. O vestido de noite que tenho é muito bonito.

- Ficarà muito bem na próxima convenção de contabilistas a que compareceres. - Margo franziu as sobrancelhas bem delineadas. Esses brincos...

- Qual é o problema? - Num gesto defensivo, Kate cobriu com as mãos

os brincos de ouro em espiral. - São os melhores que tenho.

- E típicos de centro comercial. Como é possível que tenhamos sido criadas na mesma casa?

Margo dirigiu-se ao balcão das jóias. Depois de um estudo demorado, escolheu uns pingentes de cristal, que desciam até à altura do queixo.

- Não vou usar esses lustres. Fico ridícula.

- Não discutas com a especialista. Põe logo os brincos, como uma boa menina.

- Detesto armar-me em elegante.

Mal-humorada, Kate dirigiu-se a um espelho e efectuou a troca. Detestou ainda mais verificar que Margo tinha razão. Os pingentes acrescentavam uma certa classe à sua aparência.

- A cozinha está sob controlo. - Laura começou a descer a escada em caracol, carregando uma bandeja de prata em que havia três taças de champanhe. - Pensei em fazermos um brinde particular antes...

Ela parou no fundo da escada, sorrindo.

- Uau! Não estamos fabulosas?

Margo estudou o vestido longo de Laura, debruado com cetim, os botões de pérolas e cristal.

- E como!

- Não sei porque é que temos todas de vestir de preto - protestou Kate.

- É uma afirmação. - Margo pegou no seu copo e levantou-o. Às sócias. Depois de um gole, ela comprimiu a mão contra a barriga.

- O meu sistema digestivo pifou.

- Queres um antiácido? - perguntou Kate.

- Não. Ao contrário de ti, não considero que os antiácidos pertençam aos quatro principais grupos alimentares.

- Ah, preferes um Xanax, acompanhado por uma dose de Prozac.

- Não estou a tomar tranquilizantes. - Mas Margo tinha um na mala de mão para qualquer emergência. Só que não havia necessidade de mencioná-lo. - Agora, leva essa coisa que chamas de casaco para a sala dos fundos, antes que afugente os convidados. Tens a certeza de que não tenho de verificar a situação lá em cima, Laura?

- Está tudo bem. Não te preocupes.

- Não estou preocupada. Esta nossa festinha está a custar apenas dez mil dólares. Porque devia preocupar-me? Acham que exagerei nas luzes lá fora?

- Ficaram lindas. Tenta controlar-te, Margo.
- Estou a tentar. Mas talvez um Xanax não fizesse mal. Não e não.
- Ela tirou outro cigarro do maço em cima do balcão. - Terei de aguentar firme sem ajuda química.

Margo percebeu o olhar irónico de Laura para o cigarro e o champanhe, e apressou-se a acrescentar:

- Também não podes esperar milagres. - Mesmo assim, ela tornou a guardar o cigarro no maço. - Sei que estou a ficar obcecada.

Laura sorriu.

- És tu quem o diz.
- O que eu não percebo é porque é que este evento pode ser pior do que a inauguração. Talvez seja porque os teus pais adiaram a viagem à Europa para comparecerem.

- E porque esfregar o nariz da Candy num tremendo sucesso não faria mal nenhum - comentou Kate, voltando da arrecadação.

- Tens toda a razão - concordou Margo, encontrando algum conforto nesse facto. - No fundo, a loja não é só um meio para um fim, como eu esperava. E não estou preocupada apenas em perdermos todo o dinheiro que investimos. Tem de ser mais importante do que o dinheiro.

Ela correu os olhos pelo cenário em que estavam à venda as coisas que outrora lhe pertenciam.

- E agora sinto-me culpada por ter envolvido esta organização de caridade para crianças com o objectivo de continuarmos de portas abertas.

- Isso é pura estupidez - declarou Kate. - A organização vai ser beneficiada. Sem doadores de olho na dedução fiscal, teria de fechar as portas.

- Não te esqueças de me dizer isso sempre que eu tiver um brilho ganancioso nos olhos. - Era o que ela exibia agora. - Quero esvaziar alguns bolsos bastante fundos antes de a noite terminar.

- Gosto mais assim. - Kate ergueu o seu copo em aprovação. - Já começavas a preocupar-me.

Ela virou a cabeça para olhar quando a porta se abriu.

- Oh, o meu coração... - Kate encostou a mão no peito. - Não há nada como um homem metido num smoking para fazê-lo acelerar.

- Também estás óptima. - Josh, muito elegante no seu fato de cerimónia, estendeu três rosas brancas. - Para ser franco, vocês as três deixariam toda a

Sétima Esquadra sem fôlego.

-Vamos buscar um champanhe para este homem encantador, Kate.
Pegando a amiga pela mão, Laura arrastou-a para a escada.

- Não há necessidade de subirmos as duas.

- Será que não percebeste?

Kate olhou para trás, notou a maneira como Josh e Margo se fitavam, e balançou a cabeça.

- Será que saber que os dois andam a dormir juntos não é suficiente... ainda temos de vê-los a fumar? As pessoas deviam ter um mínimo de controlo.

- Tu tens controlo suficiente por toda a gente - murmurou Laura, puxando-a pela escada.

No andar de baixo, Margo comentou:

- Fiquei com medo de que não chegasses a tempo.

Josh levou a mão dela aos lábios, depois torceu o pulso para olhar para o relógio.

- Quinze minutos antes da hora. Calculei que, se chegasse atrasado, como está na moda, podias matar-me durante o sono.

- bom palpite. O que é que te parece? Está tudo como deve ser?

- Esperas mesmo que eu olhe para qualquer outra coisa que não seja para ti?

Ela riu, embora estivesse com o coração acelerado.

- Bolas, devo estar fora de forma para uma frase tão vista quanto essa atingir o alvo.

- Estou a falar a sério. - Ele observou o sorriso desvanecer-se. Adoro olhar para ti.

Josh pôs a mão no rosto de Margo, inclinou-se e deixou-a com as pernas bambas num beijo prolongado.

- A linda Margo. Toda minha.

- Não resta a menor dúvida de que consegues afastar os meus pensamentos de... Beija-me de novo.

- É um prazer.

Mais profundo desta vez, até que tudo se esvaiu da mente de Margo, menos ele. Quando ela se afastou, a mão de Josh permaneceu no seu rosto, num gesto de ternura.

- É diferente - balbuciou ela.

- Estás a começar a aprender.
- Não devia ser assim. - Nervos novos, diferentes, estremeceram. - Não sei se posso.

- Agora é tarde de mais, Margo.

Houve pânico de novo, aflorando através das nuvens de prazer.

- Tenho...

Ela quase estremeceu de alívio quando a porta se tornou a abrir.

- Pensei que íamos chegar antes de toda a gente - declarou Thomas.

- Tira as mãos da menina, Josh, e dá uma oportunidade a outro.

Quando Margo correu para os seus braços, ele ergueu as sobancelhas para o filho, provocante.

- Ela foi minha primeiro.

"O primeiro não significa nada", pensou Josh, encostado ao balcão, numa atitude negligente. "O último é que conta." Ou pelo menos ele tentava acreditar nisso.

Por volta das dez, duas horas depois de as portas se abrirem para a Primeira Recepção Anual de Leilão de Caridade da Pretenses, Margo estava no seu meio. Era algo que compreendia bem: pessoas vestidas com a maior elegância a conversarem, seda a esbarrar em seda, enquanto bebiam champanhe ou água mineral de marca.

Afinal, focalizara toda a sua vida no ingresso nesse mundo. E desta vez as pessoas vinham ter com ela.

- Achámos que uma ou duas semanas em Palm Springs resolveriam o problema.

- Não sei como ela continua a fazer-se de cega perante os casos do marido. São clamorosos de mais.

"A conversa típica dos privilegiados", pensou Margo. Sabia como responder. Receber fora um dos seus hobbies em Milão. Sabia como participar de três conversas ao mesmo tempo, ficar de olho nos empregados e fingir que não havia nada na sua mente além do próximo gole de champanhe.

Também sabia como ignorar, quando era necessário, os comentários traiçoeiros e insidiosos que chegavam aos seus ouvidos.

- Imagine ter de vender tudo. Estou a falar a sério, querida, até os sapatos.

- e na semana anterior o Peter pedira-lhe para entrar com a acção de divórcio, para ela poder salvar as aparências. A pobre coitada é frígida. Os

médicos não puderam fazer nada para ajudá-la.

Margo não teria ignorado esse comentário se pudesse descobrir a fonte. Mas, antes que pudesse adiantar-se para tentar localizá-la, houve mais.

- Muito elegante a maneira como está tudo organizado, parece um simpático apartamento europeu. E adorei a colecção de estojos de maquilhagem. Tenho de comprar o pequeno elefante, seja lá como for.

- Há um Valentino na outra sala, querida, que está a gritar por si. Tem de vê-lo.

"Deixem-nas dizer o que quiserem", decidiu Margo, tornando a afixar um sorriso no seu rosto. "E que comprem também tudo o que quiserem."

- Grande festa.

Judy Prentice veio colocar-se ao lado de Margo.

- Obrigada.

- Acho que a Candy tinha um compromisso já agendado. Correspondendo ao brilho nos olhos de Judy, Margo sorriu.

- Ela não foi convidada.

- A sério? - Judy inclinou-se para o ouvido de Margo. - Ela vai ficar furiosa.

- Gosto de si.

- Nesse caso, será que se importa de pôr de parte aquela flora minaudière até eu poder vir cá buscá-la?

- A Judith I. elber? Considere-a sua. Há também uma caixa de batom e um estojo. Fazem um conjunto fabuloso.

- O seu nome do meio é Lúcifer, não é? - Judy ergueu a mão. Guarde tudo para mim. Venho cá na próxima semana.

- Agradecemos a preferência. - Ela pôs a mão no ombro de Judy antes de se afastar. - Não se esqueça de reservar um pouco para fazer um lance no leilão do colar de pérolas. Ouvi-o a gritar o seu nome.

- Você é o demónio em pessoa.

com uma risada, Margo passou para o grupo seguinte.

- Que prazer tornar a vê-la! E que pulseira maravilhosa!

- Não é incrível? - murmurou Susan para o filho. - Ninguém imaginaria que há um único nervo naquele seu corpo.

- Observe a maneira como ela passa os dedos pela haste da taça. Não consegue manter as mãos quietas quando está tensa. Mas está a aguentar-se bem.

- E tão bem, que acabei de pedir à Laura para me reservar dois casacos, uma mala de mão e uma caixinha de rapé cravejada com pedras preciosas. - Passando o braço pelo de Josh, Susan riu de si mesma. - E eram casacos da Laura! Estou a comprar os refugos da minha própria filha!

- Ela sempre teve um excelente gosto. Excepto em matéria de homens.

Susan afagou a mão do filho.

- Ela era jovem de mais para saber o que seria melhor, estava demasiado apaixonada para que pudéssemos detê-la. - "A Laura está agora mais velha", pensou Susan, "e mais magoada." - Ficas de olho nela e nas meninas quando nós partirmos, não ficas?

- Acho que não tenho cumprido muito bem o meu dever fraternal ultimamente.

- Tiveste distrações... e mereces a tua própria vida. - Os olhos de Susan, penetrantes e maternais, esquadrinharam a loja até se fixarem em Laura. - Estou um pouco preocupada por ela se estar a portar tão bem.

- Preferia que estivesse a cair aos pedaços?

- Preferia ter a certeza de que haverá alguém aqui para ampará-la se e quando isso acontecer. - Depois ela sorriu, observando Kate e Margo a conversarem por um instante com Laura. - Elas estarão.

- Temos de preparar algum tipo de lista - sussurrou Margo. Caso contrário, vamos acabar por prometer as mesmas coisas a pessoas diferentes. Não consigo fixar tudo na cabeça.

- Eu disse para deixarem ficar a caixa registadora aberta - resmungou Kate.

- Seria uma indelicadeza.

Kate fitou-a com uma expressão intimidativa.

- Isto é uma loja, amiga.

- A Margo tem razão... não se pode registar vendas e dar trocos num acontecimento como este.

- Deus me livre dos gostos delicados. - Kate soprou o ar com tanta força, que os cabelos balançaram. - vou fechar-me e registar as mercadorias prometidas. O que foi que disseste... uma "minoquê"?

- Uma minaudière - disse Margo, com um sorriso de superioridade. - Basta apontares "carteira de toilette com pedras". Eu sei o que é. E não comeces a divertir-te com o computador. Tens de te misturar com as pessoas.

- Já fiz isso. Mas por acaso há ali um tipo que não é nada de se deitar

fora. - Kate inclinou a cabeça, apontando. - O de bigode e ombros largos. Já viram?

- Lincoln Howard. - Laura identificou o homem com a maior facilidade.
- Casado.

- Era de imaginar.

com um grunhido, Kate afastou-se.

- Devias obrigá-la a ficar com o vestido - comentou Laura. Nunca a vi tão bonita.

- E ficaria ainda melhor se não andasse como se estivesse atrasada para uma auditoria. - Margo controlou-se antes de comprimir a mão contra o estômago que lhe estava a doer outra vez. - Temos de começar o leilão, Laura.

Ela respirou fundo e apertou a mão da amiga.

- Irra, como preciso de um cigarro!

- Pois então fuma depressa. O representante da Wednesday's Child está há dez minutos a fazer-me sinais com a mão.

- Não. vou abster-me e dar outra volta, para que as pessoas possam lançar olhares cobiçosos para as pérolas. E depois vou ter com o sr. T. e peço-lhe para dar início ao leilão.

Margo começou a circular, parando aqui e ali para tocar no braço de alguém, partilhar um riso rápido, observar quem precisava de mais champanhe. No instante em que viu Kate voltar da arrecadação, aproximou-se de Thomas.

- Está na hora do espectáculo. Quero agradecer-lhe de novo por nos estar a ajudar.

- É uma boa causa e um bom negócio. - Ele afagou a cabeça de Margo, afectuoso. - E agora vamos mostrar a essa gente como se trabalha.

- Vamos lá!

De mãos dadas, encaminharam-se os dois para a sala da frente. Margo sabia que os murmúrios aumentariam quando as pessoas virassem a cabeça para estudá-los, sabia a melhor forma de os deixar a ferver, enquanto ela própria avaliava a cena e captava um sussurro curioso muito próximo:

- Não percebo a Candy. Ela não me parece debilitada nem desesperada.

- O Thomas Templeton não permitiria que as coisas fossem tão longe com o seu filho se ela fosse mesmo a vadia astuta que a Candy alega.

- Querida, se os homens reconhecessem as vadias astutas quando as

encontram, não seria a profissão mais antiga do mundo.

Ela sentiu a mão de Thomas tensa a apertar a sua. Fitou-o com um sorriso tranquilo e olhos afectuosos.

- Não se preocupe. - Margo ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o na face. - Pelo menos elas acertaram na parte de ser "astuta".

- Se eu não fosse um homem, dava um soco no nariz àquela sacana invejosa. - Os olhos dele iluminaram-se. - vou pedir à Susie para tratar disso.

- Talvez mais tarde. - Ela apertou novamente a mão de Thomas e virou-se para a multidão. - Senhoras e senhores, se me dão licença, gostaria de interrompê-los por um momento.

Margo esperou que as conversas diminuíssem e cessassem.

- Gostaria de vos agradecer a todos por terem comparecido à primeira recepção da Pretenses.

Margo tinha o discurso na cabeça, aquele que preparara com Laura e Kate, mas estava a senti-lo a escapar. Recorrendo a toda a sua capacidade de controlo, ela olhou para os rostos que tinha à sua frente.

- Gostaríamos de agradecer ainda mais por permanecerem depois de beberem bastante champanhe. A maioria já conhece a minha carreira... tão movimentada, a maneira como terminou, ou seja, no tipo de escândalo fascinante sobre o qual todos adoram ler.

Ela percebeu a preocupação nos olhos de Laura, mas limitou-se a sorrir.

- Quando deixei a Europa e voltei para cá, não foi porque pensava na América como a terra das oportunidades e da livre iniciativa. Voltei porque o lar é o lugar para onde vamos quando nos sentimos muito em baixo. E tive sorte, porque encontrei a porta aberta.

Margo avistou a mãe no meio da multidão, e manteve o olhar fixo no dela.

- Não posso culpar ninguém pelos erros que cometi. Tinha uma família que me amava e velava por mim. Não é o que acontece com as crianças que precisam tão desesperadamente do que a Wednesday's Child lhes pode oferecer. Estão perdidas porque não foram amadas, não tinham quem velasse por elas. Porque não tiveram as mesmas oportunidades das pessoas reunidas aqui nesta sala. Esta noite, juntamente com as minhas sócias, Laura Templeton e Kate Powell, gostaria de dar um pequeno passo para proporcionar uma oportunidade a algumas dessas crianças.

Ela estendeu as mãos para trás, tirou o colar e deixou-o pender entre os

seus dedos.

- Adeus, meu querido - murmurou ela. - Espero que ofereçam lances generosos. Lembrem-se de que é apenas dinheiro.

Depois de pendurar o colar de pérolas num suporte de veludo, Margo virou-se para Thomas.

- Senhor Templeton.

- Menina Sullivan. - Ele pegou na mão de Margo e beijou-a. - És uma boa menina. Agora, vamos começar.

Thomas olhou para a multidão, enquanto Margo se esgueirava para o fundo da sala. A voz de Thomas parecia trovejar em desafio, enquanto descrevia o único item em leilão, pedindo às pessoas, muitas das quais chamou pelos nomes, para que mantivessem as suas carteiras abertas.

- Foi muito melhor do que o guião - murmurou Laura.

- Muito melhor. - Em concordância, Kate passou o braço pela cintura de Margo. - E agora vamos torcer para que tenha inspirado alguns desses sovinas.

- Muito bem, vamos começar - gritou Thomas. - Quem vai abrir os lances?

- Quinhentos dólares.

- Quinhentos? - Thomas franziu as sobrancelhas. - Ora, Pickerling, isso é lamentável. Se não fosse contra as regras, fingia que não tinha ouvido.

- Setecentos e cinquenta.

Ele soltou um grunhido irritado e sacudiu a cabeça.

- Temos uns míseros setecentos e cinquenta. Ouvi mil? - Thomas acenou com a cabeça para uma mão levantada. - Tenho um lance de mil. Agora, vamos falar a sério.

Os lances continuaram, alguns gritados, outros sinalizados, com um movimento de dedo, um aceno de cabeça, um gesto discreto da mão. Margo começou a relaxar quando passaram de cinco mil dólares.

- Assim é melhor - murmurou ela. - Tentarei pensar em alguma outra coisa que dê um lucro tão bom.

- Isto está a deixar-me demasiado nervosa.

Kate abriu a mala para retirar um dos seus famosos antiácidos.

- Temos seis mil e duzentos - continuou Thomas. - A senhora tem o pescoço de um cisne. Estas pérolas devem ter sido feitas para ornamentá-lo.

A sua presa soltou uma gargalhada.

- Ah, Thomas, seu demónio! Seis mil e quinhentos.

- Quanto disseste que valiam? - perguntou Kate.

- Na Tiffany's? Talvez doze mil e quinhentos. - Muito satisfeita, Margo tentou estudar a multidão, enquanto via algumas mãos a levantar-se. - Ainda será um bom negócio para quem comprar.

Quando os lances passaram de nove mil dólares, ela teve vontade de dançar. Quando chegaram a dez, desejou ter uma cadeira para subir e observar as pessoas que licitavam.

- Nunca pensei que chegasse tão alto. Subestimei a generosidade destas pessoas.

- E o espírito competitivo. - Kate ergueu-se na ponta dos pés. Parece que está agora entre duas ou três pessoas, mas não consigo ver quem são.

- E agora está mais sério - acrescentou Margo. - Já não há lances gritados.

- Tenho doze mil, à procura de doze mil e quinhentos. - com os olhos penetrantes deslocando-se de um lado para o outro, Thomas estimulava os lances. - Doze e meio é o lance. Alguém dá treze?

Ao aceno de cabeça em resposta, ele concentrou-se noutro licitante.

- Treze? Isso mesmo, temos treze. Treze é o lance. Quem oferece treze mil e quinhentos? Ah, passamos para treze mil e quinhentos dólares. Treze e meio. Vamos passar para catorze? Ah, aqui está um homem que sabe o que quer. Catorze é o lance. A espera de catorze mil e quinhentos. Catorze é o lance. Catorze mil dólares. Dou-lhe uma. Dou-lhe duas. Dou-lhe três. Vendido por catorze mil dólares ao homem com um gosto refinado e um olho para as coisas valiosas.

Houve aplausos polidos, risos cordiais. Margo estava muito ocupada a tentar ver através da multidão para perceber os olhares lançados na sua direcção.

- Temos de dar os parabéns ao vencedor. Há que enviar a fotografia dele para os jornais. Quem chegar lá primeiro tem de o segurar.

- Margo, minha cara...

Ela dera apenas dois passos quando o seu braço foi agarrado. Margo olhou para a mulher, procurando desesperadamente lembrar-se do nome, mas rapidamente entrou na sua rotina habitual.

- Mas que prazer tornar a vê-la!

- Há muito tempo que não me divertia tanto. Foi uma óptima recepção, e

a sua loja é encantadora. Eu já deveria ter vindo há semanas, mas andava... ocupada de mais. Se alguém me pedir para participar noutra comissão, juro que corto os pulsos.

Uma das amigas de Candy, lembrou Margo. Terri, Merri... Sherri.

- Fico feliz por ter encontrado um tempo na sua agenda para vir até aqui.

- Também estou satisfeita. Tive uma noite maravilhosa. E apaixonei-me por aqueles lindos brincos. Os de rubis e pérolas. São irresistíveis. Pode dizer-me por quanto os está a vender? vou insistir para que o Lance os compre, já que perdeu o colar para o Josh.

- Tenho de verificar... Para o Josh? - A mente de Margo parou de procurar o preço e ficou completamente atordoada. - O Josh comprou o colar?

- Como se não soubesse... - Os olhos de Sherri faiscaram quando ela tornou a segurar o braço de Margo. - Foi muito simpático da parte dele comprar o colar novamente para si.

- Foi, não foi? vou guardar os brincos para si, Sherri. Apareça um dia desta semana, durante o horário de abertura, para examiná-los melhor. E agora peço-lhe que me dê licença.

Ela esgueirou-se entre a multidão, desejando boa noite às pessoas, enquanto fazia um esforço para manter o sorriso jovial. Encontrou Josh a namorar com a filha adolescente de um dos seus directores.

- Josh, tenho de te roubar por um momento - disse ela quando a menina assumiu uma expressão contrariada. - Se pudesses ajudar-me com um problema na arrecadação...

Margo quase o empurrou para dentro, fechando a porta.

- O que é que fizeste?

- Estive só a proporcionar àquela miúda alguma coisa com que sonhar esta noite. - com uma expressão inocente, ele ergueu as mãos, com as palmas para fora. - Não lhe toquei. Tenho testemunhas.

- Não estou a falar desse teu flirt patético com uma criança que tem idade para ser tua filha.

- Ela tem dezassete anos. E só a deixei meter-se comigo. Foi uma simples sessão prática de tiro ao alvo.

- Eu disse que não queria falar sobre isso, embora ache que devias ter vergonha. Qual foi a tua ideia ao comprares o colar?

- Ah, isso...

- Ah, isso. Sabes o que é que parece?

- Claro que sei. São três fieiras, as pérolas combinam todas com perfeição, o fecho é em forma de laço, coberto de diamantes, de dezoito quilates.

Margo fumegou de irritação.

- Sei muito bem como é a porcaria do colar!

- Então porque perguntaste?

- Não te armes em advogado comigo!

- É mais uma questão de política que de direito.

Ela ergueu as mãos, fechou os olhos, até achar que tinha recuperado um precário controlo.

- Parece que eu te persuadi a comprá-lo... e pagando mais do que o valor de mercado... como alguém que oferece um bolo mas acaba por comer tudo.

Josh decidiu que dizer que ela não servira nenhum bolo não seria uma boa piada para aquele momento.

- Pensei que o dinheiro da venda ia para a caridade.

- E vai, mas o colar...

- Foi entregue a quem ofereceu o lance mais alto.

- As pessoas acham que eu te pedi para o comprares. Interessado, ele inclinou a cabeça para o lado. Notou que o rosto de Margo estava mesmo corado. O embaraço era uma expressão nova nela... e não a tornava nada feia.

- Desde quando te importas com o que as pessoas pensam?

- Estou a tentar aprender a importar-me. Josh pensou um pouco.

- Porquê?

- Porque... - Margo tornou a fechar os olhos. - Não sei porquê... não faço a menor ideia.

- Está bem - ele tirou o colar do bolso, deixou-o escorrer entre os dedos, enquanto o estudava. - Apenas grãos de areia, fragmentos de carbono, moldados pelo tempo e pela natureza em algo adorável.

- Estás a falar como um homem.

Josh levantou o rosto, fitou-a nos olhos, provocando-lhe um frio no estômago.

- Tomei a decisão de comprá-lo naquele dia, quando estava dentro de ti, o colar era tudo o que trazias vestido, e olhaste para mim como se nada mais existisse no mundo além de nós dois. Isto também é falar como um homem. Um homem que te ama, Margo. Que sempre te amou.

Apavorada e emocionada, ela arregalou os olhos.

- Não consigo respirar...

- Conheço essa sensação.

- Não... a sério... não consigo respirar...

Margo deixou-se cair numa cadeira, baixando a cabeça, que estava zozna, entre os joelhos.

- É uma reacção e tanto para uma declaração de amor. - Josh tornou a guardar o colar no bolso, a fim de massajar as costas de Margo. - És sempre assim?

-Não.

A boca sombria de Josh contraiu-se um pouco.

-Já é alguma coisa.

- Não estou preparada. - Margo inspirou devagar e tentou deixar o ar sair molécula por molécula. - Simplesmente não estou preparada para isto. Para ti. Também te amo, mas ainda não estou preparada.

Entre todos os guiões que Josh imaginara para o momento em que finalmente dissesse que a amava, nenhum incluía a possibilidade de Margo responder com a cabeça entre os joelhos.

- Importas-te de te sentar direita e dizeres-me isso de novo. Apenas a parte de "também te amo".

Cautelosa, ela ergueu a cabeça.

- Também te amo, mas... Não me toques agora.

- Que vá tudo para o Inferno!

Josh levantou-a da cadeira e beijou-a na boca, com mais impaciência do que delicadeza.

CAPÍTULO 18

KATE abriu a porta da arrecadação e deixou escapar um suspiro longo e ruidoso ao depararem-se-lhe Josh e Margo unidos num abraço apaixonado. É verdade que sentira o coração a amolecer, mas não havia motivo para os pôr ao corrente desse facto.

- Será que vocês dois se importam de controlar as vossas hormonas, para podermos encerrar a noite com algum decoro?

Josh afastou a boca de Margo pelo tempo suficiente para respirar fundo.

- Vai-te embora daqui - ordenou ele, antes de retornar ao beijo.

- Não vou nada! Ainda há mais de uma dúzia de pessoas lá fora à espera por uma despedida cordial das donas. E isso inclui a mulher a quem estás a efectuar neste momento uma operação de emergência às amígdalas.

Josh lançou-lhe um olhar breve, por cima da cabeça de Margo.

- Kate, tu és uma tola romântica.

- Eu sei. É uma fraqueza minha. - Ela aproximou-se e separou-os. - Tenho a certeza de que se poderão lembrar mais tarde do ponto em que pararam. Vamos, sócia. E tu, Josh, talvez seja melhor ficares um pouco aqui até ficares... apresentável.

Ele quase corou.

- As irmãs não deviam reparar nessas coisas.

- Esta aqui vê tudo, sabe de tudo. Kate puxou Margo pela porta.

- O que se passa contigo? - murmurou ela. - Parece que levaste com um machado na cabeça.

- E levei mesmo. Dá-me um daqueles antiácidos de que tanto gostas.

- Assim que pegar na minha mala. - Preocupada, Kate esfregou as costas da amiga. - Qual é o problema?

- Não posso falar agora. Amanhã.

E, como compreendia a sua obrigação, Margo contraiu os lábios num sorriso jovial e estendeu as mãos para a mulher que se aproximava.

- Fiquei muito contente por ter podido vir. Espero que tenha gostado da noite.

Margo repetiu essa mesma ideia, com variações, durante quase uma hora, até que os últimos convidados se retiraram. A necessidade, juntamente

com uma aspirina e alguns antiácidos, manteve-a em funcionamento. Queria um canto sossegado, um momento sozinha, para pensar em todas as emoções tumultuosas que a dominavam, mas foi arrastada quando os Templeton insistiram em sair com a família para comemorar.

Já era quase uma hora da madrugada quando voltou à suíte com Josh. Margo pensou que já devia ter definido tudo naquela altura. Já devia saber exactamente o que dizer e o que fazer. Mas, quando a porta se fechou e ficaram a sós, ela descobriu que não tinha a menor ideia.

- vou sentir saudades... dos teus pais... quando eles voltarem à Europa.

- Eu também. - Havia um sorriso descontraído no rosto de Josh. Ele afrouxara a gravata e desabotoara o colarinho. Margo achou que parecia um anúncio masculino a uma água-de-colónia muito cara e sensual. - Estás muito calma.

- É verdade. Tenho estado a pensar, a tentar decidir o que dizer quando conversarmos.

- Não devia ser preciso pensar assim tanto. - Ele aproximou-se e começou a soltar-lhe os cabelos. - Tenho estado este tempo todo a pensar em ficar a sós contigo. Finalmente.

Enquanto os cabelos caíam, livres, Josh atirou com os ganchos para a cómoda e acrescentou:

- Não exigiu muito esforço.

- Um de nós tem de ser sensato.

- Porquê?

Em qualquer outra ocasião, Margo teria rido.

- Não sei ao certo porquê. Apenas sei que um dos dois tem de ser. E parece que não serás tu. Josh, também não faço ideia se saberemos lidar com a situação.

- Tenho uma boa ideia sobre a maneira de começar. Ele estendeu os braços e puxou-a contra o seu corpo.

- Essa parte é fácil... talvez fácil de mais para nós dois. Acho que não queremos mudar isso.

- E porque deveríamos mudar?

Josh deslizou a boca pelo queixo de Margo. Ela era quente e macia.

- Porque deixamos as águas turvas.

Como é que Josh podia esperar que ela pensasse direito quando a saboreava como se fosse uma iguaria que escolhera num balcão de cristal?

- Porque eu nunca estive apaixonada e acho que tu também não. - Margo já tinha o coração acelerado. - Não sabemos o que estamos a fazer.

- Então vamos improvisar.

Josh estava no melhor dos ânimos para deixar que o súbito ataque de lógica de Margo o arrefecesse. Ele abriu o fecho do vestido. Quando a seda se separou, passou as mãos sobre a pele nua.

- Estás a querer dizer-me que as coisas não têm de mudar? Enquanto o vestido deslizava para o chão, o coração de Margo debatia-se entre o alívio e o desejo.

Ele teve vontade de lhe dizer que tudo já mudara. Mas conhecia-a muito bem. Sabia que, se falasse em mudança, compromisso, eternidade, Margo recuaria, conseguiria esquivar-se ou fugiria.

- Nada que não desejemos que mude. Isto, por exemplo.

Josh passou os polegares pelas curvas brancas e macias dos seios. Saltavam firmes das rendas do body preto sem alças. As meias subiam até ao cimo das coxas, outro contraste sedutor de preto contra branco. Ele deixou os dedos deslizarem por meias, carne e rendas, excitado a cada textura bem definida, fitando-a nos olhos durante todo esse tempo.

- No instante em que me tocas, Josh, eu desejo-te. É uma coisa; que não sou capaz de controlar.; Isso preocupava-a o suficiente para pôr de lado todo e qualquer pensamento racional, numa atitude deliberada, e abrir a camisa branca engomada para acariciar a pele dourada por baixo.

- Nunca tive um amante que me excitasse tanto pelo simples facto de estarmos no mesmo lugar. Por quanto tempo isto pode durar?

- Vamos descobrir.

Josh pousou-a na cama, observando os cabelos claros ondulantes e a pele branca e leitosa contra seda e renda preta. Ela continha mil promessas de fragrâncias e curvas sensuais, pernas longas, braços estendidos para o envolver.

Margo apertou-o contra o seu corpo, experimentando o maior prazer pela sensação do peso a imobilizá-la, sexo contra sexo, num lento atrito. Tudo o que ela tinha de saber, naquele instante, era que o desejava. E a sua boca procurou a dele para o acasalamento insinuante das línguas.

Quando passara ela a precisar do sabor de Josh, da fragrância e da textura da sua pele? Depois de tantos anos, como é que a amizade e os laços familiares se tinham transformado em paixão e anseio?

E por que razão, quando os seus corpos se fundiam com tanta perfeição, isso devia importar?

A pele de Margo vibrava sob as mãos de Josh, aquelas carícias longas e suaves que de repente podiam tornar-se rudes e possessivas. O que aflorava dentro dela era confuso e complexo de mais para ser analisado. E Margo deixou que o desejo a envolvesse.

Josh sentia cada movimento e suspiro, sabia quando os nervos se desfaziam em aceitação. Ali, naquela cama enorme e macia, não havia dúvidas. Margo era tudo o que ele queria... sempre fora.

Pernas compridas, curvas sumptuosas, pele macia e perfumada. Um corpo projectado para receber e proporcionar prazer. E mais ninguém, pensou Josh, enquanto as bocas se fundiam, haveria de receber dela... ou proporcionar-lhe a ela. Mais ninguém compreendia tanto quanto ele o coração de Margo, a sua mente, os seus sonhos.

Mais ninguém.

O coração de Margo acelerou, depois quase parou, quando ele foi dominado por uma súbita urgência. As mãos desesperadas vagueavam pelo seu corpo, a boca voraz parecia sugá-la. Os suspiros transformaram-se em gemidos, enquanto ela acompanhava o frenesi, reagia a fogo com fogo.

Como era maravilhosa a loucura...

Ela mexia-se sem parar, as mãos tão ansiosas quanto as de Josh, para impeli-lo da mesma forma como era impelida. Cumes perigosos. Um prazer que oscilava a um passo da dor. Margo ergueu-se. Sob as luzes suaves, a sua pele brilhava como seda húmida. Os olhos, de um azul intenso, fixaram-se nos dele, os corações batiam ao mesmo ritmo.

Agora. A ânsia parecia tremeluzir no ar em torno dos dois. Em resposta, Josh segurou-a pelas ancas, comprimindo os dedos. Num suave movimento, ela recebeu-o até ao fundo, manteve-o ali, ambos a tremer. Num gemido longo e felino, Margo arqueou as costas, deslizando as mãos pelo seu próprio corpo, da cintura pelo tronco acima, passando sobre os seios, onde sentiu o coração trovejar. Devagar, bem devagar, consciente de cada tremor do seu corpo, consciente de que os olhos de Josh acompanhavam os seus movimentos, ela tornou a descer as mãos, e acariciou aquela união dos corpos.

Exultante a cada respiração, Margo subiu as mãos outra vez, ergueu os cabelos. E deixou-se ir.

O ritmo que ela impunha agora era vertiginoso, implacável. Josh observou-a a alcançar o auge, a estremecer toda. As sensações acometiam-no como uma avalanche, toldando-lhe a visão. Mas ele sabia que nunca vira nada mais glorioso do que Margo perdida na sua paixão.

E, quando ela gritou, projectando-se para a frente, as mãos nos ombros de Josh, ele não teve outra opção que não perder-se também.

- Porque tenho sempre a sensação de que estou a mergulhar do alto de uma montanha quando faço amor contigo?

Margo não esperava uma resposta. Pensava que Josh estava a dormir ou, pelo menos, inconsciente. Mas ele mexeu-se, os lábios roçaram um seio, depois o outro.

- Porque tu e eu juntos, duquesa, formamos um casal perigoso. E eu já estou a desejar-te outra vez.

Os lábios de Josh foram subindo pelo pescoço, até encontrarem a boca inchada e quente. Ela já estava pronta para recomeçar, os braços leves e ágeis estenderam-se para o envolverem.

- Nunca foi assim para mim. - Através do tumulto das sensações que se avolumavam de novo, ela sentiu a mudança. E compreendeu o motivo. - Sei o que isto parece.

- Não importa.

Josh não queria pensar. Só queria tê-la, mantê-la nos seus braços.

- Claro que importa. Para nós dois.

Numa súbita insegurança, onde antes se sentia tão confiante, ela pegou no rosto de Josh entre as mãos para erguê-lo. Ele tinha os olhos a vibrar de desejo, mas agora com uma leve irritação.

- Acho que temos de conversar sobre isto.

- Nenhum dos dois fez um voto de castidade.

Era verdade. E Margo também sabia que, embora tivesse tido vários amantes, a imprensa a dotara com uma libido e um rasto de corações partidos muito além da realidade.

- Temos de conversar - repetiu ela.

- Nunca te fiz perguntas, Margo. Quem foram, quantos foram, tudo isso pertence à tua vida anterior. Só há um agora. E sou eu.

Em qualquer outra circunstância, o tom frio e possessivo podia tê-la irritado. Era típico de Joshua Templeton... eu vejo, eu quero, eu possuo. Mas ainda estavam ligados, ainda estavam quentes um do outro.

- Não foram tantos quanto possas pensar, Josh. Não me deitei com todos os homens com quem saí.

- Ótimo. Também não fui para a cama com todas as mulheres que levei para jantar. - Ele falou num tom brusco, enquanto virava a cabeça para afastar os cabelos do rosto. - De qualquer forma, é o agora que importa. Está bem claro?

Margo queria que fosse assim. Mas a ira de Josh, a maneira fria como ele a controlava, dizia que não era.

- Josh, antigamente a minha reputação não tinha qualquer importância para mim. Na verdade, só servia para aumentar a minha conta bancária. Mas agora... agora importa. - com um frio repentino, ela sentou-se na cama, passou os braços em torno do próprio corpo. - E importa agora porque tu te tornaste muito importante para mim. E não sei como lidar com a situação. Não sei como qualquer dos dois vai fazer. Quando era apenas sexo...

- Nunca foi apenas sexo para mim.

- Eu não sabia disso. Não sabia como te sentias, ou como eu me sentia, até que aconteceu. E é muito grande, muito importante. Assustador.

Surpreendeu-o, não apenas o que ela disse, mas também a maneira como falou. Nervosismo, arrependimento, confusão. Todas essas coisas eram raras em Margo nos jogos em que homens e mulheres se enfrentavam.

- Estás assustada?

- Apavorada. - Ela soltou um suspiro, levantou-se, foi buscar um robe ao roupeiro. - E não me sinto feliz com isso.

- Nem eu.

com um princípio de raiva a tremer nos seus olhos, Margo olhou para trás. Viu um macho comprido e esbelto, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, um sorriso a começar a contrair a boca deslumbrante. Ela não tinha certeza se devia agredi-lo, ou saltar para cima dele.

-O que sentes afinal?

- Apavorado... e nem um pouco feliz com isso.

Ela puxou o cinto do robe, manteve as mãos ali, enquanto se virava.

- A sério?

- Queres saber o que eu penso, duquesa?

- Não. - Foi o sorriso que a atraiu, que a fez voltar e sentar-se na beira da cama. - O que é que pensas?

- Foi tudo muito fácil para nós. Fácil de mais.

- E isto não vai ser.

Ele pegou na mão de Margo, os dedos entrelaçaram-se, num movimento natural.

- Parece que não. Talvez eu tenha um pequeno problema, um obstáculo, quando se trata de outros homens. Afinal, a mulher por quem estou apaixonado já foi noiva cinco vezes.

- Três vezes. - Margo retirou a mão, consciente de que o seu passado aflorava a todo o instante para explodir no seu rosto. - Os outros dois foram produtos de uma imprensa exagerada. E os três foram... erros logo rectificados.

- A questão é que nenhum dos meus relacionamentos chegou a progredir até esse ponto - declarou Josh, com o que considerava ser uma admirável paciência.

- O que pode ser encarado como um medo de compromisso da sua parte.

- É possível. Mas o facto puro e simples é que estive apaixonado por ti durante metade da minha vida... metade da minha vida. - Ele sentou-se na cama, os olhos, escuros como uma sombra, ao nível dos olhos de Margo. - Cada mulher que eu tocava era para te substituir.

-Josh...

Ela balançou a cabeça. Não havia nada que pudesse dizer, nada que pudesse elevar-se acima da onda de emoção que a submergia.

- É terrível, Margo, observar a mulher que queres, a única mulher que realmente desejas, sair com qualquer um, menos contigo. Ter de esperar e observar.

Era emocionante e assustador pensar naquilo. Saber aquilo.

- Mas porque esperaste?

- Um homem tem de usar a vantagem de que dispõe. A minha era o tempo.

- O tempo?

- Eu conheço-te, Margo. - Ele passou o dedo pela curva do rosto à sua frente. - Mais cedo ou mais tarde, irias meter os pés pelas mãos, ou cansar-te daquela intensa vida social.

- E tu estarias à espera para recolher os pedaços.

- Resultou - disse ele, num tom descontraído, segurando-a pelo pulso antes que ela tivesse tempo de saltar da cama. - Não precisas ficar irritada.

- Uma razão perfeita. Tu não passas de um filho-da-puta arrogante e

egocêntrico. Esperas até a Margo se lixar e depois entras em cena.

Ela tê-lo-ia agredido se Josh não o previsse e lhe segurasse o outro pulso.

- Eu não diria exactamente assim, mas... - Ele sorriu, cativante. Tu lixaste-te.

- Sei o que fiz. - Margo puxou os braços bruscamente, na tentativa de se desenvencilhar, mas foi em vão. - E também me livreí daquela confusão com o Alain sozinha.

Foi o brilho rápido nos olhos de Josh que a fez hesitar. Desapareceu no instante seguinte, mas ela conhecia cada matiz daquele rosto.

- Ou não foi assim?

- Claro que foi. Mas o importante...

- O que é que fizeste? - Enfurecida, ela bateu com as mãos aprisionadas no peito de Josh. - Não estiveste na Grécia. Eu saberia se lá tivesses ido. Como fizeste tudo?

- Não fiz nada... não exactamente. Fiz apenas alguns telefonemas, conversei com certas pessoas. Ora, Margo, esperavas que eu ficasse sentado na praia de braços cruzados enquanto decidiam se deviam ou não prender-te?

- Não. - Ela falou devagar, porque tinha medo de começar a gritar. - Claro que não. Estou numa crise, tu apareces para me salvar. Larga-me as mãos.

- Acho melhor não largar - respondeu Josh, percebendo a fúria persistente nos olhos dela. - Escuta, Margo, eu apenas acelerei o processo. Eles não tinham nada contra ti, nem queriam ter. Não fazia sentido deixar-te detida por mais tempo do que o necessário. Afinal, tu só tiveras o mau gosto e o péssimo juízo de te ligares a um vigarista persuasivo, que te usava como cobertura.

- Muito obrigada.

- Não precisas agradecer.

- E, já que tocaste no assunto, mais uma vez, devo admitir que tenho muita experiência com mau gosto e péssimo juízo. - Ela sacudiu os braços, furiosa porque Josh continuou a segurá-la com firmeza. - Mas acabou agora. Assumi o comando da minha vida. E estou a recuperar tudo, peça por peça. O que é uma coisa que tu jamais precisaste de fazer. Corri o risco, realizei o trabalho e...

- Eu orgulho-me de ti.

Josh, esvaziando-a por completo, levou os punhos de Margo aos lábios.

- Não tentes mudar as coisas!

- Orgulho-me da maneira como tu enfrentaste o que tinha de ser feito, transformaste tudo em algo de diferente e emocionante. - Ele abriu os dedos de Margo, comprimiu os lábios contra a palma da sua mão. - E sinto-me comovido. Pela maneira como te comportaste esta noite, pelas coisas que disseste.

- Mas que merda, Josh!

- Eu amo-te, Margo! - Ele contraiu os lábios num pequeno sorriso.

- Talvez tenha sido por falta de juízo que te amei antes. Mas sinto-me ainda mais apaixonado pela mulher com quem estou agora.

Derrotada, ela encostou o rosto ao dele.

- O que fazes, para me deixares sem fôlego, atordoada? Já nem me consigo lembrar porque estava zangada contigo.

- Vem cá. - Josh puxou-a para os seus braços. - Vamos ver se conseguimos esquecer mais alguma coisa.

Mais tarde, enroscada ao lado de Josh, sentindo o peso do braço dele ao seu redor, o som do coração lento e firme no seu ouvido, Margo lembrou-se de tudo. E compreendeu que nada ficara resolvido. Especulou como duas pessoas que se conheciam há tanto tempo e tão bem eram capazes de compreender tão pouco o coração uma da outra.

Até àquela noite nunca se envergonhara dos homens que deixara entrar na sua vida. Diversão, excitação e romance eram as únicas coisas que ela procurava, tudo com que sonhava. A maioria das mulheres encarava-a como uma concorrente. Mesmo em criança, tivera poucas amigas, além de Laura e Kate.

Mas os homens...

Margo suspirou e fechou os olhos.

Compreendia os homens, desde muito cedo compreendera o poder que a beleza e o sexo podiam exercer. E gostara de exercê-lo. Não para magoar, reflectiu ela. Jamais entrara no jogo com o risco de dor genuína para qualquer das partes. Sempre tivera o cuidado de escolher parceiros que compreendiam as regras do jogo. Homens mais velhos, homens experientes, homens de maneiras gentis, carteira recheada e coração cauteloso.

Nenhum deles interferira com a sua carreira, com as suas ambições, porque as regras eram simples e sempre acatadas.

Diversão, excitação, romance. Sem excessos, sem envolvimento, sem ressentimentos quando ela seguia em frente.

Sem qualquer sentimento. Mas com o pior julgamento. Agora, havia Josh. com ele, o seu poder era diferente, os seus sonhos eram diferentes. As regras eram diferentes. Havia diversão, é claro, sem falar na excitação e no romance. Mas já havia também excessos e envolvimento.

Não era de prever que alguém sairia magoado? Por mais que Josh a amasse, ela ainda não conquistara a sua confiança. E além da confiança, havia o respeito.

Josh amava a mulher com quem estava agora, lembrou ela. E especulou se ele não estaria à espera para verificar se ela ficaria ou fugiria. Também especulou se lá no fundo ela também não estaria à espera de descobrir isso mesmo.

Afinal, Josh nascera para uma vida de privilégio, tinha a vantagem inata de ser capaz de escolher e rejeitar qualquer coisa - e qualquer pessoa - ao seu critério. Se era verdade que ele a desejava há tanto tempo, esperara e observara... então, sendo Josh, também exultara com o desafio.

Agora que o desafio fora superado...

-vou odiar-te por isso - murmurou Margo, comprimindo os lábios contra o ombro de Josh. - Independentemente de quem magoar o outro, vou odiar-te por isso.

Ela aconchegou-se ainda mais, desejando que Josh acordasse, que a fizesse parar de pensar outra vez para não ter de se preocupar e especular.

- Eu amo-te, Josh. - Ela encostou uma mão ao peito dele, contando as batidas do coração até que combinassem. - Que Deus nos ajude.

CAPÍTULO 19

MARGO ia sempre para os penhascos quando precisava de pensar. Todas as suas grandes decisões tinham sido ali tomadas. Quem devia convidar para a sua festa de aniversário? Será que queria mesmo cortar o cabelo? Devia ir ao baile da escola com o Biff ou com o Marcus?

Essas decisões pareciam monumentais na altura. O barulho das ondas, a maresia e a fragrância das flores silvestres, a queda abrupta do rochedo de uma altura vertiginosa, tudo a acalmava e excitava ao mesmo tempo. As emoções experimentadas ali tinham influenciado todas as decisões.

Estivera ali um dia antes de fugir para Hollywood. "Logo a seguir ao casamento da Laura", pensou ela agora. Tinha dezoito anos então, certa de que a vida com todos os seus mistérios passava por ela. Sentia-se ansiosa e desesperada para ver o que havia no mundo lá fora, descobrir o que podia aproveitar.

Quantas discussões tivera com a mãe durante aquelas últimas semanas? "Demasiadas para contar", concluiu Margo.

Tens de ir para a universidade, menina, se quiseres ser alguém na vida.

É uma chatice. E inútil. Não há lá nada para mim. Quero mais.

Sempre quiseste. Mais o quê desta vez?

Mais tudo.

"E encontrei, não foi?", reflectiu Margo. "Mais excitação, mais atenção, mais dinheiro. Mais homens."

Agora, que completara o círculo, o que tinha ela? Uma nova oportunidade. Uma coisa sua. E Josh.

Margo inclinou a cabeça para trás, observou uma gaivota a fazer a curva, planar por um instante e depois mergulhar para o mar.

À distância, sobre a água azul, um barco deslizava, lustroso e branco, e o sol cintilava nas peças metálicas. O vento subiu e girou, como um dançarino, despenteando-a e enfunando a túnica de seda branca.

Ela sentia-se muito sozinha, pequena e insignificante, no meio dos penhascos altos e escarpados, com a destruição ou glória a apenas uns poucos passos de distância.

"Uma metáfora para o amor?", pensou Margo, achando graça à ideia.

Pensamentos profundos nunca tinham sido o seu forte. Sentia-se sozinha sem ele. Solitária. Se o compromisso com Josh era como o salto de um penhasco, uma mulher como ela levantaria voo ou cairia e esborrachar-se-ia lá em baixo?

Se fosse um risco que ela estivesse disposta a correr, o que aconteceria a Josh? Passaria a confiar nela? Seria capaz? Acreditaria nela, ficaria do seu lado? Acima de tudo, Josh estaria disposto a aguentar todos os altos e baixos de uma vida em comum?

E como, por Deus, ela saltara do amor para o casamento? Era de mais. Já estava a pensar em casamento.

Tinha de se sentar.

Trémula, deixou-se cair numa pedra e esperou que a respiração voltasse ao normal. O casamento nunca fora um objectivo na sua vida. Os noivados tinham sido apenas uma farsa, uma brincadeira, nada mais sério para ela do que uma piscadela de olhos e um sorriso.

O casamento significava promessas que não podiam ser rompidas com um mero encolher de ombros. Significava uma vida inteira, uma partilha de tudo. Até mesmo de crianças. Ela estremeceu mais uma vez e comprimiu a mão contra a barriga. Não era do tipo maternal. Não, não, cercas brancas em jardins e rotatividade de mães no transporte das crianças estavam a anos-luz do seu reino.

Nem sequer conseguia pensar nisso, pensou ela, rindo de si mesma. Viveria com Josh. A situação como era agora parecia perfeita. Naturalmente, era assim que ele queria também. Margo não podia entender porque ficara tão aflita. A suíte atendia às necessidades de ambos, aos seus estilos de vida, proporcionava a oportunidade de escaparem, juntos ou separados, quando lhes desse na veneta.

Nada permanente, nada que sugerisse uma obrigação. Claro que era essa a solução, desde o início. A vida no hotel estava no sangue de Josh e era parte da opção de vida de Margo. Cansada de olhar para a mesma vista? Faz as malas e encontra outra.

Claro que era isso o que Josh haveria de querer. E aquilo que também a faria sentir bem.

Depois Margo virou-se, levantou os olhos, mais alto ainda, para a casa, com a sua permanência, força e beleza. Torres acrescentadas por novas gerações, telhas pitorescas instaladas com as antigas. Margo sabia que as

memórias lá criadas duravam para sempre. Os sonhos que se acalentavam ali nunca se desvaneciam. O amor murmurado ali desabrochava tão livre e exuberante quanto os galhos emaranhados das buganvílias.

Mas não era sua. Uma casa que fosse sua era algo que sempre se esquivara dela. Margo tornou a virar-se, contemplou o mar, surpreendida ao descobrir que os seus olhos ardiam.

"O que queres, Margo? Por Deus, o que queres?"

"Mais. Mais de tudo."

- Calculei que te encontraria aqui. - Kate sentou-se numa pedra ao seu lado. - bom dia para admirar o mar.

- Deves estar a sentir-te feliz esta manhã. - Laura pôs a mão no ombro de Margo. - A noite de ontem foi um sucesso, do princípio ao fim.

- Ela está meditativa. - Kate revirou os olhos para Laura. - Nunca fica satisfeita.

- Estou apaixonada pelo Josh.

Margo estava a olhar em frente, como se falasse para o vento. Kate comprimiu os lábios, pensando um pouco. Como não podia ver os olhos de Margo por detrás das lentes escuras, baixou os óculos no nariz.

- com "a" minúsculo ou maiúsculo?

- Kate, já não estamos na escola secundária - murmurou Laura. - Ainda assim é uma pergunta relevante. Qual é a resposta?

- Estou apaixonada pelo Josh - repetiu Margo. - E ele está apaixonado por mim. Perdemos o juízo.

- Estás a falar a sério. - Kate deslocou o olhar de Margo para Laura. - Ela está a falar a sério.

- Tenho de caminhar. - Margo levantou-se abruptamente, começando a andar pela beira do penhasco. - Não sei o que fazer com toda esta energia. E os nervos que ficam às voltas na cabeça, descem pelo corpo, tornam a subir.

- Não tem de ser uma coisa horrível - comentou Laura.

- Estiveste apaixonada pelo Peter, não foi?

Laura baixou os olhos para os seus pés, disse a si própria que era preciso tomar cuidado com os passos.

- Estive, sim. No passado.

- É esse o meu problema. Estavas apaixonada por ele, iniciaram uma vida juntos, depois desmoronou-se tudo. Tens alguma ideia de quantos relacionamentos eu já vi romperem-se ou simplesmente desfazerem-se? É

impossível contar. Nada dura para sempre.

- E os meus pais?

- São o exemplo notável da exceção que confirma a regra.

- Espera, espera um pouco. - Kate segurou-a pelo braço. - Tu e o Josh estão a pensar em casar?

- Não, claro que não. Nenhum dos dois é do tipo "até que a morte nos separe".

Precisando de estar mais perto do mar, Margo desceu um pouco pela beira do penhasco.

- Queres estar apaixonada por ele?

À pergunta de Kate, ela olhou para trás, aborrecida, impaciente.

- Não é uma questão de escolha.

- Claro que é.

Kate não acreditava que o amor ou qualquer outra emoção fosse incontrolável.

- O amor não é como uma roupa que experimentas para ver se te fica bem - interveio Laura.

Kate encolheu os ombros, desceu mais um pouco pela encosta, com extrema agilidade.

- Se não fica bem, pões de lado, pelo menos na minha opinião. E, então, Margo, fica bem ou não?

- Não sei. Mas estou a usar.

- Talvez te habitues.

"Ou", pensou Laura, preocupada, "te fartes." Foi o tom que fez Margo parar. A preocupação estava um ponto acima da dúvida.

- Eu amo-o de verdade - declarou ela. - Ainda não sei ao certo como lidar com a situação, mas tenho a certeza de que o amo. Só que parece que não somos capazes de conversar sobre isso de uma forma sensata. E dá para sentir que parte do Josh se aflige pela maneira como vivi. Os homens com os quais estive.

- Pois, pois. Parece até que ele passou os últimos dez anos num mosteiro, a copiar as escrituras. - Kate empinou os ombros, hasteando a sua bandeira feminista. - Não é da conta dele se tu saíste com toda a gente da Quinta, Sexta e Sétima Esquadras. Uma mulher tem tanto direito quanto um homem de ser promíscua, de uma forma estúpida e irresponsável.

Margo abriu a boca, mas por um momento só conseguiu rir do apoio

habilmente insultuoso.

- Obrigada, Irmã Imaculada.

- Não tem de quê, Irmã Vagabunda.

- O que estou a querer dizer é que não se trata apenas do ciúme normal da parte do Josh - continuou Margo, sarcástica. - Eu podia ignorar isso, ou irritar-me. Mas ele tem motivos para as dúvidas, e não sei quanto tempo levará para provar a ambos que essa parte da minha vida acabou.

- Acho que estás a ser muito indulgente com ele - comentou Kate.

- E muito exigente comigo? Kate sorriu, jovial.

- Eu não disse isso.

- Então digo eu - interveio Laura, dando uma cotovelada no flanco de Kate.

- É mais do que os homens. - Margo olhou para o mar, enquanto tentava encontrar um sentido na situação. - Acho que isso é apenas uma espécie de sintoma. O Josh diz que se orgulha de mim, do que fiz para reorganizar a minha vida. Eu diria que ele se sente mais surpreendido do que qualquer outra coisa. E, por causa disso, compreendo que é improvável que o Josh espere que eu vá até ao fim, que aguento firme e continue. Porque é que devia pensar de outra forma?

Ela recordou a reacção brusca de Josh à recente sessão fotográfica e acrescentou:

- O Josh está na expectativa de que eu me vá embora outra vez, saia à procura de algo maior e mais fácil.

- Eu diria que tu não tens fé suficiente no Josh. - com o rosto franzido, Kate estudou Margo. - Estás a pensar em fugir?

- Não. - Era finalmente uma coisa de que ela podia ter a certeza absoluta. - Já terminei de fugir. Mas com o meu passado...

- O melhor é ambos concentrarem-se no presente - declarou Laura. - Onde estão agora e o que sentem um pelo outro agora. Tudo o resto... ora, apenas serviu para levá-los ao ponto em que estão e com quem estão.

Parecia muito simples, irrefutável. Margo fez um esforço para acreditar.

- Está certo. Acho que é melhor darmos um passo de cada vez. Como um programa de recuperação, só que ao contrário. - Margo baixou-se, pegou numa pedra e lançou-a ao mar. - Entretanto... estamos no entretanto. E pode ser divertido.

- O amor deve ser mesmo divertido. - Laura sorriu. - Quando não é um

inferno.

- Tu és a única das três que já lá esteve.

Margo olhou para Kate em busca de confirmação.

- É verdade.

- Se não te incomoda, podias contar como saíste do outro lado? Como tudo terminou?

Claro que incomodava. Deixava-a em carne viva por dentro, com a sensação de fracasso. Mas Laura nunca admitiria tal coisa.

- Foi gradual, como água a bater em pedra até furar. Não aconteceu de repente, como acordar uma bela manhã e descobrir que não estava mais apaixonada pelo meu marido. Foi um processo lento e desagradável, como se as emoções estivessem a congelar. Acabei por não sentir nada por ele.

"Uma perspectiva aterradora", pensou Margo. Não sentir coisa alguma por Josh. Ela tinha a certeza de que preferia odiá-lo a não sentir nada. Ou pior, muito pior, compreendeu Margo, era Josh não sentir nada por ela.

- Podias ter interrompido o processo?

- Não. Os dois juntos podíamos, mas eu sozinha não. O Peter nunca me amou. - E como isso doía! - O que torna a minha situação muito diferente da que tens com o Josh.

- Sinto muito, Laura.

- Não te preocupes. - Mais tranquila agora, Laura apoiou-se no braço de Margo. - Tenho duas filhas lindas, o que é maravilhoso. Mas tu tens a oportunidade de realizar algo muito especial.

- Posso aproveitar essa oportunidade. Margo pegou noutra pedra, atirando-a ao mar.

- Se vais procurar um ninho de amor para começar, conheço alguém que deseja vender uma propriedade a menos de um quilómetro a sul daqui. - Kate também pegou nalgumas pedras para lançar ao mar, impregnada do espírito do momento. - Uma beleza. Estilo espanhol da Califórnia.

- Estamos perfeitamente felizes na suíte.

"Seguros na suíte", sussurrou uma voz na mente de Margo. "No limbo."

- Como preferires.

Kate encolheu os ombros. Acreditava no valor do investimento em imóveis. Um lar era uma coisa... não podia ser medido em termos de ganhos de capital a curto ou longo prazo. Mas imóveis bem escolhidos eram um item indispensável a qualquer plano de investimento.

- Mas a vista é espectacular.

- Como é que sabes?

- Já lá levei algumas declarações de impostos. - Kate percebeu o sorriso de Margo e apressou-se a acrescentar: - Que mente suja! E uma mulher. Ela ficou com a casa no acordo de divórcio e agora quer vender, comprar um imóvel menor, de manutenção mais barata.

- Estás a falar da casa da Lily Farmer? - perguntou Laura.

- Essa mesma.

- É linda. Dois andares. Estuque e azulejos. Passou por uma reforma completa há dois anos.

- Tens razão. As obras acabaram a tempo de dizer adiós. Ele ficou com o barco, o BMW, o labrador e a colecção de moedas. Ela ficou com a casa, o Land Rover e o gato siamês. - Kate sorriu. - Ninguém guarda segredos para a sua contabilista.

- É justamente o tipo de coisa sobre a qual eu estava a falar. É por isso que não quero uma casa, um carro com tracção às quatro rodas ou um cão. - A simples ideia deixava o estômago de Margo dorido. Simplifiquei a minha vida. Ou pelo menos tornei-a mais fácil. Não quero complicar tudo outra vez.

Ela tinha agora um punhado de pedras na mão e estava a atirá-las uma a uma do penhasco, como se fossem balas.

- O que é que a minha mãe sempre disse? Começa do modo como pretendes continuar. Pois é o que estou a fazer. Começar de forma simples, continuar de forma simples. O Josh não quer todas essas responsabilidades, tal como eu. Vamos deixar como...

- Espera! - Laura segurou a mão de Margo, antes que ela pudesse lançar a pedra seguinte. - O que é isso? Não é uma pedra.

com o rosto franzido, Margo esfregou com o polegar.

- Alguém deve ter deixado cair uma moeda. Não reparei. É só... Oh, não!

Ela limpou a terra, e um pequeno disco cintilou na palma da sua mão.

- É ouro! - Kate pôs a mão sobre a de Laura, e as três ficaram ligadas. - Oh, meu Deus, é um dobrão de ouro!

- Não é, não. - Ofegante, Margo balançou a cabeça. - É uma daquelas fichas douradas que usam nas máquinas de jogo na cidade.

- Mas tinha algum peso. E um brilho diferente. - Não é?

- Olha para a data - murmurou Laura. - Mil oitocentos e quarenta e

cinco.

- Seraphina... - Margo comprimiu a mão contra a cabeça, como se estivesse a girar que nem um carrossel. - O dote da Seraphina. Será possível?

- Só pode ser - insistiu Kate.

- Mas estava simplesmente aqui caída. Descemos por este caminho centenas de vezes. Até procurámos o tesouro quando éramos pequenas. E nunca encontramos nada.

- Acho que não procurámos no lugar certo. - Os olhos de Kate faiscavam de excitação quando ela se inclinou para dar um beijo repenicado em Margo.

- Vamos procurá-lo já.

Ansiosas e risonhas como no tempo em que eram crianças, as três puseram-se a andar de gatas pela terra e rocha, estragando as unhas, esfolando os dedos.

- Talvez ela não o tenha deixado escondido, afinal - sugeriu Margo.

- Ao saber que o Felipe não voltaria, talvez a Seraphina tenha decidido que não viveria sem ele e desfez-se do dote, atirando as moedas ao mar.

- Morde a língua. - Kate limpou o suor da testa com o braço sujo de terra. - Nós três sempre jurámos que encontraríamos o tesouro. Agora que descobrimos uma peça, vens dizer que a Seraphina atirou tudo ao mar!

- Não creio que ela fizesse isso. - Laura abafou um grito, ao arranhar um dedo numa pedra, ficando de cócoras. - O dote já não tinha importância para ela. Nada tinha. A pobre coitada era apenas uma criança.

Ela fez uma pausa, soprou os cabelos caídos sobre os olhos e acrescentou:

- E por falar em crianças... olhem só para nós!

Não foi a ordem que fez Kate e Margo pararem. Foi a gargalhada que Laura soltou. Era um som raro naqueles dias, a gargalhada baixa e gutural de Laura.

E contemplando uma das matronas mais respeitadas da sociedade com os cabelos desgrenhados, o rosto sujo de terra, a blusa de algodão, antes bem passada, toda encharcada de suor, Margo riu-se também.

Depois, apertou a barriga e apontou para Kate, que estava de quatro, olhando para as duas. E segurou-se numa pedra antes que o próximo acesso de riso a fizesse cair do penhasco.

- Ah, Kate, até as tuas sobrancelhas estão sujas de terra!

- E tu não estás exactamente impecável, amiga. Só mesmo tu para

andares à procura de um tesouro vestida de seda branca.

- Oh, merda! Tinha-me esquecido.

Margo olhou para si mesma e estremeceu. A túnica, antes impecável e fluida, estava agora imunda e colada à pele. Ela deixou escapar um gemido baixo.

- Isto já foi um Ungaro.

- Agora é um trapo - comentou Kate, jovial. - Na próxima vez experimenta umas calças de ganga e uma camisola de malha como a maioria das camponesas.

Ela levantou-se e limpou a terra das roupas, acrescentando:

- Nunca vamos descobrir nada desta forma. Temos de nos organizar. Temos de arranjar um detector de metais.

- É uma boa ideia - decidiu Margo. - Onde é que podemos arranjar tal coisa?

Já estava escuro quando Margo chegou à suíte. Começou a despir-se assim que passou pela porta e seguiu directamente para a banheira de hidromassagem. Josh parou a meio de se servir de um copo de Pouilly Fuisse.

- Mas o que é que andaste a fazer? - O vidro bateu na madeira quando ele correu para Margo. - Houve um acidente? Estás ferida?

- Não houve nenhum acidente, mas estou toda dorida. - Ela lamuriou-se um pouco ao abrir a água quente. Tinha os dedos magoados. - Josh, se me amas mesmo, vai buscar-me um copo do que ias beber... e, por mais que tenhas vontade, não te rias de mim.

Ele não avistou qualquer sangue enquanto Margo deixava escorregar o corpo para a água. Aliviado, voltou à sala e despejou o vinho de um dourado-claro em dois copos.

- Conta-me o que aconteceu. Caíste de um penhasco?

- Não propriamente.

Margo pegou no copo, bebeu o vinho em poucos goles ansiosos. Respirou fundo, devolveu o copo vazio e pegou no outro cheio.

- Obrigada.

Ele limitou-se a erguer uma sobrancelha e retornou à sala para pegar na garrafa.

- Já sei. Levaste as meninas à praia e deixaste que elas te enterrassem vestida.

Margo recostou-se, soltando um gemido.

-Agora faço exercício regularmente. Como é possível que ainda tenha músculos que não esteja a usar? E como podem doer tanto? Queres pedir-me uma massagem?

- Eu faço-te uma massagem se acabares com esse jogo de adivinhas. Margo abriu os olhos. Queria verificar se ele ria. Se percebesse sequer um tremor, Josh teria de morrer.

- Estive com a Laura e a Kate.

- E o que estiveram a fazer?

- Fomos procurar o tesouro.

- Vocês... - Josh passou a língua pelos dentes. - Ah...

- Isso é uma risada?

- Não. Quer dizer que vocês passaram a tarde e o início da noite à procura do tesouro?

- Nos penhascos. Arranjámos um detector de metais.

- Vocês arranjaram... - Josh esforçou-se por disfarçar o riso com uma tossidela, mas os seus olhos contraíram-se. - Descobriste como funciona?

- Não sou idiota. - Margo fez uma cara de chateada. Quando a água alcançou o nível, apertou o botão dos esguichos. - A Kate descobriu. E, antes de fazeres algum outro comentário irónico, dá uma olhada no bolso das minhas calças.

Ela afundou-se ainda mais, bebeu um gole do vinho, e achou que podia sobreviver.

- E depois podes pedir-me desculpas.

Disposto a entrar no jogo, Josh pôs o copo na beira da banheira e foi para o quarto. As calças encontravam-se perto da porta, menos de um metro à frente do ponto em que ela tirara os sapatos. E estavam tão imundas que ele as levantou cautelosamente com dois dedos.

- Vais precisar de um novo traje para a caça ao tesouro, querida. Este já não serve.

- Cala a boca, Josh, e procura no bolso.

- Provavelmente encontraste um diamante que caiu do anel de alguém - murmurou ele. - E achas que é o filão principal.

Mas os seus dedos localizaram a moeda. O rosto contraiu-se de surpresa quando a tirou. Uma moeda espanhola, com mais de um século, brilhante como o Verão.

- Não estou a ouvir nenhuma gargalhada! - gritou Margo da banheira. -

Nem um pedido de desculpas!

Ela começou a cantarolar baixinho enquanto os jactos de água relaxavam os músculos. Ao senti-lo na porta, ergueu o rosto para fitá-lo.

- Não precisas de te prostrar. Um simples "Desculpa, Margo, fui um tolo" já serve.

Josh atirou a moeda ao ar e tornou a pegá-la, antes de se sentar na beira da banheira.

- Um dobrão não faz um tesouro.

- Rudyard Kipling? Ele teve de sorrir. -J. C. Templeton.

- Ah, esse... - Margo fechou os olhos. - Sempre o achei céptico e presunçoso.

- Respira fundo, querida - advertiu ele, antes de a empurrar para o fundo.

Quando ela voltou à superfície, espalhando água para todos os lados, Josh revirou a moeda na sua mão.

- Admito que isto é intrigante. Onde foi exactamente que a encontraste?

Ela estava a limpar a água dos olhos.

- Não sei porque tenho de te dizer. O dote da Seraphina é um assunto de mulheres.

- Está bem. - Josh encolheu os ombros e pegou no copo de vinho. - O que mais fizeste hoje?

-Ao menos podias insistir um bocadinho- resmungou ela, irritada.

- Já não insisto - disse ele, estendendo-lhe o sabonete. - Estás mesmo a precisar disto.

- Está bem... - Uma perna comprida e bem torneada saiu da água. Margo ensaboou-a sem pressa. - Foi nos penhascos, em frente à casa. A Kate pôs uma pilha de pedras para marcar o lugar. Mas andámos horas à procura depois de eu encontrar a moeda e não descobrimos nem um níquel furado.

- E o que é exactamente um níquel furado? Apenas uma pergunta retórica - apressou-se a dizer Josh, quando ela franziu a cara. - Ouve, duquesa, não vou estragar a tua diversão. Tens aqui uma boa pista. Inclusive com a data certa. Quem sabe?

- Eu sei. E a Kate e a Laura também sabem. - Margo passou os dedos pelos cabelos molhados. - E digo-te mais uma coisa. Significou algo para a Laura. Ela perdeu aquela expressão nos olhos, a expressão magoada que sempre exhibe quando pensa que ninguém a está a observar.

Quando o rosto de Josh se tornou sombrio, ela arrependeu-se de ter

falado e colocou as suas mãos nas dele.

- Eu também gosto muito dela.

- Despedir o desgraçado não foi suficiente.

- Partiste-lhe o nariz.

- E isso foi tudo. Não quero magoá-la. Não conheço ninguém que mereça menos do que a Laura.

- Ou que pareça estar a controlar-se melhor. - Ela apertou a mão de Josh.

- Devias tê-la visto hoje. Estava a rir e excitada. Até as meninas participaram. Há semanas que a Ali não sorria daquela maneira. Foi muito divertido. E só a expectativa do que podia haver ali.

Josh tornou a olhar para a moeda, antes de a pousar na beira da banheira.

- Quando pretendem voltar?

- Decidimos que seria um passeio regular aos domingos. - Ela torceu o nariz para a água e tirou a tampa no fundo da banheira. É como se eu estivesse a tomar um banho de lama. Estou faminta. Importas-te de comer aqui esta noite? Preciso tomar um duche e lavar o cabelo.

Ele observou-a a levantar-se e a água a escorrer da pele cremosa.

- Podemos comer nus?

- Depende. - Margo soltou uma gargalhada enquanto se encaminhava para o duche. - Qual é a ementa?

Na manhã seguinte, relaxada pelo amor, ela recostou-se no banco do carro, enquanto Josh avançava pelo tráfego intenso.

- Não era necessário lewares-me, Josh, mas agradeço.

- Tenho de passar no resort. Tenho de verificar algumas coisas.

- Não tens mencionado nenhuma viagem iminente.

- Não tem havido problemas.

Margo olhou pela janela, como se estivesse absorvida pela paisagem.

- Depois de escolheres o substituto para o Peter, imagino que terás de voltar à Europa.

- É provável. Por enquanto, estou a tratar de tudo daqui sem grandes dificuldades.

- É isso o que queres? - Ela precisava manter a pergunta fácil para os dois. - Ficar aqui?

Josh foi tão cauteloso quanto ela.

- Porque perguntas?

- Nunca ficaste no mesmo lugar por muito tempo.

- Nunca tive nenhuma razão para ficar. Os lábios de Margo contraíram-se.

- É bom ouvir isso. Mas não quero que te sintas obrigado. Ambos temos de compreender que os nossos trabalhos têm as suas exigências. Se a Pretenses continuar tão bem, terei de viajar para comprar mercadorias.

Josh já pensara nisso e começara a trabalhar numa solução.

- Onde pensarias ir?

- Não sei ainda. As vendas de espólios locais não são suficientes. E, para as roupas, preciso tentar primeiro os meus contactos. É bem provável que consiga melhores negócios se for pessoalmente a Los Angeles, Nova Iorque, Chicago. E, se tudo continuar bem, voltarei a Milão, Londres, Paris.

- É isso o que queres?

- Quero que a loja seja um sucesso. Às vezes sinto saudades de Milão, da simples presença lá, a sensação de estar no centro de alguma coisa. De todo aquele movimento ao meu redor. - Margo deixou escapar um pequeno suspiro. - É difícil afastar-me por completo. Espero que seja suficiente ir até lá uma ou duas vezes por ano, fazer alguns negócios de vez em quando.

Ela virou o rosto para Josh.

- Também não sentes saudades? Das pessoas, das festas?

- Um pouco. - Josh andara demasiado ocupado em mudar a vida de ambos para pensar no assunto. - Não há motivo para que não possamos coordenar as tuas viagens de compras com o meu trabalho. Só é preciso um pouco de planeamento.

- Estou a melhorar cada vez mais em questões de planeamento.

- Quando ele parou à frente da Pretenses, Margo inclinou-se para beijá-lo. - Não achas que é bom?

- É, sim. - Josh segurou-a pelo pescoço, a fim de prolongar o beijo. - É bom de mais.

Margo pensou que tudo o que tinham a fazer era continuarem assim.

- Apanharei um táxi para voltar. Não, estou a falar a sério. - Ela beijou-o de novo, antes que Josh pudesse protestar. - Devo chegar por volta das sete horas. Procura não te atrasares muito. Adorava ir a algum lugar fabuloso e beber champanhe.

- Acho que posso arranjar as coisas.

- Nunca ouvi dizer que tivesses falhado nisso.

Josh segurou-lhe na mão no instante em que ela deixava o carro.

- Eu amo-te, Margo.

Ela ofereceu-lhe um sorriso exuberante.

- Eu sei.

CAPÍTULO 20

FOI um sentimento dos mais agradáveis, passar o dia na sua própria loja, entre as suas coisas, colhendo os resultados da primeira recepção de sucesso. E foi o que ela disse à mãe quando Ann apareceu a meio do dia, com uma caixa de bolachas com lascas de chocolate, as preferidas de Margo.

- Não posso acreditar que esteja a acontecer - comentou ela, enquanto mastigava uma bolacha. - Têm aparecido pessoas a toda a hora. Esta é a minha primeira pausa. Mãe, acho que tenho realmente um bom negócio. Claro que eu queria acreditar nisso desde o início. E quase acreditei depois que o primeiro dia correu tão bem. Mas na noite de sábado...

Margo fechou os olhos, pôs na boca o resto da bolacha e acrescentou:

- Na noite de sábado, passei realmente a acreditar.

- Fizeste um bom trabalho. - Ann bebeu um gole do chá que fizera no andar de cima. Embora estranhasse a escolha de champanhe por Margo... champanhe à hora do almoço!... não fez qualquer comentário. - Isso mesmo, um bom trabalho. Durante todos estes anos...

- Durante todos estes anos desperdicei a minha vida, o meu tempo, os meus recursos. - Margo encolheu os ombros. - Outra vez, a velha história da formiga e da cigarra, mãe?

Ann não pôde reprimir o sorriso que lhe repuxou os cantos dos lábios.

- Nunca ligaste a essa história, nunca te preocupaste em encher a despensa para o Inverno. Ou era o que eu pensava. - Ann levantou-se e foi até à porta, passando os olhos pelo toucador, decorado com um grande bom gosto. - Mas parece que andaste a guardar, no fim de contas.

- Não. É um provérbio diferente. A necessidade é a mãe da invenção. Ou talvez seja o desespero. - Como vinha lutando pela honestidade na nova Margo, podia muito bem começar agora. - Não planeei assim, mãe. Nem queria que as coisas fossem assim.

Ann virou-se, estudou a mulher sentada na requintada cadeira creme, com a sua almofada rosa. "Mais suave do que antes", pensou Ann. "Nos olhos e na boca." Ela especulou que Margo, sempre consciente de cada centímetro do seu rosto, não parecia notar a mudança.

- Muito bem, Margo, não era o que querias. E agora?

- Agora vou dar tudo por tudo para resultar. Não, não será bem assim. - Ela pegou noutra bolacha, bateu contra o copo, como um brinde. - Farei com que a loja seja um sucesso fabuloso. A Pretenses vai crescer. Dentro de um ou dois anos, abrirei uma filial em Carmel. Depois... quem sabe? Uma elegante loja em San Francisco, uma exótica loja em Los Angeles.

- Ainda a sonhar, Margo?

- É verdade. Ainda a sonhar. Ainda a percorrer lugares. Só que lugares diferentes. - Ela atirou os cabelos para trás e sorriu, mas com um certo nervosismo. - Por detrás de tudo, ainda sou a mesma Margo.

- Não és, não. - Ann adiantou-se e pegou no queixo da filha. Não és. Mas ainda reconheço muita coisa da menina que criei. De onde vieste? Os teus avós pescavam para viver. As tuas avós lavavam o chão e penduravam as roupas lavadas no varal com molas de madeira para secarem ao vento.

Ela agarrou na mão de Margo, estudando a palma longa e estreita, os dedos afilados com belos anéis.

- A mão da minha mãe daria duas da tua. Era grande, dura e capaz. Como a minha.

Ann percebeu a surpresa nos olhos da filha por ouvi-la falar de forma tão descontraída de pessoas a quem nunca se referia. Por egoísmo, Ann passara a compreender. Porque, se não falasse daquelas pessoas, a separação não doeria tanto.

Cometera erros, sem dúvida, reflectiu Ann. Erros grandes e terríveis, com a única filha que Deus lhe dera. Apesar de ser angustiante tentar corrigi-los agora, nada seria mais justo.

- O nome da minha mãe era Margaret. - Ela teve de aclarar a garganta para continuar. - Nunca falei dela contigo porque ela morreu poucos meses depois que deixei a Irlanda. E senti-me culpada por partir num momento em que ela estava doente, por não poder voltar para me despedir. Não falei sobre ela nem a ti nem a qualquer outra pessoa.

- Sinto muito, mãe - foi tudo o que Margo pôde dizer.

- Eu também sinto... por isso e por não te dizer antes como ela te amou no pouco tempo que passaram juntas.

- Como...?

A pergunta era persistente, mas Margo tinha medo de fazê-la, tinha medo de ser repelida de novo.

- Como era ela? - Os lábios de Ann contraíram-se num suave sorriso. -

Atormentavas-me com perguntas assim quando eras pequena. E depois paraste de perguntar, porque eu nunca respondi. E devia ter respondido.

Ela virou-se e caminhou até à janela, que oferecia os sons e vistas das ruas movimentadas. O seu pecado, compreendeu, fora o da cobardia, da auto-indulgência. Se a penitência era a dor de lembrar, seria muito pouco.

- Antes de responder, quero dizer-te que não o fiz antes porque disse a mim própria que não devia olhar para trás. - com um pequeno suspiro de arrependimento, Ann virou-se de novo e aproximou-se da filha. - Achava que era mais importante criar-te como deve ser do que encher a tua cabeça com pessoas do passado. Afinal, a tua cabeça sempre esteve cheia de muita coisa.

Margo tocou na mão da mãe por um instante.

- Como era ela?

- Era uma boa mulher. Trabalhadora, mas não severa. Adorava cantar, e cantava enquanto trabalhava. Adorava flores e podia fazer qualquer coisa crescer. Ensinou-nos a ter orgulho do lar e de nós mesmas. Não admitia palermices às filhas, distribuía palmadas e abraços na mesma medida. Esperava que o meu pai voltasse do mar com uma expressão nos olhos que só compreendi quando me tornei adulta.

- O meu avô? Como era ele?

- Um homem enorme, de voz grossa. Gostava de praguejar para que a minha mãe o repreendesse. - Um sorriso insinuou-se na boca de Ann. - Voltava do mar a tresandar a peixe, maresia e tabaco. E contava-nos histórias. Ah, as histórias incríveis que ele sabia contar...

Ann acalmou-se e removeu algumas migalhas da mesa.

- O teu nome foi uma homenagem à minha mãe. O meu pai chamava-lhe Margo quando queria brincar. Embora eu não possa revê-la em ti... nem em mim, diga-se de passagem. Talvez nos olhos. Não a cor, mas a forma e a expressão obstinada que costumam exhibir. Isso vem de mim. Mas a cor é do teu pai. Ele tinha olhos em que uma mulher se podia afogar. E a luz deles... oh, Céus, aquela luz podia cegar!

- Nunca me falou nele.

- É que me doía muito. - Ann baixou a mão e tornou a sentar-se, cansada. - Doía tanto, que preferia não falar. Acabei por perder o hábito e roubei-to de ti. Foi um erro meu não partilhá-lo contigo, Margo. O que eu fiz, na verdade, foi mantê-lo só para mim. Não te dei o teu pai.

Margo respirou fundo, um pouco trémula. A sensação era de que uma

mão enorme e pesada estava a comprimir o seu peito.

- Pensei que a mãe não o amava.

- Eu não o amava? - O choque veio primeiro, acompanhado por uma gargalhada prolongada. - Santa Mãe de Deus, menina, eu não o amava? Tinha tanto amor por ele, que nem cabia no meu coração. Ficava agitada sempre que o fitava, como um peixe ainda vivo que ele atirava para cima da mesa ao voltar do mar. E, quando ele me suspendia nos braços e me girava, como gostava de fazer, eu ficava tonta, não do movimento, mas pelo seu cheiro. Ainda consigo sentir aquele cheiro. Lã molhada, peixe e homem.

Margo tentou imaginar a cena, a mãe jovem e rindo, suspensa por braços fortes, perdidamente apaixonada.

- Pensei... presumi que tinha casado com ele por ser obrigada...

- Claro que fui obrigada... - Ann parou de falar, arregalou os olhos. - Ah, isso. Ora, o meu pai tê-lo-ia sovado, ao ponto de quase lhe tirar vida. Não que ele não tentasse, o meu Johnny. Era um homem, no fim de contas, e tinha as suas vontades. Mas eu também tinha as minhas e fui para a noite de núpcias como uma virgem apropriada, embora também ansiosa.

- Eu não fui... - Margo pegou no seu copo, bebendo um gole para se controlar. - Eu não fui a razão para ele ter casado consigo?

- Eu fui a razão para ele se ter casado - garantiu Ann, com um orgulho inequívoco na voz. - Lamento mais do que posso dizer que pensasses assim, e juro que nunca imaginei tal coisa.

- Pensei... especulei... - Como falar, perguntou-se Margo, quando havia tantas emoções a agitarem-se no seu íntimo? - A mãe era muito jovem, com uma criança para criar sozinha.

- Tu nunca foste um fardo para mim, Margo. Uma provação, muitas vezes... - acrescentou ela, com um sorriso irónico. - Mas não um fardo. Também não foste um erro. Portanto, tira essa ideia da cabeça. Tivemos de casar, Margo, porque nos amávamos. Um amor profundo. Terno, profundo e jovem... e foi esse amor terno e profundo que te gerou.

- Oh, mãe, sinto muito.

- Não precisas. Tive mais naqueles quatro anos que Deus nos concedeu do que uma mulher menos afortunada poderia acumular em duas vidas.

- Mas a mãe perdeu-o.

- Pois foi, perdi-o. E tu também. Não tiveste muito tempo com ele, mas era um bom pai e adorava-te. Costumava observar-te a dormir, tocava no teu

rosto com a ponta do dedo, como se tivesse medo de quebrar-te. E sorria tanto, que o seu rosto dava a impressão de se partir ao meio. - Ann apertou a mão contra a boca, porque ainda conseguia imaginá-lo muito bem. E conseguia também senti-lo. Lamento nunca te ter contado nada.

- Está tudo bem. - O peso saía do peito de Margo, mas as lágrimas afloravam. - Não tem importância. Já me contou agora.

Ann fechou os olhos por um momento. Como podia explicar aquele pesar, amor e alegria que podiam preencher um coração durante uma vida inteira?

- Ele amava-nos, Margo, e era um homem bom, gentil, cheio de sonhos para nós, para os outros filhos que teríamos. - Ela apalpou o bolso à procura de um lenço de papel, tirou-o e enxugou as lágrimas.

- É uma tolice chorar por isso agora. Depois de vinte e cinco anos.

- Não, não é tolice. - Para Margo, era uma revelação, bela e angustiante. Se ainda havia dor depois de um quarto de século, então houvera amor. Profundo e terno. E, mais do que isso, persistente.

- Não precisamos falar mais sobre isso.

Mas Ann balançou a cabeça e pestanejou para reprimir as lágrimas. Acabaria o relato e daria à filha, sua e de Johnny, o que deveria ter sido a sua herança.

- Quando voltaram naquela noite de tempestade... Oh, Deus, e que tempestade foi, o vento uivava sem parar, os raios riscavam o céu a todo o instante...

Ela fez uma pausa, abriu os olhos, fitando a filha.

- Eu sabia... não queria acreditar, mas sabia que o perdera antes mesmo que me dissessem. Porque alguma coisa desaparecera. Aqui. - Ann comprimiu a mão contra o coração. - Desapareceu, e eu sabia que ele levava consigo essa parte do meu coração. Pensei que não conseguiria viver sem ele. Sabia que não queria viver sem ele.

Ann entrelaçou os dedos com força, pois o que tinha de dizer em seguida seria ainda mais difícil.

- Eu estava grávida de quase três meses.

- A mãe... - Margo enxugou as lágrimas. - Estava grávida?

- Queria um filho para o Johnny. Ele disse que seria ótimo, porque já tínhamos a filha mais linda do mundo. E beijou-nos à despedida naquela manhã. Tu primeiro, depois eu. Pôs a mão na minha barriga. E sorriu. Nunca

mais voltou. Não encontraram o corpo para que eu pudesse vê-lo de novo. Um último olhar. Perdi o bebê naquela noite, com a tempestade e a dor. Perdi o Johnny e o bebê... só te tinha a ti.

"Como é que alguém consegue enfrentar tamanho sofrimento e continuar a viver?", especulou Margo. "Que tipo de força é necessária?"

- Eu gostaria de ter sabido, mãe. - Ela segurou nas mãos de Ann.

- Tentaria ser... melhor.

- Não... isso é uma tolice. - Ann compreendeu que, mesmo depois de tantos anos, ela ainda continuava a fazer as coisas erradas. Não falei o suficiente das coisas boas. Não houve apenas dor e tristeza. A verdade é que o tive na minha vida por muitos anos. Vi-o pela primeira vez quando tinha seis anos, e ele nove. Era um menino forte e bonito, o Johnny Sullivan, com o riso de um demônio e os olhos de um anjo. E eu queria-o. Tanto, que fui atrás dele, por toda a parte.

- Namoricou com ele?

- E de uma maneira desavergonhada. Quando tinha dezassete anos, consegui vencê-lo, aceitando o pedido de casamento antes mesmo que ele pudesse terminar de falar. - Ann soltou um suspiro longo e profundo. - Quero que compreendas e acredites, Margo. Eu amava-o de mais. Quando ele morreu, assim como o bebê dentro de mim, tive vontade de morrer também. E podia tê-lo feito se não fosse por ti. Precisavas de mim. E eu precisava de ti.

- Porque deixou a Irlanda? A sua família estava lá. Devia precisar dela.

Ann ainda se lembrava dos penhascos rochosos e dos mares tempestuosos.

- Eu perdera uma coisa que pensara que teria para sempre. Algo que amava, algo que desejara para toda a minha vida. Não podia sequer suportar aquele ar sem o Johnny. Era um momento para começar tudo de novo.

- Sentiu medo?

- Muito. - Os lábios contraíram-se de novo. Subitamente, Ann sentiu vontade de provar champanhe. Pegou na taça da filha e bebeu um gole. - Mas consegui continuar. O que significa que talvez haja mais de mim em ti do que imaginei. Fui muito rigorosa contigo, Margo. E só há pouco tempo é que compreendi isso. Tenho rezado por esse motivo. Eras uma criança de uma beleza excepcional, e voluntariosa ainda por cima. Uma combinação perigosa. Havia uma parte de mim que tinha medo de amar-te de mais

porque... amar tanto de novo seria como tentar a Deus. Não podia demonstrar-te, não ousava, porque não seria capaz de continuar se te perdesse.

- Sempre pensei...

Margo sacudiu a cabeça, não completou a frase.

- Vamos, diz. Põe cá para fora tudo o que tens dentro de ti.

- Eu achava que não era suficientemente boa para si.

- A culpa foi minha. - Ann comprimiu os lábios, sem entender como pudera deixar passar tantos anos com esse obstáculo entre ambas. - Esse problema nunca existiu, Margo. Eu tinha medo por ti. Não conseguia compreender porque tu querias tanto. E preocupava-me por estares a crescer num lugar em que havia tanta coisa, mas em que tudo pertencia a outras pessoas. Talvez nem sequer agora te compreenda, mas eu adoro-te. Devia ter-te dito isto com mais frequência.

- Nem sempre é fácil dizer... ou sentir. Mas eu sempre soube que a mãe me adorava.

-Mas nunca soubeste que me orgulho de ti. -Ann suspirou. Fora o seu próprio orgulho, no final de contas, que a mantivera em silêncio. - Senti-me orgulhosa na primeira vez que vi o teu rosto numa revista. E todas as vezes depois.

Ela bebeu outro gole, preparando-se para confessar.

- Guardei tudo.

Margo pestanejou, aturdida.

- Guardou?

- Todas as tuas fotos publicadas. O Menino Josh mandava-as. Fiz um álbum... ou melhor, álbuns, porque eram muitas. - Ann sorriu para o copo vazio. - Acho que estou um pouco tonta.

Sem pensar, Margo foi até ao frigorífico, pegou na garrafa e serviu mais champanhe à mãe.

- Guardou as minhas fotografias em álbuns?

- E as notícias também, todos os mexericos das colunas sociais. Ela gesticulou com o copo. - Nem sempre me orgulhei das notícias, devo dizer, e tenho a impressão de que aquele menino me ocultou o pior.

Margo compreendeu que "aquele menino" era Josh e sorriu.

- Ele devia estar a pensar em si.

- Não. Ele sempre pensou em ti. -Ann inclinou a cabeça. - Nunca

conheci um homem tão cego pelo amor. E tu como és, Margo? És tão esperta quanto a tua mãe para fisgar um homem forte e bonito, que te deixará tonta na cama e fora dela?

Ann conteve-se quando a filha riu. Fez um esforço para manter a dignidade.

- É o champanhe. Sempre achei que é um pecado beber durante o dia.

Um Sonho de Amor - Beba mais um pouco e depois apanhe um táxi, e volte para casa.

- Talvez faça isso. Mas qual é a tua resposta? Vais deixá-lo suspenso no mar ou recolher a linha?

Deixá-lo suspenso parecera uma boa ideia, a melhor ideia. Mas agora Margo já não tinha a certeza.

- Terei de pensar nisso. Mãe, obrigada por me dar o meu pai.

- Eu devia...

- Não. - Um pouco surpreendida com a sua firmeza, Margo balançou a cabeça. - Não vamos preocupar-nos com o que "devia" ter sido. Passaríamos o dia inteiro em recriminações. Vamos começar agora.

Ann teve de usar outra vez o lenço de papel.

- Apesar de tudo, acho que fiz um bom trabalho contigo. Tenho uma filha maravilhosa.

Comovida, Margo comprimiu os lábios contra a bochecha da mãe.

- Digamos que ainda tem muito trabalho por fazer. E, por falar em trabalho - acrescentou ela, sabendo que as duas estavam prestes a chorar de novo -, terá de terminar o champanhe sozinha. O meu intervalo para o almoço acabou, tenho de descer e abrir a loja.

- Tenho fotografias. - Ann engoliu em seco. - Um dia hei-de mostrar-tas.

- Eu gostava muito de vê-las. - Margo encaminhou-se para a porta e parou. - Mãe, também me orgulho de si e do que fez com a sua vida.

Josh ouviu as gargalhadas infantis ao dar a volta pelo terraço leste, a caminho da piscina. Os gritos animaram o seu coração. Sorriu ao avistar a piscina. Havia uma corrida em disputa.

Obviamente, Laura continha-se, mantendo as braçadas curtas e lentas. Quando se empenhava de verdade, ninguém conseguia vencê-la. Costumava enfurecê-lo, ser vencido pela irmã mais nova. Mas depois, como capitã da sua equipa de natação, ela integrara a selecção do estado e até sonhara com a

ideia de participar dos Jogos Olímpicos.

Agora, ela deixou que as filhas a alcançassem, chegando quase a arrastar-se até à beira, enquanto Ali se lançava numa explosão de velocidade.

- Ganhei! Cheguei à frente! - Ali hesitou, um pouco frustrada. A mãe deixou.

- Dei uma vantagem. - Laura passou a mão pelos cabelos de Ali, depois sorriu quando Kayla aflorou à superfície, mexendo a boca como um peixinho de aquário. - Assim como tu deste uma vantagem à tua irmã, por seres maior, mais rápida e mais forte.

- Quero ganhar sem vantagem nenhuma.

- E vais conseguir, da forma que estás a nadar. - Laura inclinou-se para beijar Kayla entre os olhos. - Vocês as duas nadam como sereias.

O pensamento fez a revolta desaparecer dos olhos de Ali, enquanto Kayla voltava a nadar com um sorriso sonhador.

- Sou uma sereia! - exclamou Kayla. - Nado o dia inteiro com os golfinhos.

- Ainda sou a mais rápida.

Ali recomeçou a nadar, mas percebeu um movimento pelo canto do olho. Avistou um homem, alto, de fato, com o cabelo brilhante. Sentiu um aperto no coração. Mas, quando pestanejou para remover a água, verificou que não era o seu pai.

- Tio Josh!

- O tio Josh está aqui! - Kayla bateu com os pés na água. - Vem nadar connosco! Somos sereias!

- Qualquer um pode perceber isso. Infelizmente, não estou vestido para brincar com sereias. Mas é sempre divertido observá-las.

A fim de o divertir, Kayla fez o pino e deu saltos mortais. Para não se sentir superada, Ali correu para o trampolim, querendo mostrar como o seu mergulho melhorara. Ele assobiou e aplaudiu, deu conselhos, enquanto Laura saía da piscina e se enxugava.

Ela emagrecera. Até mesmo um irmão podia perceber isso. Josh teve de concentrar-se para manter o sorriso, por causa das crianças, em vez de ranger os dentes.

- Tens um minuto? - perguntou ele, depois de Laura vestir o roupão.

- Claro. Meninas, para a parte rasa.

Isso provocou resmungos e protestos, mas as duas obedeceram.

- Algum problema de trabalho, Josh?

- Não propriamente. Disseste que querias ter uma participação mais activa. - Josh franziu o rosto ainda mais, enquanto se encaminhava para uma gardénia, pois não queria que as meninas ouvissem.

- Já tens muita coisa em cima de ti, Laura.

- Não quero o teu lugar, Josh. - Ela sorriu, passando os dedos pelos cabelos molhados. - Apenas acho que é tempo de prestar mais atenção. Deixei as coisas passarem por mim antes. Não quero que aconteça outra vez.

- Vais deixar-me irritado se começares a culpar-te.

- São precisas duas pessoas para se fazer um casamento. Laura suspirou, fazendo questão de manter sempre as filhas à vista, enquanto andavam pela beira do jardim. Ao longe ficava o estábulo, o velho e adorável edifício de estuque, junto da encosta, no terreno irregular. Ela desejava que houvesse cavalos ali, ou a correr na tapada. Gostaria de ter tempo para cuidar dos cavalos, como fazia quando era pequena.

- Não estou a desculpar nada, Josh. O que o Peter fez foi indesculpável. Já era terrível que ele ignorasse as filhas, mas tirar o que era delas...

- E teu também.

- É verdade, era meu também. vou obrigá-lo a devolver tudo. Pode demorar algum tempo, mas ele acabará por devolver tudo.

- Se estás a precisar de dinheiro...

- Não. - Laura sacudiu a cabeça. - Não aceito dinheiro teu, do pai ou da mãe. Não vou usar o dinheiro dos Templeton, que não ganhei, para me sustentar. Pelo menos, enquanto as meninas não precisarem.

Ela sorriu um pouco e passou a mão pelo braço do irmão, os dois sempre caminhando.

- Sejamos realistas, Josh. Nós as três temos uma linda casa, comida na mesa. A escola está paga. Há muitas mulheres que se vêem na minha situação sem terem nada disso.

- O que não torna a tua situação melhor. Por quanto tempo mais conseguirás pagar os empregados e a escola, Laura, se estás determinada a usar apenas a tua parte nos lucros da loja?

Ela preocupava-se com os empregados. Como podia deixá-los ir embora, quando a maioria trabalhava há anos na Casa Templeton? O que fariam a sr.a Williamson ou o velho Joe, o jardineiro, se ela tivesse de reduzir o pessoal?

- A Pretenses está a dar algum dinheiro e tenho os dividendos das minhas acções da Templeton... que pretendo começar a receber. Tenho tempo de sobra, Josh, e estou cansada de preenchê-lo com comissões, almoços e campanhas de angariação de fundos para obras de caridade. Esse era o estilo de vida do Peter.

- Queres um emprego?

- Pensei em trabalhar a tempo parcial. Não se trata de não estar ocupada, mas acho que já devia ter começado a trabalhar há muito. Penso na Kate e na maneira como sempre se empenhou para conseguir o que queria. E na Margo. Depois olho para mim.

- Pois então pára de fazer isso.

- Tenho de provar do que sou capaz. E é o que vou fazer. Não és o único Templeton nesta geração que sabe como os hotéis funcionam. Também sei como promover eventos, cuidar dos serviços, oferecer diversão. Mas é claro que terei de dividir o tempo com a loja e as meninas.

- Quando é que podes começar? Laura estacou abruptamente.

- Estás a falar a sério?

- Laura, tens tanto interesse na Templeton quanto eu.

- Nunca fiz nada pela organização. Pelo menos, não nos últimos dez anos.

- Porquê?

Ela fez uma careta.

- Porque o Peter não queria. O meu trabalho, como ele dizia com frequência, era ser a sr.a Peter Ridgeway. - Ela reflectiu que sempre a humilharia admitir aquilo. - Sabes o que finalmente me ocorreu há cerca de um ano, Josh? O meu nome não existia em parte alguma. Eu não existia em parte alguma.

Contrafeito, ele olhou para a piscina, onde as sobrinhas disputavam quem conseguia prender a respiração por mais tempo.

- Acho que o casamento é uma perda de identidade.

- Não, não é. Não devia ser. - Ainda doía admitir, mas... - Eu deixei que fosse. Sempre quis ser perfeita. A filha perfeita, a esposa perfeita, a mãe perfeita. Foi uma estalada na cara compreender que não podia ser qualquer dessas coisas.

Ele pôs as mãos nos ombros da irmã, apertando ao de leve.

- Que tal a irmã perfeita? Nunca ouviste qualquer queixa minha.

Comovida, Laura pôs as mãos sobre as dele.

- Se eu fosse a irmã perfeita, perguntava-te porque é que ainda não pediste a Margo em casamento. - Ela segurou com firmeza as mãos de Josh, quando ele fez menção de retirá-las. - Vocês amam-se e compreendem-se. Eu diria que têm mais em comum do que os outros casais que conheço... inclusive o medo de subir para o degrau seguinte.

- Talvez eu goste do degrau em que estou.

- É suficiente, Josh? É realmente suficiente para ti e para a Margo?

- Raios, és mesmo intrometida!

- Esse é o único requisito que se deve exigir a uma irmã perfeita. Irrequieto, Josh afastou-se, parando um pouco adiante para contemplar um botão de rosa.

- Pensei muito nisso. Casamento, filhos, todo o pacote. Um enorme pacote, com muitas surpresas lá dentro.

- Tu gostavas de surpresas.

- É verdade. Mas se há uma coisa que a Margo e eu temos em comum é o apreço pela facilidade de pegar nas nossas coisas e seguir para onde quisermos. Tenho vivido em hotéis durante os últimos doze anos porque gosto da transitoriedade, da conveniência. - Ele partiu a haste da rosa e entregou-a a Laura, distraído. - Esperei por ela durante toda a minha vida. Sempre calculei que deixaria passar algum tempo depois que a espera terminasse. Um ou dois anos de diversão... o que é exactamente o que ela espera de mim. O que pensa de mim. E depois insinuaria a ideia do casamento na sua cabeça.

com uma gargalhada débil, Laura sacudiu a cabeça.

- Isto é um jogo de xadrez ou uma relação, Josh?

- Até há pouco tempo atrás era um jogo de xadrez. Movimento e contramovimento. Persuadi-a a apaixonar-se por mim.

- É o que pensas? - Laura deu um estalo com a língua e enfiou o botão de rosa na lapela do irmão. - Os homens são muito tolos.

Ela ergueu-se nas pontas dos pés para beijá-lo ao de leve, enquanto acrescentava:

- Eu desafio-te a fazeres a pergunta. Josh não pôde evitar um estremecimento.

- Gostava que não tivesses posto isso nesses termos.

- Outro requisito da irmã perfeita é conhecer as fraquezas mais

profundas do irmão.

Na ditosa ignorância dos planos em andamento, Margo observou uma cliente satisfeita a sair da loja. Pela maneira como os seus pés doíam, sentiu-se aliviada, porque no dia seguinte Laura iria trabalhar metade do dia. Eram cinco e quarenta e cinco. Ela pensou em encerrar a loja alguns minutos mais cedo, voltar à suíte para se embelezar, à espera do fabuloso jantar que Josh lhe prometera.

As vantagens da sua nova vida começavam a acumular-se, reflectiu ela, enquanto se dirigia para trás do balcão e tirava os sapatos. Não só estava a conseguir provar que tinha um cérebro além do corpo, mas também descobrira todo um novo ângulo das suas origens para explorar.

Os pais amavam-se. Talvez fosse um absurdo para uma adulta encontrar tanto conforto e alegria nisso. Mas sabia que alguma coisa se abrira no seu coração. Havia coisas que duravam para sempre. O amor resistia a tudo.

E naquela noite ela diria a Josh o que sabia, no que acreditava e o que queria. "Tenho de ser hábil ao formular as frases", pensou, enquanto transferia o dinheiro da caixa registadora para o saco de depósito. Um desafio subtil. Mas não subtil de mais.

Ela fá-lo-ia feliz. Viajariam pelo mundo juntos, visitariam todos aqueles lugares emocionantes que ambos adoravam. E regressariam sempre a Monterey. Porque era o lar para ambos.

Levara muito tempo a aceitar isso.

A porta abriu-se nesse instante. Margo levantou os olhos, reprimindo a impaciência e exibindo um sorriso de comerciante. E depois soltou um grito.

- Cláudio! - Ela contornou o balcão a correr, as mãos estendidas para o homem alto, bonito e distinto. - Mas isto é maravilhoso!

Margo beijou-o na face, antes de recuar para contemplá-lo, radiante. Ele tinha o rosto liso e bronzeado, o nariz aquilino e um brilho nos olhos castanhos.

- Bella. - Ele ergueu as mãos de Margo até aos seus lábios. Moita bella. Vinha na disposição de me zangar consigo, Margo mia, mas agora que a vejo, já não consigo.

Ela riu, agradecida.

- O que o produtor de cinema mais famoso da Itália veio fazer a este meu pequeno canto?

- Vim procurá-la, meu único e verdadeiro amor.

- Ah... - Não era verdade, é claro. Mas tinham-se dado sempre muito bem. - Agora encontrou-me, Cláudio.

- Pois encontrei. - Cláudio podia verificar que não precisava ter-se preocupado. Ela continuava deslumbrante. - E os rumores que ouvi ao regressar de filmagens no exterior eram verdadeiros. La Margo está agora a dirigir uma loja.

com um brilho de desafio nos olhos, ela ergueu o queixo.

- E qual é o problema?

Ele abriu os braços, num gesto expressivo.

- Qual é o problema? Nenhum.

- Deixe-me servir-lhe uma taça de champanhe, querido, e depois poderá dizer-me o que veio fazer a Monterey.

- Já disse que vim à procura do meu amor perdido. - Mas ele piscou o olho, enquanto aceitava a taça estendida. - Tinha de tratar de um problema em Los Angeles. E como é que eu podia passar tão perto sem visitá-la?

- Foi muito carinhoso da sua parte. E fico contente em vê-lo.

- Devia ter-me procurado quando enfrentou dificuldades. Parecia ter sido há um século. Ela limitou-se a encolher os ombros.

-Já superei tudo.

- Aquele Alain é um porco...

Cláudio circulava pela loja, com as passadas longas e ágeis com que costumava andar pelos estúdios. A sua explosão de palavrões italianos classificou Alain como muito mais - ou menos - do que um mero porco.

- Não posso deixar de concordar - disse Margo, quando ele acabou.

- Se tivesse ligado para o meu escritório, para o estúdio, ter-me-iam avisado. E eu partiria no meu cavalo alado para a salvar.

Margo imaginou a cena. Cláudio era um dos poucos homens que não ficariam com uma cara aparvalhada em cima de um cavalo alado.

- Já me salvei, mas obrigada.

- Perdeu a Bella Donna. Sinto muito por isso.

- Eu também. Mas agora tenho a loja. Ele inclinou a cabeça, a boca contraiu-se.

- Uma lojista, Margo mia.

- Uma lojista, Cláudio.

- Venha comigo. - Ele tornou a agarrar na mão de Margo. Embora a voz saísse trocista, os olhos eram sérios. - Deixe-me livrá-la de tudo isto. Vamos

para Roma. Tenho um novo projecto, a ser iniciado dentro de poucos meses. Há um papel perfeito para si, cara mia. Ela é forte, sensual, encantadora. E sem coração.

Margo riu, deliciada.

- Cláudio, você lisonjeia-me. Há seis meses eu aceitaria de imediato, sem me preocupar por não ser uma atriz. Mas agora tenho um negócio.

- Deixe outra pessoa a cuidar da loja. Venha comigo. Tomarei conta de si. - Ele estendeu a mão, acariciou os cabelos de Margo, com os olhos sempre sérios. - Teremos aquele caso de amor que sempre tencionámos ter.

- Nunca chegámos a esse ponto, não foi? É por isso que ainda gostamos um do outro. Não, Cláudio, embora eu me sinta muito comovida e agradecida.

- Não consigo percebê-la. - Ele recomeçou a andar de um lado para o outro. - Você não foi feita para fazer trocos e embrulhar presentes. Isto não é... Dior Estes são os seus pratos!

Cláudio parou diante de uma prateleira, com os olhos arregalados.

- Já me serviu pasta nesses pratos!

- Tem bom olho - murmurou ela.

Aturdido, Cláudio virou-se, começando a reconhecer outras coisas que admirara como convidado no apartamento de Margo em Milão.

- Pensei que era uma piada de mau gosto quando me disseram que estava a vender as suas coisas. Não devia ter chegado a este ponto, Margo.

- Fala como se eu estivesse a sobreviver num carrinho de supermercado num beco.

- É humilhante.

- Não é, não. - Margo ficou irritada, mas conseguiu acalmar-se. Cláudio estava a pensar nela. Ou melhor, na mulher que ele conhecera. Aquela Margo sentir-se-ia humilhada. - A sério que não é. Pensei que seria, mas estava enganada. Quer saber como é, Cláudio?

Ele praguejou de novo, pensou em agarrá-la pelos ombros e tirá-la dali à força.

- Quero, sim.

Margo aproximou-se, até ficarem olhos nos olhos.

- É divertido.

Ele ficou quase engasgado.

- Divertido?

- Uma diversão maravilhosa, espectacular, inebriante. E quer saber de outra coisa? Sou boa nisto. Muito boa mesmo.

- Está a falar a sério? Sente-se contente?

- Não, não estou contente. Estou feliz. A loja é minha. Lixei o chão. Pinte as paredes...

Cláudio empalideceu um pouco e comprimiu a mão contra o peito.

- Por favor, o meu coração...

- Também lavei as casas de banho. - Ela riu e deu-lhe um beijo afectuoso. - E adorei.

Ele tentou balançar a cabeça, mas não conseguiu.

- Eu gostaria de beber um pouco mais de champanhe, se não se incomoda.

- Está bem, mas terá de dar outra vista de olhos à loja. - Margo encheu os copos, antes de passar o braço pelo dele. - E, enquanto estiver a olhar, eu digo-lhe o que pode fazer por mim.

- Qualquer coisa.

- Conhece muitas pessoas. - A mente de Margo estava a trabalhar depressa, enquanto o conduzia para a escada. - Pessoas que se cansam das roupas e dos objectos que compraram no ano passado. Podia dar-lhes o meu nome. Eu gostava de ser a primeira a ver tudo do que se quisessem desfazer.

- Oh, Deus... - balbuciou ele, enquanto subiam.

A primeira coisa que Josh notou, ao entrar na loja, foi o saco do depósito. Abanou a cabeça pela negligência de Margo, e depois trancou a porta. Foi para trás do balcão, guardou o saco na gaveta da caixa registadora... e reparou nos sapatos ali largados.

Teria uma conversa com ela sobre precauções básicas, mas podia esperar. Trazia no bolso o anel da avó. Ainda transbordava com a excitação que experimentara ao tirá-lo do cofre. O diamante branco russo podia ter sido feito de encomenda para Margo. Era suave e fascinante, irradiando um fogo frio.

Ia ofuscá-la com o anel. Chegaria ao ponto de se abaixar sobre um joelho... depois de amaciá-la com champanhe. Um homem precisava ter alguma vantagem com Margo.

Provavelmente ela resistiria à ideia de casamento, mas haveria de persuadi-la. Ou seduzi-la, se fosse necessário. Não seria um sacrifício tão grande. A imagem de Margo a usar apenas o anel era suficientemente

atraente para acalmar os nervos lá bem no fundo do estômago.

"Já houve muita diversão e jogos", disse Josh para si. "Está na hora de passarmos aos assuntos sérios."

Ele começou a subir a escada e quase chamou por Margo quando ouviu o seu riso. Ensaiou um sorriso... e foi nesse instante que ouviu a risada abafada de um homem.

"Um cliente", pensou Josh, furioso com a pontada de ciúmes instantânea. Mas, quando passou pela porta do toucador, a pontada transformou-se numa explosão violenta.

Margo estava nos braços de um homem, e o beijo tinha calor suficiente para chamuscá-lo.

Ele pensou em homicídio, uma agressão brutal, ossos partidos, sangue derramado, fragmentos de cérebro colados às paredes. As mãos contraíram-se, cerrou os punhos, o rugido começou a subir pela sua garganta. Mas o orgulho era uma emoção quase tão intensa quanto a vingança. Envolveu-o como um vento gelado, enquanto Margo se afastava do homem.

- Cláudio! - A voz era suave e terna. - Fico muito contente por ter vindo. Espero que possamos...

Ela viu Josh nesse momento, e incontáveis expressões afloraram no seu rosto. Surpresa, prazer, culpa, diversão. Só que a diversão não durou muito. Ele exibia olhos duros e frios, não era difícil entendê-los.

-Josh...

- Não me esperavas a esta hora - disse ele, friamente. - Eu sei. Mas não creio que seja necessário um pedido de desculpas pela interrupção.

- Este é um amigo de Roma...

Mas Josh interrompeu a explicação com um olhar que a fulminou até aos ossos.

- Poupa as apresentações, Margo. Não vou impedir-te de te distraíres com o teu amigo.

-Josh... - Ele já estava no meio da escada quando Margo alcançou o patamar. - Espera!

Ele lançou um último olhar, letal, enquanto abria a porta da frente.

- Diverte-te, Margo. E longe de mim.

- Cara mia. - Cláudio pôs a mão no ombro de Margo, parada na base da escada, tremendo da cabeça aos pés. - Estou surpreendido por ele nos ter deixado vivos.

- Tenho de arranjar uma maneira de ele me ouvir. Trouxe carro?
- Claro. Mas, se me permite, sugiro um pouco de tempo para ele se acalmar...
- Não funciona assim com o Josh. - A mão tremia quando ela pegou na mala de mão, esquecendo os sapatos. - Por favor, Cláudio, preciso de uma boleia.

CAPÍTULO 21

MARGO já desenvolvera uma certa indignação ao entrar na suíte. Estar zangada, furiosa, era melhor do que sentir-se apavorada.

Ficara apavorada quando vira a expressão fria de repulsa nos olhos de Josh, e ouvira o tom de despedida na sua voz. Não ia tolerar aquilo. De maneira nenhuma, nem por um minuto sequer. Ele teria de rastejar.

- Josh Templeton, seu desgraçado! - Ela bateu com a porta e correu para o quarto, descalça. - Como ousaste deixar-me daquela maneira? Como ousaste embaraçar-me na frente do meu amigo?

Margo prendeu a respiração, o coração parou de bater por um instante, quando o viu no roupeiro, a tirar roupas para um saco de viagem.

- O que estás a fazer?

- A arrumar a minha roupa. Tenho de ir a Barcelona.

-Ai isso é que não vais! Não vais deixar-me desta maneira! Ela deu dois passos em frente, com a intenção de tirar as roupas do saco, quando ele se virou para a enfrentar.

- Não faças isso.

Josh disse apenas três palavras, mas suficientes para a chocarem, fazendo-a passar da raiva para o medo outra vez.

- Isto é infantil... - Os dentes de Margo bateram, enquanto sensações geladas de pânico subiam pela sua coluna. - Tu nem sequer mereces uma explicação, mas estou disposta a ignorar a tua atitude nojenta e vou dar-ta. Eu e o Cláudio...

- Não pedi nenhuma explicação.

Ele puxou o fecho do saco com um gesto brusco.

- Tens razão, não pediste - murmurou ela. -Já tomaste a tua decisão sobre o que viste e o que significava. No fundo, o que eu sou.

- Eu digo-te o que vi.

Josh enfiou as mãos nos bolsos para evitar que apertassem a garganta de Margo. Os seus dedos roçaram na caixa de veludo, o que aumentou a sua fúria e dor.

- Eu vi-te no quarto, duas taças de champanhe, uma luz suave a entrar

pelas cortinas rendadas. Um cenário muito romântico. Tu tinhas a boca na de outro homem... o teu tipo habitual, se não estou enganado. Na casa dos cinquenta anos, rico, estrangeiro.

Ele levantou o saco e dobrou-o.

- O que significa, Margo, que entrei no primeiro acto. Deves fazer uma ideia no que isso te transforma.

Margo preferia que ele estivesse a agredi-la fisicamente. Provocaria, com certeza, menos dor.

- Acreditas nisso?

Josh hesitou. Como podia ela parecer tão magoada? Como ousava parecer magoada depois que lhe arrancara o coração e o espezinhara com ele ainda a bater?

- Vendeste sexo durante toda a tua vida, duquesa. Porque devias mudar?

A pouca cor que ainda lhe restava esvaiu-se do rosto de Margo.

- Acho que é verdade. Parece que o meu erro foi ter-me entregue a ti de graça.

- Nada é de graça. E tu também te divertiste. Eu ajusto-me perfeitamente à maioria dos teus requisitos, não é verdade? Não tenho idade suficiente para ser teu pai, mas tenho qualificações para o resto. Rico, irrequieto, irresponsável. Apenas outro parasita social, que vive à custa da fortuna da família.

- Isso não é verdade - protestou Margo, furiosa com o pânico. Não acho...

- Sabemos o que pensamos um do outro, Margo. - Ele falava com calma agora, tinha de falar com calma. - Tu nunca tiveste mais respeito por mim do que tens por ti. Pensei que podias conviver com isso. Estava enganado. Eu disse no início que não partilho e não quero que uma mulher pense que sou suficientemente estúpido ou indiferente para ignorar os seus antigos amigos.

-Josh...

Margo aproximou-se, mas ele pendurou o saco no braço.

- Eu gostaria que saíesses daqui até ao final da semana.

- Claro.

Ela ficou parada enquanto Josh passava por ela. Não chorou, nem mesmo quando ouviu a porta da suíte a fechar-se. Limitou-se a deixar-se cair no chão e ficou a balançar-se.

- O Byron De Witt concordou em aceitar o cargo do Ridgeway. Pode

mudar-se para a Califórnia daqui a seis ou oito semanas.

- Isso é ótimo. - Thomas bebeu um gole de café após o jantar. Trocou um olhar com a esposa enquanto o filho andava de um lado para o outro da sala de estar da villa. - É um homem competente. Inteligente. Firme.

- Mas tu vais regressar. - Susan cruzou as pernas. - Durante o período de transição.

- Não há necessidade. Tudo voltou a funcionar como antes. Não consegui atrair o nosso antigo chef de volta. -Josh sorriu por breves segundos. - Mas o que roubei do BHH tem-se saído muito bem.

- Hum... - "O rapaz tem de voltar", pensou Susan. Tinha de encontrar um meio de persuadi-lo. - Como vai a Laura com as Convenções?

- Ela é uma Templeton. -Josh olhou para o conhaque, disse a si próprio que seria fácil de mais, e optou pelo café. - Tem muita habilidade para lidar com as pessoas.

Susan ergueu uma sobrancelha, um sinal de que voltava a passar a bola ao marido. Ele pegou na deixa sem dificuldade.

- E ela continua a trabalhar na loja? Não achas que é um exagero?

- A Kate diz que não... e é uma fonte de confiança.

- Eu sentir-me-ia melhor se um de nós pudesse ficar de olho na Laura por mais algum tempo. Ela está numa situação complicada.

- Pai, ela está a fazer tudo como deve ser. Não posso armar-me em amaseca.

- Pareces cansado - interveio Susan, com a voz suave. - Deve ser por isso que te mostras tão irritado. Lembras-te de como ele gritava quando não fazia a sesta à tarde, Tommy?

- Não estou irritado. Apenas tento tratar dos negócios. Preciso estar em Clasgow amanhã à tarde. Não tenho tempo para...

Josh conteve-se enquanto os pais o observavam com um ar indulgente. Não havia nada pior do que ser tratado com sorrisos, como se fosse uma criança rabugenta. A menos que estivesse mesmo a portar-se como uma criança rabugenta.

- Desculpem.

- Não te preocupes. - Thomas levantou-se e deu uma palmada nas costas do filho. - Tu precisas é de uma bebida, um charuto e uma boa partida de snooker.

Josh esfregou os olhos. Quando fora a última vez que dormira como

devia ser? Duas semanas? Três?

- Não faria mal nenhum.

- Vai à frente, Tommy, e prepara tudo. - Susan apalpou a almofada ao seu lado. - Quero que o Josh me faça companhia por mais alguns minutos.

Compreensivo, Tommy retirou-se, anunciando na passagem:

- Cinquenta dólares a bola.

- Ele vai dar-me uma sova - murmurou Josh enquanto se sentava. É o que sempre acontece.

- Cada um tem o seu jogo. - Ela apertou o joelho do filho. O seu jogo era uma habilidade implacável para o interrogatório. - Podes contar-me o que aconteceu entre ti e a Margo?

- A Kate não fez um relatório completo?

Susan ignorou a irritação no tom de Josh, lamentando a amargura subjacente.

- As informações são contraditórias. Ao que parece, a Margo tem estado obstinadamente calada. Tudo o que a Kate conseguiu arrancar dela é que resolveram fazer uma pausa.

- Foi isso mesmo.

- E queres que eu acredite, se estou a ver-te aqui com essa cara de desesperado?

- Surpreendi-a com outro homem.

- Ora, Joshua! - Ela pousou a chávena na mesa. - Não é possível.

- Entrei no quarto, e os dois estavam lá.

Susan sofria pelo filho. Mesmo assim, sacudiu a cabeça.

- Tu interpretaste alguma coisa da maneira errada.

- O que havia para interpretar? - Josh levantou-se de um pulo, começando a andar de um lado para o outro da sala. - Ela estava a beijar outro homem... a foder um tal de Cláudio.

- Josh! - Ela ficou chocada, não tanto pelo palavrão, mas por aceitá-lo literalmente. - Não posso acreditar.

- Não foi bem isso... - Frustrado, ele passou as mãos pelos cabelos. - Ainda não tinham chegado a esse ponto. Só quis dizer que me senti desesperado.

- Ah... - O coração de Susan aquietou-se um pouco. - E qual foi a explicação da Margo?

Ele parou de andar, olhando para a mãe.

- Acha mesmo que esperei por uma explicação?

com um longo suspiro, Susan tornou a pegar na chávena de café.

- Não, claro que não. Saíste furioso, desejando que os dois ardessem no Inferno. Estou surpreendida por, de passagem, não o teres atirado pela janela.

- Bem que pensei nisso - murmurou Josh, com alguma satisfação. - E atirar os dois. Mas pareceu-me mais civilizado ir-me apenas embora.

- Mais teimoso - corrigiu a mãe. - Ora, Joshua, senta-te aqui. Já estou a ficar cansada de te ver a correr de um lado para o outro. Sabes que devias ter dado à Margo uma oportunidade de se explicar.

- Não queria... não quero desculpas e explicações. Procurei esquecer as hordas de homens do passado, mas...

- Ah, então é isso! - exclamou Susan, acenando a cabeça com satisfação. Era o ponto crucial. - Será que esqueceste mesmo?

- Estava a tentar.

Josh descobriu que queria um conhaque, no fim de contas. Serviu-se de uma dose generosa antes de obedecer à ordem para se sentar.

- Quando cheguei a casa e a encontrei a posar nua na cama, fiz um esforço para encarar a situação com naturalidade. - Ele percebeu o olhar da mãe. - É verdade. E, quando vamos a um restaurante ou ao clube, e todos os homens num raio de meio quilómetro se começam a babar, também procuro ignorar.

- Eu devia ter vergonha. Criei um tolo ciumento.

- Obrigado pelo seu apoio.

- Presta atenção. Compreendo que, por um lado, deve ser difícil amar uma mulher como a Margo. O tipo de mulher que atrai homens, inspira fantasias.

- Isso é óptimo. - Josh bebeu um gole do conhaque. - Já me sinto melhor.

- O facto é que foi essa a mulher por quem te apaixonaste. Agora, quero perguntar-te uma coisa. Apaixonaste-te porque a Margo tem um rosto lindo e um corpo espectacular? É tudo o que vês quando olhas para ela?

- É o tipo de coisa que fascina. - Mas ele suspirou, rendendo-se.

- Não, não é tudo o que eu vejo. E não foi por isso que me apaixonei por ela. Ela é afectuosa, impetuosa e obstinada. Tem mais inteligência e coragem do que imagina. É generosa e leal.

- Ah, leal... - Susan sorriu, satisfeita. - Estava à espera que não te esquecesses desse ponto. É uma das características mais admiráveis da

Margo. E uma mulher com o seu sentido de lealdade não faria aquilo de que tu a acusaste. Volta para casa, Josh, e enfrenta o problema.

Ele largou o copo de conhaque e fechou os olhos.

- Não foi apenas pelos homens. Foi vê-la daquela forma e compreender o que tínhamos e o que não tínhamos. Dizer que eu a amava não foi suficiente. A Margo não quer a mesma coisa que eu... e ficaria chocada, incapaz de falar, se soubesse o que eu queria.

- E o que é que tu queres? - Susan sorriu e passou a mão pelos cabelos. - Não ficarei chocada, incapaz de falar.

- Quero tudo. A Margo costuma compreender tudo muito bem, mas não foi o que aconteceu desta vez. Ela não vê casamento, família e compromisso quando olha para mim. Vê em mim apenas um idiota mimado, interessado em melhorar o seu serviço no ténis, em vez de contribuir para o seu legado ou construir uma vida.

- Creio que tu subestimas os dois. Mas, se estás certo, só confirmaste o argumento da Margo ao afastares-te antes de esclarecer a situação.

- Eu tê-la-ia matado se ficasse. Não sabia que ela podia magoar-me desta maneira. Não sabia que alguém o pudesse fazer.

- Compreendo o que sentes e lamento muito. Quando eras pequeno e te sentias magoado, eu podia cuidar melhor do problema. Bastava pôr-te ao colo e abraçar-te.

Josh fitou a mãe nos olhos, amando-a mais do que nunca.

- Vamos tentar. - Ele acomodou-se no colo de Susan e abraçou-a.

- Acho que vai resultar.

Kate entrou na loja a meio da tarde. Tirara uma hora de folga, porque adorava ser a mensageira.

- Como está a situação?

Laura levantou os olhos enquanto guardava a máquina de cartões de crédito por baixo do balcão. Numa reacção automática, olhou para o relógio, para ter certeza de que não perdera duas ou três horas. Teria de ir buscar as meninas ao balé às seis e trinta em ponto.

- Muito bem. O que vieste cá fazer a esta hora?

- Tirei uma folga. Onde está a Margo?

- Está na sala das roupas, com duas clientes. Kate... - Laura inclinou-se por cima do balcão e baixou a voz. - Vendemos os meus rubis.

Kate fez um esforço para se orientar.

- O colar. Mas tu adoravas aquele colar, Laura! Ela limitou-se a encolher os ombros.

- O Peter deu-mo no nosso quinto aniversário de casamento... e é claro que comprou com o meu dinheiro. Estou contente por tê-lo vendido. - E o dinheiro da transacção pagaria uma grande parcela da escola das meninas no ano seguinte. - E há mais. O meu director chamou-me esta manhã e deu-me um aumento.

Kate esperou por um instante.

- A filha dos donos tem um director e recebe um aumento. Não consigo entender a vida.

- Eu queria começar de baixo. Nada mais justo.

- Está bem, está bem... - Kate ergueu a mão para impedi-la de continuar. Compreendia muito bem a necessidade de provar as capacidades próprias, pois fora isso o que fizera durante toda a sua vida. Parabéns, amiga. Portanto, acho que toda a gente se sente feliz.

Laura teve de suspirar enquanto olhava para a outra sala.

- Nem toda a gente.

- Ela continua a armar-se em estóica e obstinada?

- Às vezes tenho vontade de sacudi-la! - declarou Laura, veemente.

- Ela anda aqui numa roda-viva durante o dia inteiro como se não houvesse nada de errado no mundo. É como se as duas camadas de base marfim fossem capazes de esconder as olheiras profundas.

- Ela ainda se recusa a mudar para a casa?

- O resort tem tudo o que ela precisa. Adora ficar lá. - Laura inspirou o ar. - Juro que lhe bato da próxima vez que ela disser isso. E já começou a inventar desculpas para se esquivar da caça ao tesouro este fim-de-semana. Domingo é o único dia que tem livre para arranjar as unhas. Pura tolice.

- Irra, estás mesmo furiosa. Ainda bem, porque assim irás adorar o que vai acontecer quando eu falar com ela.

com rapidez e força surpreendentes, Laura contornou o balcão e segurou a mão de Kate.

- O que é que aconteceu? O que é que tu sabes? Podemos juntar-nos para derrubá-la?

- É uma ideia. Eu... Olha, lá vem ela! Limita-te a seguir-me. Margo avistou Kate, ergueu uma sobrancelha, inquisitiva, e continuou a conversar com as clientes.

- Não creio que possa encontrar outro vestido mais perfeito para si. Este Saint Laurent vermelho vai atrair todas as atenções.

A mulher, segurando o vestido, mordeu o lábio.

- Ainda é um pouco cedo para fazer as compras para as festas do fim de ano.

Margo sorriu, mas Laura percebeu o aço gélido nos seus olhos.

- Nunca é cedo de mais... pelo menos, para uma coisa tão especial.

- E o preço é ótimo. - A mulher estendeu o vestido no balcão, passou a mão pela saia de cetim. - Nunca tive nada de um estilista assim.

- Então está mais do que na hora de ter. É para isso que a Pretenses existe. Para oferecer a todas as pessoas a oportunidade de se sentirem muito felizes.

- Não podes continuar a hesitar - disse a outra mulher, tocando com o cotovelo na amiga, num gesto encorajador. - Nem com um pé-de-cabra me conseguias arrancar este vestido de veludo verde que levo comigo.

Ela riu-se, entregou o vestido a Margo e acrescentou:

- Pode registar a venda e pôr numa caixa. Mas não a feche, por favor. Assim posso ir a babar-me toda no carro.

- É esse o espírito. - Margo pegou no cartão de crédito e os seus olhos suavizaram-se. - Ficou fabuloso. Só lamento que não tenhamos sapatos a condizer.

- Arranjo-os nalgum sítio... ou então vou descalça. - Corada de prazer pela caçada, a mulher tornou a acotovelar a amiga. - Dá-lhe o teu cartão de crédito, Mary Kay, e vive um pouco.

- Está bem, está bem. As crianças podem esperar até ao próximo mês pelos sapatos novos.

Quando Margo retirou a mão, consternada, Mary Kay deixou escapar uma gargalhada longa e jovial.

- Era brincadeira. Mas se quiser fazer um desconto de dez por cento...

- Nem por sombras. - Ela registou as duas vendas enquanto Laura guardava os vestidos nas caixas, com a maior competência. - Eu é que lhe devia cobrar mais dez por cento por fazer o meu coração parar.

- Então vamos considerar um empate, e eu aproveito para lhe dizer que adoro vir aqui. Assim que estiver com a consciência limpa, voltarei para comprar aquela mala prateada em forma de elefante.

- Compre agora e ganhe o desconto de dez por cento.

- Eu... - Mary Kay abriu e fechou a boca por um momento, sem dizer nada, depois fechou os olhos com força. - Pode pagar-se. Mas não quero olhar.

Alguns minutos depois, Margo observou a porta a fechar-se, e depois esfregou as mãos.

- Outra vítima satisfeita... isto é, cliente.

- Certo, assassina. - Laura arquivou as cópias dos recibos do cartão de crédito. - Fizeste-a sofrer.

- É verdade, mas as duas vão voltar... e os trajes formais demoram a sair. O que aconteceu, Kate? A tua tinta vermelha acabou?

- Posso sempre comprar mais. Tinha algumas coisas a fazer e resolvi passar por aqui mais cedo. E gosto de controlar o meu investimento.

- Queres fazer uma auditoria aos livros?

- Só no início do ano. Quanto é o meu desconto de sócia para as taças de vinho ali, com o rebordo dourado? O neto do meu chefe vai casar-se.

Margo decidiu fumar um cigarro.

- Paga o preço normal e tira a tua parte nos lucros.

- Arre, que és mesmo dura para negociar. Mas estás certa. Podes pôr na caixa... mas o embrulho de presente tem de ser feito pela Laura. Tu ainda não o fazes como deve ser.

Margo sorriu docemente.

- Desculpa, mas estou no meu momento de folga. Põe tu mesma na caixa.

- Já não se consegue arranjar boas empregadas... - Kate passou a língua pelos dentes enquanto pegava na caixa estendida por Laura e começava a guardar os copos. - Ah, adivinhem quem ligou para o escritório pouco antes de sair?

- Donald Trump, à procura de uma nova contabilista.

- Eu bem que gostaria. - Ela lançou um olhar rápido para Margo enquanto levava a caixa para o balcão. - O Josh.

Pelo canto dos olhos, ela observou a mão de Margo parar de repente, a caminho dos lábios, tremer, depois continuar. O fumo saiu da sua boca num jacto irregular.

- É melhor eu ir arrumar as outras roupas que a Mary Kay e a amiga experimentaram.

Ela começou a esmagar o cigarro, em gestos nervosos, enquanto Kate

acrescentava:

- Ele regressou à cidade.

- Regressou? - Margo baixou a mão. O cigarro continuou aceso.

- Está cá?

- Está no hotel. Quero os sinos prateados, Laura, com a fita prateada. Ele disse que tinha um problema para resolver. - Ela ofereceu um doce sorriso a Margo. - Uma coisa que deixou... pendente.

- E tinhas de vir a correr para me esfregar isso na cara.

- Não. Vim a correr para te bater na cara.

- Um toque de despertar rude mas eficaz - comentou Laura, pelo que recebeu um olhar chocado.

- Eu esperava mais de ti.

- Não devias. - com as suas mãos firmes e competentes, Laura deu um laço prateado para completar o embrulho de presente. - Se não nos queres contar o que aconteceu entre ti e o Josh, tudo bem. Mas não podes esperar que fiquemos caladas enquanto te lamentas.

- Não me tenho lamentado.

- Há semanas que limpamos o sangue derramado do teu coração. - Kate entregou o cartão de crédito a Laura. - Enfrenta a realidade, amiga. Deixaste de ser divertida.

- E a amizade é apenas isso? Uma diversão? Pensei que podia receber um pouco de apoio, um pouco de compreensão, um pouco de compaixão.

- Desculpa. - Laura passou o cartão de crédito na máquina. Esse tempo já passou.

- Ora, vai-te lixar! - Margo agarrou na mala. - Vocês as duas!

- Nós adoramos-te, Margo.

Isto fê-la parar. Ela virou-se, lançando um olhar furioso a Kate.

- É uma coisa horrível de se dizer, sua sacana.

Quando Kate sorriu, ela tentou retribuir. Em vez disso, largou a mala para trás do balcão e desatou a chorar.

- Oh, merda! - Chocada, Kate adiantou-se para abraçá-la. Merda! Merda! Tranca a porta, Laura. Sinto muito, Margo. O meu plano foi péssimo. Pensei que ias ficar furiosa, e saías daqui a correr para encher o Josh de pancada. O que o miserável fez contigo, querida? Deixa estar que sou eu quem lhe vai bater.

- Ele abandonou-me. - Envergonhada, ela chorava em desespero no

ombro de Kate. - E odeia-me. Gostaria que ele estivesse morto. E gostaria de ter ido para a cama com o Cláudio.

- Calma, calma... - Kate apertou-a com firmeza enquanto Laura trazia uma chávena de chá. - Quem é o Cláudio e quando é que tu não foste para a cama com ele?

- É um amigo, apenas um amigo. E nunca fui para a cama com ele. - As lágrimas eram tão ardentes, que Margo experimentava a sensação de ter os olhos em chamas. - Muito menos quando o Josh nos encontrou no quarto.

-Ah... - Kate virou os olhos para Laura. - É uma farsa francesa ou uma tragédia grega? Tu decides.

- Cala-te, Kate. Vamos sentar-nos, Margo. Desta vez tens de nos contar tudo.

- Sinto-me uma idiota.

Agora que despejara tudo, Margo sentia-se não só idiota, mas também vazia.

- O idiota é ele - corrigiu Laura. - Por tirar conclusões precipitadas.

- Dá-lhe uma oportunidade. - Kate estendeu outro lenço de papel a Margo. - As provas eram incriminadoras. Claro que acho que ele devia ter ouvido a explicação antes de partir. Mas é preciso ver também a coisa do ponto de vista dele.

- Foi o que fiz. - Margo tinha parado de chorar. - E não posso culpá-lo.

- Eu não iria tão longe - argumentou Kate.

- Mas é isso mesmo. A história já existia. Porque iria ele confiar em mim?

- Porque ele te ama - interveio Laura. - E porque te conhece.

- Foi o que eu disse a mim mesma enquanto me ocupava a odiá-lo. Mas agora, falando em voz alta, é difícil para mim acreditar. O Josh pensa que o considero a ele e ao nosso relacionamento como apenas mais uma diversão excitante. E provavelmente foi melhor que tivesse acontecido antes que eu...

- Antes de tu...? - estimulou Kate.

- Antes que eu pedisse ao Josh para casar comigo. - Ela cobriu o rosto com as mãos, mas desta foi o riso que saiu. - Conseguem acreditar? Eu ia pedi-lo em casamento. Armaria o cenário... luz de velas, vinho, música... e, quando o tivesse sob o meu domínio, faria a pergunta. Que ideia!

- Pois eu acho que é maravilhosa! Perfeita!

Desta vez foram os olhos de Laura que se encheram de lágrimas. Kate

pegou num lenço de papel, desta vez para si.

- E eu acho que devias conquistá-lo.

- De que modo? - Margo soltou uma gargalhada. - O Josh nem quer olhar para mim.

- Amiga, trata de compor o rosto, prepara-te para o grande momento, e ele não terá a menor oportunidade.

Era um tremendo risco. Margo pensou que Josh nem sequer viria... e, se viesse, não a ouviria. Mas estava disposta a sonhar, mais uma vez. Apertando a moeda de ouro no bolso, ela vagueou pelo relvado inclinado em frente da casa.

Era tudo o que Kate dissera, um exemplo magnífico da arquitectura espanhola da Califórnia, com as janelas elegantes em arcadas, as telhas de um vermelho opaco. A porta recuada da torre de entrada era emoldurada por azulejos de flores. As buganvílias subiam exuberantes ao redor.

E que vista! Ela virou-se, respirou fundo ao contemplá-la. Todo o mar e os penhascos além da curva da estrada. Talvez Seraphina tivesse parado ali, caminhado por ali, lamentando o seu amor perdido. Mas Margo preferia acreditar que Seraphina caminhará por ali com Felipe quando a esperança e os sonhos ainda existiam. Ela própria precisava dessa esperança agora ao ver o carro de Josh aproximar-se pela estrada e entrar no caminho sinuoso.

"Oh, Deus, só mais uma oportunidade! Agora, é tudo ou nada."

O coração de Margo batia forte como as ondas quando ele saltou do carro. O vento soprava nos seus cabelos, o sol reflectia-se nos óculos escuros. Ela não conseguia ver os seus olhos, mas a boca exibía uma expressão determinada e fria.

- Não tinha a certeza de que viesses.

- Eu disse que vinha. - Josh ainda se sentia atordoado com o telefonema de Margo, no momento em que se recriminava e estendia a mão para o telefone, pensando em telefonar-lhe. - É a tua nova casa?

- Não. Ainda não alcancei tanta prosperidade. Pertence a uma cliente da Kate. Ela mudou-se. Está vazia. - com a respiração quase firme, Margo sentiu-se satisfeita com o seu tom descontraído. - Achei que um campo neutro seria melhor.

-Tens razão. -Josh queria tocar-lhe, apenas tocar-lhe, com tanta ansiedade, que as mãos lhe doíam. - Começamos com uma conversa amena? Como estás? Como vão os negócios?

- Não. - Era mais fácil andar do que fitá-lo. Margo podia sentir a humilhação e aceitava-a. Já o perdera uma vez. Podia sobreviver a qualquer coisa agora. - Direi apenas uma coisa agora para pôr esta questão de lado. Não fui para a cama com o Cláudio. Na verdade, nunca fui para a cama com ele. O Cláudio é uma daquelas pessoas raras: um amigo verdadeiro do sexo oposto. Não estou a dizer isto para as coisas voltarem a ser como antes. Não quero que sejam. Mas também não quero que creias que fui infiel.

- Peço desculpas.

Josh ainda queria tocar-lhe, nem que fosse só para envolver a sua garganta com as mãos. Viera ao encontro dela com a consciência de que suplicaria para que ela o aceitasse de volta, para que o perdoasse por ser um idiota ciumento e insensível, mas Margo estava já a declarar que não o queria mais.

- E não quero um pedido de desculpas. Eu podia reagir da mesma maneira se a situação fosse inversa. - Ela virou a cabeça para Josh e sorriu. - Depois de ter arrancado os olhos dela e pisado a tua garganta.

- Foi por um triz - comentou Josh, fazendo um esforço para acompanhar o tom jovial de Margo.

- Eu sei. - O sorriso de Margo animou-se. - Conheço-te há tempo suficiente para perceber a fúria assassina nos teus olhos.

Ela só desejava poder ver os olhos de Josh agora.

- E acho que compreendo que te foste embora daquela maneira, Josh, para não fazeres ou dizeres alguma coisa que nenhum de nós poderia tolerar depois.

- Falei mais do que devia, mais do que era justificável. Peço desculpas por isso também.

- Nesse caso, direi que sinto muito por ter beijado o Cláudio, embora fosse apenas um beijo de amizade e gratidão. Ele veio oferecer-me ajuda e um papel no seu próximo filme.

Josh precisou de um momento para se controlar.

- Ah, o Cláudio... - As emoções envolviam-no, ameaçavam estrangulá-lo. - É uma oportunidade e tanto para ti.

- É possível. - Margo encolheu os ombros e recomeçou a andar.

- Seja como for, posso compreender agora, olhando para trás, que podia parecer outra coisa e porque tu reagiste daquela maneira.

- Até que ponto queres que eu me sinta culpado?

- Acho que isto já é suficiente. - Margo virou-se e pôs a mão no braço dele. - Mas preciso dizer-te que estavas enganado sobre outra coisa. O que eu penso de ti não é da maneira como pareces acreditar. Sei que não és mimado e indiferente. Talvez o tivesse pensado antes... e talvez me ressentisse do facto de teres nascido com todos os privilégios que eu pensava que queria. Ora, eu queria mesmo. E irritava-me que tu não tivesses de lutar por tudo aquilo.

- Sempre deixaste isso bem claro.

- É provável. Mas não deixei claro o quanto admiro o homem em que tu te tornaste. Sei como és importante para a organização Templeton e como a organização é importante para ti. Passei a compreender quanta responsabilidade tens, como levas tudo a sério, desde que... desde que estivemos juntos. É importante para mim que acredites nisso.

- Fazes com que eu me sinta um idiota. - Josh afastou-se dela, atravessando o terraço coberto de lajes para olhar para os penhascos.

- Claro que importa, Margo. O que tu pensas de mim tem sempre importância. - Ele virou-se. - Eu sentia-me fascinado, e muitas vezes irritado, com a menina que tu eras.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- E tu sempre deixaste isso bem claro.

- Ainda me sinto fascinado e muitas vezes irritado, mas admiro a mulher em que te tornaste. Admiro muito.

"Portanto, ainda há esperança", pensou ela, fechando os olhos por um instante. E, onde havia esperança, podia haver confiança e respeito... e amor.

- Quero que voltemos a ser amigos, Josh. És importante de mais na minha vida para nos afastarmos. Conseguíamos ser amigos antes. Quero que voltemos a ser.

- Amigos...

A proposta ameaçava sufocá-lo.

- Acho que nós dois esquecemos essa parte da história ao longo do caminho. Eu não gostaria que isso acontecesse de novo.

Margo estava a sorrir para ele. O vento desmanchava os seus cabelos sensuais, o Sol fazia-lhe os olhos faiscarem enquanto descia lentamente para oeste.

- Quero que me digas que achas que a amizade é a solução.

- É uma delas. E importante.

Josh não podia começar tudo de novo. Isso daria cabo dele. A fúria do amor que o consumia não se contentaria com algo tão paciente quanto a amizade. Devagar, ele tornou a aproximar-se de Margo.

- Um dos dois perdeu o juízo.

- Vamos dar algum tempo à amizade. Para começar, podias dar-me um conselho de amigo. - Suave como seda, Margo pôs a mão no braço de Josh e conduziu-o por um dos lados da casa. - Não achas que esta propriedade é fabulosa? Espera só até veres a fonte lá atrás. É encantadora. Acho que devia ter uma piscina, é claro. Há espaço suficiente. E a vista daquela varanda lá em cima... deve ser a suíte principal, não é? Deve ser espectacular. Imagino que tem pelo menos duas lareiras. Ainda não entrei, mas espero que haja uma no quarto principal.

- Espera um pouco, Josh sentia a mente a girar. O perfume de Margo turvava-lhe o cérebro, as palavras que ela dizia atropelavam-se na sua consciência.

- E olha só para as buganvílias. Deviam ser aparadas, mas adoro quando crescem sem qualquer controlo. Não achas que o terraço é perfeito para uma recepção? E a localização não podia ser melhor. Na costa, perto da loja e quase colada à Casa Templeton.

- Eu disse para esperares um pouco. - Ele virou-a, segurando-a pelos ombros. - Estás a pensar em comprar esta propriedade?

- É uma daquelas oportunidades que só surgem uma vez na vida.

- A única oportunidade que ela teria. - A Kate diz que é um grande negócio, um investimento sólido, e tu sabes como ela é pessimista. E só vai ser posta à venda a partir da semana que vem... havia algum problema com a escritura... e assim é uma vantagem.

- Caramba, duquesa, tu não mudas.

O coração de Margo animou-se um pouco com a exasperação divertida na voz de Josh.

- E devia?

- Esta propriedade deve custar pelo menos trezentos mil dólares.

- Trezentos e cinquenta, mas a Kate acha que uma oferta de trezentos mil fecha o negócio.

- Continuas a sonhar.

- É verdade.

- Tens um negócio aberto há menos de um ano, há um mês atrás estavas

à beira da falência. Não há um só banco no mundo que possa aprovar um empréstimo desse montante. Margo, não tens condições de a comprar.

- Eu sei. - Ela presenteou-o com o seu melhor sorriso, o que lhe valera fama e fortuna fugaz. - Mas tu podes.

Josh ficou engasgado.

- Queres que eu compre uma casa para ti?

- Mais ou menos. - Ela pôs-se a mexer no botão da camisa de Josh, lançando-lhe um olhar por baixo das pestanas. - Pensei que, se comprasses a casa e te casasses comigo, podíamos viver aqui.

Ele não conseguiu falar. Quando a visão se enevoou, compreendeu que também não era capaz de respirar.

- Tenho de me sentar.

- Eu sei como é que te estás a sentir.

Margo cruzou as mãos e descobriu que estavam húmidas de suor, enquanto ele se sentava num banco.

- Queres que eu compre uma casa e case contigo... para que possas viver nela?

- Para que nós possamos viver nela - corrigiu Margo. - Juntos. Quando não estivermos a viajar.

- Acabaste de dizer que não querias que as coisas voltassem a ser como antes.

- E não quero mesmo. Eram fáceis de mais. Parecia muito fácil entrar, muito fácil sair. Quero tornar as coisas difíceis. Muito difíceis. Porque eu amo-te. - Como os seus olhos se encheram de lágrimas, ela virou-se. - Amo-te muito. Posso viver sem ti. Não tens de te preocupar porque não vou saltar do penhasco como a Seraphina se te fores embora. Mas não quero viver sem ti. Quero casar contigo, ter uma família contigo, construir alguma coisa aqui contigo. Isto é tudo o que tenho a dizer.

- Isso é tudo o que tens a dizer... - O coração de Josh aquietara-se, mas parecia agora ocupar demasiado espaço. A tal ponto, que o peito lhe doía. Assim como o sorriso, que de tão rasgado lhe fazia doer o rosto. - Acho que é a minha vez de dizer alguma coisa.

- Eu nunca te enganaria.

- Cala-te, Margo. Perdeste a tua oportunidade de me ver rastejar. Eu estava enganado, fui estúpido e negligente contigo. Não vai acontecer de novo. E quero acrescentar que sempre te tive em grande consideração, muito

mais do que tu tinhas por ti própria. Isto é tudo o que tenho a dizer.

- Está bem.

Margo procurou uma saída digna. Mas ele pôs-lhe a mão no ombro e estendeu-lhe o que segurava na outra mão. O anel pegou fogo, irradiando luz e promessas. Ela cobriu a mão com a boca, ofuscada pelos sonhos que pairavam no ar.

- Meu Deus!

- O anel de noivado da avó Templeton. Creio que te lembras dela.

- Eu... Lembro-me, sim.

- Ficou para mim. Tirei-o do cofre, tinha-o no bolso no dia em que te encontrei com o teu amigo italiano.

-Ah...

- Não, não te vais sentar. - Josh puxou-a para os seus braços. Quero os teus joelhos bambos. E não me importava se também balbuciasses, já que estragaste os meus planos românticos de entregar-to de joelhos, à luz de velas.

- Oh... - Margo baixou a cabeça para o peito. - Oh...

- Não chores. Não suporto quando tu choras.

- Não vou chorar. - Para o provar, ela levantou o rosto e mostrou que estava a rir-se. - Eu ia pedir-te.

- Pedir o quê?

- Oh, porque não nos podemos explicar um ao outro? - Margo removeu as lágrimas com os dedos. - Naquela noite, eu ia pedir-te para casares comigo. Achava que precisaria de muito trabalho e empenho para persuadir-te. Por isso, tinha tudo planeado. Ia desafiar-te.

-Juras?

- Tira os óculos. - Ela própria arrancou-os, lançou-os para trás de Josh e ouviu-os cair na terracota e partir-se. - De qualquer modo ainda te ganhei. Pedi primeiro.

Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, Margo arrancou-lhe o anel da mão, acrescentando:

- E tu disseste sim. Isto é a prova.

-Ainda não disse nada. -Josh estendeu as mãos para agarrá-la. Vem cá, Margo. Ainda expludo se não puser as mãos em ti.

- Diz sim. - Ela esquivou-se, com o anel erguido, como uma tocha. - Primeiro, diz sim.

- Está bem, sim. E vou tomar conta de ti.

Josh levantou-a e girou com ela nos braços. Margo sentiu qualquer coisa turbilhonar no seu íntimo. "Não, mãe, não é por causa das piruetas", pensou Margo. "É por causa do homem." A boca de Josh comprimiu-se contra a sua antes que os seus pés tocassem o chão.

- Para o resto da vida - murmurou ele, segurando o rosto de Margo entre as mãos.

- Não. Por toda a eternidade. - Ela inclinou a boca para a dele. Quero por toda a eternidade.

Josh pegou na sua mão, fitou-a nos olhos, enquanto punha o anel no seu dedo. Ajustou-se como um sonho.

- Por toda a eternidade...

Antestreia Especial A sua infância fora uma mentira.

O pai fora um ladrão.

E a sua mente empenhava-se em absorver esses dois factos... absorver, analisar e aceitar. Kate Powell condicionara-se para ser uma mulher prática, que trabalhava com afinco para alcançar objectivos, conquistando-os passo a passo, com o maior cuidado. Não havia lugar para hesitações. Nem para seguir por atalhos. As recompensas eram obtidas com suor, planeamento e esforço.

Kate sempre acreditara que era assim; um produto da sua hereditariedade e criação, dos padrões rigorosos que fixava para o seu comportamento.

Quando uma criança ficava órfã ainda pequena, quando convivia com a perda, quase que testemunhava a morte dos pais, parecia haver pouco mais que pudesse ser tão angustiante.

Só que havia, compreendeu Kate, sentada à sua secretária pequena e arrumada na Bittle & Associates, ainda em choque.

Uma enorme bênção decorrera daquela tragédia inicial. Perdera os pais, é verdade, mas ganhara outros. O parentesco distante não fizera a menor diferença para Thomas e Susan Templeton. Aceitaram-na em sua casa, criaram-na, deram-lhe um lar e amor. Deram tudo, sem questionar.

E deviam saber, reflectiu ela. Deviam ter sempre sabido.

Sabiam quando a tiraram do hospital depois do acidente. Sabiam de tudo quando a confortaram e lhe deram a dádiva de pertencer à família.

Levaram-na através do continente até à Califórnia. Para os penhascos

imponentes e a beleza de Big Sur. Para a Casa Templeton. Ali, naquela vasta casa, tão graciosa e acolhedora quanto qualquer dos hotéis Templeton, fizeram-na parte da sua família.

Deram-lhe Laura e Josh, seus filhos, como irmãos. Deram-lhe Margo Sullivan, a filha da governanta, que já fora aceite como parte da família antes mesmo de Kate.

Deram-lhe roupas e comida, educação e privilégios. Deram-lhe regras e disciplina, o estímulo para partir em busca dos seus sonhos.

E, acima de tudo, deram-lhe amor, uma família e orgulho.

Mas sabiam desde o início o que Kate, vinte anos depois, acabara de descobrir.

O seu pai fora um ladrão, um homem processado por peculato. Surpreendido a desviar dinheiro das contas dos clientes, ele morrera confrontado com a vergonha, a ruína e a prisão.

Talvez ela não o descobrisse, se um capricho do destino não levasse um velho amigo de Lincoln Powell ao seu gabinete naquela manhã.

Ele demonstrou grande satisfação ao vê-la, pois lembrava-se dela quando criança. Kate gostou de ser lembrada, de saber que ele trouxera a sua conta por causa do vínculo antigo com os seus pais. Não se apressou na reunião, conversou bastante com o visitante, embora tivesse pouco tempo livre durante aquelas últimas semanas que antecederiam à entrega das declarações de rendimento, em 15 de Abril.

E sentado ali, na cadeira do outro lado da secretária, ele começou com recordações. Pegara Kate ao colo quando era pequena. Trabalhara na mesma empresa do seu pai. Por isso, ao mudar-se para a Califórnia e abrir a sua própria empresa, queria tê-la como contabilista. Ela agradeceu e misturou questões sobre a sua empresa e necessidades financeiras com perguntas sobre os seus pais.

E, quando ele falou sobre as acusações, o processo, o pesar que sentira por o pai de Kate ter morrido antes de poder fazer a devolução, ela não disse nada, não podia dizer nada.

- Ele nunca teve a intenção de roubar, foi apenas como um empréstimo. Foi errado, é claro. Sempre me senti parcialmente responsável porque fui eu quem lhe falou sobre o negócio imobiliário, encorajei-o a investir. Não sabia que ele já tinha perdido a maior parte do seu capital em duas transacções que correram mal. O Linc teria devolvido o dinheiro. Encontraria uma forma de o

fazer. Encontrava sempre. É verdade que acalentava algum ressentimento por o primo ter tanto sucesso, enquanto ele mal conseguia sobreviver.

E aquele homem - oh, Deus, ela já não se lembrava do seu nome, apenas se recordava das suas palavras - sorria para ela.

Durante todo o tempo em que ele esteve a falar, dando desculpas, acrescentando as suas próprias explicações para os factos, Kate limitou-se a acenar com a cabeça. Aquele estranho que conhecera o seu pai estava a destruir os próprios alicerces da sua vida.

- O seu pai tinha um certo ressentimento do Tommy Templeton. O que é irónico, pois no final foi o Templeton quem a criou. Mas o Linc nunca teve a intenção de causar prejuízo a quem quer que fosse, Kate. Apenas foi imprudente. Nunca teve a oportunidade de provar isso, o que foi o verdadeiro crime, se quer saber a minha opinião.

"O verdadeiro crime", pensou Kate, enquanto o seu estômago fervia, embrulhado. O pai roubara, porque estava desesperado em busca de dinheiro e optara pelo caminho mais fácil. "Porque era um ladrão", pensou ela agora. "Um aldrabão." E defraudara o sistema judicial ao derrapar num troço gelado de uma estrada, embatendo com o carro numa árvore. Ele e a mulher tinham morrido, deixando órfã a filha.

Assim, o destino dera-lhe como pai o próprio homem que o seu pai tanto invejava. E, através da sua morte, ela tornara-se, na essência, uma Templeton.

"Teria sido propositado?", especulou Kate. O pai sentira-se tão desesperado e furioso, que optara pela morte? Kate mal se lembrava dele, um homem magro, pálido e nervoso, de temperamento explosivo.

"Um homem de grandes planos", reflectiu ela. Um homem que desenvolvera esses planos em fantasias maravilhosas para a filha. Visões de enormes casas, carros espectaculares, viagens divertidas ao Disney World.

E, durante todo o tempo, eles moravam numa casa pequena, como todas as outras casas pequenas do quarteirão, com uma velha carrinha barulhenta, sem viajar para qualquer lugar.

Por isso ele roubara. Fora apanhado. E morreria.

Kate pensou no que teria a sua mãe feito. O que sentira? Era por isso que Kate a recordava como uma mulher com a preocupação nos olhos e um sorriso tenso?

O pai teria roubado anteriormente? Esta simples ideia deixou-a gelada por dentro. Teria roubado e conseguira de alguma forma escapar impune?

Um pouco aqui, um pouco ali, até que se tornara descuidado?

Ela lembrava-se das discussões em casa, muitas vezes por causa de dinheiro. E, pior ainda, dos silêncios que se seguiam. O silêncio naquela noite. Aquele silêncio opressivo e magoado entre os pais antes da derrapagem terrível, os gritos e a dor.

Kate estremeceu, fechou os olhos, cerrou os punhos, tentou reagir à dor que fazia a sua cabeça latejar.

Ah, como ela os amara! E amava também a memória dos pais. Não podia admitir que fosse maculada. E não suportaria encarar, compreendeu com uma profunda vergonha, ser a filha de um homem desonesto.

Não podia acreditar. Ainda não. Kate respirou devagar, várias vezes, antes de se virar para o seu computador. com uma eficiência mecânica, acedeu à biblioteca da cidade de New Hampshire, onde nascera e vivera os primeiros oito anos da sua vida.

Era um trabalho monótono, mas ela encomendou cópias de jornais do ano anterior ao acidente, solicitou faxes de qualquer artigo ou reportagem que mencionassem Lincoln Powell. Enquanto esperava, entrou em contacto com o advogado do Leste que cuidara do espólio dos pais.

Kate era uma mulher para quem a tecnologia não tinha muitos segredos. Numa hora, já tinha tudo o que precisava. Pôde ler os pormenores preto no branco, pormenores que confirmaram os factos transmitidos pelo advogado.

As acusações, o processo-crime, o escândalo. Um escândalo, compreendeu ela, que ganhara espaço na imprensa por causa das ligações de família de Lincoln Powell com os Templeton. E o dinheiro desaparecido fora restituído integralmente depois do enterro dos pais... restituído, Kate tinha a certeza, pelas pessoas que a tinham criado como uma pessoa da família.

Os Templeton, reflectiu ela, tinham sido arrastados para o escândalo, assumiram a responsabilidade e a criação. E sempre protegeram a criação.

Ali, no silêncio do seu gabinete, sozinha, ela encostou a cabeça à secretária e chorou. E, quando acabou de chorar, tomou um comprimido para as dores de cabeça e outro para a azia. Quando pegou na pasta para se ir embora, disse a si mesma que enterraria o assunto. Simplesmente enterraria. Como enterrara os pais.

Nada podia ser mudado, nada podia ser reparado. E ela continuava igual, assegurou a si própria, a mesma mulher que fora naquela manhã. Mas descobriu que não era capaz de abrir a porta do gabinete, correr o risco de se

lhe deparar um colega no corredor. Em vez disso, tornou a sentar-se, fechou os olhos, procurando conforto em antigas lembranças.

Um retrato, pensou, de família e tradição. De quem ela era, o que recebera e o que fora criada para ser.

NÃO PERCA OS VOLUMES SEGUINTEs DESTA
ENVOLVENTE TRILOGIA...

NORA Roberts é o que se considera um verdadeiro fenómeno editorial. Desde o dia em que começou a escrever histórias a lápis que o sucesso nunca mais a largou. Muitos dos seus livros já foram adaptados ao cinema e estão traduzidos em mais de 26 idiomas.

Fim